José Ozelo
02-07-2002

ANO IV * N. 4

REVISTA
DA
Academia Norte-Riograndense de Letras

DIRETOR

Luis da Câmara Cascudo

COMISSÃO DE REVISTA

Paulo Pinheiro de Viveiros
Americo de Oliveira Costa
Edgar Ferreira Barbosa

— 1 9 5 6 —

O ELOGIO DE AUTA DE SOUZA

PALMIRA WANDERLEY

Pronunciado pela autora, no dia de sua posse na Academia Norte-Riograndense de Letras, de cuja cadeira é Patrona a inesquecida Poetisa do HORTO.

CÂNTICO DA TERRA BÍBLICA

De joelhos como quem reza a Salve Rainha da Pátria, eu te saúdo, ó Natal! — enamorada do sol, terra bíblica cheirando a incenso das oferendas; cidade presépio, cidade lapinha, antiga e lendária cidade dos Reis Magos, — povoado simbólico de Jeronimo de Albuquerque, fundado no dia vinte e cinco de dezembro de 1599, — ao lado da fortaleza dos Reis Magos, que lhe deu o primeiro nome, — como quem planta uma árvore de natal cheia da promessa e dádivas, de sonhos e de esperanças...

A fruta vermelha e dôce amanhece na verdura das moitas sabendo a mel. E a flôr de guabiraba cheirosa e branca é um outro luar de pétalas, incensando no turibulo do sol as matas noivas da terra linda do menino Deus.

Terra, terra minha incomparável e grandiosa!

Eu rolo contigo nos abismos verdes de suas aguas empoladas e me confundo com as areias de ouro das tuas praias encandecentes.

A minha alma é concava de sonhos, como a tua onda é concava de sons!

No bojo veludoso de tuas matas canta o pássaro azul das minhas fantasias!

Terra! Terra moça e sadia, terra vermelha e quente, arroxeada de morros tropicais, enverdando as colinas floridas, que branqueijam, ao longe, em dunas claras alvejando as praias. Tú és a virgem dos rosais nevados, na flôr de laranjeiras das estrêlas fulgindo! Tú és mãe na doçura do teu regaço morno de terra Brasileira, mostrando o coração, no carinho da sombra, na doçura dos frutos, na encarnação sublime dos teus filhos ilustres, dos teus mártires, dos teus sábios, dos teus poetas, dos teus heróis.

Natal, nome litúrgico, de tão grande destino, que se tornou profecia sagrada! Terra minha encantada e sonora, musicada de hinos sacros e canto chão de missa. Ninho de passarinhos cantadores, — berço de poesia, onde Segundo Wanderley, alçou o seu grande vôo, espanejando as asas no abismo azul do céu da fantasia, para penetrar coroado de estrêlas, no seio da terra de onde veio, como um deus poeta, que se embriagasse de perfume e fechasse os olhos, para sempre, na corola funerária de uma flôr...

Terra, da qual Auta de Souza, a inatingida, a mística da poesia universal, fez o seu "horto" de sofrimento, o seu jardim fechado de mortificações.

Tú és triunfo e glória, nas palmeiras verdes de tuas bandeiras vitoriosas!

Venho, na poeira dourada das tuas areias de fogo, sou espuma de tua vaga, sou galho de tua árvore, sou gemido de tua mata, sou vergontea de tua raiz, sou seiva do teu cerne, sou sangue dos teus corais.

Trago no abismo da minha alma inquieta de poetisa, a mesma angustia das tuas águas desassossegadas, rasga-me o coração o mesmo anseio de terra sofredora.

As tuas vagas me ensinaram o ritmo da vida. E me coube a mesma sorte de sofrer cantando com a água azul do teu rio lendário, as canções dolorosas, que a vida me ensinou.

Senhores Acadêmicos,
Minhas Senhoras e
Meus senhores:

Auta de Souza, irmã de sangue, da arte e da glória de Henrique Castriciano, — o poeta rei, é uma das maiores poetisas do Brasil, a maior poetisa mística nacional, ao que parece, insubstituível até agora. Auta de Souza, nasceu em Macaíba em 12 de setembro de 1876, — e foi em Natal, onde desabrochou a sua alma de poetisa, em tôda plenitude do seu talento.

O panorama da cidade, — que não lhe serviu de berço, mas lhe serve de trono e de túmulo, — como que obedece a um plano celeste de um pintor sacro. E êste panorama de vitral de capela, numa cenografia de tons suaves, se desenhou na filigrana singular de temperamento religioso e do canto sensível e impressionável da artista, não para servir de tema a sua poesia, mas como cenário interior ao drama doloroso de sua vida triste, recolhida e silenciosa que o desalento do doente incurável e a renúncia de um amôr, — que um máu preságio obrigára a recalcar, — constituiram os mais fortes motivos da

beleza espiritual da sua arte superior, mergulhada no pranto de uma eterna dôr.

Alma de meu amôr, lírio celeste,
Sonho feito de um beijo e de um carinho,
Criatura gentil, pomba de arminho,
Arrulhando nas folhas de um cipreste.

Ó minha mãe! Porque no mundo agreste
Ave formosa abandonaste o ninho?
Si as roseiras do céu não têm espinho,
Quero ir contigo, ó lírio meu celeste!

Ah! se soubesses como sofro e tanto!
Leva-me à terra onde não corre o pranto,
Leva-me, santa, onde a ventura existe...

Aqui na vida — que tamanha magua!
O próprio olhar de Deus encheu-se dágua...
Ó minha mãe, como êste mundo é triste!

Ha nas paisagens evocativas desta terra talhada em presépio, cheia de águas dôces e espumas amargas, um reflexo do céu — réstea suavíssima, que faz pensar naquelas terras longínquas das oliveiras proféticas e dos rios miraculosos da Palestina.

Parece, às vezes, que Deus menino abriu os olhos sob êste céu. E que mais tarde já homem feito, o Nazareno, abriu caminhos dentro do mar. E a esta terra predestinada ensinou as bemaventuranças do Sermão da Montanha... Num dia claro subiu ao monte, lá na colina cheirando a flôr!

AUTA DE SOUZA — AVE EXILADA DO PARAISO

Foi, aqui onde Auta de Souza, — ave exilada do paraiso — construiu, provisoriamente, o seu ninho. Ao influxo desta natureza rica de panoramas bíblicos, embebidos de um misticismo doce, triste, que faz sonhar, amar e sofrer. Foi aquí, no santuário das noites consteladas, — sob o pálio dos cinco lírios do Cruzeiro do Sul — que Auta de Souza acendeu o lampada roxa da sua vida de poetisa e santa, pelo amôr e pelo sofrimento.

"Nunca julguei que a terra fosse um túmulo
De sonhos juvenís
Sorrindo acreditei que aquí no mundo
Podia ser feliz.

Tudo me diz que a vida é o desengano,
A morte da ilusão
E o mundo um grande manto de tristeza
Que enluta o coração".

Em Macalba, a ave se emplumara para largar, em Natal, o vôo muito alto, até o derradeiro vôo do Infinito.

Ave exilada do Paraiso! Tú, que desceste à terra e cantaste a sinfonia da dôr; e ensinastes as virgens a brancura dos teus poemas; tú que volveste ao Céu e foste lá dizer, também, às estrêlas. E lá do oiteiro de luz onde te aninhas, canta sobre a cidade das tuas dôres e dos teus triunfos.

A TUBERCULOSE, CORÔA DE MARTIRIO E PALMA DE TRIUNFO. AUTA DE SOUZA A MISTICA

Um dia no alvorecer da vida, na época em que se fecham as portas escolares e se abrem à mulher as arcadas do sonho; e os perfumes e os laços de fita; e os romances de amôr, enchem de fantasia a juventude risonha; quando as bonecas não teem aos nossos olhos outro encanto senão o encanto de acender na imaginação juvenil; o sonho longinquo e sagrado no lar futuro; Auta de Souza recebera a notícia de uma visita muito triste.

Era manhã clara na sua alma... E no olhar da pobre moça, de repente, anoitecera... Ouvira passos sinistros no caminho da vida. A sineta da morte retinira... Vestida de preto, o olhar vidrento, as mãos descarnadas, as faces lívidas, a tuberculose entrava pela quarta vez na casa desolada da moça sonhadora. Entregara-lhe a corôa de martírio, que tão bem se ajusta à fronte pálida do poeta, nas núpcias celestes. A palma do triunfo ser-lhe-ia entregue mais tarde, com a corôa da glorificação...

* * *

Não sei porque existe qualquer coisa de íntimo, qualquer coisa de fraternal, entre a tuberculose e o misticismo. Ha um contacto espiritual que os irmaniza. Entre o rosto macerado dos doentes e as olheiras cavadas dos contemplativos, entre as vigílias prolongadas do oratório e as noites insones do tuberculoso, há o mesmo sinal de resignada submissão, a mesma languidez de sofrimento, o mesmo anseio de alcançar o Céu.

Um aro celeste parece circundar a fronte esquálida e dolorida da poetisa ferida nos pulmões. A aceitação do sofrimento em obediência aos designios de Deus como que minorava as crises prolongadas e repetidas da tosse cavernosa e impertinente. As golfadas de sangue, dir-se-iam rosas vermelhas, que

florissem aos pés do crucificado. Um reflexo divino ameigava a sua fisionomia resignada e triste. Qualquer coisa de sobrenatural marcava os anceios da doente prostrada em desalento.

Lembrava a gravura do abandono, na submissão cristã com que se entregava à dôr. Parecia noviça de convento, no fervor com que rezava mergulhando o olhar nas interrogações do infinito.

A tuberculose tornou-se comumente pela sua fisionomia espiritual, a doença dos místicos e dos amorosos desanganados.

Eis porque os analistas de Auta de Souza encontram, sempre, uma relação entre o misticismo triste, o amôr contrariado e a moléstia sem remédio da cantora do "Horto".

Vejamos que versos amargados escreveu num dia turvo de desenganos.

Já vão caminho do cemitério
Meus louros sonhos em visões negras
E vão-se todos, no Azul sidéreo,
Como uma nuvem de toutenegras.

A noite de ontem levei chorando
Todo o passado dos meus amôres.
E o dia, ainda, me achou rezando
No imenso terço das minhas dôres.

Vejo na vida longo deserto
Sem dôce oasis de salvação!...
Dentro em minha alma doida chorosa,
De pobre moça tuberculosa,
Bate com força meu coração.

E assim morrendo, coitada, aos poucos
Convulsa e fria, louca de espanto
Solto suspiros, soluços roucos,
Olhando as cruzes do Campo Santo

Porque me lembro que muito em breve
Leva-me a ela tanta dôr física,
Que dentro em pouco, branco de neve,
Verão o esquife da pobre tísica.

A tuberculose minando dia a dia, o corpo franzino da poetisa impondo ao mesmo tempo a renúncia de um grande e único amôr desventurado, que o pudor do coração velara a publicidade, guardando para os mais íntimos as emoções mais profundas da sua alma pura, e os seus versos mais afetivos, criou

uma entidade dolente e mística, sensível e espiritual, mortificada e santa, que definiu a poesia inspirada e dolorosa. Que há de mais triste, de mais pesaroso, na poesia Brasileira, do que estes versos que ela intitulou:—

AGONIA DO CORAÇÃO, com que ainda hoje as mães embalam os filhos e as moças e os seresteiros, cantam aos violões.

Estrêlas fulgem da noite em meio
Lembrando círios loiros a arder...
Eu tenho a treva dentro do seio!
Astros velai-vos que eu vou morrer!...

Ao longe cantam. São almas puras
Cantando a hora do adormecer...
E o eco triste sobe às alturas,
Moças, não cantem que eu vou morrer.

As mães embalam no berço amigo,
Doce esperança do seu viver...
E eu vou sòzinha para o jazigo...
Chorai crianças que eu vou morrer.

Pássaros tremem no ninho santo
Pedindo a graça do alvorecer...
Enquanto eu parto desfeita em pranto
Aves! Suspirem que eu vou morrer.

De lá do campo cheio de rosas
Vem um perfume de entontecer...
Meu Deus! que máguas tão dolorosas
Flôres! Fechai-vos que eu vou morrer.

BARRO VERMELHO A ESTANCIA DA POESIA

Foi lá no Barro Vermelho de nome tão feio e de aspecto tão saudável, onde a reclusa da dôr fez a estância da sua poesia. E, procurou no colorido da ilusão, a esperança enganosa de melhores dias.

Pensou em sarar e viver à sombra daquêles arvoredos verdes, que lembram, ainda, os avoredos verdes do bosque da Bela Adormecida... Perto, um arroio onde os passarinhos bebem água e fazem orquestra, no silêncio misterioso da Natureza tranquila e solitária.

Na quietude das árvores, no convívio dos pássaros, a poetisa encontrou o seu refúgio.

A situação recuada do retiro verde e arejado, a beatitude do campo, o recolhimento da paisagem simples, a pureza do clima saudável e ameno, cheirando a leite a fruta do mato; e a poesia cândida e dolente da enferma, transformaram o Barro Vermelho no Sanatório balsâmico da querida doente.

Era ali, — tão longe, que fora da cidade, — dentro do oratório da bondade e da resignação, qual virgem mártir enfeitada de rosas e ramos silvestres, que as crianças afeiçoadas lhe levavam flôres e ameixas, bombons e passas, cachos de uva e mel de abelha.

Rendiam, assim, uma justa homenagem à decantadora da inocência, a padroeira das travessuras infantís.

Cabe ao Barro Vermelho tão desconhecido e abandonado naquele tempo, a glória de haver sido o romance de Auta de Souza, — a poetisa mais leve do que o poema,mais sutil do que a aragem, mais triste e mais devotada do que a hora religiosa da "Ave Maria"... Auta!... de nome tão breve e tão grande benção de Nossa Senhora, vale ameno e triste de poesia, orgulho de todos os que nascemos sob a coberta azul do mais estrelado de todos os céus!!!

A NETA E A AVÓ

Impressionante êste quadro, que eu vou destacar, dentro da redoma do passado da poetisa singular.

Ei-la de branco no seu vestido caseiro simples e afogado. É mais uma atitude de abandono e de submissão. Em sua volta as mangueiras cheiram a flôr. E dão sombra agasalhando a grande amiga das árvores. O olhar mergulhado no Infinito se perde em indagações, como quem procura entender o enigma luminoso da "pátria das estrêlas".

Estendida, numa cadeira longa de doente, com aspecto de leito e andor, capaz de ser transportada a qualquer momento, nas peregrinações pelo sertão, quando a moléstia exigia novos climas, ela se embebia do perfume da mata vizinha.

Ao seu lado vela uma criatura humilde e recolhida, símbolo da dedicação e sacrifício.

É uma velhinha curvada ao pêso dos anos e quem sabe, a carga maior dos desenganos...

Figura perfeita da avó antiga se consumindo na vigilia da felicidade do lar. E dera em holocausto o resto da existência para alegria dos netos.

Modêlo evangélico da mulher forte, anjo da guarda a velar dos dias de névoas da pobre neta.

Avó de netos órfãos, muitas vezes mãe no desdobramento do carinho e da solicitude. Enfermeira da neta como fôra da

filha, ambas atingidas pelo mesmo mal, D. Silvina, trabalhada, embora, pelos continuados serões, madrugava, ainda para acender o lume da casa, que devia cozinhar as papas e os dôces da pobre doentinha.

De alma ingênua e fé acesa, foi ela a avó inculta em letras, mas entendida em doutrina, a primeira professora de catecismo dos netos inteligentes. Sentada sobre os seus joelhos, Auta pequenina, ainda, a mais nova do bando, aprendeu com facilidade a fazer, desembaraçadamente, o sinal da cruz. Em roda da bondosa velhinha, numa ciranda infantil, os netos travessos recebiam, também, lições de catecismo.

Contam que D. Silvina costumava recompensar a netinha pelo progresso na vida cristã presentendo-a com livros de histórias e bonecas novas. E os netos vadios e endiabrados, castigava-os na gula, pecado tão querido da meninice. Vez por outra, eram privados da saborosa merenda. E de longe com os olhos compridos e a boca cheia dágua êles olhavam o pão de ló torrado, uma das guloseimas em que se espelializára D. Silvina e muito do agrado dos netos comelões...

Suave castigo, quando não os obrigava a cumprir pena mais severa do que:— a de rezar de joelhos no quarto escuro da escada o ofício de Nossa Senhora da Conceição. Mais tarde homens feitos sacudidos no turbilhão da vida, batidos pela refrega das tempestades, muitas vezes, recordavam com doçura as orações da velhinha... E hoje, já num fim de tarde com os cabêlos encanecidos pela experiência de tantos dias vividos na tormenta dos vencedores, êles no recolhimento da alma, na hora da fé, neste encontro de Deus com a consciência, repetem ainda com saudades da infância as orações de outrora:

— Dizei e anunciai
Agora lábios meus,
Os grandes louvores
Da Virge Mãe de Deus.

D. Silvina essa mulher anonima na sociedade, mas, extraordinària na família, a guieira de Auta na vida cristã, foi ela quem plantou a semente dourada na alma candida da neta, — semente que fez brotar, mais tarde a flôr místisa do "Horto" para o crucifixo, que se tornou flôr de ouro para o nosso florilégio literário.

Vez por outra, encontramos referências nas suas poesias, as mais afetivas, à avó que lhe serviu de mãe; lhe foi na vida a enfermeira solícita e carinhosa.

Ao pressentir o beijo frio da morte próxima quanto tôdas as ilusões da vida já se haviam apagado, ela escreveu o poema da despedida para os seus, dentro da noite do desengano. É

talvez, a mais emotiva das poesias do "Horto". É um grito da alma rompendo o céu. É uma oração aos pés do cordeiro Santo. É o adeus à casa paterna, é a saudade sem remédio dos irmãos queridos... É a separação eterna de tudo quanto amou na terra com transbordamento de coração:

— Oro de joelhos Senhor na terra
Purificada pelo teu pranto...
Minha alma triste, que a dôr aterra
Beija os teus passos cordeiro Santo

Eu tenho mêdo de tanto horror
Reza comigo, dôce Senhor!

Jesús amado reza comigo
Afasta a noite, Divino Amigo!

Ficai no vale, pobres irmãos
Da vovozinha beijando as mãos.

E si ela inquieta, com voz tremente
Ouvindo as aves pela manhã
Interrogai-vos, asiosamente,
Que é do sorriso de vossa irmã?

Dizei alegres:— Foi passear,
Foi colher flôres para o altar...

E quando a tarde vier deixando
Nos lábios todos saudosos ais
E a pobre santa falar chorando
— A minha néta não volta mais?...

Dizei em prantos: a tarde é linda.
Anda nos campos brincando ainda!
... ...

E adeus ó lírio do meu sacrário
Que eu vou subindo para o calvário.

IRMÃS DE CARIDADE

Na névoa da saudade, aparece estampada na gaze transparente, mais uma paisagem d'alma de Auta de Souza.

É um quadro da meninice singela e triste, que se desenha no cenário de várias côres da vida da poetisa.

Com os olhos mergulhados na água amarga do pranto e o coração da menina batendo mais forte na comoção da despedida, Auta vai deixar a casa paterna. Vai sentir a falta das travessuras dos irmãos, dos carinhos da avó e da própria casa onde nascera e à qual se acostumara a querer bem com todo apêgo do seu coração infantil. Vai deixar as borboletas e os colobris do pomar... E as boninas da campina e a rosa amélia do jardim, para enfeitar o quadro do Coração de Maria?!

Transplantada — qual vergontea verde, mal desponta, ainda do regaço da família pàra o Colégio da Estância de Pernambuco, lá cresceu e se educou à sombra benfazeja das asas brancas das irmãs de Caridade. E na convivência daquelas almas devotadas ao bem comum, entre o cicio da oração e a brancura das consciências, ela se fez flôr de sombra, para se agasalhar das dobras acolhedoras do manto das bondosas irmãs. As educadoras da Estância, continuaram com desvêlo, a cultivar a alma cândida de Auta, — flôr de martírio orvalhada pelo sereno suavíssimo da madrugada eucarística, que alvorecera no seu coração menino na manhã da primeira comunhão... Chegára o dia da Divina Graça... De joelhos, toda de branco envolvida no véu simbólico, encapelada de rosas na balaustrada de mármore ela, a menina devota, a colegial contrita, de mãos cruzadas sobre o livro de madrepérola, enlaçada pelo terço de marfim, oferece ao sacrário pétala por pétala do feixe de ilusões no alvorecer, e que, em breve desabrocharão em versos: — Versos do "Horto", — livro de emoções puras, manual de afeto, breviário de dôr, música de orgão a ressoar na capela devota do convento.

Mais tarde, novamente, no convívio da família, já doente e desenganada, ela então, a poetisa da amargura, ao recordar com saudade aquêle santuário do colégio, onde muitas vezes rezou, acreditando na felicidade, sem saber dos desenganos — escreveu em frente ao crucifixo de marfim — lembrança de família, — os versos dolorosos e resignados, que tão bem exprimem a fé cristã, que se acendera em sua alma como um círio bento:

Ajoelha, ó minha alma abraçada ao madeiro
Em que morreu Jesús o teu celeste amigo.....
A seus pés acharás o pouso derradeiro
O derradeiro amparo, o derradeiro abrigo.

Ajoelha e soluça, a dúvida que importa
Ninguém poderá rir, ante uma dôr tamanha.
Todos beijam a cruz, tôda a descrença é morta
Quando chega-se ao pé, da sagrada montanha.

Ajoelha e soluça implorando a alegria
Que a saudade, sem fim, do coração te arranca...
E a graça de viver como a Virgem Maria
Eternamente pura, eternamente branca.

CRIANÇAS, FLÔRES E PASSARINHOS

Si o estro delicado da poetisa vibrou com fervor diante dos quadros do Evangelho, também se comoveu, com grande ternura, ao riso de uma criança, ao papeio de um passarinho, ao perfume de uma flôr.

"Dá-me nas noites negras de dôres
Uma cruz santa para adorar...
E em dias claros cheios de flôres
Uma criança para beijar".

O destino, porém, impiedoso que foi com Auta de Souza impôs a separação dolorosa entre a poetisa e as crianças, cordas de ouro de sua lira. É que a tuberculose ciumenta, talvez, da sua vítima, atravessara impiedosamente, entre as crianças e a pobre moça. E ela resignada e submissa com a mesma "doçura do cordeiro diante do irremediável" contentava-se em olhá-las de longe, afastando-as docemente com a mão, sem poder beijá-las, senão com a meiguice triste do brilho fixo e estranho dos seus grandes olhos negros.

Contou-me um dia, comovidamente, um dos seus irmãos o que ouvira de uma senhora de suas relações sociais no Rio de Janeiro... Bonita, nova, bondosa e feliz, dona de grande fortuna, tinha três filhas — três lindas crianças, joias as mais preciosas do seu custoso colar. A mais velhinha de tôdas, inteligente e viva, de uma sensibilidade de planta nova, ouvindo, um dia, contar a história comovente de Auta de Souza, impressionára vivamente... E na sua imaginação colorida, a poetisa tomára o vulto de uma santa; fada da bondade dos contos da Carochinha, daquelas que possuem o condão de tornar felizes os mortais. E horas inteiras a pequena Maria ficava quieta e muda, embevecida a escutar os poemas do "Horto", recitados pela voz maternal.

Nas suas noites de insonia, pedia a mamãezinha que lhes dissesse versos de Auta. E como se êles fossem maravilhosos sedativos ela unia as mãozinhas sob a face e inclinando a cabeça encaracolada de cachos louros, sobre a travesseiro de sêda, fechava os olhos e adormecia profundamente... Havia na vizinhança uma outra menina, sua companheira de colégio e de devoção que se encanta, também, com as poesias do "Horto".

Fazia promessas a Auta e lhe recitava orações, obtendo a graca que desejava. Noites inteiras levava sonhando com a poetisa vestida de alvo, coroada de rosas, como si fosse a figura sacra de Santa Inês, virgem e mártir.

,A piedade cristã de Auta de Souza, aliada a uma sensibilidade, cêra branca ao calor do lume da bondade, se estendia até às plantas, aos animais, até as flôres e aos passarinhos. Sofria si em suas mãos acontecia se despetalar uma flôr. Dir-se-ia a irmã angélica de S. Francisco de Assis, o pregador das aves, o cantor do sol... o irmão das andorinhas e das abelhas, da água e da flôr silvestre...

Um dia, o tiro de espingarda de um caçador atingira a perna delicada de um canário da terra, que cantava no galho da ingàzeira. Não sei como foi que o canário ferido chegou às mãos da poetisa das aves... Sei apenas que Auta de Souza com os olhos cheios d'água acariciava aflita, as penas do delicado cantor. E tomando um pedaço de fita, com ou pouco de unguento atou a perna dilacerada do canário ferido. Depois, carinhosamente, como se fosse a mais delicada das mães, começou a tratá-lo todos os dias e alimentá-lo com suco de frutas e gotas de leite. Numa linda manhã do mês de abril, o canário teve alta. Já podia voar... Vai, disse ela sorrindo. A gaiòla é o cárcere dos pássaros. E a liberdade é a ventura das asas, o grande anseio dos que são cativos! E... abrindo a porta da prisão, soltou-o... O canário agradecido cantou a canção do adeus no beiral da casa. E sacudindo as penas de ouro largou o vôo do infinito. E foi cantar às estrêlas, a bondade incomparável da poetisa amiga das crianças e dos passarinhos. E enquanto as suas asas tatalavam no azul a poetisa repetia baixinho:

Eu amo as minhas lembranças
Minhas saudades e dôres
Assim como amo as crianças
Os passarinhos e as flôres.

Auta de Souza não foi de certo uma poetisa panteista, apezar da influência — atribuida por mim, na sua poética paisagem mística de Natal, — a qual me referi, — na fisionomia dolente de sua poesia.

Mas aqui e alí a sua lira vibrava diante da natureza.

"Caminhos do Sertão" o mais popular e um dos mais belos dos seus sonetos, — grande sonetista que era ela, — denuncia com muita beleza, mais uma fonte de encantamento de sua alma.

Tão longe a casa, nem siquer alcanço
Vê-la através das matas!... Nos caminhos,
A sombra desce e sem achar descanso,
Vamos nós dois meu pobre irmão, sòzinhos,

É noite já. Como em feliz remanso
Dormem as aves, nos pequenos ninhos.
Vamos mais devagar, de manso em manso,
Para não assustar os passarinhos.

Brilham estrêlas, — todo o céu parece
Rezar de joelhos a chorosa prece
Que a noite ensina ao desespero e à dôr...

Ao longe a lua vem dourando a treva,
Turíbulo imenso para Deus eleva,
O incenso agreste da jurema em flôr.

Auta de Souza a poetisa angélica, a sensitiva da cruz, — de alma virgem e coração sem pecado, — flôr de martírio, — sagrada pela água benta do misticismo: a maior poetisa brasileira nascida do mês da primavera para certos climas, de estio para nossos céus, nos legou com o sentido espiritual de sua poesia, um braçado de rosas místicas, ungidas de um perfume inesquecível de ramalhete de altar, de uma capela de mosteiro.

AUTA DE SOUZA, A TROVADORA DAS SERENATAS

São diversas as modalidades da poetisa dentro de um vitral impressionante de um grande amôr.

"O Horto" é um jardim de plantas celestes, orvalhadas pelo sereno suavissimo da resignação cristã.

"Como é feliz a hora do descanso
Quando sinto os meus olhos manso e manso
Morrendo para a luz...,

Tôdas as dôres da saudade esqueço,
Junto as mãos sôbre o seio e adormeço
Sorrindo para a cruz.

"Horto" divino de plantas celestes, onde o pintarroxo do calvário cantou sobre os braços da Cruz, a elegia da sua própria dôr...

Mas, o cantor do Calvário, também se transfigurava no

rouxinol; o cantor suavíssimo e enamorado do luar. E, os seus versos muitas vezes musicados ainda embalam berços, acordam sonhos nas serenatas.

Auta de Souza enriqueceu com a sua poesia musicada o cancioneiro Potiguar... Nenhum só dos poetas Norte-Riograndenses conta tão grande número de modinhas.

"Regina Coeli", é uma das mais populares: recorda mais um bendito nas novenas do mês de Maio.

É o nome dulcíssimo de Maria que ela bendiz de joelhos, num poema sacro, como se recitasse à hora do Angelus, a saudação da Rainha do Céu. É o nome bendito de Maria que ela exalta como o mais expressivo e o mais feminino de todos os nomes de mulher.

(Canto)

Teu nome santo ó Maria
Tem a doçura inocente,
De uma carícia macia,
De uma quimera dolente...

E tôda a poesia continúa assim numa oração...

Contam que Auta de Souza quando ouviu cantar, pela primeira vez, os seus primeiros versos musicados a violão sorriu de contentamento, enquanto em volta da poetisa os seus amigos e admiradores choravam. Já muito doente, num fim de dia quasi a se apagar como a sua vida, ela se alegrou com a música dolente, a encher o espaço da doçura de suas rimas, como se fosse a sua própria alma liberta e gloriosa, batendo asas como os passarinhos a cantar as suas dôres para os outros pássaros.

"Agonia do Coração" foi a sua primeira poesia musicada e uma das mais sentidas expressões do "Horto" e talvez a mais popular. Já citada por mim.

Na meia tinta do crepúsculo quando a sombra vem chegando, no derradeiro reflexo da tarde morta, a poetisa sentiu a doçura da paz que envolve a terra, quando a noite desce. E escreveu a sugestiva poesia "Ao Cair da Noite" que possui realmente a magia de um manto estrelado agasalhando à terra.

Ouvi cantar desde menina, quando minha mãe acalentava os manos pequeninos, na hora de adormecer. E, a música me ficou nos ouvidos, como um embalo maternal, suave lembrança da meninice. E os versos se gravaram na minha alma como se um raio da noite constelada rasgasse a treva de um mau destino.

(Canto)
Não sei que paz imensa
Envolve a Natureza
Nesta hora de tristeza
De dôr e de pesar.
Minha alma rindo pensa
Que a sombra é um grande véu
Que a Virgem traz do céu
Num raio de luar

Ó noite embalsamada
De castas ambrosias
No mar das harmonias
Meu ser deixa boiar...
Afasta ó noite amada
A dúvida e o receio
Embala-me no seio
E deixa-me sonhar.

Tão dêce, tão terna, tão suave é esta outra poesia intitulada: "Teus Anos"; e tem a sua história como as outras tôdas. Está gravada no album de aniversário de uma das mais íntimas de suas amigas. Auta de Souza, já prostrada, na sua cadeira longa de doente, enviou à querida aniversariante como um presente régio, os lindos versos, mais tarde musicados e cantados nos salões e nas serenatas; o que ainda hoje se escutam com a mesma beleza dos primeiros tempos!

Teus anos amanhã, fui-ver contente
E como procurei por tôda parte
Um mimo, que te desse achei sòmente
Meu pobre coração mimo sem arte.

Mas, o que dirás tú quando de leve
Bem cedinho batendo a tua porta,
Vires meu coração frio de neve
Pobre flôr sem perfume e quasi morta.

Manda-o entrar e dize, ó doce amada
Que êle se aqueça dêsse olhar no brilho.
Vai de tão longe te pedir pousada
Deixa-o ficar no berço de teu filho.

Raramente se encontram versos alegres na preciosa coleção do "Horto". Um dia porém o amôr bateu às portas do seu

coração de poetisa. E ela mulher sensivel, sem adivinhar que o amôr ser-lhe-ia desilusão e martírio, sorriu contente com a vida... Sorriu, porque pensou que a felicidade era o amôr. E o sonho começou a se embalar o coração até que ela construiu de esperanças um ninho na sua alma.

Foi este sonho que inspirara de versos dôces e magoados que vamos ouvir, versos que foram escritos para embalar outros sonhos.

(Canto)

Eu tenho um sonho que no céu mora
Feito de luz
E feito de amôr
Um sonho lindo
Como uma aurora
Um sonho lindo como uma flôr.

Na madrugada do desengano a poetisa despertara chorando... Achara aberta a porta do coração. Dentro estava vasio...

O sonho fugira... Aquele sonho amado, que repontara no coração da amorosa: roseo, como uma aurora, lindo como uma flôr; e que aflorara numa promessa de felicidade evolou-se...

Sumiu-se da sua alma qual perfume estranho que se consome no ar. E novamente a desilusão tingiu de luto a lira maviosa.

E ela assustada e tímida, sem poder entender como aquêle sonho tão bem agasalhado no seu coração abandonava de repente, a sua morada, sem se deixar outra lembrança senão o travo muito amargo do desengano; ela pergunta ao grande amigo da sua vida, aquêle que lhe servira de companheiro em tôdas as decepções e amarguras de seus dias, como nos raros momentos de prazer; aquêle amigo que lhe foi fiel até a morte: o verso!

— Que é feito do meu sonho
Um sonho puro,
Feito de rosa e feito de alabastro.
Quimera que brilhava como um astro
Pela noite sem fim do meu futuro?

Astros celestes docemente louros,
Giram no espaço em luminoso bando.
Ouve-se ao longe um violão plangente
E mais além num soluçar dolente
Canções serenas ao luar voando.

AUTA DE SOUZA A AMOROSA

Auta de Souza a ave exilada do Paraiso! Auta de Souza a sofredora! Auta de Souza a mística! Auta de Souza a trovadora do luar! Foi sobretudo Auta de Souza a amorosa. Foi o amôr o vinho eucarístico com que se nutriu a poetisa do "Horto". Vinho dôce e amargo dos seus poemas tristes.

A poetisa amou a casa paterna, amou a "Estancia" da sua meninice colegial, amou as crianças, as flôres, os passarinhos, amou a cruz e se fez amante da dôr na doação afetiva do seu coração. Amou a alguém cujo afeto constrangido, transborda ao mais oculto de sua alma torturada dentro da sua poesia. Foi um amôr sem ventura (e isto se adivinha) o grande artífice de sua poesia. Foi o amôr, afirma Nestor Victor que constituiu o estímulo necessário para fazer-se integralmente a poetisa inatingida do "Horto", "a poetisa dolorosa do Brasil".

O ELOGIO DO CORAÇÃO

Na lingua portuguêsa tão rica de sons e de sentidos, tão colorida de expressões eu encontrei na combinação de três silabas apenas, a definição grandiosa da altíssima poética da Brasileira singular.

Todos vós que me ouvís já adivinhastes a palavra, suprema, a maior palavra. Porque vós que amais e que sofreis, sentis comigo as comoções da vida no encontro das almas, na doçura dos lábios, na ternura do olhar...

Vigia eterna soluçando de bruços sobre os túmulos. Atalaia maternal os berços embalando, beijo a florar na boca dos casais.

Reponta em cada lágrima de bruços sobre os túmulos. Atalaia em cada esperança, soluça em cada saudade. Pequena e grande cabe dentro de um beijo, comporta um infinito de emoções. Esta palavra que marca o ritmo do amôr e é o pêndulo da vida vós a dizeis comigo: — Coração.

É êste o misterioso escafandrista que desce às profundezas do sentimento e reponta, às vezes ostentando a pedra mágica da felicidade, ou a ametista amargosa da dôr.

"Coração de mulher como és profundo!" diz o poeta na sua improfícua insistência de adivinhá-lo; incapaz de penetrar

Meu casto sonho lá se foi cantando
Talvez em busca de uma pátria nova,
Deixou-me o coração como uma cova
E dentro dêle o meu amôr chorando.
Nunca mais voltará pois que lhe importa
Esta morada lugubre e sombria?
Não pode agasalhar uma alegria
Minha alma, pobre morta.

. Foi embalando um berço de arminho e renda que a poetisa da inocência escreveu a poesia dôce e terna com que as mães ainda hoje ninam o enlêvo do seu amôr. "Palavras Tristes" ditas a uma criança, tem a adolescência de uma súplica, a amargura de uma despedida e a meiguice de um afago maternal.

Quando eu deixar a terra, Anjo inocente,
Ó meu formoso lírio perfumado
Reza, por mim, de joelhos docemente,
Postas as mãos no seio imaculado...
Quando eu deixar a terra Anjo inocente.

Anjo moreno de asas côr de lírio,
Mais branca do que a estrêla da alvorada...
Meu coração na hora do martírio
Pede o consolo de uma prece amada...
Anjo moreno de asas côr de lírio.

... ...

O bojo do céu, sem nuvens das noites de luar, está saturado dos sons divinos da lira maviosa da mais lembrada e da mais querida das Poetisas Potiguares.

Há pouco tempo, numa noite clara, quando agosto ostentava a primasia do luar; e a cidade dormia entregue ao abandono das ruas desertas, despertei ao som dulcíssimo de uma serenata. Cantadores boêmios quebravam o silêncio profundo da noite linda. E violões e cavaquinhos se casavam com a harmonia da voz sonora e dôce.

Dentro da amplitude infinita da noite luminosa, aquela voz humana tinha o encanto de uma voz celeste, a encher de som a grande beleza chegavam musicados com grande harmonia os versos intitulados: "Ao Luar". Quedei-me a ouvi-los... E lá longe quando já não se percebia mais do que o som longinquo mergulhado na noite, eu me sentia embalada, ainda pela canção.

no âmago dôce e amargo desta flôr estranha, de esquisito perfume e brilho singular.

Este coração que o poeta não pôde penetrar, definiu-o a maravilhosa poetisa do "Horto", no comovido sonêto com que se despede da vida; e que eu vou deixar soando aos vossos ouvidos com harpêjo suavíssimo da saudade a avisar a sagrada memória da poetisa santa.

AO PÉ DO TUMULO

Eis o descanso eterno, o dôce abrigo
Das almas tristes e despedaçadas...
Eis o repouso, enfim, — o sono amigo,
Já vem cerrar-me as palpebras cansadas.

Amargura da vida, eu me desligo
Para sempre de vós! Almas amadas,
Que soluçais por mim, eu vos bendigo,
Ó almas, de minha alma, abençoadas.

Quando eu daqui me fôr, — anjos da Guarda, —
Quando vier a morte que não tarda,
Roubar-me a vida para nunca mais

Em pranto escrevam sobre a minha lousa:
Longe da terra, enfim aqui repousa,
Quem sofreu muito e quem amou demais!

Auta de Souza, nasceu para a poesia e para a dôr, noiva do verso, na estação de um sol de fim de inverno. Ela, a angelical, ela, a dolorosa do "Horto", é filha da mesma terra de Augusto Severo — o condor potiguar, e enamorado do azul; aquêle gênio de asas Brasileiras, — bandeirante do céu a procura da glória, aquêle mergulhou voando no seio do espaço para se embeber da luz do Infinito; e baixou, nas asas da morte, de pé, como bem se enquadra aos conquistadores do ideal.

Ambos sonhadores, ambos predestinados, ambos poetas:— de aparências diferentes, de rimas diferentes, mas irmãos pela terra do nascimento, pela vastidão do sonho, mais azul do que o céu, mais amargo do que o mar.

Auta de Souza! com que profunda emoção eu pronuncio o teu nome de poetisa excelsa, no teu dia! Rainha das musas, senhora do verso, com que admiração eu procuro compreender no fulgor dos seus olhos negros, — abertos para o encantamento da poesia e fechados, para sempre, pelo sono final que não

acorda, — a sublimidade de tua dôr resignada, o trabalho celeste na tua alma devota, cultivada pelas mãos intangíveis do meigo Nazareno. Êle, que fez de ti a sua poetisa dolente, a crucificada do "Horto" em delírios de poesia, afogada em sangue na derradeira tarde de tuberculosa, como si todas as rosas vermelhas do crepusculo, te tecessem a túnica do martírio para a tua glorificação.

Na tragédia dos nossos tempos angustiosos em que o sensualismo governa o mundo pagão, procurando afundar no charco da impureza, o que resta da flôr mais alva da candura, no pelago social, — a tua poesia, — ó mística do jardim de oliveiras, é bemaventurada do "Horto", a tua poesia aparece engrinaldada numa submissão de cordeiro supliciado, numa candidez de alma predestinada para os eflúvios da graça.

A tua poesia, mais branca do que a nuvem branca, mais loura do que o lírio aberto, é estrêla da madrugada, — d'alva, aclarando as trevas do pecado em que se abisma na corola do vicio, o espírito atribulado e revolto dos nossos tempos.

Tú que sofreste, de joelhos ao pé da cruz, hás de eternamente viver na devoção do povo, porque a tua poesia, na expressão de Tristão de Ataíde, alcançou uma intensidade de sentimento cristão, que até hoje não envelheceu.

A tua vida foi um estado de graça, no julgamento da grande analista de almas.

Tú que és a mais santa das nossas poetisas porque viveste para o espírito, e pelo espírito traduzindo na dôr do teu coração incompreendido, dentro do martírio do teu sofrimento físico, as angustias, os anseios do coração humano, hás de soar para sempre de bôca em bôca, de lar em lar, de céu em céu, na eterna poesia do jardim das cinco chagas, ó jardineira do Divino Crucificado!

No livro de Horas, na corola das flôres murchas, no berço das crianças, nos terços de maio, nas novenas da Padroeira, nas serenatas dolentes, nos romances tristes onde a alma da dôr se agasalhar, cantando nos teus poemas o teu nome imorredouro será sempre o perfume bento e suave da tua poesia sacra, na eucaristia de uma lembrança, no sacramento de uma saudade; num sentido de prece, num sentido de amôr.

PORTADORES DE EMOÇÕES

Palestra realizada pelo acadêmico VIRGILIO TRINDADE, em julho de 1948

Sr. Presidente da Academia Norte Riograndense de Letras,

Srs. Acadêmicos,
Minhas senhores, meus senhoress.

Em uma dessas manhãs eu tive de fazer parte de uma fila na Repartição dos Correios e Telégrafos.

A fila é hoje em dia uma instituição nacional. Para tudo forma-se uma fila. Fila para cinemas, onibus, trens, compra de gêneros alimentícios, etc., etc., e afirmam os críticos dessa situação anormal que no Rio até os cães fazem fila p'ra roer osso...

Pois eu tive de entrar naquela fila do Correio. Um tanto atrasado na ordem dos candidatos, sobrou-me bastante tempo para ver o movimento de entrada e saida. Jornalistas, homens do comércio, padres, militares, professores, estudantes, senhoritas. Houve, entretanto, uma classe em que minha atenção demorou. Passou um homem idoso, modestamente vestido, sobraçando uma bolsa e enorme correspondência para distribuição — um Carteiro, enfim. Em seguida um rapazola franzino, moreno, vestindo kaki, com as mãos cheias de telegramas — um Mensageiro.

E eu nessa fila considerei que são êles os verdadeiros portadores de emoções. Intermediários inconscientes de dor e alegria ,de ânsia e emoções, de desenganos e de saudades.

Aquele envelope róseo é talvez um bilhete azul; encerra uma desilusão que vai inutilizar o resto de uma existência, mudar um destino; e aquele telegrama azul pode ser um mundo róseo de venturas.

A ironia das coisas...

Si a gente pudesse remexer naquela velha bolsa de Carteiro e violar as cartas... Santo Deus! Quanta cousa de trágico, de cômico, de comovedor, de interessante, de provocar risos e de correr lágrimas. Cartas de convites, de participação, de cavação de empregos, de pezames, cartas políticas, carta de prego, cartas de cobranças. Cartas também de orações exi-

gindo que a gente mande a nove pessoas, sob pena de sofrer desgostos, decepções e a roda do destino desandar desapiedadamente ou andar para trás. E quantas cartas de saudades, dessa imensa e infinita saudade assim revelada por Humberto de Campos nêsse lindo sonêto:

"As roseiras aqui já estão florindo",
Mandas dizer. "As hispidas e pretas
Rochas da estrada já se estão cobrindo
De musgo verde... Ha muitas borboletas..."

E eu me fico a pensar que agora é o lindo
Mês das rosas explêndidas e inquietas
Asas: tempo em que a serra anda sorrindo
E em que todos os pássaros são poetas.

Vejo tudo: a água canta entre os cafeeiros,
Vejo o crespo crisantemo e a açucena
Estrelando a verdura dos canteiros.

Penso então que em tudo isso os olhos pousas,
E começo a chorar... Olha, tem pena,
Não me escrevas falando nessas coisas!...

Achariamos cartas de amor — canção sentimental em que a alma enamorada diz toda a sua adoração. Aquilo que Itajubá, lá dos confins do Amazonas, disse à sua adorada Branca:

"Recebi tua carta ontem, quando ao sol posto
A tristeza aumentava as nuvens do meu rosto,
E a lua desmaiando em cima das colinas,
Fazia recordar a alvura das salinas."

Em uma dessas tardes, alí na esquina da Sorveteria Rio Branco, eu pesquei êsse diálogo entre duas senhorinhas:

— Êle tem escrito?

— Tem. E eu escrevi agora no avião de terça feira. Quarta êle recebeu. Quinta, sexta deve ter respondido, e hoje, sábado, terei carta...

E quando, minhas senhoras e meus senhores, o avião atravessou o espaço azul, eu me lembrei de como estaria ela de olhos pregados nele a ler, através daquela engrenagem, tantas frases apaixonadas. E lembrei-me do trovador patrício:

"Tem da luz dos olhos teus
Tuas cartas, o clarão,
Que as vezes, filha, por Deus,
Eu leio na escuridão...

Sei de um caso verídico:

Êle embarcou. Era ficou chorando
Na sua imensa dôr.
E cartas desde então foram chegando
Saudades, juras de amôr.

E com que ansiedade ela esperava
O Carteiro. E êle vinha.
— Trago aqui uma carta. E logo dava
Uma conversazinha...

Quanta pirraça que o destino traz
Por êste mundo inteiro...
Final — Ela esqueceu-se do rapaz
E acabou se casando com o Carteiro.

Não foi aqui — foi em Piauí. Um rapazola foi cavar a vida em Parnaíba. Nunca houvera o pobre saído do lugarejo onde nascera.

Dias depois lá vinha pelo Correio essa cartinha. Que emoção para a velha mãe... Entre outras coisas dizia êle:

"Mamãe:

Parnaíba é uma cidade monarca de grande. De manhã se arvoroça toda a gente na beira do rio qui pareça formig arredó de lagartixa morta, e quasi tudo é caçando o ganho. O mercado é outro dispotismo. Arreune mais gente do que na desobriga. La tudo se vende. Fiquei besta de espiá gente comprando maxixe quiabo, limão azedo inté taiada de girimum. Todo o dia eu como pão de cidade com manteiga do reino. Mamãe — As coisas daqui são muita deferente a adversa dahi. As casas são pegada umas nas outras qui nem casa de maribondo, e é qusi tudo de teia e atijolada e forrada de tauba pur riba qui nem gaiola de xexeu, qui chamam sobrado. Muita gente rica. Inda onte eu vi uma loja cum rum ade dinheiro de nike no chão que parecia juá quando se ajunta mode dar pra bode em chiqueiro. Mamãe — a egreja inté faz sobrosso, de tão grande e arta A

luz é feita de um tá de gazome e é só de distorcê a torneira cuma quem tira cachaça em ancoreta, riscá um fosfo e a luz acende tão quilara qui faz gosto. Mamãe — Aqui tem um jogo chamado biá qio num hai danado qui entenda mas porem só joga gente de famia. E arredó de uma meza grande forrada cum pano, cuma baú de pregaria e os jogadô segura uma vara mode impurrá a bola qui é vê ovo de ema. Mamãe — Aqui tambem tem uma coisa que chamam de cinema. É só ficá no escuro e aparece figura de gente, de animais e de rua, tudo prefeito cuma se estivesse vivo e bulindo. Eu cheguei de Tutoia e fui trabaiá num vapor inguilez. Na Tutoia a gente vê o mar inté incostá no ceu. O pessoá qui mora no navio são rugazá, oio azú e cabelo vremeio. A fala deles só pro diabo, é uma embruiada qui só pirquito em roça de mio verde. Mamãe — Pra eu contá direitinho num hai papé qui chegue. Vou acabá pru que ja me doe os dedo. A sua benção para o fio sodoso — Bastião."

Há uma espécie de carta destruidora. A carta anonima. Si o carteiro soubesse do seu valor moral, dessa bomba atômica que conduz na bolsa... Carta que destroi vidas, sonhos, ilusões, felicidade, lançando a maldita semente da duvida...

Meu amigo — Você está sendo traido miseravelmente por sua esposa. Lastimo levar essa angústia a su'alma... E ai vai o punhal penetrando aos poucos no coração do pobre consorte.

Ou então — Minha amiga. Você está ignorando a traição do seu marido. Trata-se de Fulana. Idílios, passeios, encontros, conversas todos os dias.

E daí entra em detalhes suficientes para dilacerar aquela alma. E pensar-se que causa tamanho martírio aquêle insignificante pedaço de papel...

Custa a crer, meus senhores, que tenha havido um duelo por intermédio da bolsa do Carteiro. Pois houve. Ha tempos o diretor de um jornal italiano mandou a seguinte carta:

"Senhor. Não se enviam testemunhas a um canalha. Esbofeteio-o por esta carta. Considere-se pois, esbofeteado por mim nas faces e fique agradecido por não me servir de minha bengala."

O jornalista respondeu e respondeu como se diz na giria — **na batata:**

> "Incomparável adversário — Conformo-me com o seu pedido, mas, esbofeteado por carta, atiro-lhe seis balas de revolver à cabeça e mato-o por escrito. Considere-se um homem morto logo que tenha lido a última linha desta carta. Cumprimento o seu cadáver."

Ora, aí está uma cousa que podia ser posta em prática entre nós. Além de pouco perigosa e baratissima pois custa apenas quarenta centavos em sêlos, não contém o espalhafato nem as formalidades que a gente lê nos romances francêses. É verdade que é um tanto avacalhada, mas, Santo Deus! que é que não está ainda avacalhado nêste imenso país deitado eternamente em berço esplêndido?...

* * *

Eu posso assegurar-vos que sou, em Natal, em razão do cargo que ocupo na Polícia Civil, quem primeiro tem conhecimento das tragédias que se desenrolam no interior do Estado. Todos os dias o Carteiro despeja sobre a Secretaria dezenas e dezenas de comunicações. É verdade que nos chegam com cincoenta por cento de abatimento essas emoções, todavia essa percentagem aumenta si se trata de pessoas do nosso conhecimento. Antonio Francisco estupidamente apunhalou o seu compadre por dê cá aquela palha; João Manoel que roubou a casa de Antonio Azevedo, deixando-o "pronto"; Francisco Lucas que encheu de promessas uma creaturinha e deu às de Vila Diogo; Luisa da Conceição que enciumada porque o seu querido dera um flor a Maria Joanna, derramou querosene às vestes e ateou-lhes fogo; Manoel da Silva estando a manejar uma pistola, matou o seu amigo Antonio Deodato; Luiz Afonso indo tomar banho em um açude pereceu afogado; virou um caminhão causando a morte de João Sebastião; Boaventura da Silva que em desacordo com o seu nome, foi atropelado por um auto e recolhido ao hospital em grave estado.

No entanto quantos se lastimam de não saber ler nem escrever...

Vêm daí os versos de um poeta paulistano:

> Si ela soubesse ler, que bom seria,
> Que bom! Com que prazer
> E comoção meus madrigais leria,
> Si ela soubesse ler...

Si soubesse escrever, oh, que alegria
Não havia de ser!
Que páginas de amor me enviaria
Si soubesse escrever...

Em Recife. Ela era empregada de uma república de estudantes, quasi doutores. Precisava de escrever a sua família lá do interior de Pernambuco e pediu a um dêles. E o rapaz começoú a escrever conforme ia ela ditando:"Estimo que estas mal traçadas linha vá te encontrar-te com prefeita saúde" etc. Dai entrou a dizer que tinha ido domingo a um jogo de football, que havia comprado um vestido novo e que andava um cabo do Exército apaixonado por ela e outras coisas banais. Depois da carta fechada, voltou ela da cozinha, de colher à mão.

— Ah, seu doutor, faltou uma coisa.

E o futuro bacharel pondo de parte um tratado de Economia Política:

— Que foi sinha Joana?

— Fortou o doutô dizer — **Discurpe a letra e os erros**

De Recife mesmo um amigo velho certa vez escreveu-me. A sua carta não falava em crise, em guerra, em política, em futebol, em gripe, nem carestia de vida, tabela de prêços ou literatura. Ocupava-se ùnicamente de uma deliciosa creatura, com uma paixão de 40 graus.

E o Carteiro de lá deve ter lhe entregado a minha resposta que era assim:

Até que enfim na mala de "Pará"
Recebo a tua carta desejada,
Vejo, porém, que assunto outro não ha
Sem ser o coração da tua amada.

Seja êle todo amor, carinho, vá,
Que seja mesmo um coração de fada
O coração dessa formosa Inah,
Mas, "de ouro de lei joia sonhada

Que para vê-la na Joalheria
Por suas joias todas trocaria
O próprio Krause..." Amigo aqui me entrego

E neste santo pensamento fico:
Si eu possuisse um coração tão rico
Leva-lo-ia nesta crise... ao prego...

* * *

No seu tão tradicional laconismo o telegrama diz mais. Política, cotação de prêços, desastres, mortes, candidaturas, esponsais, viagens aéreas, bicho do dia e por essa razão de falar depressa é que Bismarck deu-lhe essa comparação desairosa — "Mentiroso como um telegrama", no que aliás, achou êle um competidor — o rádio.

O portador do telegrama é muitas vezes também portador de outra bomba de efeitos atômicos. **Antonio morreu. Joaninha mal. Seu bilhete premiado. Sigo Itahité.**

Truncados, Santo Deus! Tem dado lugar a sérias trapalhadas. Lembro que por ocasião do atentado ao presidente Prudente de Morais, no qual tombou heroicamente o seu Ministro da Guerra pelo punhal do criminoso Marcelino Bispo, a notícia dessa tragédia chegou ainda mais trágica à República Argentina — Que o Ministro da Guerra havia apunhalado o Bispo Marcelino, do Rio de Janeiro.

Recordo um fato interessante de ha anos, quando estive em Manáus

Um rapaz certo dia recebeu um telegrama do Rio dando-lhe pesames pela morte de sua idolatrada esposa.

Em lugar de pranto, houve grande confusão só. Avaliem que êle nunca, jamais em tempo algum se casara. Correu ao telégrafo. Lá encontrou um outro cidadão que vinha saber por que cargas dágua fôra promovido a primeiro escriturário, êle que era simplesemente um comerciante de sêcos e molhados. Desfez-se o engano, e dalí saiu o rapaz radiante porque fôra para si a notição da promoção, enquanto o comerciante de secos e molhados saía molhado também de lágrimas: é que falecera a sua consorte que fôra a tratamento na Capital Federal.

Ha em compensação, outro caso em Natal que muito abona a Repartição dos Telégrafos. Há alguns mêses, um viajante encomendara uns queijos a um comerciante ambulante da Ribeira, e em viagem verificara que perdera o nome do mesmo senhor. E de volta das Capitais do norte passou êste telegrama com o seguinte endereço:—

"Homem gordo que vende queijos. Avenida Tavares de Lira — Natal — Preciso dez arrobas de queijos bordo Pará". O homem gordo recebeu o telegrama e o interessado recebeu os queijos a bordo.

O telegrama além da sua tradição de mentiroso, tem outro

rente que morava em cidade próxima de Natal. Dado a leituras de romances de Dumas e Escrich e ainda a novelas policiais, si recebia um telegrama o guardava dentro do livro até que terminasse o capítulo que estava lendo.

O telegrama além da sua tradição de mentiroso, tem outro predicado pouco recomendável, — usa de falsidade, isto é, traduz uma coisa diferente do seu próprio sentido e daí nasceram os códigos e as palavras cifradas. Há alguns anos, por exemplo, o nosso Estado foi agitado por uma formidável campanha política. Falava-se num candidato prestigiado pelo Catete para o cargo de Governador. Talvez nêste recinto estejam algumas pessoas que se envolveram nêsse memorável pleito.

Mas certo dia chegou do Rio para um dos paredros da facção que apoiava essa candidatura, um telegrama apenas com êsses dizeres:—

"Feijão não embarcou nem embarcará".

E a facção contrária que não dormia descobriu que Feijão queria dizer o nome do candidato. De fato êle não veio e a sua candidatura deu água, como se diz agora da República nova.

Tudo é verdade, tem suas compensações nêste mundo. Uma linda senhorinha cuja confiança muito me desvanecia, ha alguns mêses, na sala de espera do cinema Rex, mostrou-me um telegrama do seu jovem predileto. Dizia assim o telegrama:

"Remeti mapas correio. Muitos trabalhos."

— Agora vou dar-lhe a tradução, disse-me. Remeti mapas quer dizer remeti cartas correio. Muitos trabalhos significa (ai falou bem ao ouvido) significa muitos beijos...

Recordo aqui êste interessante caso porque não há mais necessidade de reserva. Êles estão casados hoje e, cheios de felicidades, lembram o delicioso episódio. Vê-se por aí que se trata de uma jovem professora e, mui naturalmente, o assunto escolar era p'ra tapear... E ela acrescenta ainda numa encantadora alegria: "E os **velhos** comeram a mosca...

Os antigos potiguares, isto é, aqueles que viveram antes de 1878, quando começou a funcionar o telégrafo no Rio G. do Norte, escaparam dessas emoções, como direi, telegráficas.

A todos, êsses sensacionais e estupendos fatos que mudaram a face da terra, **in illo tempore**, como se diz na expressão bíblica, como não teria, muitas vezes, um telegrama surpreendido... Ao Vice Rei do Brasil, por exemplo, em 1807, ao abrir o despacho telegráfico de D. João VI, no qual Sua Magestade comunicava que seguro morreu de velho e assim embarcaria para o Brasil com a espetaculosa Rainha Carlota Joaquina, em face dos propósitos de Napoleão Bonaparte em invadir Portugal. Que sensação não teria tido André de Albuquerque ao receber

notícias telegráficas, em março de 1817, do padre Miguelinho, da gloriosa revovlução de Pernambuco, e do outro, poucos dias depois, comunicando a vitória da contra revolução, restauração do poder mnárquico e a sorte que o aguardava, como de fato sucedeu. Que regosijo estupendo teria causado um telegrama ao Imperador Pedro II, mais ou menos nêstes têrmos em março de 1870:— "Solano Lopez morto em Cêrro Corá. Paraguai vencido entregou as armas. Viva o Brasil."

Tudo isso eu recordeu alí, naquela fila, até que cheguei a entregar o meu telegrama que, aliás, não ia causar surpresa ao destinatário, pois era de parabens na sua data natalícia.

Quando enfim ia saindo, deparei-me com um outro mensageiro de telegramas. Perdeu-se de mim e lá se foi rua a fora, êle, portador inconsciente de alegria e de dor, de ânsia e de emoções, de desenganos e de saudades...

SAUDAÇÃO A NILO PEREIRA

EDGAR BARBOSA

(Posse na cadeira n. 17, da Academia Norte-Riograndense de Letras, a 31 de agosto de 1955)

Na noite em que voltais da vossa triunfal circunavegação, sob as flâmulas do mais ilustre cortêjo de Pernambuco, estas palmas, sr. Nilo Pereira, êste abraço sôfrego de Capitú com que a Academia vos recebe, dispensariam que alguem vos esperasse à porta da entrada. Qualquer um de nós levaria imenso gôsto em dar-vos as bôas vindas. Porque sois um dos raros conterrâneos que têem sabido sublimar a ausencia numa fidelidade militante e indagadora de tudo e de todos; e quando cumprís a devoção de vir beijar a pedra natal, sempre nos chegais despojado de qualquer cerimônia, trazendo-nos a chama votiva, que em vez de fagulhar em entusiasmos interesseiros, acende no vosso caminho simpatias perduráveis e unânimes.

Não serei o único, nesta Companhia, a quem o sentimento de fraternal orgulho induzisse a proclamar, alvissareiro, vossos honrosos títulos e vossas nobres credenciais. Mas serei, certamente, aquele que mais receia, ao saudar-vos, omití-los todos e incorrer no desprimôr de falar de si mesmo.

Já deveis ter refletido quanto à condição de quem se expõe a receber, de público, elogios. Os que deles se alimentam e sem propósito os buscam todo dia, por mil formas, esses não podem ocultar o prazer que lhes dá essa apetecida digestão, preparadora do bom dormir e do bom sonhar. Todavia, quem jamais se reclinou sobre esse travesseiro perigoso, onde poucos se acordam da inconstância dos juizos humanos, não se perturba na serena contemplação dos aplausos.

Tendes sido tão brilhantemente versátil, tão numeroso na atividade intelectual, que o dificil é escolher por onde começar. Acabais de oferecer à Academia um poema. A

filosofia da hora atual erigiu por princípio aquele proverbio chinês que manda apequenar o coração. Passaram da moda as efusões poéticas e a cadeira que viéstes ocupar é a de uma deusa infeliz. Entretanto, soubestes exorná-la das imagens e dos ritmos do nosso Itajubá, cujo violão sonóro, de trovador provençal, pareceu-nos ouví-lo há pouco, estilizado em vossas mãos. Assim demonstrais que não perdestes o acento dulçuroso das vozes da terra, da qual a distância apenas vos apartou os olhos e nunca o amôr, "que não se afina e nem se apura enquanto está presente a causa dêle".

O que em Itajubá era o tumulto lírico, a eloquôncia bárbara dos atuados, se torna em vós a poesia essencial, para usar uma expressão que vos é querida. Poesia é função de certas almas e não transitoriedade de certos reflexos. E estará sempre onde houver alguem capaz de justificar a definição de Emerson: — Poeta é aquele que diz.

Poeta sois desde os tempos camoneanos, ainda que vossas tendencias venham sendo chamadas a situações bem diferentes. Seguistes desde cêdo o consêlho que Renan dera a Nabuco, de entregar-se a estudos históricos, e o fizestes com superior entendimento da filosofia e da sociologia da História. "Revisionismo e Tradição", vosso discurso de posse no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco; a tése que apresentastes ao concurso de História da Civilização do Ginásio Pernambucano, sôbre "O Período Regencial Brasileiro"; vossas conferências sôbre a Restauração Pernambucana e a "Missão Portuguêsa no Mundo", não são variações de um curioso nas téclas do piano do passado: são valores humanísticos modernos, provas de quanto habilitastes o espírito para a carreira das letras, o jornalismo, o ensino, a oratória, a correspondência e a conversação, que é em vós uma arte fulgurante e jovial.

Fazendo história ou crítica, emitindo pareceres sôbre municipalismo, tratando da condição do operário e da condição patronal diante da "Rerum Novarum", não vos trasformastes no tipo do cavalheiro bem falante, que discorre levianamente a respeito de qualquer assunto. A mesa de redação em que trabalhais, a cátedra ou a tribuna das assembléias políticas, onde defendeis a legitimidade das vossas opiniões, deitam raizes nas camadas mais profundas do sólo e estão bem marcadas pelo signo da convicção, sem o qual inexiste verdade poética.

Por exemplo: — quem há de pôr em dúvida a since-

ridade da emoção com que nos falais do Ceará-Mirim? Ela não é para o mestre universitário, o parlamentar, o acadêmico do Recife, um vago desenho da criança esquecido pelo homem. Os anos da vossa Hégira vos fizeram o mais rico dos meus jurisdicionados. Quantas Massaganas, por lá, vos pertencem! E demarcando-as na memória, na constancia com que tendes ido velar o sono da béla adormecida, no ciúme com que pretendeis que não mexam nas suas ruínas, viveis no Recife em pleno encantamento da casa grande do engenho Guaporé; com o austéro e honesto amor que se não exáure nos desespêros do exilio; e que antes projeta em dimensões insuspeitadas nosso glorioso continente espiritual; desde a eminência luminosa de Olinda, quando nos começou a ensinar o Direito e a liberdade. Nós, os de toda a provincia nordestina, é que somos a peninsula, no sentido em que ao Recife e a Pernambuco estamos ligados; e particularmente um homem do Ceará-Mirim, que, repetindo a aventura do moço Tobias, saiu da terra natal para "os braços nús da cabocla civilizada".

Recife, tão ceará-mirinense no sabôr da sua intimidade, no remanso dos seus sítios amáveis, na história dos velhos engenhos de que foi feita; sorrindo, à sombra dos seus coqueiros, como acenava a Gonçalves Dias; lembrando, nos seus canais emoldurados de mangues, a iluminura tranquila das nossas lagôas; e deixando-nos escutar, nos silêncios do recôncavo da Piedade, a arfagem das desinquietas ondas do mar de Muriú... Tão ceará-mirinense que se reduziu, para melhor a sentirdes, aos seus velhos arruados e casas de azulêjos e telhados vermelhos; clara e límpida, sem mostrar-vos as flechas proustianas de Combray, sempre vos deu a nitidez amiga de duas torres erguídas na praça distante, onde uma igreja, debruçada sôbre o vale, assiste à floração das esperanças do menino. Nossa Recife das madrugadas de jornal... A que nos lançava centenas de pontes para o sonho; a que reconstruía, sôbre a água noturna do Capibaribe, quando se agitavam seus primeiros vagalumes de gaz neon, toda a nossa aldeia, cujo corpo verde parecia esmagado na multidão dos automóveis e das ruas; e que ainda hoje, se voltamos a vê-la, nos ressuscita a criança azul dos versos de Lucy Teixeira,

> "que se distende e ao seu céu se funde, deixando cair das mãos o tempo, como um arco..."

Sr. Nilo Pereira: —

Há um poeta morto, já o disse outro poeta, em cada homem que amadurece. No entanto, por mais que a maturidade vos esteja perseguindo e importunando, podeis voltar nesta noite ao Ceará-Mirim com a alma viva do menino da escola de D. Adele. Pela mão de uma poetisa da idade de ouro do Parnáso —

"Pobre folha de livro alva e singela,
Negou-te ampáro o pérfido destino..."

encontrastes o mundo, e não houve depois nem glória nem póstos eminentes que vos desgarrassem da sombra daquele sapotiseiro onde ela ensinava e cantava. Mulher e paisagem — com o seu longo vestido branco e o seu modesto perfume de verbênas, a mesma ternura e a mesma bondade, — lá está nossa primeira professora, tal qual a deixamos; as poetisas não envelhecem, os seus cabelos não são tocados pelo vento selvagem das horas.

* * *

De tanto o desejarmos, o tempo da nossa geração tinha chegado. A imprensa, a literatura, a vida acadêmica. O ano de 1930 surgiu como as enchentes do nosso rio, arrastando a agua e o barro de todas as cabeceiras; surpreendendo-nos na clareira aberta por Pedro Velho, a "A República" dirigida por Cristóvão Dantas, Adauto da Câmara, Aderbal de França, Muitos dos nossos companheiros apenas possuíam de seu a vida transbordante e o desejo adolescente de aparecer. A época era demasiado literária, mas em momento algum vos esquecestes de que o grande princípio obedecido naquela imprensa era o de que tudo deveria servir para ornamento, porém que era máu tudo quanto fosse empregado de propósito para ornamento. Tivestes assim bem aprendida, logo ao primeiro exercício, a lição stendaliana de evitar as largas e belas frases, as sonóras amplificações. Os que se lembram do jornalismo naquela fase revolucionária, lembrar-se-ão também de quanto ele era assomado e retórico. Mas, em Natal, ou no Recife, oficial da "arte negra" de Kipling, trabalhastes o artigo de fundo, a crônica política, o leve comentário do dia, sem o alvoroço que as convulsões provocam na mente dos jornalistas fáceis.

O Recife que encontrastes já não vivia sob os lam

pêjos românticos da sua Escola, embóra o estudante provinciano do nosso tempo ainda esperasse participar da guerra das duas rosas ou das duas liras — Castro Alves e Eugênia Câmara, Tobias e Adelaide Amaral. As tertúlias jurídicas e sociais de Clovis, Artur Orlando e Martins Junior, o evolucionismo e o positivismo que nos orgulhavam como se fossemos romeiros de uma heróica peregrinação, eram relíquias veneráveis, mas superadas. Processára-se no mundo acadêmico uma dessas ruturas definitivas e bruscas com o passado. Tudo irrompera dos longes do imprevisível e do incerto, para destruir o que havíamos animosamente arquitetado, estudos e livros, conferências e viagens. Se não nos assombrámos, ficámos tontos como recrutas apanhados de súbito pelos clarins de uma mobilização. Ainda rondava a Faculdade o fantasma belíssimo de José Cordeiro. Os filósofos de dezoito anos sobraçavam Bergson e Spengler; e como relembra Mauro Mota, "outro movimento, tão importante quanto o modernismo de São Paulo, foi o regionalista do Recife, que não ficou só em nossas fronteiras, pois, com as suas diversidades de influências, repercutiu em muitos aspectos da cultura brasileira". Gilberto Freire, imprimindo à sua obra um sentido universal, nos mostrava outro Recife, mais lúcido e cosmopolita; e "iniciava a criação de um estilo e de um novo método de comportamento social" da inteligência brasileira. Seus poetas, seus romancistas, pintores, urbanistas, sociólogos, historiadores, surgiram desse movimento esboçado no "Manifesto Regionalista" do mestre de Apipucos; movimento que tornou possível a obra cíclica de um José Lins do Rêgo; que deu cunho internacional aos estudos de um Luís da Câmara Cascudo. Porque viu-se logo depois que o futurismo, o dadaismo e o cubismo ,tão discutidos nos intervalos das aulas, não eram mais que "sinais vagos, turvos, parciais, talvez ridículos, mas extremamente expressivos, todos, da agitação que nos assoberbava".

Dessas coisas que vos assaltaram naquela maravilhosa expedição, sr. Nilo Pereira, não vos conto novidades. Impressões, lembranças, idéias, o que não póde ser dito em discurso, nos ficaram para o silêncio de outras noites, quando rememorarmos, com certa angústia de auto-biógrafo, o indivíduo que já esteve em nossa mais siamêsa intimidade.

Vós podeis fazê-lo sem reticências nem penumbras.

Há entre o destino do homem e o destino do meio em que ele vive, uma relação, uma afinidade ideal que muitos procuram sem resultado, mas que outros descobrem vitoriosamente, pelas predisposições da sua natureza, do seu caráter e da sua vocação. Juando essa afinidade é tal que o indivíduo se integra no meio, exprimindo em sua consciência ética e na sua inteligência, o que em ponto maior se passa no meio social a que pertence, a vida pessoal se torna multifórme e o homem assume o sentido de protagonista da sua época. Será capaz até de realizar prodigios de ubiquidade. E de tornar-se imortal duas vezes, pelo consênso unânime dos povos.

Sr. Nilo Pereira: — Nosso Deputado às côrtes de Pernambuco; professor e escritor emérito; meu velho amigo e florão mais alto dos canaviais da minha terra! Os companheiros que vos esperavam desde os primeiros tempos desta Academia, bem poderiam vos tecer grandes louvores. Só soube dizer o que o coração me disse, esperançoso, como o lusiada, em que

> "da bôca dos pequenos o louvor sái, às vezes, acabado".

O FENÔMENO ITAJUBÁ

NILO PEREIRA

(Discurso de posse na cadeira n. 17, da Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 31 de Agosto de 1955)

Quando procuro em Ferreira Itajubá aquilo que o poeta Manuel Bandeira chama o "timbre", o que logo descubro é uma espontaneidade irresistível. O verso lhe sái numa emoção incontida. O lirismo tropical, confiante e ardente, será a maneira expressional de sua arte descuidada, sem luxo de ourivesaria, mas intensa e humana como a dos poemas que nascem do coração. Sua mensagem de bardo autênticamente nordestino tem uma ressonância de música dolente, que animasse uma paisagem praieira, sob um luar shakespereano de idílio, que tanto desce sôbre os jardins de Capuleto quanto na choça humilde onde o amor tràgicamente contrariado escreve o mesmo poema. Não há nele a vibração clássica da harpa éolia; mas, o violão que canta as suas queixas espalha nas almas o indefinido lamento de um homem universal — aquêle que confia à Poesia a solução dos seus problemas. Muitos do seu tempo — um Lourival Açucena, um Barreto Sobrinho, um Gotardo Neto, líricos impenitentes — escreveram nas areias como Anchietas do mundo os versos do extravio sentimental; mas, nenhum como Itajubá com a singularidade de uma rudeza transformada na doçura do verso pelo milagre bíblico de um exorcismo, que expulsasse do estilo as tentações do primitivismo bárbaro.

Era modesto e simples e rude. Êle próprio, abrindo o seu livro POESIAS COMPLETAS, que devemos ao beneditino joeiramento de Henrique Castriciano, dirá: — "Nascido nas ribanceiras que os mangues emolduram e as aves aquáticas rastejam, obrigado, portanto, a viver entre os homens rudes que lançam os tresmalhos e tripulam as embarcações, habituei-me a ouvir as quei-

xas do vento irritado, as canções repassadas de dôr dos barqueiros, os gemidos das águas lamentosas".

Às vezes, lendo os seus versos, tenho a impressão de que o barqueiro dêsse Volga provinciano, que é o Potengí, traça nas águas sonoras modulações místicas, como se saíssem do seio do mistério vozes de anjos, sinfonias etéreas, mensagens liquefeitas de alguma cidade submersa, uma outra Issy de um Renan romântico perdido no abismo. Não precisava Itajubá de ser um filósofo, ou um racionalista, ou um erudito para fazer soprar sôbre a superfície dessas águas lamentosas o vento da especulação metafísica, porque para decifrar os enigmas da vida lhe bastaria, com efeito, a visitação da Poesia, a humildade, com que recebeu o dom de vêr onde nós outros não vemos.

O fenômeno Itajubá será então êsse: o de fazer como os grandes artistas uma arte não pressentida. Estamos começando a descobrí-lo melhor na sua espontaneidade de cantor e na sua riqueza de colorido, mesmo quando pareça apenas um franciscano do estilo. Sua opulência é a da imaginação. Sua doçura é a da própria terra. Sua inocência de vate é a das primeiras manhãs do Gênesis. Cria os cenários humildes, onde um queixume de mar sacuda a alma, onde um coqueiro gema ao vento, onde uma jangada leve na vela a transcendência das asas do Paraiso, onde as latadas acolham o sofrimento resignado, onde a plangência da música seja uma ascese da natureza, onde as sereias acalentem marujos enluarados, e aí tendes o poeta. Mas também o tereis onde quer que a frustração provinciana, analisada em ensaio magistral de Otoniel Menezes, escreva o capítulo das injustiças sociais, das opressões burguesas, das desigualdades da vida. E onde houver um naufrágio de amor e de exílio, aí sentiremos Itajubá no poder verbal de sua inquietação, da dramatização do seu sentimento ferido, de sua fantasia malograda.

A FIGURA HUMANA

O traço essencial do poeta é o extravio sentimental em que decorreu sua vida de homem simples e humilde, que nunca se importou de glórias nem de lauréis.

Clementino Câmara, no discurso de recepção proferido na Academia Norte-Riograndense de Letras, analisando detidamente a personalidade do poeta, regista sua multifária atividade: foi auxiliar de comércio, estudante,

diretor de circo, professor, orador popular, sportman, jornalista, funcionário público, pregoeiro de filosofia, "sem deixar de ser poeta, boêmio, e principalmente um torturado".

Cada um dêsses aspectos seria capaz de compôr um retrato algo impressionista e fortemente romântico do homem confiante e ingênuo, que se amoldou à vida como um artista instintivo capaz de tirar das circunstâncias ambientes um rendimento sentimental de que a sua poesia nos dá, como efeito, uma demonstração admirável.

A popularidade dos poetas difere muito — e Deus seja louvado por isso — da popularidade dos políticos... Enquanto êstes se afadigam num eleitoralismo decorativo, tirando a gravata ou arregaçando as mangas para o gesto intencionalmente psicológico da magia hipnotizante, os poetas nem chegam a descer ao povo, porque, de resto, é o povo que sobe a êles. Um poeta como Ferreira Itajubá traz consigo a mensagem autênticamente do povo, as vozes dos sofrimentos coletivos, das esperanças frustradas, dos ideais humildes, uma existência inteira de ansiedades e perplexidades de que os versos são o refúgio menos de um homem do que da multidão. Isso não significa que os poetas chamados herméticos, obscuros e proféticos não sejam por isso menos poetas nem menos populares, isto é, do povo, porque quanto mais noturna e densa a Poesia, mais Poesia. Quanto mais misteriosa, mais intrínseca. Quanto mais íntima ou subjetiva, mais legítima e mais especulativa do destino do Homem. A Poesia não é o tempo, não é a circunstância, não é a ambiência em que se exercita: ela é um mistério que se entretece na própria singularidade humana, que não está submetida a uma linguagem determinada, a um expressionismo estabelecido, a escolas e cânones que, com um tom dogmático, assinalassem no poeta a sua condição poética essencial. O modernismo brasileiro produziu poetas tão grandes quanto o parnasianismo ou o simbolismo ou o romantismo, porque o mistério poético é um só. Não sei porque seríamos levados a dizer que um poeta da categoria de Carlos Drummond de Andrade sería inferior a Gonçalves Dias. E não sei porque certos poemas de Manuel Bandeira seriam menos densos, ou menos essenciais, do que certas composições hugoanas de Castro Alves. Eu, por exemplo, que prefiro Álvares de Azevêdo a Castro Alves, nem chego a explicar porque se estabelece no espírito tal dis-

tinção senão porque encontro no poeta da LIRA DOS VINTE ANOS um encanto subjetivo mais introspectivo, mais misterioso, mais criador do que no cantor quase homérico das ESPUMAS FLUTUANTES. Aliás, o que faz a Poesia não é apenas o motivo, ou o drama interior, ou o refúgio do poeta em certos estados dalma, que compõem a subjetividade criadora por excelência, mas o verbo, a palavra, a expressão no seu sentido filosófico mais profundo. Jacques Madaule, no seu admirável livro sôbre Paul Claudel, escreve que o poeta do "Saulier de Satan" é um gênio da Poesia porque nele há um homem que fala, "un homme dont la parole est l'instrument essentiel". O essencialismo claudeliano, tão estudado hoje, decorre, portanto, da valorização interior da palavra, da mensagem de um vidente, de um profeta capaz de dizer as verdades ainda puras e virgens. Não há, por isso, intenção na Poesia. Como não há a idade da Poesia. Nem a temporalidade da Poesia. Se hoje, a expressão poética é talvez mais hermética, mais recôndita, mais livre, portanto, da disciplina como que canônica das escolas ou dos estilos, talvez a fuga para um mundo interior em penumbra seja a melhor maneira que tem o poeta de vêr mais profundamente, da sua solidão profética, o drama exterior da vida, o intenso e dilacerante debate dêste nosso atormentado mundo moderno, a respeito do qual dá-nos o poeta conterrâneo Otoniel Meneses, no seu livro mais recente, A CANÇÃO DA MONTANHA, uma visão ontológica. Um dos grandes poetas do nosso tempo, Ledo Ivo, comentando e decifrando o enigma que há no poema de Manuel Bandeira, intitulado O Prêto no Branco, mostra o comportamento poético diante do mundo nestas palavras, que me parecem as mais exatas para explicar o que Jean Cocteau chama o mistério noturno da Poesia: — "Modificando-se o célebre provérbio, pode-se dizer que o poeta escreve direito por linhas tortas, ou palavras tortas. A metáfora, habitante do texto, substitui uma realidade que nasce e se revela precisamente através da ausência de uma nominação direta. Assim como a noite, com as suas potências de trevas, permite que aos olhos da criatura humana se revele um sistema cosmológico que lhe é inapreensível à luz do dia, a obscuridade de um poema permite ao leitor a captação de uma realidade total incapaz de ser conquistada na claridade lógica e trivial das coisas".

Eis porque o poeta não é um lógico, mas um mágico.

A obscuridade de Malarmé é essa vidência cosmológica do poeta posto dentro da noite para o mistério das grandes fecundações do Espírito. Isto talvez explique o que Manuel Bandeira conta no seu ITINERÁRIO DE PASÁRGADA: muitos dos seus poemas foram sonhados e reproduzidos após o sonho. Não procuremos para isso uma explicação psicanalítica: a Poesia supera o mundo abismal dos instintos para ser a levitação do homem nas horas quase divinas em que lhe é feita a visitação sublime.

Visitação que Itajubá recebeu claramente quando escreveu, com "noturna claridade", seu poema intitulado **Lua de Maio**, considerado por Barreto Sobrinho uma joia: —

Acordo. Já ventila a madrugada!
Sobe a parede escura húmida réstea...
É a lua! Como está desfigurada!
Parece que se ergueu de uma moléstia!

Muda como as tristezas tumulares,
Lembra uma monja pálida, sidérea,
Uma bola de neve pelos ares,
Fria, cobrindo tudo de matéria!...

E desce. E desce. E o brilho declinando
Imita o de uma vela esmorecendo...
É que as dores de Maio vão chegando,
Enquanto as alegrias vão morrendo!

Verte pranto invernoso! Orvalha a grade
Da solidão do meu viver incerto.
Como sangra o punhal desta Saudade!
Que mal me trouxe êste postigo aberto!

A "joia", concebida na visitação noturna, determinou a euforia dos dois poetas: Itajubá e Barreto Sobrinho. Numa página especialmente escrita para mim pelo poeta Jaime dos G. Wanderley, sôbre êsse poema **Lua de Maio**, e enviada pelo ilustre presidente desta Academia, escritor M. Rodrigues de Mélo, retrata-se o gôsto baudelareano com que os dois poetas celebraram o acontecimento poético: a evasão etílica na Tatajubeira, onde um garrafão vasio e melancólico ainda podia, fecundado com água, dar o sabor procurado. Um sorriso de ironia do dono da venda selou a fantasia esguedelhada: — É de-

balde, "seu" Itajubá. O poeta Gotardo Neto, há pouco, esteve aquí, lavou o garrafão, bebeu a solução e foi-se embora"...

A figura humana do poeta está nesse episódio, como em tantos outros iguais, que refletem não apenas um homem, mas uma época: a época em que os poetas eram assim descuidados e boêmios, trazendo ao seu desalinho exterior o descompasso de sua alma.

Para Ferreira Itajubá a vida não tinha beleza através da disciplina que lhe fôsse ditada por um sentimento bem-pensante da sociedade, por um apuro social da conduta, por um reajustamento interior às convenções implacáveis. Não creio que a sua poesia tenha derivado dêsse desajustamento; mas serviu o mais que pôde ao extravio do seu coração, ao impenitente lirismo com que libertou de crenças e de superstições, pelo menos até certa fase de sua existência, o espírito inquieto e atormentado.

De certo modo, poucos poetas espelham melhor do que Itajubá, nas suas fórmas criadoras algo ingênuas e sempre tão docemente provincianas, o ambiente em que formou o seu estro de bardo provençal, alimentado pela cadência langorosa do sentimento romântico. O grande poeta, que é Esmeraldo Siqueira, cuja sensibilidade filosófica mostra que, na Poesia, há penetração metafísica dos problemas da destinação humana, ocupou-se de Itajubá, acentuando-lhe a espontaneidade e a popularidade do verso. Esmeraldo recorda Natal do tempo do poeta: — "Natal do seu tempo, com uma população inferior a oito mil almas, reduzia-se quase à Ribeira e Cidade Alta, onde a vida se concentrava, e os movimentados bairros atuais eram mataría e sítios escassamente semeados de casas dispersas. É fácil de imaginar-se a espécie de existência que se levaria num tal meio, falto de convívio social que não fôssem as festas de igreja e certos folguedos populares como o entrudo, os fandangos, os bois calembas, as cheganças, as lapinhas e os pastorís". O que leva o poeta a concluir: — "Era, como se vê, um espírito irrequieto a debater-se num ambiente morto".

Acredito que as sugestões e influências ambientes tenham determinado no seu espírito certo gôsto taciturno, o que os franceses chamam um "repliement",

Seu poema **Dôr Secreta**, de intensidade auto-biográfica tão patente, mostra o que lhe ia na alma sacudida pela visão da frustração social, que eu penso ser uma das "constantes" de sua poesia: —

> Quem me encontra na rua, andando em plena calma,
> Sem dizer a ninguem as privações que passo,
> Entende que adormeço em pálido regaço,
> Não diz que tenho a côr da sombra dentro d'alma.

É que o poeta, como diz Verlaine, é um "escolhido". ("Sofro o Extase e o terror de haver sido escolhido" — exclama Verlaine). Citação que Jacques Maritain aproveita magistralmente, no seu livro ARTE E POESIA, quando escreve: — "Como o místico sofre as coisas divinas, o poeta aí está para sofrer as coisas da terra, e sofrê-las tanto que seja capaz de, exprimindo-as, exprimir a si mesmo. E se, além do mais, êle se empenha em um ato de comunicação espiritual, aí é que sofre, ainda mais diretamente, o pêso de uma inexorável mão, mais forte do que êle, e que passa e não volta".

Terá Itajubá sofrido o pêso dessa inexorável mão, "mais forte do que êle", que passa e não volta? Quem hoje duvidaria da mensagem espiritual de Baudelaire? Qual foi o boêmio que não sentiu as intuições do Eterno? Quem separou a Poesia do Mistério incriado? Quem não pressentiu na 'escôlha", de que fala Verlaine, um chamamento divino?

GEOGRAFIA DO EXÍLIO

Não se póde dizer, a rigôr, seja escassa a biografia de Ferreira Itajubá. Dele se ocuparam — informa Otoniel Meneses em ensaio dos mais penetrantes — Luís da Câmara Cascudo em ALMA PATRÍCIA e depois, acrescento eu, em HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL; Angione Costa, autor de INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA BRASILEIRA; Eloy de Souza, no seu depoimento em "enquête" movimentada pelo jornalista e cronista Rômulo Wanderley; José Bezerra Gomes, que é, decerto, o maior pesquisador da vida do poeta; Armando Seabra, em ENSAIOS DE CRÍTICA E LITERATURA, comparando-o a Mistral; Esmeraldo Siqueira, em lúcido ensaio crítico publicado na COLETÂNEA DE LETRAS DA ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE; Clementino Câmara, em discurso de posse nesta Academia; e Otoniel Me-

neses, em FERREIRA ITAJUBÁ — O DRAMA DA VIDA DE PROVÍNCIA, em grande parte inédito, esperando a a publicação definitiva como interpretação completa do poeta.

A leitura de Otoniel Menezes sugeriu-me a idéia de fixar, em Ferreira Itajubá, o itinerário emocional ou o que eu chamo a sua geografia do exílio. Essa geografia limita-a Otoniel Menezes ao realismo ambiente, quando escreve: — "Mesmo com o pensamento — que é capaz de fechar num périplo de segundos a circunavegação do infinito — nunca foi além do Pará, quando mais longe, e apenas em pensamento, viajou. Era marinheiro de água dôce.

De Natal a Galinhos; daí a Touros ou a Petitinga e ao Rio das Garças, seu ilusório navio de aventuras nunca ultrapassou, em tonelagem e raio marítimo, a modesta realidade do pequeno bote de pescadores, com duas velas amorenadas pelo sol, pelos ventos e pela salsugem da costa, a encalhar nas enseadas deslumbrantes ao plenilúnio; abicando às rampas hospitaleiras das aldeias praianas para uma canção de namorados:

> sejas feliz, entre as famílias
> que te cercam, nas praias arejadas..."

Trata-se, como diz o poeta no seu ensaio, de uma "geografia humilde, bairrista e familiar".

O poema de Branca, que é o canto do exílio, Ferreira Itajubá o explica sem subterfúgios: — "Êste livro originou-se de uma lenda que me referiram, quando menino, ao ruído de uns coqueiros da ribamar". Nem precisava dizer mais. Os elementos de sua poesia estão plenamente configurados: a lenda, a volta proustiana à infância, a constância do mar na sua fantasia romântica. Branca não será uma nova Iracema, assim como o poeta não foi um novo guerreiro branco"; nem será uma outra Gaud, do romance de Pierre Loti, pois que o poeta, mais feliz do que Yan, pôde voltar. Será a motivação criadora do drama de frustração amorosa, consequência do drama de frustração social, de que falei há pouco. A visão das jangadas familiares lhe deve ter dado o gôsto da evasão e do exílio, a sensação de se ir, êle próprio,

desterrado e proscrito, numa ânsia sentimental de que nos dá notícia nos tercetos finais do seu soneto "A Jangada":

Assim, da alma que suga o mel das utopias,
A jangada veloz parte aos ventos de Janeiro,
Em busca de ilusões no mar das fantasias...

E tanto às ondas vai que, sem bolina e pano,
Vôa com o temporal, deixando ao jangadeiro
Se escapa, uma saudade... um tédio... um desengano...

Essas "ilusões no mar das fantasias", com todo o seu expressionismo quase entático e decerto redundante, definem o carater de suas viagens líricas, de sua fuga irreal, mas não completa, porque a sua volta ainda é um imperativo da sedução de suas paisagens, como para o pescador é a praia onde quase sempre deixa olhos alongados numa espera amorosa. Se êle não voltasse, não seria fiel a si mesmo; e se Branca não morresse de amor, o períplo sentimental não estaria coberto em tôda a sua intensidade romântica.

Por que Itajubá preferiu para a expansão do seu lirismo as formas de evasão marinha? Sua alma se espraia pela solidão balsâmica do mar. É a sua fuga. Êsse ambiente psicológico, criado por uma necessidade da poesia, explica a criação emocional de Branca. Parece que o poeta, distanciando-se de sua amada, encontrava nisso a melhor maneira de fazer grande e desventurado o seu amor. Mas, também, é a terra que, vista através do exílio sentimental, se engrandece aos olhos do seu cantor, como tudo quanto cresce e avulta ao longe, quando a imaginação, e não apenas a fantasia, romantiza os cenários do coração.

Se êle parte, um pouco como no verso de Auta de Souza, em breve das paragens da ilusão, suspensa a lira sôbre o coração, a terra que fica e que se deixa entrever, líricamente, pelo véu da saudade, há de merecer os louvores do "peregrino audaz". E não apenas os louvores, mas os protestos de uma ternura que não estaria completa sem o juramento cavaleiresco de fidelidade":

A ti, ó terra minha, esmaltada de rosas,
E primeira entre as mais, de dunas majestosas,
O idilio que compuz entre os meus, no remanso

Da vivenda materna, em horas de descanso
Ou de meditação.
Inda se mais pudessse
Fazer por ti, faria; inda mais se me desse
O céu, tudo era teu; entanto, se não pude
Erigir-te um padrão fulgente em verso rude,
Como foi meu desejo, um consôlo me resta,
— Berço de Auta de Souza e de Nísia Floresta —
De tí muitos varões ilustres que nasceram
E hoje não vivem mais, teu nome engrandeceram
— Formosa Jericó da Natureza agreste —
Costa dos morros nús, lisos do vento leste,
Tu que alento me dás, porque de ti recebo
O fértil pão que como, à água pura que bebo;
Tu que me agasalhaste em rêde alva e macia,
Quando sentí na fronte a luz que te alumia;
Quando outrora brinquei na várzea deliciosa
Por manhãs de estiada e tardes côr de rosa,
Quando, ao voltar de longe, há dez anos passados,
Banhei-me no cristal dos rios transbordados;
Quando, ao grato rumor das mangueiras crescidas,
O sono conciliei das horas mal dormidas,
— Eis o que prometi... Desta alma satisfeita
Guardo no teu regaço os frutos da colheita
Que fiz, já no florir dos sonhos derradeiros
Da alma, terra do sol, ornada de cajueiros.

Todo o poema cabe, telúricamente, nessa evocação à terra que a imaginção vai deixando para trás, numa paisagem irreal, mas tão viva e tão interior, que a vida se faz para o poeta o produto da fantasia e do drama. O poema fará do adeus a sua própria essência emocional e criadora. Mas, será preciso, com efeito, fixar num tom patético isso que venho chamando a geografia do exílio, a fuga melancólica: e o poeta exclama:

Como a sorte é leviana!
Ontem, livre contigo; hoje, aquí forasteiro,
Pobre na terra alheia.
Ah! destino traiçoeiro,
Quando queres roubar, como sorrindo matas
De onda em onda quem vai, semelhante aos piratas.

A sugestão do mar não há como malsiná-la, que ela fez o livro e alimentou o poeta. Podia dizer, por isso, o

cantor perdido na viagem romântica, em que pôs todo o seu espírito boêmio: —

Não maldigas o mar, êsse abismo profundo
Que vive, como nós, a sofrer sôbre o mundo

Ninguem deixará de relacionar com Ferreira Itajubá, pelos tempos dos tempos, enquanto houver no coração memória de amor, essa viagem ansiosa de qual se voltaria sempre para o cumprimento supremo da fatalidades shakespeareanas dos idílios desvairados, contrafeitos. Debalde o poeta poderá dizer —

Nata, quando eu morrer apaga-me da lembrança,
Mas, guarda-me na cova onde meu pai descansa.
E nem quero um letreiro a compaixão futura
Um sinal, uma cruz no pó da sepultura.
Pois ao triste que morre, ao corpo que apodrece
Que vale uma inscrição, um símbolo, uma prece?

Cético poeta, antes que fizesse êsse pedido que ao meu ver é a sintonia de tua frustração social, já havias traçado com a tua viagem e a tua quimera, o itinerário pelo qual te havemos de perseguir enquanto a vida fôr o eterno debate entre o amor e a tragédia, entre a ilusão e a realidade, entre o sonho e a decepção, entre a estrela e o abismo.

Depois que o poeta volta e colhe o fruto amargo do destino traiçoeiro, pode colocar sôbre o seu exílio voluntário êsse epitafio intenso, que seja na profundeza das águas o fim de sua idade submersa:

As gaivotas voltarão de paragens remotas
As velas do costume e as asas das gaivotas
E rastro encontrarei dos mesmos viajantes
Que te deixaram viva aos ventos reluzentes
E que angústia, meu Deus, junto ao arpreste amigo,
Plantado ao pé da cruz que te ensombra o jazigo!

Nós somos os mesmos viajantes, que encontram no tempo o rastro eterno da aventura em que perdeu o poeta. Não terá Itajubá nem as inscrições, nem os símbolos, nem talvez as preces que não pediu, as deixou sôbre as areias das praias, sôbre as águas, nas velas das jangadas no vento suave das nostalgias, a sua própria permanência emocional.

INTERMEZZO PROUSTIANO

Um menino, certa tarde, sentava-se à b[illegible] marquise antiga à calçada para se miniar em Iraiuba. E [illegible] ou, que, aos 12 anos, no Ceará-Mirim, tinha às mãos, [illegible] nem sei como, o livro do poeta. O cenário era manso, [illegible] opousado de cidade na sua maneira de ser cidade e de [illegible] ser sonho. Hoje, exilado pela aventura do espírito, eu me [illegible] vejo nessa moldura proustiana. E aos meus ouvidos t[illegible]ados pelo condão da magia verbal chegam os ecos dos v[illegible]sos inesquecíveis pelo sentimento do desterro. Nu[illegible]a pensei que houvesse tantos anos decorridos, de [illegible]xar esse sentimento fundamental do poeta neste ei[illegible] acadêmico. Tive o pressentimento ou a ante-visão d[illegible]sa poesia quando me fixei para meu encantamento de m[illegible]mo nos versos que se intitulam "Desterro" e que vou [illegible]produzir não com um gosto literário de descobridor de [illegible]iquezas e sonoridades do estilo mas como quem ouve as vozes distantes, docemente distantes, da infância [illegible]ogada no adulto ainda em êxtase: —

Saio do teu amor. Quantos revezes
No desterro terei! Quantos resgates!
Bendito esse passado de dez meses
Em que vivi cantando nos teus lábios.

Bendito esse passado que não vive
Da terra ao céu jamais hei de esquecê-l[illegible]
Noites nunca hei de ter como já tive
Na escuridão polar do teu cabelo.

Tenho pena de ti que estás solteira,
E quando outra vez voltar a lua nova,
Hás de chorar debaixo da mangueira
Que a primavera quando vem renova.

Quando tom o céu pálido maio
Por noites aromais de lua cheia,
Na mesma terra que me enxuga o pranto
Procurarás meu rastro sobre a areia.

Saio do teu negaço embalsamado
Lacrimoso do mel do teu sorriso,
Como quem sai da noite do pecado,
Como saiu Adão do Paraíso.

Na alma do triste viajor peregrino
Tua alma ficará de tenda em tenda
Como o rosto do pálido Rabino
No linho sacrossanto da legenda.

Tardes de luto aquelas que passarem,
Depois das tardes frescas que tivemos,
Quando os rudes barqueiros modularem
Canções alegres mergulhando os remos.

Quando a colheita começar das rosas,
Roxo o veludo aparecer das uvas,
Quando cair das nuvens invernosas
O neblineiro das primeiras chuvas,

Evocarás o tempo que não vive,
O tempo que jamais hei de esquecê-lo,
Tôdas as noites calmas que já tive
Na escuridão polar do teu cabelo.

Quando eu voltar para estancar as máguas
Antes que cesse o pêso das fadigas,
Correi jangadas que boiais nas águas,
Cantai, marujos, quero ouvir cantigas...

Foi assim que eu senti Itajubá: um poeta do destêrro. Vejo, hoje, que êle não é outra coisa. Por isso, perdoai que eu vos diga, a esta altura: quem vos fala já não é o acadêmico, já não é aquêle que generosamente chamastes para o vosso grêmio ilustre: é o menino que pressentiu o romântico do exílio, o boêmio que confiou ao mar a sua aventura para que êle levasse por outras terras e a fizesse por isso mesmo maior e mais torturada. Ó vozes da infância, como fôstes verdadeiras e puras!

Senhores Acadêmicos: — A aventura de Ferreira Itajubá nos coloca diante de um homem de surpreendente complexidade. Imaginai o que sería acompanhar o poeta através de tôda a sua vida incerta, vária, desajustada. O jornalista caracteriza-o Luís da Câmara Cascudo, na sua excelente HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, como daqueles a quem a "Oficina Literária" amparou nas suas colunas. "Dessa OFICINA, escreve mestre Cascudo, saíram escrevendo, discursando, ensinando, Francisco Ivo Cavalcanti, Angione Costa, o divulgador da arqueologia brasileira, Ponciano Barbosa, um poeta inconfundível, o

grande poeta Jorge Fernandes, o professor Clementino Câmara, Ferreira Itajubá, Josué Silva, José Gobat, José Rodrigues Filho, João Estevão Gomes da Silva, Deolindo Lima, vinte outros".

Clementino Câmara assinala outra face da atividade jornalística de Itajubá: sua combatividade tendendo sempre para a ironia, no jornal "O Eco", que fazia aos domingos, informa o saudoso acadêmico, as delícias da pacata cidade dos Albuquerques de há mais de oito lustros. Era jornal cheio de verve, de sátira, no qual, regista ainda Clementino Câmara, "era implacàvelmente jungido e açoitado de preferência o êmulo de Itajubá, Chico de Araújo, êsse pacato cidadão tão conhecido funcionário do Departamento da Fazenda do Estado".

E veio a resposta no estilo do tempo. "Chico, diz-nos ainda Clementino Câmara, no perfil quase impressionista que traçou do poeta de Branca, estudante aplicado, rapaz que luxava e também tinha talento, editou outro jornalzinho, não menos valente, O FANTOCHE, que respondia ao fogo de barragem do "O ECHO".

O debate jornalístico era fácil de conceber em cidade como Natal, onde nunca faltaram jornais, como se vê da quadra citada por Otoniel Menezes:

Rio Grande do Norte
a capital é Natal
em cada esquina um poeta
em cada rua um jornal

O jornalismo de Itajubá merece um capítulo à parte, que mais lamento não poder fazer à falta de pesquisa na imprensa do seu tempo, que não me foi possível sequer empreender; mas, da qual não me dispenso.

A fisionomia humana e não apenas urbana de Natal está impregnada do que chamo a aventura de Ferreira Itajubá. Tudo êle foi: jornalista, poeta, fundador e animador de circo, orador de praça pública possívelmente ao gôsto de um socialista ainda utópico, mas já messiânico, organizador de patuscadas carnavalescas com um requinte de pioneiro das alegorias pagãs, seresteiro impenitente, professor, mestre "sui generis", aliás, como informa, com a sua autoridade de pedagogo, Clementino

Câmara, pois a sua metodologia "não diferia dos processos pedagógicos em voga", cantador de Taboada nas aulas, animador de papagaios de papel nas Rocas ainda não socializadas por Café Filho ou urbanizadas, no melhor sentido do progresso social, por Silvio Pedroza, soltador de busca-pés e "craveiros" em noites de São João, organizador da Divisão Branca, alegoria de Momo quebrando a pacatez da cidade bem-pensante, funcionário do Ateneu, pregador protestante com tendências interpretativas.

A respeito da Divisão Branca não sería possível calar o episódio memorável: o então menino Luís da Câmara Cascudo, numa visualização pagã de Apolo coroado na praça pública, numa espécie de antecipação da glória literária, como se começasse Apolo e teminasse, à boa maneira renascentista, coroado de lauréis, como Petrarca.

Quem fixa a glorificação é o próprio Cascudo, em carta que me dirigiu, datada de 11 do corrente, nestes têrmos deliciosos de humor e de lembrança eufórica: — "Recordo-me muito bem de Itajubá porque era em nossa casa, onde está o Grande Hotel, que êle ía ajudar a construir uns carros alegóricos da Divisão Branca, para o carnaval de 1908, onde saí trepado nas alturas de um deles vestido de Apolo, cabeleira loura, quente e cheirando a baratas, e uma corôa de louros de papelão pintado enfiada na cabeça irresponsável". Cascudo acrescenta um pormenor ao conhecimento do poeta: Itajubá, por horas inteiras, contava um certo dramalhão, chamamado "João Corta-Mar", no qual tôda a gente morria no segundo ato e por isso não havia o terceiro...

Devemos ao mestre Cascudo, bem é que se diga, o serviço inestimável de haver fixado e distinguido o valor do poeta. Quem o reconhece e proclama é o grande crítico brasileiro João Ribeiro, quando escreve — e êle foi dos primeiros a escrever sôbre Itajubá — em crônica publicada no "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro, de 13 de março de 1926, e "A República", de Natal, de 6 de abril do mesmo ano, o seguinte: "Luís Cascudo, crítico nortista, chamou a atenção para êsse poeta"...

Do assunto também se ocupou o crítico na HISTÓRIA DA LITERATURA NORTE RIOGRANDENSE, inédita, que

pelo timbre gráfico excelente quanto pela excelente con-

caiu às mãos do poeta Antônio Pinto de Medeiros, cuja sensibilidade de diretor do Departamento de Imprensa, decerto, converterá os originais em livro com o bom gôsto que tem sabido dar às suas edições, que tanto honram pelo timbre gráfico excelente quanto pela excelente contribuição que representam.

Lamento, srs. Acadêmicos, não haver traçado um perfil completo, acabado, do poeta que é patrono da cadeira que me destinastes por vossa generosidade tão docemente potiguar. Podeis crêr que nestas palavras há um esfôrço de compreensão, a que falta, por circunstâncias óbvias, o aspecto documental, que resultaria do que muito estimaria ter feito: demorada pesquisa nos jornais do tempo, nos quais Ferreira Itajubá derramou o seu talento incorrigível de boêmio, a sua musa provinciana, o seu estro magnifico de Mistral caboclo, como o chama em carta que me dirigiu o poeta Otoniel Meneses, cujo último livro, A CANÇÃO DA MONTANHA, me pôs, deslumbrado, diante de um vidente do mundo moderno, nas suas especulações mais ansiosas.

Aquí fica menos um retrato do que um esbôço, que não é outra coisa senão o recobrir de cópias com que artistas de pureza clássica esculpiram, para exaltação da posteridade, a imagem romântica ou barrôca do poeta, cujas vozes solitárias e torturadas acordam nesta cidade de tanto sortilégio provinciano o lirismo dos homens, numa época menos aflita e menos assustada. Eu vos louvo, poeta do sonho, nesta hora do pesadelo universal!

A CIDADE ADORMECIDA

Sr. Acadêmico Edgar Barbosa:

A imortalidade acadêmica nos põe, hoje, à sombra da cidade adormecida, de onde nos chegam as sugestões da infância, as lembranças de um claustro perdido na imaginação entre toques religiosos e místicos de um sino renaniano, que, por sinal, afundou na lagôa de Extremoz para que o poeta Antônio Soares o celebrasse e para que vós podesseis encontrar naquele mundo abismal as sonòridades lúcidas da lenda. Desde quando vos conheci, nos dias já um tanto remotos de nossa meninice no Ceará-Mirim, admirei o vosso talento exuberante, que confismástes como escritor e como jornalista, como ensaista e crítico, como

professor e humanista, e quase estou a dizer — como poeta porque realizais na vossa prosa o mistério da Poesia. Lembro os vossos passos iniciais no jornalismo e na tribuna: o articulista poderoso d' A REPÚBLICA, naquela fase tão brilhantemente assinalada pela direção e pela presença de Cristóvão Dantas, Adauto da Câmara, Aderbal de França, delicioso cronista a quem devemos a Temporada Literária de 1930, série de palestras em que se sente a inquietação do espírito provinciano diante do mundo, Luís Torres, Otacílio Alecrim, Damasceno Bezerra, Edgar Bezerra Dantas, tombado como um Ícaro privado de asas. Vosso estilo é dos melhores que conheço; vossa capacidade de análise dos fatos das mais penetrantes; vossa inteligência um dêsses espetáculos goetheanos de evidência luminosa e até profética. Ninguem vos conhece melhor do que eu, que vos acompanhei de perto, ofuscado pela intensidade do vosso brilho. Saímos quase juntos do velho Ceará-Mirim, que trouxemos na mesma retina sentimental para algumas páginas em que vós, sr. Acadêmico Edgar Barbosa, escritor consagrado, pusestes a emoção de um Volney; e em que eu, simples amoroso da paisagem, gostei sempre de pôr as côres de uma recordação lírica com que avistamos a cidade adormecida no seu sonho desfeito. Ou simplesmente encantada por algum feiticeiro que, fazendo-a parar no tempo, não quisesse que a fisionomia senhorial ou claustral se perdesse nas variações efêmeras. Essa cidade, posta em sossêgo para a doce imobilização da legenda, imortalizou-se nos vossos poemas em prosa: já hoje, sua ascética devoção não tem nada a dever ao amor com que os artistas, quaisquer que sejam no seu gênero, imprimem ao passado a grandeza marmórea de uma vida.

Deixai-a no seu sonho imersa, embalada pelos vossos cantos, enquanto eu, homem feito restituido ao menino, no milagre extraordinário da reversão sentimental, deixo-me quedar, do alto das tôrres da matriz, numa contemplação proustiana do vale, onde o engenho do Guaporé, como o verde convento do poema de Antônio Nobre, imerge numa solidão sagrada

> Cuja Abadessa secular é a Lua
> E cujo Padre-capelão é o Vento...

E de onde vêm as vozes antigas, essas vozes que

estão agora dentro de mim, num côro místico, lembrando o comêço da jornada pelos caminhos do ideal e do sonho. "Esta é a ditosa pátria minha amada" — eis o que digo quando, o Ceará-Mirim à vista, todos os sentimentos se enfeixam no mesmo complexo emocional de quem volta para o banho lustral da restituição criadora.

Fostes generoso, sr. Acadêmico Edgar Barbosa, ao aceitardes o convite que vos fiz no sentido de, com a vossa mão de amigo e de companheiro, abrir as portas da Academia Norte-Riograndense de Letras a quem, como eu, tão desvalido sou de engenho e arte. Mas, fostes sobretudo fiel ao Ceará-Mirim quando, nesse reencontro, não recusastes do alto da vossa glória de escritor estender o manto das vossas riquezas espirituais para que o iniciante soubesse por onde chegar à ilustre Casa de Henque Castriciano, sem o risco de se perder nos deslumbramentos do itinerário. E porque sois, sem favor, um dos mais altos e nobres espíritos de que tanto se orgulha o Ceará-Mirim, não desdenhastes dar a mão ao pobre catecumeno, que hoje como ôntem, tem vivido dessa fascinação da vossa inteligência e também da vossa bondade.

Tivestes a felicidade de vincular a vossa emoção ceará-mirinense ao exercício de vossa missão judicante, que tendes enobrecido por uma dignidade que se constituiu num padrão de honradez da magistratura do nosso Estado. Eu segui por outras estradas, mas sem perder de vista a paisagem irresistível, que é a nossa, que é a de hoje, porque nessa volta de nós ambos à cidade amada se mostra que o coração é que governa a vida e disciplina o espírito. É pelo coração, que se sobrepõe à razão, como pela magia, que se sobrepõe à lógica, que vós me recebeis nesta noite acadêmica, na qual dois homens da mesma geração e das mesmas raízes se dão as mãos, sob a imortalidade das letras, para o culto da Literatura e da Arte nas suas implicações provincianas mais diretas e mais sugestivas. Eu vos agradeço, sr. Acadêmico Edgar Barbosa, o gesto generoso e claro com que vos revelais ainda uma vez o homem do Ceará-Mirim, onde a inspiração humana é a da doçura dos canaviais ou da suavidade das tardes místicas, ao som do velho sino da nossa infância que, muitas vezes, num tom funéreo, ou apenas melancólico, tem soado sôbre grandezas mortas.

CLEMENTINO CÂMARA E A ACADEMIA

Srs. Acadêmicos: — Grande foi a honraria que me dispensastes, essa de me assentar ao vosso lado, no Grêmio ilustre. Aquí venho suceder a Clementino Câmara, filólogo, educador, polemista, escritor, cujo elogio de Ferreira Itajubá é, sem favor, das páginas mais lúcidas sôbre o poeta. Clementino Câmara deixou um traço vivaz de inteligência na sua maneira sempre incisiva de escrever, ou, como acontece nas suas DÉCADAS, de ser sempre auto-biográfico ainda que se trate, não raro, de ensaios literários em que reponta, a cada passo, o mestre da Língua, sem os excessos do falso classicismo, que é caturrice de saudosistas apegados à táboa de salvação da Semântica em pleno domínio da lei retroativa. Clementino é claro, sonoro, direto. Também há nele um jornalista político em que mal se esconde o crítico dos homens e dos governos: um crítico bravo e sem piedade, como sabem ser, de resto, os que apenas enxergam na missão do escritor, ou do homem da pena, o mérito de isolar á verdade das aparências do êrro: ou, o que é pior, do êrro das aparências. Êrro que, ao meu vêr, e do ponto de vista em que me sitúo, foi também o seu no terreno das convicções religiosas, às quais, todavia, deu um patrimônio inteiro de pugnacidade, de luta, de entusiasmo, que eu quero ser o primeiro a respeitar. A história da Educação no Rio Grande do Norte não se escreverá sem êle: sem a sua pertinácia, a sua dedicação, a participação intensa e brilhante do seu espírito em tantas campanhas de elucidação da inteligência e de formação da cultura: campanhas, ou simplesmente iniciativas, que o levaram ao Ceará-Mirim ou a Palmares, como o fixaram em Natal, num apostolado de professor autêntico, que era.

O que mais se distingue no seu perfil literário, será creio eu, o esfôrço meritório e porfiado com que pugnou pela pureza do idioma contra o descaso criminoso da forma, em que vamos resvalando, como indiferentes à sobrevivência mesma da nossa personalidade histórica. E interessante será que, êle próprio um clássico, um ourives do estílo, nem por isso tenha dado de ombros, num desdém de crítico em que predominasse o narcisismo da frase, a um poeta do povo, incorreto e quase bárbaro, como êsse delicioso Itajubá, de quem escreve Luís da Câmara Cascudo, no seu livro inédito HISTÓRIA DA

LITERATURA NORTE-RIOGRANDENSE, retirado por anestesia literária das mãos do nosso José Olímpio local, que é Antonio Pinto de Medeiros, o seguinte: — "Morreu sem suspeitar a existência da gramática". Pois êsse poeta anti-gramático pelo desconhecimento dessa senhora tão dogmática e tão contemplativa, que nunca se enfeitiçou pelo "café-society" das letras, ou pelos ouropéis sociais, soube compreender a obra de um trovador incauto, que escrevia como falava e falava como entendia, usando a seu modo a língua que ouvia do povo e o próprio povo no seu lirismo inconsciente e lindo.

Nunca, srs. Acadêmicos, desdenhei da missão das Academias, que considero sentinelas de uma vigília e de uma oração responsáveis pela continuidade da Literatura no Monte das Oliveiras das provações da Arte e do Pensamento. Por isso, honrado é que me senti quando ingressei na Academia Pernambucana de Letras, aqui presente pelas figuras marcantes da cultura e da sensibilidade regionais: Waldemar de Oliveira, presidente, professor eminente, teatrólogo, conferencista notável, escritor do mais puro feitio, crítico de arte, cronista vivo e brilhante, fundador e diretor do Teatro de Amadores, que tanto tem elevado a cultura brasileira; Araújo Filho, nosso conterrâneo, que hoje vem a Natal como um filho quase pródigo, poeta admirável em que o orientalismo da forma se mistura com uma estética cristã da vida; Mário Melo, historiador, espécie de monge beneditino da Abadia das tradições, com a sua lâmpada votiva acêsa no culto ascéticamente silencioso da História; Jordão Emerenciano, orador de raça, professor universitário, diretor do Arquivo Público do Estado de Pernambuco, tornado vivo pela humanidade tangível dos documentos, vigilante pelo combate às traças e inestimável pelas publicações com que tanto tem ilustrado a cultura nordestina; Gilberto Osório de Andrade, tribuno, professor universitário e jornalista dos que honram a inteligência brasileira, cujas conferências, em Natal, cidade terna, como chamou, deixaram na memória da nossa terra o seu nome de geógrafo e de humanista.

Hoje, senhores acadêmicos, vêjo-me na vossa companhia ilustre, também trazido, de maneira quase tocante, pelo meu amigo, jornalista Zilde Maranhão, e por Alfredo de Oliveira, quase a palmilhar estradas longas como no verso de Ponciano Barbosa, para me sentir restituido

às paisagens que me embalam a imaginação e fazem da saudade a única maneira de nunca ter saído. A saudade é uma permanência sentimental. É por ela que saímos sem sair e que, em se deixando, não se deixa, e em se partindo, fica-se. As folhas, deixai-as ir por onde as tanja o vento, a inconstância da vida; mas, as raízes, quem as arrancará ao solo?

Que fiz eu para merecer a vossa honraria? Humildemente aceito a vossa dádiva. E à semelhança do poeta Ferreira Itajubá, de quem retomo o estro, direi à minha terra, nesta noite para mim imortal: —

Inda se mais pudesse
Fazer por ti, faria...

SINFRONIA

(LENDA PRAIANA)

BEZERRA JUNIOR

O Espaço límpido deixa vêr, através de um sol quente e vivificante, a linha, ora sinuosa, ora retilinea das aguas, semelhando a um lago formado pela enseada tendo ao Norte a ponta de Jacumam, que entra pelo oceano; ao Sul, o molhe de rochedos que se distendem, rasgando o seio do mar tumido e revolto, e em frente, a placa esmeraldina do Céu, imitando um resposteiro de sêda constantemente fechado.

No centro dessa pitoresca enseada pompeia "Pitanguí", com o seu aspecto meio triste, amparada, ao fundo, pela cadeia de dunas que se perdem na distância, indo morrer no planalto estéril dos taboleiros daninhos.

Praia de pouca pesca, Pitanguí oferece, ao cair da tarde, o lindo quadro de uma paisagem verdadeiramente encantadora quando, a criatura de pé na lombada alvejante das areias salgadas conta, uma a uma, as poucas jangadas veleiras que se fazem à terra, ansiosa de alcançar o remanso tranquilo, à sombra dos coqueiros da margem.

Egídio, o mais audacioso pescador dalí, tendo aprestado de vesperas a sua jangada, afim de se fazer ao mar no domingo pôs, em ordem a pinambába, costurando a vela que na última viagem fora rompida de cima abaixo pelo sueste traiçoeiro quando buscava alcançar a praia.

Tendo levado toda a semana de felicidade, queria Egídio passar adiante contando, igualmente o dia santificado para fechar, dentro daquela semana, a raia dos seus lucros na vida.

A prosperidade do homem todavia depende da vontade de Deus, e o rapaz ignorava isso.

O pescador noivára ha dois meses, e Sinfrônia — doce e meiga sensitiva semelhante a uma dessas flôres anônimas nascidas no deserto, vendo Egídio em ânsias

de partir para a pésca no dia consagrado à Nossa Senhora dos Navegantes, a princípio temêra enfrentá-lo, como que descobrindo no rapaz qualquer qualidade que desconhecia, mas olhando-o de frente, não tardaram as lágrimas embaciar-lhe os olhos meigos e profundos.

— Que tens, Sinfrônia? — Indagou Egídio secamente — Não te quero assim chorosa! Vamos ter coragem para a vida! Deixa-te destas cousas, que chorando não conseguimos pôr lume à candeia!

Erguendo vagarosamente a cabeça, a moça tornou a fitar Egídio, em cujo semblante lia como num livro aberto.

Pondo a nodosa mão no ombro da noiva, Egídio exclamou:

— Vou à pesca de pargos! Preciso arranjar recursos para construir a nossa casinha, Sinfrônia! O dia está bonito! O mar parece manso. O suéste dorme, e creio que tão cêdo não cairá sôbre as águas! Tenho andado de sorte nestes últimos dias, e Deus não permite que eu deixe de procurar a vida num dia destinado à pagodeira dos bebados!

— Egídio!... Vociferou Sinfrônia assombrada.

— Que?! — Replicou o rapaz na sua costumeira naturalidade — Não creio em santos, sabe?! Os santos somos nós mesmos!

— Não crês nos santos, nem eu creio na felicidade dessa pescaria no dia de hoje, Egídio... Nossa Senhora dos Navegantes, tua protetora, estando preocupada com os seus festejos na praia, não cuidará de proteger-te no mar...

— Que importa isso?! Não creio em santos, e mesmo, se acreditasse, que mal faria o meu esforço pela vida no dia de hoje, Sinfrônia?! Proteção!... Falas nisso de tal maneira convicta que já pareces uma santa!... Não fossem o meu azôl e a minha diligência, que o mais seria pêtas!

— Pois eu acredito, Egídio — Disse Sinfrônia sinceramente — e vejo que o mar não te receberá bem assim.

— O mar? — Exclamou o rapaz incrédulo — O mar é meu escravo! Faz aquilo que eu queizer, ora bolas, que já me falta a paciencia!

Lançando o olhar à vastidão das aguas, concluiu o pescador assim:

— Quero que Deus me... E uma horrvvel blasfêmia foi arremessada ao oceano que parecia dormir, tão sereno estava naquele momento.

Levando a mão à fronte, a moça gritou do fundo do coração: — Misericordia, meu Deus! Que mostruosidade de Egídio!

O pescador incrédulo riu, encaminhando-se lentamente para o combro da praia. Sinfronia acompanhou-o, vendo a sua perda fatal. Caindo de joelhos, a jovem, em pranto, fez longa petição à Santa querida, para vêr se Deus fazia com que Egídio sentisse remorso pela blesfemia que acabava de proferir, zombando daquela maneira do mar, de onde retirava diàriamente, o sustento para os seus. Erguendo-se a moça tornou a olhá-lo, suplicando ainda. Afastando-a de junto de si, o rapaz, num movimento brusco, de um salto alcançou a jangada que esperava, tripulando lésta sôbre as ondas empoadas que se esfacelavam sôbre a praia.

Lá se foi Egídio veloz como uma flexa, e dentro em pouco confundiu-se na poeira tempestuosa das aguas absorventes.

Olhos presos naquele minusculo e pardo triangulo, Sinfrônia sonhava amarguradamente.

O rapaz não voltaria. Aquela blasfemia tisnára-lhe a alma... E caso voltasse jamais poderia olhá-lo de frente. Não seria mais amor de noiva que alimentava no coração. Egídio tornára-se um réprobo! Nunca mais ligaria sua alma a de Egídio tão mau! Tão cruel. Não seria mais amor, e sim piedade por Egídio! Não casaria jamais sôbre a Terra! O primeiro que lhe batera às portas do coração, não pertencia às ovelhas do imenso rebanho de Nosso Senhor Jesus Christo!...

Mesmo assim, Sinfrônia esperou. Esperou muito e sempre. Egídio ficára morto na ignota solidão das águas verdes do oceano!...

* * *

Na noite do dia da partida do pescador, Sinfronia levára de vigília todo o tempo, sonhando acordada. Largando o pensamento a indagar das ondas do mar o destino que tivéra o noivo perdido, ouviu uma voz, como vinda do seio da imensidão, que ciciou aos seus ovidos como um sopro: — Morreu...

Logo depois, como uma visão, surgiu-lhe, nitidamente, diante dos olhos queimados pelas lágrimas, a figura de uma mulher loura, divinamente loura trajando

azul que, fintando-a a sorrir, abençoou-lhe o sofrimento, dizendo meigamente:

— Filha, eu sou a santa da tua devoção. Assisti toda a tua angustia quando procuravas convencer Egídio. Mas essa alma, abandonando os conselhos de um anjo, perdeu-se... — Egídio morreu? Perguntou Sinfrônia num grito do coração.

— Morreu, querida — Respondeu a visão — Antes mesmo de lançar o tauassú no ancoradouro da pésca foi tragado pelo polvo das correntes oceânicas...

— Meu Deus!... — Balbuciou a moça num gemido.

— Não sofras mais, minha filha — Volveu a santa procurando consolá-la — Deus assim o permitiu. Teu destino não era unir-te a Egídio neste mundo, e sim salvá-lo no último momento da partida. Sua alma ouviu bem os teus conselhos. Não os quiz aproveitar, mas bem serviram para o seu despertar na eternidade. Não chores mais, porque estas lágrimas ofendem-te os olhos...

Quizera vêr Egídio, meu Deus —Murmurou Sinfrônia no íntimo.

— Olha — Volveu a Santa com um sorriso nos lábios — Olha com atenção. Deus satisfez este teu pedido.

Em dado momento, a moça descobriu logo, diante de si o mar rôxo e traiçoeiro, que rugia sinistramente cujos vagalhões pareciam querer atingir o seio das nuvens carregadas de tormento que cobriam a imensidade. Nisto um grito de angustia veiu arrancar Sinfrônia da posição, em que se achava, mas aquela visão com palavras singelas consolou-a, dizendo:

— Não queiras mais cofrer, criança. O quadro que agora tens diante dos olhos, não é mais do que a reprodução daquilo que se passou com Egídio.

Sinfrônia recostou outra vez a cabeça entontecida no travesseiro mas não tardou a despertar quando um gemido sufocado partiu do seio das ondas revoltas para Deus suplicando misericordia no momento extremo. Entornando o corpo, a moça soluçou profundamente.

Era de fato Egídio que morria nas estórtegas tremendas das aguas inclementes.

Quando a jovem saiu desse estado de vida, a luz clara do sol fê-la erguer a cabeça, convindando-a à prece. E Sinfrônia orou de verdade pela alma atribulada de Egídio, que àquelas horas se achava arrependida e doente, ante o tribunal divino a suplicar perdão para as culpas.

No terceiro dia a tristeza caiu lenta e pesada sôbre

a praia inteira. As crianças em grupo à sombra dos coqueiros, distendiam, impacientes, o olhar à vastidão intérmina do mar. Uma chorando, outras, — as mais crescidas, fazendo promessas a Deus e à Nossa Senhora dos Navegantes pela volta de Egídio. Sinfrônia, entretanto, permanecia muda, sem mais uma lágrima que chorasse.

Uma das crianças acercou-se da moça e perguntou inocentemente:

— Sinfrônia, para onde foi titio que tem demorado tanto?...

Cravando o olhar no semblante indagador da criança, Sinfronia quiz dizer a verdade terrível, mas resolveu formular esta divina mentira:

— Egídio atravessou o mar e entrou no Céu, Rititinha... E apontando a linha divisória do oceano continuou amarguradamente:

— Não vês o Ceu emendado com o mar?...

A inocente menina, amparando os olhas com a mão, sondou com a vista de um só golpe toda aquela imensurável distância. Dirigindo-se, em seguida a Sinfrônia perguntou ainda:

— A jangadinha de titio furou o Ceu?...

— Sim, Ritinha — Respondeu a moça num esforço — E Egídio ficou do outro lado morando para sempre...

A criança esmagando com o dorso da mão uma lágrima que lhe descia dos olhos, concluiu, num transporte divino:

— Tenho vontade de ir para onde está titio, Sinfronia...

— Não! Não queiras ir agora, Ritinha... Não queiras me deixar sòsinha aquí...

Sinfrônia não se podendo mais conter, tomou a menina nos braços cobrindo-a de beijos, e que beijos!... Regados de ardentes lágrimas que por um mistério, foram arrancadas dos refolhos do coração que sangrava, anunciando-lhe uma próxima arrancada deste mundo.

* * *

Sinfronia passou pela terra como uma sombra, mas eternisou-se no coração de uma gente simples e bôa. É tanto que quando Dezembro, com o seu luar frio e dormente, banha a faixa estreita da praia solitária, um vulto de mulher aparece olhando o mar, como que esperando alguem que partiu para voltar. Afirmam ser Sinfronia que ainda espera Egídio para o arrependimento,

PEDRO VELHO

(ELOGIO)

SEBASTIÃO FERNANDES

Éra o ocaso de 1881. PEDRO VELHO saía laureado da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tinha 24 anos. Tería concluído o curso aos 23, mas, o ano anterior êle passára na Europa, em busca de melhoras para a saúde sèriamente comprometida.

Naquela época, a Academia de Medicina da Capital Federal éra, como todas as outras no Brasil, o centro onde se escaldavam as idéias novas, os movimentos renovadores, quer políticos, quer intelectuais, do país. Já nos últimos lances heróicos da Campanha do Paraguai, as expansões do triunfo, a oratória condoreira do tempo, tinham lampejos de definidas aspirações democráticas, que estavam, aquí e alí, nas perorações dos discursos inflamados ou nos féches dos artigos candentes dos jornais acadêmicos.

Os velhos ideais republicanos, já integrados no subconsciente das gerações novas pelo martírio de alguns dos mais fervorosos dos seus adéptos, reacendiam-se ao calôr das vitórias sucessivas e constantes.

O famoso manifesto de 1870, que produzíra nos centros universitários uma vibração intensíssima, e a lei de 28 de Setembro de 1871, que teria um novo surto em 1884, para se completar em 13 de Maio de 1888, justificavam a convicção na próxima realização de sonhos tão caros.

Agora já não havia motivos para reservas, pois alí estavam nomes de muita responsabilidade e vultos nacionalmente acatados. E as idéias expostas e as esperanças flamejantes no grande documento histórico achavam, como tudo que é bélo, acolhida fácil e entusiasta na alma encantadôra e ardente da juventude acadêmica. As aspirações libertadoras, há tempos jogadas dentro dos cursos superiores, se não em todas as camadas sociais do país, por um jovem pálido e formoso, estudante de direito da

velha e gloriosa Academia do Recife, em poemas cuja eloquência e sensibilidade o gênio pusera nótas profundas de uma alta emoção humana e ao fim de cada estrofe uma lágrima de piedade e de revolta impetuosa, tomavam um impulso magnífico e fecundo, no fertilíssimo terreno. Castro Alves andava nos lábios e no coração de todos os brasileiros. Os que não sabiam lêr aprendiam-lhe os poêmas, pela repetição dos que os declamavam.

A Abolição e a República eram, então, as únicas e veementes aspirações nacionais.

Nabuco de Araújo e José do Patrocínio, por um lado, Lopes Trovão e Silva Jardim, por outro, eletrizavam o ambiente nacional. Da Europa chegavam os écos da revolução científica que Darwin, Spencer, Marx e Morel audaciosamente lançavam ao mundo com "A Orígem das Espécies", "A Lei da Evolução Universal", o "Capital" e "Degenerescência Humana". Em Recife, Tobias Barreto revelava ao Brasil a vasta cultura germânica. Os versos de Hugo e os de Musset empolgavam a mocidade do também jóvem continente americano.

Em legislação política, a Inglaterra e a França cediam lugar à grande República Norte-Amerciana. Agora, a Montesquieu, Constant e Torqueville, substituíam Store, Cauley e Marshall. E uma atmosfera de intensa e profunda reconstrução na extrutura orgânica do país se firmára e estabelecera, definitivamente.

Emergindo dêsse ambiente ionisado de tantas inovações, dêsse oceâno revolto, dessa caldeira em ebulição, PEDRO VELHO regressára à Província. Enamorado, até os seus últimos dias, da amavel natureza que nos cerca e nos prodigalisa aspéctos de uma delícia e encanto sempre novos, dando a Natal esta prodigiosa moldura que a faz admirada e querida de quantos a contemplam das suas pitorescas elevações, amando-a com a paixão e o carinho tantas vêzes comprovados de modo objetivo, PEDRO VELHO encontrára a Capital e toda a Provincia numa pobreza e atrazo lastimáveis. Politicamente, éra, apenas, o primeiro e o mais humilde dos degráus por onde os jovens bachareis sulistas, prometedores ou simplesmente bafejados da proteção dos ministérios, galgavam a almejada posição na política nacional.

O "resto", as intrigas, os mexericos, as derrubadas em massa, a proteção ou a perseguição escandalosa, todos os nefastos expedientes de politicagem de aldêia, pululavam em ambiente propício. Mais do que em qualquer outra

parte, os métodos adotados pela estéril política imperial tinham aquí a sua acolhida e aplicação exemplar.

O horror dos senhores das posições conquistadas caía sôbre moços de talento e de visão, sôbre os "águias", como diziam êles, negando aos jovens patricios o "prestigioso acesso à roda", à intimidade e confiança dos políticos. Quanto a PEDRO VELHO, as suas idéias reveladas nas palestras não o recomendavam no conceito conselheiral e conservador dos chefes dos partidos.

Éra um revolucionário perigoso, um abolicionista e, o que é pior ainda, um republicano... "Pobre moço!", exclamavam-lhe pelas costas, ao sair da "Botica", centro habitual dos palradores da época.

Sentindo que nenhum serviço mais valioso podería prestar à sua terra, enquanto o destino não lhe désse ensejo mais amplo, que o dedicar-se à educação e à formação mental dos seus jovens patricios, dando-lhes uma nova orientação para o futuro, fundava, nesta Capital, em 1882, "O Ginásio Riograndense", estabelecimento de instrução primária e secundária, que, obedecendo a uma orientação nova e elevada, éra a primeira tentativa que se fazia na Provincia contra o despotismo da férula e as lições cantadas dos métodos antigos", como dizia o saudoso Luiz Fernandes. E, ainda, dentro do que escreveu o grande historiógrafo Luiz Fernandes, "chegou o Ginásio a contar com um número considerável de alunos, e muitos dos patrícios que figuram hoje (1910), com distinção na vida pública, a par de sólidos conhecimentos das ciências, alí receberam os primeiros ensinamentos de moral, de civismo e de amor à Pátria, ministrados diàriamente pelo sábio Diretor e, às vezes, em conferências feitas, a seu convite, por contemporâneos distintos e de reconhecida competência, como Henrique Câmara e Calistrato Carrilho. Infelizmente, como acontecia a emprêsas dêsse gênero em nosso meio, o Ginásio pouco tempo durou, e o dr. PEDRO VELHO, sempre com a preocupação de ser útil à mocidade e, portanto, ao futuro de sua Pátria, procurou no Ateneu Riograndense emprêgo adequado às suas habilitações pedagógicas, conquistando, a 15 de Abril de 1885, mediante brilhante concurso, em que foi aprovado com distinção, a cadeira de História Universal dêsse estabelecimento de ensino público" (1).

O movimento abolicionista avolumava-se agora, e, rompendo todos os diques, espraiava-se por todas as Provincias. Entre nós, o movimento se fazia desordenada-

mente, sem chefe e sem um centro estratégico donde, combinados os planos de ataque, partissem, com probalidades de bom êxito, as vozes do comando (1)".

PEDRO VELHO compreendeu que éra chegado o instante em que devia tomar o lugar que o destino lhe reservára no cenário nacional. E, ao lado de Zacarias Monteiro, João Lindolfo e outros adéptos da campanha redentôra, fundava, a 1.º de Janeiro de 1888, nesta Capital, a "Libertadôra Norte-Riograndense", que assumíra o compromisso solene de remir do cativeiro toda a Provincia, até 31 de Dezembro do mesmo ano. Já em 30 de Setembro de 1883, Mossoró libertára todos os seus escravos.

Punha em ação a palavra eloquente e a pena de jornalista brilhante. Sentia-se no seu elemento, encontrára a sua função no meio que lhe éra favorável e que dêle tanto esperava.

A Libertadora cumpríra a risca o seu programa, e, a 30 de Maio daquele ano memorável, a Provincia quasi já não tinha escravos a libertar.

PEDRO VELHO, que parecia uma organização físicamente forte, éra, entretanto, um orgânicamente delicado, ferido, desde cêdo, nas fontes essenciais à vida. É assim que a excessiva atividade a que se entregára na campanha abolicionista, escrevendo, falando, organizando e ordenando, comprometera sèriamente sua saúde, vindo a vitória, gloriosamente pelejada, encontrá-lo em longínquo município do interior, em estação de repouso e cura.

Nêle, porém, se fazia sentir, fortemente, a verdade proclamada por Pascal: "le but de l'homme nes pas de vaincre, mais, de combattre". E, assim, retomando as armas, mal se sentira restabelecido, empenhava-se ardentemente na propaganda republicana. Agora, entregava-se à missão histórica que lhe cabia realizar, na sua desolada Provincia. Abria-se-lhe o grande cenário donde a sua palavra de orador elegante e primoroso teria, cheia de ardor e de fé inabalável, de levar a idéia nova a todos os recantos da terra de Miguelinho.

PEDRO VELHO foi, com efeito, um orador completo. Béla e expressiva figura de homem: estatura elevada, bus-

to largo e correto, fronte espaçosa, olhos aveludados e brilhantes, cabeleira basta, ondulada e revôlta, agitando-se por natural e harmônico movimento da cabeça bem feita, éra o orador que finalizava sempre cheio de períodos plenos de eloquência e claridade. A maneira distinta, o gesto largo e medido, a suavidade da voz levemente modulada, a atração que todo êle despendia na tribuna, davam-lhe êsse mágico poder dos grandes fascinadores de multidões. Como Enrico Ferri, tinha êsse misterioso encanto da voz e do olhar. Admirável no discurso meditado, éra ainda mais brilhante no improviso, soltas a imaginação e a sensibilidade à emoção do momento.

Nos dias das grandes manifestações do partido, como habitualmente se fazia a 27 de Novembro, data do seu natalício, ouví-lo éra um encanto. Ao fundo do vasto e nobre salão de sua residência, transbordante da multidão de amigos e correligionários que espraiavam-se até a avenida, imponente na sua compleição de aparência rija como a de Maupassant, os olhos sob os cristais brilhantes, o lenço de sêda-crême nas mãos esguías, tomava, o mestre, a posição natural e própria a ser visto e ouvido pela sala, ansiosa da palavra de ordem. E ela daí fluía quasi imperceptível a princípio, numa evocação ou num agradecimento e, subindo ao calôr emocional do ambiente, aos aplausos que explodiam, jorrava em catadupa, em cintilações magníficas, em fortes e comedidas objurgatórias, por vêzes, ao adversário incauto, para terminar em exaltação à terra querida, ao partido responsável pelo seu destino, ao Brasil e à República. Foi essa palavra que PEDRO VELHO, no ardor dos seus 32 anos, pôs a serviço da propaganda republicana, clava com que havia de ajudar a demolir a monarquia reinante.

Desde os bancos acadêmicos que se revelára partidário das idéias democráticas no Brasil. A isto o teria de de arrastar, inevitavelmente, o seu temperamento infenso a todo privilégio ou opressão, a sua larga visão patriótica, a sua paixão pelos martíres da nossa independência, o seu grande amor a esta grande Pátria.

Por mais que a política da aldêia procurasse isolar o "revolucionário" do meio em que vivia, PEDRO VELHO, em suas palestras com os menos dóceis à disciplina dos partidos dominantes, fazia adeptos dedicados. É assim que a 27 de Janeiro de 1889, realizava na residência de João Avelino Pereira de Vasconcelos, local onde hoje

ergue-se o edifício do "Grande Hotel", a fundação do Partido Republicano da Provincia. Com uma clara intuição de Psicologia Coletiva, êle prevía que "entre as fórmas de sugestão, a mais importante, a que resume e concentra todas as outras é, sem contradita, a imprensa". (S. Sichele, L'opinion Publique).

Pensando dêsse módo, PEDRO VELHO, nessa mesma reunião, depois de expôr as bases do Partido, que fôram aceitas sem discrepâncias, lembrou a criação de um jornal ou revista que désse conta, ao país, das vitórias da entidade política recem-criada. Já no boletim da "Libertadôra" e nos manifestos lançados ao povo, revelára, de modo marcante, a pujança do seu talento jornalístico. O homem de imprensa se iría afirmar no órgão do partido recentemente criado — " A República" —, cujo primeiro número circulára a 1.º de Julho de 1889. Desde o editorial conceituoso e doutrinário, à crônica leve e sutil, o artigo percuciente como farpa atirada em revide ao adversário inabil. A local e o noticiário da cidade, tudo êle fazia, com admirável e encantadora espontaneidade.

A convicção e a fé, a eloquência e a sensibilidade com que PEDRO VELHO traçava os seus artigos frementes de propaganda, atraíam para o partido elementos valiosos.

PEDRO VELHO fez da "A República" o centro intelectual da cidade, o ponto para onde convergíam os moços de inteligência e de aspirações, os que desejavam servir à terra querida, os que votavam ao ideal democrático, então difundido por todo o país, alí, ao seu lado, sob a inspiração generosa do grande mestre, encontravam guarida acolhedôra e amiga. Augusto Sevéro — o sonhador de gênio, Braz de Mélo — o orador impetuoso da República nesta parte do Brasil — Nascimento Castro — o jornalista primoroso — Ferreira Chaves, Antonio de Souza, Alberto Maranhão, Tavares de Líra e Eloy de Souza, que seríam mais tarde os discípulos dilétos e os continuadores de sua vasta obra patriótica. E tão estreita e sólida alí se fizera uma camaradagem tal, dessas que sòmente as simpatias espirituais sabem fazer e cimentar, que o dia 1.º de Julho será sempre para todos aqueles que alí prepararam as suas armas de combate, um dia de intensas e caras recordações. Alegres na evocação de api-

sódios felizes, saudosos na lembrança querida dos que se foram... Foi alí onde PEDRO VELHO primeiro revelou o extraordinário poder de organizador e dirigente. A natureza o dotára de todos os raros predicados para isso: como homem, o fizera à feição de Nabuco — bélo e forte como um Deus do Olimpo — dera-lhe essa estranha faculdade de dominar, irresistivelmente, e uma larga visão sociológica de sua terra e de sua gente.

O gesto fidalgo e cativante, galanteador e sevéro, cheio de promessas e esperanças, animador e risonho. Dêle jamais se aproximára alguem sem que, ao despedir-se, não se sentisse agradecido e feliz, às vezes confuso, por tanta urbanidade espontânea, conquistadôra, avassalante.

A bondade éra a sua arma predileta, a honestidade o escudo invulnerável com que o peito guerreiro oferecia ao adversário insidioso. E êsse escudo de ouro foi o patrimônio inestimável que êle legou aos seus.

Como político, dotado dêsse raro prestígio pessoal, e com êle vencendo fàcilmente todos os obstáculos opostos à sua série de triunfos reais, vivera ordenando e dirigindo, quando a morte o surpreendeu em pleno esplendor.

A política foi para êle um sacerdócio, uma religião, um conjunto de dogmas. Jamais cuidou egoísticamente de si e dos seus; e, nêsse alucinado amor pela República, nunca pensou na pobrêsa em que havia de deixar, inesperadamente, aqueles a quem, depois da Pátria, mais amára na vida. Êsse ideal e êsse grande amor foram todo o segrêdo de sua misteriosa fôrça.

Sem esperança, sem êsse anseio imortal pela feliciadde do seu povo ou da humanidade, jamais homem algum verdadeiramente venceu na vida. Porém, só nas organizações cerebrais privilegiadas, quando os superiores sentimentos humanos atingem à sagrada amplidão das emoções super-altruísticas, dando ao ser a receptividade raramente concedida, para os receber e vibrar, o ideal esponta e floresce, fecunda e frutifica.

É assim o homem de gênio, o político, o "frio", o "indiferente", como o chamavam os saudosos das posições tristemente adquiridas.

PEDRO VELHO transfigurava-se ouvindo as páginas épicas e volumosas dêsse imenso cataclisma universal, que foi a Revolução Francêsa, e os olhos humedeciam ante o humano e trágico final dessa incomparável "Gioconda", de d'Annunzio.

É por isto que tanto mais êle de nós se distancia, nessa imensa jornada para a eternidade, tanto mais o veneramos e sentimos, tanto mais o admiramos e queremos.

NOTA—Nestas páginas Sebastião Fernandes esboçára o discurso que deveria proferir na sessão solene de sua posse, como membro fundador da Académia. Faleceu, antes dessa oportunidade. O esbôço foi lido em plenário pelo seu filho Geraldo Fernandes.

ACTA DIURNA

ELOY DE SOUZA

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Life begins at Forty, ensina o doutor Walter B. Pitkin. Nascido no Recife, a 4 de março de 1873, o sr. Eloy de Souza completa hoje vinte e oito anos. Essa é a idade do seu temperamento, do entusiasmo, do interesse e da alegria de saber confiar, crêr e esparar. Por sôbre sua cabeça o Tempo tatala as asas cinzentas do Tedio, colocando apenas, no turbilhão da vida, a semente de oiro da experiência. Trinta e cinco anos de parlamento não desencantaram a fada mobil do mito democrático. Uma existência intensa e sacudida no palco onde passavam a comédia e o drama da alta administração nacional, manteve-se, intégra e sólida nos fundamentos da fé social, da esperança patriótica e da pureza individual. Quem o conheceu ha trinta anos, identifica-o, igual e vivo, numa continidade de combate, numa sequência de luta, num prolongamento de ação, como se o movimento e o embate fossem os elementos indispensáveis ao seu equilíbrio fisiológico: Inseparável da vida política do Estado, devoto de Pedro Velho, testemunha das crises e das soluções norteadoras do govêrno da Nação, veterano do jornal partidário, não reduziu a característica de sua impulsão mental aos atritos e desgastes duma odisséa de Partido.

Viajando Europa, Asia e Africa, levou para esses ambientes as recordações de sua terra, numa contraprova à própria observação. Curiosamente, nesse idealista político do estofo invulgar dos senadores imperiais, há o sentido prático, imediato e real, o instinto dos problemas da sua região e o imperativo de uma pesquiza solucionadora. Êsse volutuoso da dialética doutrinária, crente num altar sime-vasio, abandonado de liturgias e de assistências, guarda, nas dimensões da profundidade e da elevação, o vigor intelectual para enfrentar, discutir e divulgar as formulas simplificadoras da questão das sêcas, estra-

das, açudes, pecuária, agricultura, finanças, lépido, alerta, atual, desesmpenado, com os perpétuos vinte e oito anos robustos.

Péssimo economista para sua fazenda, filho de casa rica, possue apenas a riqueza dos sonos tranquilos, a superioridade de não vêr surgir, no fulgor do sucesso material, o espectro de todos os Banquos, resurgidos para a acusação e para a vingança. Seus inimigos jamais lhe negam as virtudes do espírito e da honestidade. Pertencem à classe dos adversários cujas emolgaduras nas couraças, recebidas na batalha, afastam do convívio o antagonista implacável.

Ninguem conserva, através de decepções e desajudas, um amor mais amplo e mais completo às constantes etnográficas do nosso Povo. Cronológicamente, é um dos nossos primeiros mestres de Folk Lore. Remoça-o a lembrança de toda natureza que o ambientou, menino. Figuras desaparecidas, lances de bravura e comicidade, episódios mínimos ou supremos, tudo revive, carreado numa reminiscência torrencial e clara, que revolve o fundo da terra, ressuscitando o ouro das vidas passadas e o esquecido diamante dos gestos empolgantes. Deputado e Senador, amigo de nomes ressonantes, olvida as catedrais góticas para avivar os quadros pobres das capelinhas sertanejas, vigiando os pateos melancólicos onde as ruas se alinham.

O sertão vive nas suas veias, com as aventuras maravilhosas de seus vaqueiros, o gemido das boiádas, o rojão das violas, o estouro das roqueiras, o rumor da apartação, a lilá das tardes quentes, quando o sol desce como cedendo à melopéa ondulante do abôio. No velho jornalista que a cidade não anulou, repontam, como flores perenes que rebentam nos troncos anosos, as vozes dispersas dos estradas, das serras, das grótas e dos taboleiros onde passa a sombra das seriemas e vôa, alto e nobre, o vulto fulvo do caracará.

Mantem todas as virtudes seculares da Raça mameluca que constituiu as "bandeiras" e fincou os morrões dos primeiros currais. Nêle, estala, delirantemente, o elogio nos animais aristocrátcios que possibilitaram a fundação de uma sociedade no sertão adusto. É o ensaista que não permite a morte dos cavalos de séla e de fábrica, como os humildes jumentos de carga, transportadores de fardos e em dorso cendrado pousou Nossa Senhora, levando o Salvador dos Homens.

A lei pode traçar o limite jurídico do exercício público e a duração funcional do serventuário. Essa convenção independe da vitalidade espiritual do servidor retirado das tarefas. Pode ele ser dispensado das fileiras em plena força tranquila, na plenitude da produção e da veracidade. Como o principio é não prevêr a exceção, para esta não se fez a lei, e o sr. Eloy de Souza é uma exceção, atinge a idade do descanso com todos os capitais da energia e da vibração.

O seu espírito não tem a idade física do corpo. Eis porque, com setenta e oito anos, o velho carvalho impassível nas tempestades, hospeda no cerne imputrescível a sonora alegria das hamadriadas.

(Da A REPÚBLICA' de 4/IV/1941).

OS IMPENETRÁVEIS

ESMERALDO SIQUEIRA

Qual teria sido o grande poeta,
O verdadeiramente dígno dêste nome,
Que eu tivesse lido sem entender?
Li Valmiki, Vyasa, Rabindranat Tagore,
Firdusi, Hafiz, Omar Khayyam,
E os entendi perfeitamente.
Mas, fui lêr Murilo Mendes
E nada pude decifrar...

— Quem é o burro?

Homero, Hesíodo, Píndaro, Anacreonte,
Quem mais os tem amado,
Pelo fulgor cristalino dos seus versos?
Lí Ésquilo, Sófocles, Eurípides,
Virgílio, Horácio, Ovídio,
E os vi tão claros como o sol.
Mas, fui lêr Carlos Drummond
E nada pude compreender...

— Quem é o burro?

Deslumbrou-me o esplendor de Dante Alighieri,
De Petrarca, de Tasso, de Ariosto,
Senti as dôres todas de Leopardi,
O lirismo ardente de D'Annunzio,
A melancólica ternura de Stechetti.
Pela Espanha voei de sonho em sonho,
Ébrio de amor e liberdade,
Li Quevedo, Mena, José Zorrilla,
Campoamor, Garcia Lorca, Amado Nervo,
Neruda, Rubén Darío, Santos Chocano,
E não pensei na esfinge nenhuma vez.
Mas, fui lêr Jorge de Lima
E nada pude penetrar...

— Quem é o burro?

Li Ruteboeuf, Villon, d'Orléans, Marot,
Ronsard, Du Bellay, Malherbe, André Chénier,
Corneille, Racine, Molière, La Fontaine,
Vigny, Hugo, Musset, Alphonse de Lamartine,
Gautier, Banville, Hérédia, Leconte de Lisle,
Prudhomme, Baudelaire, Rimbaud, Velaine,
Mallarmé, Valery, Péguy, Claudel
E mais duzentos, só na França...
Mas, fui lêr o repolhudo Schmidt
E nada pude destrinçar...

— Quem é o burro?

Li Shakespeare, Shelley, Keats, Byron,
Tennyson, Whitman, Edgar Alan Poe,
Uhland, Schiller, Goethe, Heine,
Eslavos, húngaros, austríacos, escandinavos,
E a luz jorrou-me de cada poema.
Mas, fui lêr Murilo Araújo
E nada pude perceber...

— Quem é o burro?

Andei maravilhado em Portugal,
Lendo Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda,
Bocage, Cesário Vêrde, Antônio Nobre,
Antero de Quental, Guerra Junqueiro.
E tantos nobres vates lusitanos.
Mas, fui lêr Cassiano Ricardo
E nada mais pude enxergar...

— Quem é o burro?

Pelo Brasil, desde Teixeira Pinto,
Já tenho lido mais de mil poetas.
Lí Fagundes Varela, Cassimiro de Abreu,
Manoel Antônio Álvares de Azevedo,
Gonçalves Dias, Castro Alves,
Bilac, Cruz e Souza, Augusto dos Anjos,
Sem me enredar em labirintos.
Mas, fui lêr Manuel Bandeira
E achei, por fim, algumas flôres
Num vasto pântano perdidas...

— Quem são os burros?

SETAS

Há muita gente inocente
No artigo literatura,
Incapaz de, por exemplo,
Saber julgar a poesia.

Quem não é poeta? Êste nome
Se emprega a tôrto e a direito,
Tantos vivem, morrem certos
De o terem bem merecido.

Sei de enormíssimos bôbos,
Delirantes de vaidade,
Que se consideram gênios
Perseguidos pela sorte...

Para êsses pobres narcisos,
Dígnos de misericórdia,
Nosso silêncio é despeito,
Inveja, a nossa piedade.

Nutridos da própria insânia,
Num ridículo imortal,
Lá se vão, ânchos e impantes,
Embriagados de si mesmos.

Que fazer, se em nossa terra,
No passado e no presente,
Já tem domínio firmado
Essa raça renitente?

ESMERALDO SIQUEIRA

SAUDAÇÃO A RÔMULO WANDERLEY

M. RODRIGUES DE MÉLO

(Proferida na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 16 de Dezembro de 1954)

Esta noite, sendo essencialmente, da Academia, poderia, no entanto, ser considerada como A Noite do Açu, tão numerosos são os elementos açuenses que se aglutinam para maior brilho e relêvo desta solenidade.

Do Açu, repito, porque açuense é o escritor que recepcionamos neste momento.

Açuense, por tradição de família, é o patrono da sua cadeira, embora natalense de nascimento.

Açuense é grande parte do auditório que me ouve.

Açuense é o Presidente Perpetuo desta Casa e Secretário Geral desta Academia.

Açuense é o Prefeito do Açu, aquí presente, que ao lado das qualidades de administrador reune os dotes naturais de orador, poeta e jornalista.

Açuense é tôdo o ambiente que respiramos. As flôres desta mesa exalam o perfume e a fragância das flôres. do Açu. Os quadros afixados às parêdes desta sala evocam, muitos deles, figuras representativas da história açuense. E para que nada faltasse a êsse ambiente, até o orador que vos fala é açuense. Açuense pelo espírito, pela sensibilidade, pelo coração que são as formas mais altas e nobres de ser açuense, sem nenhum desprezo pela forma clássica e tradicional do nascimento.

Por tôdos êsses motivos podeis avaliar a minha emoção que não se mede só pelo sentimento de alegria que me domina, mas, também, pela impressão de responsabilidade que me pesa sôbre os ombros.

Agradeço, de ante-mão, a confiança da Academia, atribuindo-me a tarefa de saudar, em seu nome, o nôvo acadêmico, e, a quantos me ouvem, neste instante, peço, imploro e clamo complacência e superioridade em face do sacrifício que vão fazer. Sacrifício de côrpo e de alma,

ouvindo um orador sem atributos e qualidades para o exercício pleno da palavra.

* * *

Muitas são as instituições que acompanham o homem na sua trajetória pelo mundo. Mas, de tôdas, as mais presentes e atuantes, são, sem dúvida, a religião, a família, a escola e a terra.

A primeira, de ordem divino-humana; a segunda, de ordem social e doméstica; a terceira, de feição educativa; e a quarta, de ordem cósmica ou telúrica. Poderia indicar o futeból, o carnaval e a política, mas prefiro deixá-los na sombra.

Deixo de lado as considerações que poderia fazer sôbre as três primeiras para me ocupar sòmente com a quarta instituição.

Não sei se existe razão de naturêza humana ou terrena que apague no coração do homem a terra do seu nascimento.

Creio que não!

Porisso mesmo acho que ninguem melhor do que a terra tem direito a reivindicar, para si, o tributo que lhe devem os filhos ilustres, reconhecidos e generosos.

Êsse tributo é pago não só em vida como depois da própria morte.

Não era sem razão que o poeta Teotônio Freire exclamava:

"Oh! grilheta da terra, a terra ti reclama!"

Literariamente, é fato notório e sabido em tôdas as literaturas: reivindicar o nome ou a glória do filho ilustre para o pedaço de chão que o viu nascer é dever de tôdos os povos.

Paraíba e Pernambuco ainda hoje discutem e reivindicam a naturalidade de Dom Vital.

Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará ainda não chegaram a um acôrdo na disputa do nome glorioso de Dom Antônio Felipe Camarão.

Quem não desejaria ter ao seu lado nomes tão nobres e tão ilustres?

No plano municipal, os dissentimentos se agravam, já pela raridade de valôres autênticos, já pela estreiteza do meio intelectual.

Recordo-me de ter recriminado com fúria quase insolente a atitude de um jornal do Recife quando inscre-

veu Araújo Filho no ról dos intelectuais de Areia Branca, desfalcando assim o patrimônio artístico e literário de Macau.

Sentimento opôsto, de alegria e contentamento, tive-o de outra vêz quando soube que Valdemar de Almeida havia nascido na Salinésia.

Êsses sentimentos não são, como à primeira vista poderão parecer, explosões de bairrismo ôco e sem sentido histórico.

São, pelo contrário, manifestações coletivas, geradas no ambiente psicológico a que pertencem e dele fazendo parte como peça integrante da comunidade social.

O processo psicológico que encarna o "santo" no homem virtuoso é o mesmo que encarna o "heroi" no homem valente.

Muda o meio, muda o ambiente, mudam as condições de tempo e lugar, mas o processo é o mesmo.

As nações, como os estados, e num círculo mais restrito, os municípios, além dos seus "santos" e dos seus "herois" têm, também, outros numes aos quais escolhem para venerar e amar.

Êsses numes são, num plano mais objetivo, os políticos, os administradores, verdadeiros artífices da grandêza material das nações, e num plano mais ideal, subjetivo, os poetas, os oradores, os romancistas, os historiadores, os críticos, os músicos, os pintores, isto é, aqueles que realizam o progresso em sentido vertical, dinamizando os valôres da cultura e da inteligência.

Êsses dons, pelo fato de pertencerem mais ao domínio da inteligência, aos valôres supremos do espírito, são, porisso mesmo, mais duráveis e permanentes, ligando os seus detentores a uma espécie de côrte sobrenatural da inteligência e colocando-os, no plano mais alto da sociedade em que vivem.

Poderão, os numes, sofrer decepções e injustiças; poderão experimentar o travo amargo da inveja e da calunia; poderão, até, ser motivo de irrisão e de escândalo, num século materialista e gozador como é o nosso: poderão ser, até momentaneamente esquecidos, mas, lá um dia, quando ninguém esperar, ei-los que abrolharão para a posteridade com a fôrça e a naturalidade com que o pinto sái do ôvo ou a planta rompe a terra em busca da luz que aquece e do ar que vivifica.

Razão tinha Farias Brito quando afirmava que a mentira poderia, em certos momentos, ofuscar o brilho

da verdade, mas, quando esta rompia o intrincado cipoal da calunia e da inveja era com uma luz tão forte e intensa que cem anos de calunia seríam poucos para empanar o seu brilho.

Assim é o trabalho intelectual, quando realizado com amôr, sinceridade e convicção da sua própria grandeza e significação.

O Senhor Rômulo Chaves Wanderley é um nome que não pode nem deve temer aquilo que D. Pedro de Alcântara chamava em decassílabo famôso:

"A justiça de Deus, na voz da História".

E não deve porque a sua ascenção intelectual se vem fazendo lenta, mas seguramente, com sacrifício, mas com amôr, e sobretudo com honestidade, critério, brilho e independência.

Natural da Cidade do Açu, e descendente de uma família de virtuoses, como são na maioria os Wanderley não há dúvida que só isso daria matéria para um discurso, se não fossem tão numerosos os talentos e as qualidades do escritor que hoje tem a sua posse nesta Academia.

* * *

Falei na Cidade do Açu e não é por méra coincidência, capricho ou bairrismo que saliento aquí o nome da capital das lêtras do sertão.

Quem estuda a história e a geografia do Rio Grande do Norte sabe que a Ribeira do Açu compreendia, nos meiados do século XVIII, uma vasta região do nosso território, com 21 léguas de costa, limitando-se ao norte e a leste com o oceâno atlântico, ao sul com a Paraíba e o Seridó, ao oeste com o Apodí, nas lindes do Ceará, reduzindo-se depois, com a criação de outros municípios, aos limites naturais dos acidentes geográficos de maior relêvo onde se encontra hoje adstrito a quinze léguas de extensão, de sul a norte, e a uma de largura, entre dois taboleiros de arisco, pontilhados de jurema, páu branco, pereiro e mofumbo, de mistura com facheiro, macambira, crôa de frade e palmatória.

À meia distância desses taboleiros ercados de espinhos, corre um rio, a que os índios deram o nome de Guaiahug e os colonizadores batizaram, no seu curso superior, de rio das Piranhas, apropriadamente chamado, mais abaixo, de Açu, em homenagem à terra dos primitivos moradores, os índios janduís.

SETAS

Há muita gente inocente
No artigo literatura,
Incapaz de, por exemplo,
Saber julgar a poesia.

Quem não é poeta? Êste nome
Se emprega a tôrto e a direito,
Tantos vivem, morrem certos
De o terem bem merecido.

Sei de enormíssimos bôbos,
Delirantes de vaidade,
Que se consideram gênios
Perseguidos pela sorte...

Para êsses pobres narcisos,
Dígnos de misericórdia,
Nosso silêncio é despeito,
Inveja, a nossa piedade.

Nutridos da própria insânia,
Num ridículo imortal,
Lá se vão, ânchos e impantes,
Embriagados de si mesmos.

Que fazer, se em nossa terra,
No passado e no presente,
Já tem domínio firmado
Essa raça renitente?

ESMERALDO SIQUEIRA

SAUDAÇÃO A RÔMULO WANDERLEY

M. RODRIGUES DE MÉLO

(Proferida na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 16 de Dezembro de 1954)

Esta noite, sendo essencialmente, da Academia, poderia, no entanto, ser considerada como A Noite do Açu, tão numerosos são os elementos açuenses que se aglutinam para maior brilho e relêvo desta solenidade.

Do Açu, repito, porque açuense é o escritor que recepcionamos neste momento.

Açuense, por tradição de família, é o patrono da sua cadeira, embora natalense de nascimento.

Açuense é grande parte do auditório que me ouve.

Açuense é o Presidente Perpetuo desta Casa e Secretário Geral desta Academia.

Açuense é o Prefeito do Açu, aquí presente, que ao lado das qualidades de administrador reune os dotes naturais de orador, poeta e jornalista.

Açuense é tôdo o ambiente que respiramos. As flôres desta mesa exalam o perfume e a fragância das flôres do Açu. Os quadros afixados às parêdes desta sala evocam, muitos deles, figuras representativas da história açuense. E para que nada faltasse a êsse ambiente, até o orador que vos fala é açuense. Açuense pelo espírito, pela sensibilidade, pelo coração que são as formas mais altas e nobres de ser açuense, sem nenhum desprezo pela forma clássica e tradicional do nascimento.

Por tôdos êsses motivos podeis avaliar a minha emoção que não se mede só pelo sentimento de alegria que me domina, mas, também, pela impressão de responsabilidade que me pesa sôbre os ombros.

Agradeço, de ante-mão, a confiança da Academia, atribuindo-me a tarefa de saudar, em seu nome, o nôvo acadêmico, e, a quantos me ouvem, neste instante, peço, imploro e clamo complacência e superioridade em face do sacrifício que vão fazer. Sacrifício de côrpo e de alma,

ouvindo um orador sem atributos e qualidades para o exercício pleno da palavra.

* * *

Muitas são as instituições que acompanham o homem na sua trajetória pelo mundo. Mas, de tôdas, as mais presentes e atuantes, são, sem dúvida, a religião, a família, a escola e a terra.

A primeira, de ordem divino-humana; a segunda, de ordem social e doméstica; a terceira, de feição educativa; e a quarta, de ordem cósmica ou telúrica. Poderia indicar o futeból, o carnaval e a política, mas prefiro deixá-los na sombra.

Deixo de lado as considerações que poderia fazer sôbre as três primeiras para me ocupar sòmente com a quarta instituição.

Não sei se existe razão de naturêza humana ou terrena que apague no coração do homem a terra do seu nascimento.

Creio que não!

Porisso mesmo acho que ninguem melhor do que a terra tem direito a reivindicar, para si, o tributo que lhe devem os filhos ilustres, reconhecidos e generosos.

Êsse tributo é pago não só em vida como depois da própria morte.

Não era sem razão que o poeta Teotônio Freire exclamava:

"Oh! grilheta da terra, a terra ti reclama!"

Literariamente, é fato notório e sabido em tôdas as literaturas: reivindicar o nome ou a glória do filho ilustre para o pedaço de chão que o viu nascer é dever de tôdos os povos.

Paraíba e Pernambuco ainda hoje discutem e reivindicam a naturalidade de Dom Vital.

Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará ainda não chegaram a um acôrdo na disputa do nome glorioso de Dom Antônio Felipe Camarão.

Quem não desejaria ter ao seu lado nomes tão nobres e tão ilustres?

No plano municipal, os dissentimentos se agravam, já pela raridade de valôres autênticos, já pela estreiteza do meio intelectual.

Recordo-me de ter recriminado com fúria quase insolente a atitude de um jornal do Recife quando inscre-

Essa tribu sustentára, durante mais de vinte anos, uma das lutas mais dramáticas e acêsas com os portuguêses, no período da colonização.

Por outro lado, o vale representa um dos mais belos e ricos presentes da naturêza tropical, que envêz de dunas e areias, cobertas de salças e gramíneas, deu-nos uma região plana, cortada de rios e lagôas, onde vicejam as mais variadas espécies da flóra regional.

Nêsse vale, tão rico de substâncias minerais, a cana é dôce e abundante, quase à flôr da terra.

As frutas, como o melão e a melancia, são as melhores do mundo.

A batata dôce, não há igual, em outra parte da terra. O peixe das lagôas, como o coró e a curimatã desafiam as melhores espécies da ictiologia ribeirinha.

A cana de açucar, a banana, as verduras, o alho e tantas outras variedades, fazem a fama da terra, divulgando o seu nome além das fronteiras do município.

Isto, sem falar no algodão, no fumo, no gêsso, no sal, na carne de carneiro e de gado, cujo sabor è nutrição não temem confronto nem paralelo.

Às noites são calmas, frêscas e amenas.

O céu, limpo e sêco, bordado de estrêlas.

Não há, na várzea, as grandes tempestades que se observam no sertão de pedra.

De raro, em raro, desce o corisco em caracól subtâneo, abrindo ao meio quixabeiras centenárias, decepando carnaubeiras, estatalando gente, matando animais, povoando de dôr o seio generoso da terra açuense.

Animando, e quase ia dizendo, espiritualizando êsses elementos ecológicos, estende-se por sôbre a vasta extensão do município, uma espêssa camada de palmeiras, em cujos leques eterisados e vidrentos assobia o nordeste, vento benfazêjo da região, e cantam os passarinhos do vale, como talvêz, no paraiso não cantassem, nos primeiros dias da Criação.

Essa palmeira a que me referi acima é a carnaubeira, (copernícia cerifica, da classificação de Martius).

Nesse vale desenvolveu-se, admiràvelmente, a criação de gado, na fase colonial, que deu motivo à fundação dos currais e das oficinas de carne, localizadas à margem esquerda do rio, no lugar, cujo nome ainda hoje se conserva na região.

Oficinas de carne sêca, centro comercial, por excelência, pôrto de embarque e desembarque, era êste o

pôrto mais próximo do Açu, ligado, diretamente, a Pernambuco e a Bahia, com os quais mantinha relações de comércio.

Em 1798, o padre Joaquim José Pereira, escrevendo sôbre a sêca de 1793, na Ribeira do Apodi, dizia que "apenas houve alguns recursos neste ano nos pórtos de mar mais consideráveis, como fôsse o do Aracati ou Vila de Santa Cruz e o do Açu ou Vila Nova da Princeza distantes do centro dêsse sertão dias de viagem".

Além dessa referência ao pôrto de Oficinas, há uma outra de que no Açu, tanto na paiságem urbana e suburbana, quanto na zona rural, há casas cobertas com têlhas importadas da Bahia.

Isto explica, de certo modo, a influência que a Bahia exerceu sôbre as capitanias do nordeste, não só no período colonial, sob a forma de govêrno, de comércio, de expansão ecológica e sociológica, mas, na fase monárquica e republicana, através de formas de cultura, cuja maior expressão foi a sua Faculdade de Medicina para onde se encaminhavam os filhos deste rincão.

Êsses contactos com a Bahia e com o Recife explicam, por outro lado, o gôsto, a vocação irresistível do açuense pelas lêtras, pelas artes, pelas ciências eclesiásticas e profanas, gôsto e vocação que tornaram o Açu conhecido, gabado e louvado, não só como a "terra dos verdes carnaubais", e, por associação de ideas, "dos poetas", mas, sobretudo, como a terra no jornalismo, da medicina, do direito, das ciências eclesiásticas, de tantos outros ramos do saber humano.

Explica-se, assim, o nome que lhe deram de "capital des lêtras do sertão", porque lá madrugou o espírito acadêmico, para não dizer universitário, desde os meiados do século XVIII, quando se ordenára o primeiro padre, Matias Cabral de Macêdo, em 1773, e, 84 anos mais tarde, em 1857, quando se formava na Bahia, sem nenhuma coincidência, o primeiro médico do Rio Grande do Norte, Luís Carlos Lins Wanderley, natural da Cidade do Açu.

Os bons exemplos, como as bôas sementes, nunca ficam adstritos ao primeiro "caso" de germinação e fecundação. Germinam e fecundam sempre. Os exemplos de Matias Cabral de Macêdo e Luís Carlos Lins Wanderley germinaram e frutificaram como sementes de bôas árvores sertanejas. Outros padres, outros médicos surgiram e surgirão sempre na paiságem social e humana do município do Açu.

Mas não eram só a religião e a medicina que exigiam o apostolado dos açuenses. A imprensa, fundada em 1832, em Natal, por um sacerdote da Igrêja, estava exigindo vocações para o seu apostolado, no interior da Provincia.

Aparece, então, um Wanderley, João Carlos Wanderley, e funda o primeiro jornal do interior, na Cidade do Açu.

O Açuense era o seu nome e veio à luz em 1867.

Egresso do Seminário de Olinda, Deputado Geral, duas vêzes, Deputado provincial, mais de uma vêz, Vice-Presidente da Provincia, duas vêzes, Inspetor do Tesouro, Secretário de Govêrno, Chefe do Partido Liberal, João Carlos Wanderley é o fundador da imprensa, no Açu, sem receio de concorrente que lhe dispute a glória em qualquer canto do território do Estado.

Antes dêle, só o padre Guerra, em Natal, fundador de O Natalense, em 1832. Moçoró só tería o seu jornal — O Moçoroense, em Outubro de 1872, fundado por Jeremias da Rocha Bezerra. Dezessete anos depois, em 1889, é que surge — O Pôvo — em Caicó pelas mãos protetoras de Inácio Vale e Diógenes Nóbrega, discretamente ajudados por José Bernardo de Medeiros.

Vê-se, pelo expôsto, a ação precursora do Açu, em tôdos os movimentos de caretar intelectual de nossa terra.

Foi nessa cidade precursora das ciências eclesiásticas, da medicina, do direito, do jornalismo, da poesia, do teatro e de tantos outros gêneros em que se manifesta a inteligência norte-riograndense que nasceu o Senhor Rômulo Chaves Wanderley.

Falei do Município do Açu, através das ricas manifestações da naturêza, influênciando o seu pôvo na criação de motivos artísticos, literários, religiosos, científicos.

Agora, seja-me permitido estudar o homem formado à imagem e semelhança da terra que lhe deu o berço.

O Senhor Rômulo Chaves Wanderley nasceu no dia 3 de Abril de 1910, na Cidade do Açu, antiga Vila Nova da Princêza, no tempo do Senhor D. Pedro II. Filho de Rodolfo Chaves Wanderley, açuense, e de Júlia da Silva Wanderley, moçoroense, é neto, pelo lado paterno, de Alfeu Lins Wanderley e Claudina Chaves Wanderley. A sua avó, Claudina Chaves Wanderley, era filha do pernambucano João Maria Júlio Chaves, casado duas vêzes, na gens açuense. Êste João Maria Júlio Chaves era Tenente-Coronel da Guarda Nacional e proprietário do

mais famôso sobrado da Cidade. Deputado Provincial, teve assento na Assembléia, em 1854. Esta linhagem do nôvo acadêmico que trás nas veias sangue de holandês, português, pernambucano e norte-riograndense. Essa mistura de sangue talvêz lhe explique a indiscriminação ideológica, marginando os credos religiosos, contentando-se com um ecletismo doutrinário que repudiaria a qualquer teologo da Idade Média ou mesmo a qualquer heresiarca do Renascimento.

A política não conseguiu até hoje extremá-lo, nos entreveros das derrubadas ou nas ascenções estrepitosas.

É o tipo ideal do homem para viver em paz com a sociedade dos nossos dias: sem fronteiras, sem arestas, abordável em tôdos os planos, menos num, no plano da fé.

Há, porém, uma coincidência, méra coincidência, na vida do acadêmico Rômulo Chaves Wanderley que não posso nem devo deixar de assinalar: sendo um homem sem fronteiras, escolheu uma cadeira, cujo patrono, foi, em vida, um autêntico fronteiro.

Mas, aquí não me interessa estudar o patrono e sim o nôvo titular da cadeira Segundo Wanderley.

O Sr. Rômulo Chaves Wanderley fez os seus primeiros estudos na Cidade do Açu. Aprendiz de marcineiro, estudava arte com seu pai e lêtras com a sua parenta, Sinházinha Wanderley, no Grupo Escolar "Tenente Coronel José Correia". Em seguida estudou com aquele que sería, mais tarde, seu confrade de Academia e colega de Magistério, Professor Antônio Fagundes. Menino do Açu recorda com precisão matemática os fatos mais significativos e importantes da sua juventude. Em 1924, a grande cheia, morte do pai, tristêza, luto, responsabilidade da família e da casa paterna. Tem quatorze anos. Emprega-se, então, no Ponto Chic, do seu parente Solon Wanderley, ganhando cem mil réis por mês, moeda do tempo. Logo depois, aumento de mais cinquenta. Vida bôa a de caixeiro, no interior, daqueles tempos! Pé na botina, gravata ao pescoço, roupa engomada, festa, moça bonita, bailes, danças, serenatas, dalilas, ao pé do violão chorôso e lento, modinhas, recitativos, leituras, com a presença obrigatória de Albino Forjaz de Sampaio, em Palavras Cínicas, e Álvaro de Azevêdo com Noite na Taverna.

Vivendo no Açu daqueles tempos, impossível sería passar os dezessete anos sem perpetrar os primeiros versos.

Publicou, então, na A Cidade, de Palmerio Filho, e no

Jornal do Sertão, de Pedro Amorim, os primeiros poêmas, encorajado, já se vê, por João Celso Filho, outro espírito irrequieto e inteligente da terra açuense.

Um desses poêmas — A dôr do Sino — mereceu transcrição condigna nas páginas de O Jambeirense, de Jambeiro, São Paulo.

Adalberto Amorim, redator-chefe do Jornal do Sertão, chamou-o à redação para mostrar a transcrição do poêma vitorioso.

Não será preciso dizer o entusiasmo do poeta-garôto.

Essa vitória, na poesia, deu-lhe ânimo para exercitar outros gêneros na literatura municipal.

Enveredou pelo jornalismo e fundou em companhia de Antonio Sá Leitão e Luís Soares de Macêdo Filho, O Bentevi, que fez época na Cidade do Açu.

Êsse Bentiví valeu-lhe algumas inimizades pelo tom azêdo e sarcástico com que analizava os fatos e as figuras da terra dos verdes carnaubais.

O aprendiz de marcineiro e de tipógrafo, desejava, porém, vencer, como tantos outros meninos do sertão que da obscuridade chegaram a situação de relêvo no Estado.

Empregado no Ponto Chic, praticava, ao mesmo tempo telegrafia, sob a direção de Gelon de Oliveira, um dos seus grandes amigos da juventude. Apesar do esfôrço, não conseguiu ser nomeado. O insucesso da estação telegráfica poderá ter sido, aparentemente, um mal, quando não foi. O sertanejo costuma dizer, na sua filosofia fatalista e sui-generis, que "há males que vêm para o bem"...

Neste caso, pelo menos, confere.

Pouco depois, em Julho de 1929, era Rômulo Wanderley convidado a secretariar a Prefeitura de Angicos, por inspiração de um sertanejo do Seridó, radicado no Município, Francisco Gonzaga Galvão.

Estou quase admitindo a emoção com que o ex-aluno do Grupo Escolar "Tenente-Coronel José Correia" recebeu a notícia do nôvo emprêgo.

Trocar um balcão de Bar, por melhor que pareça, por um bureau de Secretaría de Prefeitura, não há dúvida que o progresso é enorme. Especialmente, quando ao lado da nova profissão se tem um passa-tempo nobre, de jornalista, e uma missão sublime, qual seja a de poeta.

Rômulo Wanderley entrou na cidade de Angicos

armado de dois grandes títulos para vencer: jornalista e poeta.

Secretário da Prefeitura, ganhando duzentos mil réis, naquele tempo, era um dinheirão.

Continuou, porém, fazendo versos, orientado pelo compêndio de Bilac e Guimarães Passos, preocupado com os emistíquios, com as cesuras e com as rimas.

Afastado do Açu, não aceitava, porém, o brocardo:

"Longe da vista
Longe do coração!"

Mantinha, inalterável, a sua colaboração semanal no Jornal do Sertão, sob o pseudônimo de David.

São desse tempo as grandes serenatas de Angicos em que o poeta, hoje membro da Academia, recitava poesias de Bilac, Hermes Fontes e tantos outros expoentes da literatura nacional.

Estava dado a grande passo na vida do menino do Açu.

As oportunidades iríam chegando como por acréscimo. Colaborador de O Cabugí, e depois redator, jamais esqueceu o jornal que evoca dois nomes que lhe são particularmente gratos: Francisco Véras Bezerra e Francisco Gonzaga Galvão.

Em seguida vem o casamento, com temporada na Fazenda Santa Cruz, do sôgro Luís Pinheiro, onde se torna fazendeiro e agricultor.

Nessa fase lê intensamente, sem nada escrever.

Em 1937, eleito vereador à Câmara Municipal de Angicos, pelo Partido Popular, renuncia o mandato.

O seu temperamento, pouco afeito às convenções, aos conciliábulos, tornou-o, parece, meio cético, com relação à deusa que dirige os povos e as nações.

O bucolismo da fazenda que tanta influência podería exercer sôbre certos espíritos, parecia afastá-lo, pouca a pouco, daquele meio.

Vem, então, para Natal, estudar preparatórios, no Colégio Santo Antônio, dos Irmãos Maristas. Vigorava então o Artigo 100. Faz a terceira e quarta séries no Colégio. Quando se preparava para fazer a quinta série aparece uma Portaria do Ministério da Educação determinando que os exames do Artigo 100 só poderiam ser prestados em estabelecimentos oficiais.

Dos duzentos alunos ou mais que fiziam o curso no Colégio sòmente quinze se apresentaram ao Ateneu.

Li Ruteboeuf, Villon, d'Orléans, Marot,
Ronsard, Du Bellay, Malherbe, André Chénier,
Corneille, Racine, Molière, La Fontaine,
Vigny, Hugo, Musset, Alphonse de Lamartine,
Gautier, Banville, Hérédia, Leconte de Lisle,
Prudhomme, Baudelaire, Rimbaud, Velaine,
Mallarmé, Valery, Péguy, Claudel
E mais duzentos, só na França...
Mas, fui lêr o repolhudo Schmidt
E nada pude destrinçar...

— Quem é o burro?

Li Shakespeare, Shelley, Keats, Byron,
Tennyson, Whitman, Edgar Alan Poe,
Uhland, Schiller, Goethe, Heine,
Eslavos, húngaros, austríacos, escandinavos,
E a luz jorrou-me de cada poema.
Mas, fui lêr Murilo Araújo
E nada pude perceber...

— Quem é o burro?

Andei maravilhado em Portugal,
Lendo Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda,
Bocage, Cesário Vêrde, Antônio Nobre,
Antero de Quental, Guerra Junqueiro.
E tantos nobres vates lusitanos.
Mas, fui lêr Cassiano Ricardo
E nada mais pude enxergar...

— Quem é o burro?

Pelo Brasil, desde Teixeira Pinto,
Já tenho lido mais de mil poetas.
Lí Fagundes Varela, Cassimiro de Abreu,
Manoel Antônio Álvares de Azevedo,
Gonçalves Dias, Castro Alves,
Bilac, Cruz e Souza, Augusto dos Anjos,
Sem me enredar em labirintos.
Mas, fui lêr Manuel Bandeira
E achei, por fim, algumas flôres
Num vasto pântano perdidas...

— Quem são os burros?

OS IMPENETRÁVEIS

ESMERALDO SIQUEIRA

Qual teria sido o grande poeta,
O verdadeiramente dígno dêste nome,
Que eu tivesse lido sem entender?
Li Valmiki, Vyasa, Rabindranat Tagore,
Firdusi, Hafiz, Omar Khayyam,
E os entendi perfeitamente.
Mas, fui lêr Murilo Mendes
E nada pude decifrar...

— Quem é o burro?

Homero, Hesíodo, Píndaro, Anacreonte,
Quem mais os tem amado,
Pelo fulgor cristalino dos seus versos?
Lí Ésquilo, Sófocles, Eurípides,
Virgílio, Horácio, Ovídio,
E os vi tão claros como o sol.
Mas, fui lêr Carlos Drummond
E nada pude compreender...

— Quem é o burro?

Deslumbrou-me o esplendor de Dante Alighieri,
De Petrarca, de Tasso, de Ariosto,
Senti as dôres todas de Leopardi,
O lirismo ardente de D'Annunzio,
A melancólica ternura de Stechetti.
Pela Espanha voei de sonho em sonho,
Ébrio de amor e liberdade,
Li Quevedo, Mena, José Zorrilla,
Campoamor, Garcia Lorca, Amado Nervo,
Neruda, Rubén Darío, Santos Chocano,
E não pensei na esfinge nenhuma vez.
Mas, fui lêr Jorge de Lima
E nada pude penetrar...

— Quem é o burro?

Dos quinze passaram apenas oito sendo um deles o Senhor Rômulo Wanderley.

É dessa época o meu conhecimento com o poeta do Açu. Morava eu na **República dos Inocentes**, à rua Felipe Camarão, 613, onde procurára abrigo o nôvo hóspede.

As suas ligações com pessôas influentes no meio intelectual da cidade levou-o desde logo a aceitar o cargo de reporter-revisor de **A República**, onde exercitava os mais variados instrumentos da profissão: revisão, reportagens, crônicas, noticiário, tudo Rômulo fazia com perícia de veterano. Em 1939 rumou para o Recife. Inicia o Pré-Jurídico, no Ginásio "Osvaldo Cruz". No Recife, ao mesmo tempo que estudava colaborava na imprensa local —, especialmente na **Folha da Manhã** e no **Jornal do Comércio**. Redator de **A República**, até Junho de 1942, deixou êsse cargo para se dedicar ao ensino público, sendo nomeado professor da cadeira de História da Civilização, do Ateneu, onde ainda se encontra.

De 1942 em diante passou a escrever no vespertino **O Diário**, desta capital onde manteve uma secção em versos — **Casos do Dia** — assinada sob o pseudônimo de **Elmano**.

Em 1951 foi nomeado redator da **Tribuna do Norte**, mantendo, por muito tempo, a secção **Revista da Cidade**, subscrita pelas iniciais R. C., e depois **A Nota da Manhã**, firmada por Rômulo C. Wanderley, ainda hoje saindo regularmente.

Formado pela Faculdade de Direito do Recife, em 1945, o Senhor Rômulo Wanderley, mal terminava o curso jurídico se iniciava na profissão de advogado, grangeando a estima e a consideração dos seus pares.

Não ficam, aí, porém, os méritos literários do Senhor Rômulo Wanderley.

Jornalista, poeta, cronista, advogado, professor, orador, conferencista, tôdos os gêneros lhe são familiares, manejando-os com segurança, belêza e profundidade.

Ao lado dessa feição variada e polimorfa da sua cultura, quero destacar, de preferência, um aspecto que, embora inédito, deve, contudo, ser lembrado, por ser um dos pontos mais altos da sua vida mental.

Quero me referir ao romancista, totalmente desconhecido para o público, mas, cujas qualidades de analista e observador merecem um estudo atento e demorado.

Trabalhando há muito tempo num romance de feição regional tomou por tema a história de um rico pro-

prietário de carnaubal da várzea do Açu que se incompatibilizára com Chico de Barros, por motivo de ciume, a quem votava terrível antipatia.

Em tôrno deste tema desenvolve-se o romance Tabatinga, com os seus personagens centrais, com os seus dramas sociais e psicológicos, com as suas crises morais, com tôdos os complexos decorrentes do desajustamento social em que vive grande parte da população açuense.

Profissional da imprensa, com vasta colaboração nos jornais desta cidade, o Senhor Rômulo Wanderley tem dois livros publicados — **Arca de Noé** e **Uma Tempestade num copo dágua**, que mereceram os mais justos elogios da critica independente do nosso país. No prélo, entregue ao Departamento de Imprensa do Estado, **Animais, Homens e Coisas.**

Prontos e em preparação: **Tabatinga**, romance de feição regional, tomando por tema as condições ecológicas e sociológicas da várzea do Açu; **Patriarcas da Província**, estudo histórico e biográfico dos patriarcas do Rio Grande do Norte; **Guia Histórico e Turístico da Cidade do Natal**, espécie de guia sentimental dos pontos mais pitorêscos da cidade de Jerônimo de Albuquerque.

Focalizando o homem nos mais variados aspectos da sua atividade literária, vejamos, para concluir, as instituições a que pertence: sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Membro da Associação Brasileira de Imprensa, do Consêlho da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção do Rio Grande do Norte e da Associação Norte-Riograndense de Imprensa, e Professor do Colégio Estadual, e agora membro da Academia Norte-Riograndense de Lêtras.

São êsses, meus senhores e minhas senhoras, os títulos, os méritos e as qualidades intelectuais do acadêmico que acaba de tomar posse, na cadeira Segundo Wanderley, desta Academia.

Senhor Rômulo Chaves Wanderley:

O Cardeal John Henry Newman, escrevendo o seu livro — ORÍGEM E PROGRESSO DAS UNIVERSIDADES — diz, falando pela bôca de um seu companheiro de viagem, que o local para a instalação de uma dessas instituições é o primeiro problema que deve preocupar a quem se aventurar a fundar um Studium Generale.

E, prosseguindo, sugere: "Um largo espaço, talvez

de quatro milhas de diâmetro, sería convertido em bosque e em prados, e o acesso à Universidade em tôdos os lados sería por um parque magnífico, com belas árvores em grupo, alamêdas, avenidas entremeadas à medida que o viajante se avizinhasse por nesgas e vistas para a graciosa cidade".

No momento em que deixais a vida comum para asceder ao mais alto gráu da vida literária, na Província entrando para esta Academia, eu desejaria ter, para vos mostrar, não bosques e prados, à semelhança das Universidades da Europa, mas algumas tarefas de terra, transplantadas do Açu, onde, ao lado de carnaubeiras centenárias, vivessem, tambem, dando sombra, flôres e frutos, tôdas as espécies vegetais de nossa terra, onde pudesseis gozar, na ante-visão da glória literária, a beleza sem par da terra varzeana, cortada ao centro pelo mais belo e volutuoso dos rios — o rio Açu.

Na falta, porém, de uma paiságem assim, tão bela e tão cara aos vossos olhos de artista, eu me permito criar um recurso, naturalmente, pobre em côr e significação, mas nem por isso indígno de figurar na legenda de vossa história literária:

êste recurso é o seguinte:

Amigo, a porta está aberta!
Entrai!
Esta Casa é Vossa.

SEGUNDO WANDERLEY E FRANCISCO PALMA: DOIS POETAS DO NORDESTE

RÔMULO WANDERLEY

(Elogio feito na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 16 de Dezembro de 1954)

Sr. Presidente

Srs. Acadêmicos

Ao ser recebido nesta Academia, eu volto o pensamento para a minha terra natal, a cidade do Açu, que, desde os primeiros tempos de sua existência como simples Vila da Princesa, já via nos seus filhos o mais acentuado pendor para as belas letras.

O jornalismo e a poesia sempre constituiram a preocupação intelectual daquela gente.

Consultai um exemplar d'O AÇUENSE, o primeiro jornal da cidade de S. João Batista, e no seu cabeçalho encontrareis o nome de João Carlos Wanderley. É ao seu lado, neste e noutros jornais, o de seu genro Luís Carlos Lins Wanderley, o primeiro filho do Rio Grande do Norte que colocou no dêdo a esmeralda simbólica de médico.

Abrí uma coletânea de poetas do Rio Grande do Norte (2), e nela vereis êsse mesmo Luís Carlos Lins Wanderley, e tantos outros da sua família, assinando poesias de todos os gêneros, desde o lírico, à maneira do cantor de Marília de Dirceu, até os parnasianos, à Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, Luís Guimarães, Machado de Assis e Raimundo Correia, condoreiros, como Castro Alves e Tobias Barreto.

De Segundo Wanderley, poeta e teatrólogo, vamos achar a explicação no Dr. Luís Carlos, seu pai, pelo sangue e pela inteligência privilegiada.

Filho do Açu, Luís Carlos fez versos ainda nos primeiros anos da mocidade, antes mesmo de seguir para a

Bahia, em cuja Faculdade de Medicina conquistára, em 5 de dezembro de 1857, a láurea de doutor, para uma existência de mais de trinta anos como Esculápio durante os quais a Medicina só era exercida quando lhe deixavam tempo a poesia e o teatro. E aí está a explicação, que é extensiva ao seu filho Segundo, porque, possuindo uma carta de médico, que é sempre uma das chaves mestras da riqueza, o Dr. Luís Carlos viveu e morreu pobre, como sempre têm vivido e morrido todos os Wanderley.

Na terra natal, vieram-lhe os primeiros filhos. Do primeiro matrimônio, com dona Francisca Carolina Lins Wanderley, nasceu a 6 de arbil de 1860, Manuel Segundo, que sería, na literatura, o Segundo Wanderley, patrono da cadeira n. 18, da Academia Norte-Riograndense de Letras. Açuense por diversas razões, Segundo, no entanto, não nasceu nas terras dos verdes carnaubais, e sim em Natal, onde seus pais se encontravam temporàriamente, embora depois tenha o Dr. Luís Carlos, já casado em segundas núpcias, transferido, definitivamente, a sua residência para a Capital do Estado, para aquí ocupar o cargo de 2.º vice-presidente da Província, quando teve oportunidade de governá-la em 1886, e os de deputado à Assembléia Provincial, professor do Ateneu Norte-Riograndense, e médico do Hospital de Caridade e de outras instituições e, cumulativamente, as de jornalista e teatrólogo, que se nada lhe rendiam em pecúnia, davam-lhe, no entanto, um pouco dessa glória que nem sempre é efêmera, e que constitui o maior cabedal espiritual de quem não vive sòmente para o terra-a-terra quotidiano.

DA ESCOLA PRIMÁRIA À ACADEMIA

Regressando o Dr. Luís Carlos para o Açu, logo após o nascimento de Segundo, fez êste, na cidade da sua família, os estudos primários. Mas, os preparatórios deviam ser iniciados em Natal, no nosso saudoso Ateneu, e ultimados no Recife, que sería um meio caminho para a Bahia, em cuja Faculdade de Medicina, já então meio secular, o jovem Segundo realizaria todo o curso superior.

Estudante ainda, já sentindo o despontar da inspiração, êle começou a aparecer nos jornais e revistas da época, tanto na capital potiguar, como da Bahia. Os grandes acontecimentos sociais, políticos e históricos daquele tempo serviam-lhe de tema à sua musa. E tão numerosa foi a produção poética desses primeiros, que,

quando contava, apenas, 23 anos de idade, o poeta publicava o seu primeiro livro de versos.

OS PRIMEIROS VERSOS E O PRIMEIRO LIVRO

Segundo começou a versejar muito moço, e publicou o seu primeiro livro de versos, a que denominou "Estrelas Cadentes", em 1883. Nêsse livro há uma poesia datada de 1873, quando o poeta estava apenas com 13 anos de idade. Intitula-se "Não quero morrer". Certamente alguma gripe de fim de inverno ou uma semana com aquelas febres perniciosas de que êle se ocuparia em sua tése de doutorando, fê-lo clamar:

"Ah! Eu sinto que a morte se aproxima
Que não posso viver;
As débeis forças já me vão faltando,
A dor vai pouco a pouco me alagando
Mas não quero morrer.

Aberta tenho há muito no meu peito
A chaga do sofrer;
De minhalma fugiu toda ventura,
Nas faces corre o pranto de amargura
Mas não quero morrer."

Parece que Segundo se deixára impressionar por aqueles versos de Casimiro de Abreu:

"Se eu tiver de morrer na flor da idade,
Meu Deus, não seja já."

De 1874, também há diversas poesias, escritas, como aquela, na cidade do Açu, conforme indicações ao fim da última estrófe, como costumavam fazer os poetas de então. Escôlho, dentre os dessa data, a que êle chamou de "Desencanto", onde estão versos assim:

"Se me virem brincar entre as donzelas,
Ah! sòsinho sequer não solto um canto;
Se meus olhos têm chama, o peito gela.
Se meus lábios têm risos, a alma pranto.

E, mesmo aos quatorze anos, Segundo já sofria do

mal das lamúrias e do desconsôlo, tão comum aos poetas. E concluiu o seu poema:

"Não sou vate, mortais, bem o conheço,
Nem sou louco porque padeço dôr.
Porém o mundo estulto não compreende,
O que eu sofro infeliz sem ter amor."

* * *

E, tudo indica ter sido Segundo, já nessa idade juvenil, leitor do poeta das **Primaveras**, pois, com a data de 1874, está nêsse livro a poesia "Meus oito anos", com a declaração de ser uma imitação daquele "esquisito cantor da saudade na velha poesia brasileira, como disse Ronald de Carvalho, referindo-se a Casimiro de Abreu — (**Pequena História da Literatura Brasileira**, ed. Briguiet, 6.ª ed. 1937, pág. 254).

* * *

"Quantas saudades eu sinto
Da minha infância tão pura
Daquela doce ventura
Dos verdes anos em flor;
Quantos sorrisos e cantos,
Quanto prazer eu sentia,
Que amena e grata harmonia,
Quanta inocência e amor!"

Das cinco estrofes de que se compõe o poêma, transcrevo mais esta para mostrar que a imitação pouco ou nada fica a dever ao modêlo:

"Como é bela a natureza
Com áureas vestes trajando,
Magestosa despontando
Em uma manhã de abril!...
A vida — é extasis santo,
O céu — um manto de flores
A terra — um berço de amores,
O mar — um lago de anil".

* * *

No "Estrelas Cadentes" há poesias datadas de Açu, Natal, São José de Mipibú, Recife e Bahia, pelas quais se póde reconstruir o roteiro do poeta. Em 73 e 74 está êle na terra dos seus pais, em 1879 e 80 já se acha na

cidade em que nasceu. Neste mesmo 1880, anda por São José de Mipibú e vai para a capital baiana, fazer o curso médico. De 1880 é a poesia "A nossa cela" na qual Segundo descreve, com bom humor, o seu quarto de estudante na terra de Castro Alves.

O CONDOREIRO

Com Tobias Barreto e Castro Alves nasceu, no Brasil, a poesia social. A poesia que, como diz Ronald de Carvalho (ob. cit.) "veio da cela, da taverna e dos campos para a praça pública, desfraldou os pendões nas trincheiras, tornou-se um elemento de combate, uma sátira atrevida e heróica".

Segundo Wanderley cêdo se ambientou ao meio social e literário da Bahia, de onde ainda ressoavam as vozes do poeta dos escravos, às influências da escola condoreira, da qual o baiano e o sergipano geniais foram expoentes, e que no seu espírito, definitivamente, se fixaram. Em Natal, porém, antes mesmo de conhecer a velha capital de Tomé de Souza, já compusera poesias puramente condoreiras, como aquela de 1879, denominada "O Eco da Liberdade", que começa assim:

"Das margens do Ipiranga,
Ao reboar dos canhões,
Ergueu-se belo e divino
O anjo das redenções;
Vôou, e lá debruçado
Do regaço do infinito,
Como uma águia de granito,
Contemplou as multidões.

Era o sol da Independência
Que acabava de surgir;
Era a santa Liberdade
Que despertava a sorrir;
Trazia na fronte augusta
Do Gênio o fôgo estampado,
Numa asa — tinha o passado,
Na outra — tinha o porvir.

A POESIA PATRIÓTICA

A musa de Segundo estava sempre pronta a serviço do seu exaltado patriotismo. Em Natal ou na Bahia, ne-

nhuma das grandes datas da nossa História transcorria sem que se fizessem ouvir os seus versos, quase sempre declamados pelo próprio autor.

Ao ser inaugurado, no salão do Grêmio Literário da Bahia, o busto de José Bonifácio, êle recitou a poesia "Escravidão", da qual se destacam estas estrofes:

"Quebre-se a pedra funérea,
Evoque-se um nome augusto,
Faça-se erguer êste busto
Que deslumbrou a nação;
Vibre-se a nota sublime,
A nota da Independência,
Em nome da Consciência,
Em nome do Coração.

Eu vou dizer-vos, silêncio!...
É Bonifácio quem fala...
O que se achama senzala,
A escravidão o que é:
É êste orvalho de sangue
Vertido pelo suplício,
Que nutre as flôres do vício
E cresta as flôres da fé.

.....

É êste cancro terrível
Que causa dores estranhas
E roi as magras entranhas
A desgraçada nação;
É êste monstro disforme
De atrocidades faminto,
Que multiplica o instinto
E subtrái a razão."

E, em sucessivas estrofes, vai o poeta descrevendo à escravidão e os seus horrores, numa exaltação anti-escravagista que lembra Patrocínio e Luís Gama, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco. E termina com êstes versos, em que fala aos brios dos seus patrícios:

"Lavre-se um santo protesto,
Erga-se a pátria humilhada,
Vingue-se a vil bofetada
Que lhe abateu a cerviz;

Andrada, sirva de exemplo,
Lavem-se os velhos agravos...
— Não é nos braços escravos
Que se levanta o país..."

No festival abolicionista de 14 de julho de 1887, no Teatro "São João", da capital baiana, Segundo recitou a longa poesia "Independência ou Morte", oferecida, como dizia êle, "à patriótica redação da "Gazeta da Tarde". Numa profissão de fé cívica e democrática, êle principia:

"Eu que admiro a geração dos Gracos,
Que aspiro as luzes de um progresso novo,
Eu que do povo comemoro os feitos,
Porque sou filho deste mesmo povo;

Eu que coloco a Liberdade augusta
Acima, além de um egoismo estulto...
Eu que não faço da miséria um trono,
Do preconceito um vergonhoso culto;"

E depois de uma série de versos arrebatadores, conclúi:

"Venho pedir que se desterre o monstro
Que a pura seiva do porvir consome,
Que êle tenha de senzala a forma,
Quer êle tenha de Bastilha o nome;

Venho afirmar que uma porção de bravos
Rasgou do êrro os tenebrosos véus,
Que mais um anjo apareceu na terra,
Que mais um sol apareceu nos céus;

Venho dizer que se alimenta a chama
do vasto incêndio que partiu do Norte;
Soltar à face do país um grito:
Revolta ou luz; Independência ou Morte!..."

Na poesia "O Eco da Liberdade", o poeta ainda é o mesmo ardente patriota, que exalta o Brasil e a vocação libertária da sua gente. Neste poêma há estrofes assim, onde vemos a Independência falando à Terra de Santa Cruz:

"Embalde a vil tirania
Ao patíbulo me conduz,

Sou como a hidra de Lerna,
Que sempre se reproduz.
Se nas lutas do progresso,
Hoje, sucumbo, vencida,
Surjo amanhã, com mais vida,
Mais transparente de luz.

Quebro as cadeias infames
Da nefanda escravidão,
E das espadas dos bravos
Faço um altar na amplidão;
Tenho por trono o universo,
Por sendal a imensidade;
Por crença tenho a verdade,
Tenho por lei a razão."

O escravo êle o define nestas palavras ardentes:

"Escravo!... quem diz escravo
Diz tirania, opressão;
O servilismo é um torpedo
Na senda da ilustração;

E onde brilha constante
O belo sol da igualdade,
Palpita a fraternidade
Nas fibras do coração."

Para, afinal, concluir, numa saudação à Pátria grandiosa, filha ilustre de um grande navegante lusitano:

"Salve, Brasil glorioso!...
Salve, filho de Cabral!...
Já surge em vosso horizonte
Nova aurora boreal!...
Exultái, filhos da pátria,
Cantai hinos de alegria,
Que nas vascas da agonia
Torcem-se os gênios do mal.

"Sêde heróis, bravos, atletas,
Em prol da santa verdade,
Que ficará vossa história
No livro da eternidade...

Marchai, que é nas lutas nobres
Que o homem se imortaliza,
Tendo sempre por divisa:
— Deus, Ciência e Liberdade."

Vivendo seis anos na Bahia, Segundo Wanderley não poderia deixar de entusiasmar-se pela sua história. Pelos seus feitos gloriósos. Por aquele 2 de Julho de 1823, que marcou o fim da resistência ao grito libertário de D. Pedro I. Se Castro Alves já esclamára:

"Não. Não eram dois povos que abalavam,
Naquele instante, o sólo ensanguentando...
Era o porvir — em frente do passado,
A liberdade — em frente à escravidão.
Era a luta das águias — e do abutre,
A revolta dos pulsos — contra os ferros,
O pugilato da razão — com os êrros,
O duelo da treva — e do clarão!"

Segundo Wanderley, empolgado pela mesma data, que é um orgulho para os brasileiros e, especialmente, para os baianos, exclamou:

"Há dias grandes na história
Que valem séculos de luz;
Triunfos que se assemelham
Aos sacrifícios da Cruz...
Dois de Julho é mais que um dia,
Simbolisa a enorme pia
De mil batismos de heróis;
É ninho de mil condores,
— É berço de Adamastores,
— É fóco de muitos sóis.

É bélo, e heroico, morrer-se
Como morrera Sansão,
Mudar o sangue das veias
Na seiva da redenção;
É belo ter por mortalha
A rubra, a imensa fornalha,
Acêsa pelo fusil;
Das almas eletrisadas
Fazer brilhantes espadas
Para salvar o Brasil.

.....

Não choreis, oh, pátria livre,
Os bravos de Pirajá;
Êles comungam na mesa,
Bem juntos de Jeová;
Mártires de glória tamanha,
Têm um mundo — por peanha,
O infinito — por cruz!
É que a semente dos Gracos,
A geração de Spartacus,
Não morreu, inda produz!"

Quando um grupo de fanáticos, sob as ordens do maior dêles, Antônio Conselheiro, ameaçou abalar os alicerces, ainda frágeis, da jovem República brasileira, de todos os recantos da pátria se movimentaram patriotas. Do Rio Grande do Norte, partiu, a 29 de março de 1897, para Canudos, o 34.º Batalhão de Infantaria. A poesia de Segundo,acostumada a cantar os grandes dias da pátria, a exaltar os feitos dos seus heróis e a conclamar os seus filhos ao cumprimento do dever, não ficou em silêncio. Em estrofes que lembram Tobias Barreto e Castro Alves, êle recitou, por ocasião do embarque dos nossos conterrâneos, que iam lutar contra os jagunços aquela turba fanatisada, que, como disse Euclides da Cunha, marchava "entre vivas ao "Bom Jesus" e ao "Conselheiro", e silvos estridentes de apitos de taquára, desdobrada, ondulante" (OS SERTÕES, 13a. ed. pág. 233), erguendo para "os ares os santos e as armas, seguindo empós o curiboca audaz que levava meio inclinada em ariete a grande cruz de madeira":

"Soldados, chegou a hora
De triunfar ou morrer...
Se é grande vosso heroismo
Maior é vosso dever!
Bravos leais brasileiros,
Correi às armas, ligeiros,
Prá libertar a nação,
Que à sombra do fanatismo
Oculta-se o banditismo
Pregando a restauração.

A pátria, ufana, confia
O seu futuro de vós;
Se o ódio cria sicários
O brio produz heróis.

Varrei, gigantes do Norte,
Essa maldita coorte
De seus redutos fatais,
Salvando dos vis caudilhos
O berço de vossos filhos,
O túmulo de vossos pais.

O sentido monarquista do movimento de Canudos não escapou ao poeta, como vistes. Noutros versos, refere-se êle ao destemor dos filhos do Rio Grande do Norte, e ao patriotismo da mulher nortista, exclamando:

"Para as sublimes emprêsas
Para as conquistas do bem,
Até as filhas do Norte
São patriótas também."

E numa última exaltação àquele punhado de potiguares, que recebia, na hora angustiosa da partida para o campo da luta, o adeus da família e de toda a Província, Segundo bradava na praça pública:

"Olhai! Êste povo inteiro,
Que vos contempla de pé,
Traz a su'alma banhada
Nos esplendores da fé.
Avante !A luta se inflama,
Já Tiradentes vos chama
Lá das trincheiras azuis...
Voai, brasíleos condores,
— Ides cobertos de flôres,
— Voltais cobertos de luz."

! Destroçados os últimos redutos do Conselheiro no dia 5 de outubro daquele mesmo ano de 1897, regressam os norte-riograndenses à terra natal. Saudando-os, à chegada, como fizera no dia da partida, lá estava Segundo Wanderley, o poeta de tantos versos ardentes, que declamava:

"Quando a lava do crime, traiçoeira,
Ululando, explodiu rubra e tirana
E despenhou-se altiva e soberana,
Do fanatismo a enorme cachoeira...

Rompendo audaz, a trágica trincheira,
Como a sagrada legião tebana,
Foste salvar a fé republicana,
Foste vingar a honra brasileira.

Bravo, afrontaste o antro das panteras,
Tendo no lábio — a voz de Miguelinho,
Tendo no peito — a chama das crateras;

Bando de águias que não alcança a vista,
Foste vertendo os prantos do carinho,
Voltas cingindo os louros da conquista."

O POETA LÍRICO

Em todas as fases da sua vida, Segundo sempre se manifestou de um lirismo suave e delicado. No Açu, em Natal, na Bahia, onde quer que estivesse, êle sabia cantar a graça da mulher, o encanto de um sorriso e a ternura de um olhar. Em seu livro "Poesias Completas" (edição de 1928), lá está o sonhador, o enamorado da beleza feminina, das travessuras de Cupido, ora a desabafar máguas que sòmente a poesia é capaz de traduzir, ora a explodir em arrebatamentos de moço apaixonado.

No prefácio que Gotardo Néto escreveu para êsse livro que, já em 1910, os amigos de Segundo pensavam publicar, e que só o conseguiram 18 anos depois, o bardo de "Folhas Mortas" destacou êste soneto, de delicada harmonia, denominado "Coração virgem":

"Tu, coração, cujo perfil descança
Da grande paz no âmbito mesquinho.
Onde não pulsa a artéria de um carinho,
Nem circula o licôr de uma esperança;

Tu, que dormes, qual tímida criança,
Sob a fronde aromal do rosmaninho,
Concha deserta, abandonado ninho,
Feito de luz do arco da Aliança;

Gosas na sombra a plácida ventura;
Bailam sòmente em tua sepultura
Do fogo fátuo as arredias chamas.

A prece basta a saciar-te a gula,
Tenho inveja da larva que te oscula,
Ês feliz, coração, porque não amas."

Às vezes, num arroubo de inspiração e de cavalheirismo romântico, se assim podemos dizer, o poeta pedia a morte, a quem não lhe daria nunca, como nestes versos, que são dos mais conhecidos pelos apaixonados da Poesia, entre nós:

"Queres matar-me? mata-me, criança;
É tão dôce ser morto por um lírio!
Queres matar-me? Mata-me de esperança;
Que eu aceito contente o meu martírio."

Para terminar, na mais original das súplicas:

"Cumpre, mulher, o teu cruel desejo,
Dá-me o veneno — o teu sorrir bendito,
Dá-me o punhal — um fervoroso beijo."

Falando sôbre o beijo, Segundo, em quadras setissilábicas, lembra Augusto Gil, Antonio Correia de Oliveira e o nosso Adelmar Tavares, quando diz:

"Amem outros a beleza
Do céu, do campo, da flor;
Prefiro os gosos de um beijo
Dos lábios do meu amor.

Ninguém traduz os segredos
Que um beijo pode conter...
Antes morrer-se de um beijo...
Do que sem beijos viver."

Dos seus últmios versos, destaco as seguintes estrofes:

"Conheço uns olhos de certa dama
Que nem são pretos, nem são azuis.
Porém, que gosam de vasta fama,
Olhos brejeiros, olhos tafuis.

Olhos capazes de toda emprêsa,
Que vibram dardos no coração...
Olhos que ferem — por natureza,
Olhos que matam — por distração!"

E êste capítulo não poderia ser encerrado sem uma referência especial a uma das maiores poesias de Segun-

do Wanderley. Refiro-me ao poêma "O poeta e a fidalga", que, musicada por Heronides França, integrou-se no album dos nossos seresteiros, da derradeira década do século XIX e da primeira do século XX. Às vezes, o trovador não sabia o título. Porém, bastava-lhe a citação dos primeiros versos

"Bem sei que tu me desprezas
Bem sei que tu me aborreces,
Que zombas das minhas preces
Com ostensivo desdém;"

para que o espaço se enchesse de harmonias.

Na realidade, tinham razão poetas e trovadores quando amavam e faziam suas as estrofes d'"O poeta e a fidalga". É que, nessas rimas, Segundo coloca, face a face, o talento e a riqueza, o nobre e o plebeu, a força dos tesouros, que se guardam em arcas de metal, e o domínio superior da inteligência.

E enquanto vai traçando com pincel de mestre o contraste entre criaturas tão antagônicas, o poeta, com a magia da sua imaginação, escreve estrofes que podem passar às antologias, pela sua filosofia sã e humana, como estas:

"Às vezes no drama infindo
Quem abre a cena sorrindo,
Encerra o ato a chorar".

E esta outra, no final da última estrofe:

"Nos escarcéos do destino,
Da sorte na luta rude,
Só brilha quem tem virtude
Só vence quem fita a luz."

HUMOR DO POETA

O sadio e contagiante humor, que tem colorido a poesia de tantos patrícios nossos, desde Laurindo Rabêlo a Emílio de Menezes e Paula Ney, também foi provado por Segundo. Não em quantidade tal que viesse a constituir a nota predominante das suas "Poesias Completas". Mas, em pequenas doses, ora nos tempos de estudante,

ora já homem feito, médico e homem de letras amadurecido. Na Bahia, acadêmico de Medicina, êle nos descreve o seu quarto de estudante pobre, onde se apetrecham as humildes utilidades que são o máximo de confôrto para quem se acha longe da família e próximo dos livros.

"A fórma é de um caixão perfeito, geométrico,
O teto velho, gasto, imundo e sepulcral;
Aberto todo o chão, em fendas e buracos,
De enormes punarés morada colossal.

Ao fundo uma janela e junto uma mesinha
Que serve para estudo e presta-se ao jantar;
Dispostos numa estante um tanto empoeirada
Os livros da ciência heróica de curar."

Depois de pintar o interior do aposento, destacando utensílios prosáicos, que eu não quero nomear no brilhantismo desta solenidade, o poeta continúa:

"Como um torax enorme a ressoar monótono
Ao mórbido pulsar de enfermo coração,
Um pêndulo fatal nos marca, inexorável,
Os minutos de ócio e as horas da lição.

Pregada na parede a tábca onde resolvem-se
Problemas de Canot e fórmulas de Teixeira;
Uma garrafa exausta, e junto, a contemplar-nos,
As órbitas, sem luz, de sepulcral caveira."

Para finalisar, quase que autobiograficamente:

"Três tipoias, enfim, nos punhos esticadas,
Da cela em meio estão, e dentro, mudos, graves,
Três bichos estudando os pontos para exame:
— Segundo Wanderley, Marçal e Artur Chaves."

No poêma intitulado "Um pé", Segundo lembra-nos aquele poeta português, que dizia:

"Se o Santo Padre tivesse
Um pé tão grande e tão mal,
Podia, mesmo de Roma,
Dar beija-pé em Macau."

Com imágem semelhante, o autor d'"O poeta e a fidalga", decantava:

"Um pé, como eu já vi, feio e caloso,
Como o tronco nodoso
De um carvalho gigante e secular,
Sôbre o dorso da qual a Ásia inteira
Podia dormitar!...
Um pé de causar susto e meter mêdo,
Um pé descomunal,
Que sem trabalho e sem molhar um dedo
Atravessa o Oceano Austral!...

Um pé, como eu já ví, de grossas veias,
E todas elas cheias
De um sangue espesso, máu, escuro, imundo,
Que se um dia jorrasse envenenava
O Velho e o Novo Mundo;
Um pé que o sábio Papa Leão Santo,
Se tão grande o tivesse,
Podia cada um, cá de seu canto,
Beijá-lo toda vez que lhe aprouvesse!

Por outras estrofes ainda prossegue Segundo, rico de imaginação, de bom humor, realista e fantasista ao mesmo tempo, mostrando aos leitores da sua poesia as diversas facetas do seu estro.

Na poesia, a que êle denominou "Amôr patológico", há a palavra percuciente do médico e a ironia brejeira do humorista, que já se manifestára noutras páginas. São versos que retratam a farmacopeia do fim do século passado, onde as tinturas e os xaropes tinham largo emprêgo e exigiam do médico proficiência na arte e no segredo de formular.

Aquí se ausenta o poeta condoreiro, para falar o enamorado que brinca à custa das rimas e de hipotéticas enfermidades. Eis algumas quadras dêsse "Amôr patológico":

"Prima, eu me abraso numa febre ardente,
Febre de amor que me devora o peito;
— Tome sulfato de quinina, puro,
— Que com certeza tirará proveito.

Por ti me atiro com prazer às vagas
A rubra lava do vulcão, insana;
— Pra faniquitos de rapaz solteiro,
— É bom tintura de Valeriana."

E, como os médicos do seu tempo, Segundo não deixava de aconselhar aquele remédio, cujo emblema é um homem com um bacalhau às costas:

"Estou magro, fraco, extenuado, exausto,
E não te punges de martírio tanto?
— Pra estes males, sempre ouvi dizer,
— Tem o Scott um preparado santo."

Por fim, êste epigrama que não parece da autoria de um discípulo de Esculápio:

"Há tanto médico novo
Pelo país espalhado,
Que eu julgo haver mais quem cure
Do que quem seja curado."

O POETA DOS MÁRTIRES E DOS HERÓIS

Homem de sensibilidade emotiva, acostumado, graças ao exercício da Medicina, a conviver com as dores humanas, Segundo não glosava sòmente os acontecimentos épicos e o valor dos seus patrícios. As tragédias, que enlutavam o Brasil, êle se sentia em seus versos. Quando a Pátria perdia um dos seus filhos, a sua lira chorava também daquela maneira delicada e comovente, por que só os poetas sabem chorar.

Em 1886, quando morreu José Bonifácio, o Moço, de quem Segundo havia parafraseado a poesia "Um pé", o nosso poeta escreveu um soneto em homenagem à sua memória, em que dizia:

"Tombou aquele herói, sucesso novo!
Sumiu-se aquele sol belo e fecundo,
Que tinha seiva pra nutrir um povo,
Que tinha luz para inundar o mundo."

Sôbre o Visconde do Rio Branco, a quem a raça negra, deveu a lei de 28 de setembro de 1871, que decla-

rava livres os filhos de escravos, que nascessem daquela data em diante, êle escreveu:

"É Rio Branco — o Redentor moderno,
O Patriarca legendário, augusto,
Que soube, heróico, repelir agravos,
Quando sagrava da Justiça o busto;
É Rio Branco, êste condor do Norte,
Que a flôr das crenças dos paúes salvava,
Firmando os brios da nação sem vida,
— Salvando o ventre da mulher escrava."

Quando Silva Jardim, o ardoroso republicano que Natal conheceu, nos extertores do trono, desapareceu na cratera do Vesúvio, naquela tarde trágica de 1.º de julho de 1891, Segundo exclamava em dois tercetos admiráveis:

"E quando, assim, sublime, êle se erguia
Pra arrancar ao vulcão a lava ardente
E fulminar com ela a monarquia...

Basta! lhe brada a voz da Majestade...
E alí tombou, legando ao mundo inteiro
Silvas de Luz, Jardins de Liberdade!"

Ao chegar à Bahia, em 1880, para cursar a Faculdade de Medicina, ainda não haviam cessado os soluços que a morte de Castro Alves provocára nove anos antes. E, logo no ano seguinte, ao ser comemorado o 1.º decenário do grande golpe que as letras nacionais haviam sofrido, Segundo Wanderley juntou a sua dôr à dor dos baianos e de todos os brasileiros. E em dez estrofes do mesmo gênero em que o poeta dos escravos se imortalizára, bradou:

"Apóstolo da Liberdade,
Sempre valente e de pé,
Com pena de ouro espedaça
Do servilismo a polé;
Traz na fronte augusta, imensa,
Como dógma, como crença,
Uma idéia — Abolição —
Seu verbo — é mais que uma espada,
Seu braço forte é a enxada
Do túmulo da escravidão."

E com esta imágem soberba, concluiu:

"Águia altiva abriu as asas
Vôou sublime — voôu;
Porém o raio da morte
Bem depressa o fulminou!...
Talvez que Deus receiasse
Que êle em versos transformasse
As maravilhas do céu...
Caiu, mais foi adiante
Juntar ao seu nome ovante
O fogo de Prometeu."

Exaltando a memória de Tiradentes, cujo sacrifício se refletiu, mais tarde, noutros movimentos libertários e na guerra da Independência, Segundo apostrofava:

"Nada pode obumbrar sua memória...
Não há mancha nas almas de alabastro,
Não há poente para o sol da Glória!
É bélo, é santo, é colossal, é novo,
— Um cadafalso transformado em astro,
— Um réu de morte libertando um povo!"

A morte do padre João Maria, em 1905, consternou todo o Rio Grande do Norte, que admirava as excepcionais virtudes cristãs do piedoso sacerdote, que dividia o seu tempo entre a Igreja e a Caridade, entre o altar de Deus e os casebres humildes. Os nossos conterrâneos de mais de cincoenta anos de idade ainda relembram, com emoção, o que foi a romaria do povo ao Monte, onde o padre exalou os últimos suspiros. E depois à Catedral e ao cemitério, numa homenágem póstuma que poucos aquí em Natal receberam. Oradores, jornalistas, poetas e prosadores se solidarizaram com o clero e com a família do invulgar levita do Senhor. Num soneto denominado "Consummatum est", Segundo Wanderley lamentou; também, a perda imensurável, comparando o modesto cura da freguezia de Natal ao Nasareno, filho de Maria. E noutro, intitulado "Extrema Unção", exortou a Musa, a acompanhá-lo em suas lamentações, nestes versos:

"Musa do luto, musa da tristeza,
Toma o saltério roxo da saudade,
Vamos cantar o Sol da Caridade,
Vamos carpir o Anjo da pobreza."

Augusto Severo, o audaz e glorioso aeronauta conterrâneo, que, nos céus da França maravilhou o mundo, mandando-lhe a sua menságem de mártir da ciência e de um ideal, mereceu, como não podia deixar de ser, um canto fúnebre do poeta de "Estrelas Cadentes". Sôbre o malogrado piloto do "PAX", escreveu:

"Águia da Paz, de olímpicos sonhares,
Da Colmeia do Bem, formosa abêlha,
Foi ao berço da Luz vêr a centêlha,
Para sangrar o Anjo dos Palmares.

Já do Porvir aos rútilos altares
Da Pátria o vulto homérico se espelha,
E dos Andes nas grimpas se ajoelha
Saudando livre o domador dos Ares.

Mas ao fitar-lhe o busto aureolado,
Da tamanha ousadia despeitado,
Muda-lhe o Gênio da Fortuna o rosto;

E o vencedor, vencido na conquista
Para o solo natal, volvendo a vista
Morre de pé no glorioso pôsto!"

Auta de Souza, a mística a sofredora poetisa do "Horto", arrebatada tão moça ao convívio dos seus e à companhia das Musas, teve, na sua morte, uma poesia de Segundo, na qual êle diz que

"...Deus a chamou assim tão cêdo,
Para ensinar, talvez, à branca lua
Das calhandras o místico segrêdo."

Invocando Miguelinho, o bravo secretário da Revolução de 1817, arcabuzado no Campo da Pólvora, na Bahia, como supremo castigo ao seu sonho de liberdade para a Pátria estremecida, Segundo exclamava:

"Quereis saber quem foi o Padre Miguelinho?
Transponde o Cabugí e devassái-lhe o ninho,
Entrai nas catedrais da vasta humanidade,
Vereis nos corações dos nobres potiguares
Um vulcão consagrando em rútilos altares,
O vinho do Direito e o pão da Liberdade."

E fechando o ciclo dos seus heróis e dos seus mártires, Segundo acompanha ao cemitério do Alecrim o esquife de Pedro Velho, o chefe incontestável do Rio Grande do Norte, o fundador da República em terras potiguares, fulminado por uma surprêsa do coração, diante da cidade maurícia. E em frente ao túmulo que se abria para guardar o corpo inanimado daquele que fôra um privilegiado na arte difícil de conduzir homens e multidões, exclama o nosso poeta:

"Musa branca do ermo, escuta o nosso grito:
Destrói esta muralha, arranca êste granito,
Onde o verme chumbou o sol da Liberdade!

Inda quero, uma vez, na grande mágua imerso,
Em seu corpo entornar o sândalo do verso,
O seu nome envolver no linho da Saudade."

O TEATRÓLOGO

Filho de um teatrólogo do porte do Dr. Luís Carlos, que escreveu dramas como "A Restituição", "A louca ou o riso da dôr", "Amôr de um anjo", "Os anjos do amôr", comédia como "O prêmio da viúva" e cena dramática da espécie de "O anjo da meia noite", Segundo Wanderley não fugiria à força da vocação teatral. Assim é que, desde muito moço, ao lado da poesia, cultivava também as letras cênicas, escrevendo peças do gênero dramático, tão em voga no seu tempo.

Talvez não haja exagêro em afirmar-se que a sua bagagem no teatro seja mais volumosa do que a de poesia. Aí ficaram, perdidas entre velhos arquivos e esquecidas gavetas, peças como "Amor e ciume", que data de 1891, "A Providência", de 1904, "Brasileiros e Portugueses", de 1905, dramas. São de sua autoria, igualmente, as comédias "Noiva em leilão", e "A pulga", a revista de costumes locais denominada "Natal em camisa", a cena dramática "As Três datas", representada em 1905, "A louca da montanha", "Os anjos do cláustro", dramas que deixou inéditos, a fantasia "Entre o céu e a terra", escrita especialmente para as comemorações em honra da memória de Augusto Severo. E mais "A rainha dos bosques" e "Dramas da sêca".

Trazendo no sangue o germen da poesia e do teatro, como tantos de sua família, Segundo multiplicava-se den-

tro de um palco e por traz dos bastidores. Além de escrever as peças, e distribuir os papeis, ía ensaiá-los pacientemente, até a hora suprema e angustiante da estréia.

O autor, porém, desdobrava-se como um gigante. Era o homem que pintava os cenários, de acôrdo com a sua concepção de artista. Quem entrava no velho Teatro "S. João", e, depois, no "Carlos Gomes", ía surpreendê-lo em trajes menores trepado a uma escada, pregando gambiarras ou retocando bastidores, num trabalho insano, durante o qual se esquecia das horas de refeição ou de recolher-se à casa.

Quando chegava ao lar, horas depois do almoço ou do jantar, a esposa o recebia com o beijo que sela os casais felizes, recriminando-o apenas pela irregularidade com que se alimentava ou se refazia das canseiras quotidianas. E o motivo era sempre o mesmo: o teatro, a sua velha paixão, que não lhe deixava proventos materiais, como é costumeiro na Província, onde as lutas da ribalta não recompensam siquer os dispêndios financeiros. Porém, que nem mesmo assim afugentam os que nasceram predestinados para as letras que imortalizaram Moliére e Shakespeare, e para a arte em que se tornaram famosos João Caetano e Leopoldo Fróis.

Dos magros proventos de médico da Saúde Pública, e sem preocupar-se com a clínica particular, porque êle era, antes de tudo, um médico dos pobres, Segundo ainda retirava alguma coisa para ajudar a montagem das suas peças, que lhe dariam, apenas, a glória, isso já era bastante para quem, como êle, conforme os seus versos em "O poeta e a fidalga", dizia:

"Se o ouro me fecha a porta,
A glória me estende a mão".

Eleito da Poesia e enamorado do Teatro, Segundo Wanderley decantava nos seus versos os astros e as estrelas da constelação que brilhavam nos palcos do seu tempo. Folhiemos-lhe os versos e, em cada página, encontraremos um soneto ou um poêma dedicado a êste ou àquele artista. Esses artistas se chamaram Cesar Polla, Maria Francesi, Adelia Naghel, Álvaro Ferreira, Alice Rebottaro, Claudino de Oliveira. E no palco em que interpretaram paixões e amores, tragédias e alegrias, foram os dos teatros de Natal e da Bahia, cidades que tiveram

a fortuna de conhecê-lo em toda a pujança do seu talento e da sua mocidade.

O MÉDICO POBRE

Vivendo para as coisas sagradas da inteligência, Segundo Wanderley não pensava em amealhar moedas de ouro, porque, como já expressára no poêma há pouco citado, o que antes êle queria

"... ser filho
Das musas na natureza,
Que ter por mãe a riqueza,
Que ter por pai — um brazão."

Era um médico sem consultório, porque aos doentes atendia onde quer que o procurassem, na rua ou nas farmácias, e, quase sempre, na residência de cada enfermo.

Num tempo em que em Natal havia poucos médicos, mesmo assim ainda houve os que fizeram fortuna no exercício da Medicina. O Dr. Antunes, baiano, filho de africana, que aquí chegou trazendo apenas a noite e o dia, enriqueceu à custa de receitas de cinco mil réis. Segundo Wanderley, seu contemporâneo, poderia também ter deixado de ser pobre, graças ao seu pergaminho de doutor em Medicina. No entanto, de março de 1889, quando regressou a Natal, depois de haver passado quase três anos na Bahia, após a sua formatura, até janeiro de 1909, faleceu, viveu modestamente, sem possuir o chalé que êle idealizára, numa de suas poesias, e que sería

"..... todo de branco
Portas pintadas de belo azul;
Um jardinzinho ligado ao flanco,
Frente à chinesa, mirando ao sul.
.....
"Fóra um alpendre sôbre pilares,
Todo enlaçado de trepadeiras;
Loiras falenas cingindo os ares;
E ao longe o hino das cachoeiras."

O FIM

E naquela noite de 14 do mês de São Sebastião, quando o século mal entrava no seu nono ano, Segundo Wan-

derley fechava os olhos definitivamente para o mundo, lembrando-se de Deus, palavras que ainda hoje podem ser vistas no seu túmulo, no Cemitério do Alecrim: "Deus! Abrí para a minha alma as portas do teu céu!"

Antes de completar 49 anos de idade, morria o grande poeta, que sería dos maiores de sua geração no Brasil, se não fôra a humilde província em que vivia.

Finava-se moço ainda, tendo, no entanto, uma aparência de velho. O cabêlo quase branco, com a precocidade dos de sua família, estatura mediana, simples no trajar, conduzindo, invariàvelmente, um guarda-chuva, que a sua displicência de poeta e de homem de ciência não exigia substituição, êle fôra, durante muito tempo, uma figura destacada na sociedade em que morava. Não havia agremiação literária e teatral a que não pertencesse. Jornal ou revista em que não colaborasse. Festa cívica em que não se fizesse ouvir, não em discursos arrebatadores, porém, em poesias que êle escrevia para o momento, arrebatando aplausos e contagiando multidões com a eloquência da sua declamação e o fulgor dos seus versos.

E agora, ao faltar apenas um mês para se completarem 46 anos da sua morte, o seu nome ainda empolga a mocidade, que ama a verdadeira poesia. Antes e depois dele pouquíssimos compuseram poemas como "O naufrágio do vapor Bahia", de rara beleza poética, de comovente intensidade dramática, de rico e impressionante colorido de imágens.

São versos em que Segundo descreve o horror daquela noite, em alto mar, quando

"Era deserto o ar, silencioso o espaço,
Só se ouvia da hélice o lúgubre compasso,
Como enorme pulsar de enorme coração."

E depois,

"..... tomada de surprêsa,
Extinta a luz da fé ofegante, indefesa,
Por cima do convés corria a multidão;
Arquejava o piston, gemia o tombadilho,
E para completar o lúgubre estribilho,
Só foltava o fragor do lúgubre trovão.
Noite de horror, em que
Uma tábua qualquer valia quase um trôno,

Um resquicio de luz valia mais que um sol.
Quando, o heróico capitão,
Cansado de lutar, descrente de vencer,
Fitou sereno o céu, e, os braços sôbre o peito,
Deixou-se assim morrer, da morte satisfeito,
Por ter até o fim cumprido o seu dever."

E fala, por fim, como falaria o próprio comandante, que, preferiu morrer no seu posto, descendo para o fundo do mar com o seu barco, porque

"Buscar a salvação julgava cobardia,
Abandonar o posto era apagar num dia
A glória conquistada à luz de tantos sóis!
De tudo se esqueceu no tétrico momento
Só para conservar no crâneo um pensamento:
— Que o mar devia ser o túmulo dos heróis!"

É êste, senhores acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores, o perfil de Segundo Wanderley, poeta e dramaturgo, patrono da cadeira n. 18 desta Academia, e cujo primeiro ocupante foi o poeta Francisco Palma e na qual tenho a grande honra de passar a sentar-me.

FRANCISCO PALMA

Francisco Tavares Pereira Palma, sócio fundador da Academia, e que aquí ocupava a cadeira de que é patrono Segundo Wanderley, era, como êste, poeta e homem de teatro. E para maior semelhança e aproximação entre um e outro, havia ainda uma coincidência: ambos eram filhos de Luís Carlos. Segundo, de Luís Carlos Lins Wanderley. Francisco Palma, de Luís Carlos de Araújo Pereira Palma. E poeta, tanto um como o outro. Tanto o médico açuense, pai do nosso patrono, como o senhor de engenho pernambucano, de quem descendia Francisco Palma.

No engenho Agua azul, em Timbaúba (Pernambuco), nasceu Francisco Palma, a 1.º de dezembro de 1875. Pelas condições de nascimento, o menino parecia fadado a um grande destino. Estudos num colégio do Recife e depois a Academia de Direito, por onde já haviam passado tantas gerações de poetas e sonhadores.

No entanto, dois anos depois de vir ao mundo, morre Luiz Palma, deixando o futuro poeta sem possibilidade de realizar os estudos de praxe. Êsse desenlace, no entanto,

não evitou que o poeta que havia naquela criança brotasse no devido tempo, com a expontaneidade dos verdadeiros eleitos das Musas.

Aliás, Francisco Palma, nascendo poeta, estava, apenas herdando qualidades paternas, pois, em 1886, o padre Pedroza, que fôra amigo do malogrado moço, doublé de senhor-de-engenho e de aêdo, publicou o livro **Sons dispersos**, pequena coletânea de poesias de Luís Palma.

Falando nesta Casa, sôbre Francisco Palma, o ilustre poeta e historiador Antônio Soares citou o seguinte trecho de uma poesia do autor de **Sons dispersos**:

"Meus pobres versos, minha débil lira,
Inda que frágil, não fenece assim;
Comigo avante — a inspiração me fira;
Morra cantando, num cantar sem fim."

E analisava, o bardo de "Ser noivo é ser ditoso":

"Nem ocorria à mente do velho poeta que o seu canto com êle não morreria! Deixando um filho de 2 anos de idade, a sua vidência não percebeu que ali ficava quem lhe guardasse a lira, para empunhá-la mais tarde, com amôr e perícia! E que herança poderia caber ao filho, na ausência de outros bens, levado, pouco depois, com sua mãe, para a cidade de Goiana, onde foram viver à sombra de parentes!"

* * *

Do seu Estado natal, Francisco Palma foi trazido para o Rio Grande do Norte, onde a sua mãe, d. Cândida Minervina da Silva Palma, possuia parentes, todos em posição de destaque na política, na administração e no comércio. Em Guarapes, que era, então, o maior centro comercial do Estado, que exportava açucar para a Europa, foi residir, sob a orientação do Cel. Fabrício Pedroza, d. Cândida Minervina, com o filho menor. Daquele centro econômico, hoje em absoluta decadência, a pobre senhora, que de patrimônio possuía apenas o ânimo para vencer as adversidades e um filho que constituia o seu futuro, retirou-se para a Penha, a Canguaretama dos nossos dias. Na Penha, como então se dizia, residia Fabrício Maranhão, irmão de Pedro Velho e Alberto Maranhão, cunhado de Fabrício Pedroza, homem influente, presidente do Congresso Legislativo Estadual e que, além de senhor-de-engenho, era, também, senhor de um gran-

de coração. À sombra de um parente tão poderoso d. Cândida ficaria muito bem, ao lado do filho, que constituia a sua única preocupação de mãe extremosa.

A sorte, porém, foi sempre ingrata para aquelas duas criaturas, emigradas das terras pernambucanas. Principalmente para Francisco Palma, que, ao atingir os 11 anos de idade, passou pelo golpe de perder a genitora, quando, aliás, já se achava em Natal, tentando preparatórios. Na casa da Avenida Junqueira Aires, onde funcionam as oficinas e a redação d'"A República", e onde residiu o Senador Pedro Velho, faleceu dona Cândida, rodeada de parentes, a quem pediu não desamparassem o filho querido.

Mas, os parentes da viúva de Luís Palma, se eram figuras predominantes da política, vivíam, em sua maioria, do comércio. Aí é que iríam admitir o jovem Francisco Palma, que, para desgraça do seu patrimônio econômico e felicidade da sua lira, era uma negação para as lides mercantís.

Após o falecimento de dona Cândida, ainda o mandaram para Macaíba, para a casa de cel. Feliciano Pereira de Lira Tavares, pai dos Tavares de Lira do Rio Grande do Norte, — Augusto, o governador, o ministro de Estado, o historiador; João, o contabilista e senador da República; Luís, o magistrado, o admirável causeur que a todos nós encanta pela vivacidade da palestra e pelo profundo conhecimento que possui das coisas e dos homens do Rio Grande do Norte. Em Macaíba, Francisco Palma pouco se demorou. Tinha um destino nômade que se cumpriria até os primeiros anos de casado. Da cidade de Auta de Souza, veio o rapaz para Natal, ficando na casa de seu primo Olinto Tavares, um dos mais sólidos comerciantes do seu tempo, na capital potiguar. Nova tentativa no comércio. E novas decepções.

Atingindo a maioridade em 1896, foi nomeado praticante do Tesouro do Estado, cargo que renunciou, viajando para o Ceará, onde pensava encontrar um Eldorado. Porém, lá, como aquí, sempre a procurá-lo, o comércio. Na capital cearense, reencontrou-se com Rodrigues de Carvalho, poeta de grande talento, famoso por um soneto em que diz que "Os seios da mulher são como errantes aves do céu, com bicos côr de rosa". Rodrigues de Carvalho prontificou-se a ajudá-lo no desempenho da função de guarda-livros. Mesmo assim, Francisco Palma preferiu voltar à terra da sua mocidade. E, aquí chegando,

nova decepção. O lugar de praticante do Tesouro Estadual, que êle pensava readquirir, já estava preenchido.

Aparece, então, a figura de Fabrício Maranhão, proprietário da Usina Ilha Maranhão, localisada na Penha, que para lá conduz o poeta. Desta vez, os livros mercantís não lhe seríam um tormento. É que, na cidade da Penha, a poucos quilômetros da Usina, residia o capitão Caetano Xavier da Silva, que possuia uma formosa filha, de nome Júlia, de quem Francisco Palma andava enamorado, e com quem se casaria a 7 de julho de 1901, vindo, dois anos depois, residir, definitivamente, em Natal.

Aquí, entrou para o quadro de funcionários da Comissão de Melhoramentos do Porto e, em 1906, reingressou no funcionalismo da Fazenda Estadual, galgando todos os postos da função de Escriturário, até aposentar-se trinta e seis anos depois.

Aposentado, passou a viver, como sempre desejára: únicamente para a família e as Musas. E é tão certo que estas não saíam das suas cogitações que, dois dias antes do seu falecimento (que ocorreu a 18 de maio de 1952), ao lembar-lhe a desvelada espôsa determinado verso de um dos seus sonetos mais queridos, êle, retificando a omissão de uma palavra, que a sua companheira não atinava qual fôsse, recitou, quarteto por quarteto, terceto por terceto, o trabalho que escrevera há cinco décadas, e que se intitula "Dúvidas".

AMBIENTE DE FRANCISCO PALMA

Francisco Palma apareceu em Natal quando as letras experimentavam a sua fase áurea. Fase de Alberto Maranhão, governador e intelectual, sem sentir-se diminuido em ficar a uma banca da redação d'**A República**, em mangas de camisa, escrevendo um editorial político ou uma crônica literária. Época do **Congresso Literário** e do **Le Monde Marche**, que reuniram, em seus cenáculos as mais fulgurantes figuras da inteligência em terras potiguares. Quando também acontecia, como salienta Américo de Oliveira Costa, em seu discurso de posse na cadeira de Aurélio Pinheiro (noite de 22 de dezembro de 1949), "que Auta de Souza publicava "Horto", Henrique Castriciano, "Ruínas" e "Vibrações", Francisco Palma, membro desta Academia os seus "Santelmos", Ana Lima, "Verbenas", Segundo Wanderley, "Gôndolas" e "Recoltas Poéticas", Sebastião Fernandes anunciava "Alma de-

serta", Uldarico Cavalcanti, "Bandolinatas", Ezequiel Wanderley, "Prelúdios", Úrsula Garcia, "O livro de Bela..."

Dos jornais e revistas desses grêmios, recordo "Oasis", órgão do **Le Monde Marche**, e **A Tribuna**, do **Congresso Literário.**

O PRIMEIRO LIVRO

Em 1899, contando, portanto, 24 anos de idade, Francisco Palma publica o primeiro livro de versos, a quem denomina "Santelmos". Sái das oficinas tipográficas do jornal de Pedro Velho — a gloriosa e sempre lembrada "A República", que era, então, o órgão do Partido Republicano Federal.

Dêsse livro, delicado como a poesia de um jovem que tem a idade em que Castro Alves morreu, deles não se encontram mais aqueles duzentos ou trezentos exemplares, que marcaram a primeira vitória literária do moço pernambucano, que se estava naturalizando norte-riograndense pelo que há demais sagrado no mundo. Apenas, alguns sonetos esparsos, e, dentre êstes o "Meu segrêdo", que ainda permanece vivo e palpitante na memória dos admiradores do poeta. E que aquí o reproduzimos, numa homenagem à sua memória:

"Ninguem pergunte mais porque vivo
O meu sorriso é trêmulo e forçado.
Ninguém pergunte, mesmo, porque vivo
Dentro do mundo e dêle separado.

Ninguém pergunte ao louco desposado
Da dôr secreta, ao misero cativo
Do sofrimento íntimo e calado,
Que dôr é esta, assim, sem lenitivo.

Ninguém pergunte nada, que eu não digo,
Êste eterno segrêdo é meu castigo,
Castigo atróz, que mata-me sem pena!

Sabem dele, sòmente, neste mundo,
O coração do Céu, grande e profundo,
E a noite amiga, esplendida e serena."

* * *

Lutando desdè criança com a adversidade, que aquí póde ser sinônimo de orfandade, Francisco Palma não entesourou a cultura que ambicionava. Ficou toda a vida na Província, sòmente com os preparatórios do Ateneu Norte-Riograndense e os conhecimentos literários que o meio lhe permitia.

No entanto, a sua linguagem é escorreita. O seu vocabulário parece ter sido moldado para o verso, porque, minhas senhoras e meus senhores, nem sempre é a palavra erudita que fórma a beleza da frase. Lêde, por exemplo, o soneto de Machado de Assis intitulado "Carolina", escrito por ocasião da morte da sua querida companheira. E nêle não encontreis uma excessão que denote a cultura clássica, que possuia Machado, apesar de autodidata. Ouví-o e concordareis comigo:

"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas desta longa vida,
Aquí venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe o mesmo afeto verdadeiro,
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida,
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-lhe flôres, restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E hoje mortos nos deixa e separados.

Que eu, se trago nos olhos mal-feridos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos."

Lêde, ainda os maiores sonetos da poesia brasileira e o que achareis nêles é expressão, é vida, é sentimento. Para que poesia mais simples do que a da nossa Auta de Souza? Nos seus versos não estão os conhecimentos que lhe ministraram, com real proveito, as dedicadas irmãs do Colégio S. Vicente de Paulo, de Pernambuco. O soneto "Caminho do sertão", que Cécil Meira transcreve em seu livro "Introdução ao Estudo da Literatura", é um símbolo de simplicidade e de doçura.

Daí, porque Francisco Palma chegou e se firmou como um dos expoentes da nossa poesia. Tinha inspira-

ção, tinha sentimento, tinha alma e vida nos seus versos. O seu soneto "Dúvidas", do livro "Luz e Cinzas", é simples e emotivo:

"Se tu me amas, eu não sei; parece,
Porém, que vejo no aconchego amado
Do meu olhar no teu, que empalidece,
Um vislumbre de amôr imaculado.

Quisera ter, no entanto, assegurado
Êsse afeto que hoje me enlouquece,
Por tua bôca, que ela a mim dissesse
Se feliz eu serei, ou desgraçado.

De que serve viver nesta tristeza
Que causa o riso irônico do mundo,
Tendo nalma estúpida incerteza?

De que serve viver nesta amargura?
Ou corresponde ao meu amor profundo,
Ou cava logo a minha sepultura."

Êste soneto foi escrito quando o poeta andava procurando, com o olhar e com o coração, o coração e o olhar daquela que sería a sua noiva, a sua esposa e a sua viuva. Ficou, sendo, portanto, um dêsses versos a que se pode chamar de "versos íntimos", porque feitos de namorado para namorado.

* * *

Além da sua obra poética, enfeixada em dois livros inteiramente exgotados — **Santelmos** e **Luz e Cinzas**, Francisco Palma deixou inúmeros trabalhos, poesias, que a sua esposa encontrou em meio aos seus papéis, depois do desenlace fatal. Êste soneto, por exemplo, data do dia 1.º de dezembro de 1948. 1.º de dezembro era o dia do seu aniversário. E êle escreveu:

"Hoje, quando acordei, o sol nascia,
A luz solta no ar o céu dourava.
Rubra, aos meus olhos, uma flôr sorria,
Dôce, nos ninhos, uma voz cantava.

Em festa, o coração resplandecia.
Todo o meu pensamento iluminava.
E eu, ao próprio coração dizia
Que, para ser feliz, nada faltava.

Sentindo, embora, da velhice os gêlos,
Tinha, bem viva, a chama da saudade
Para aquecer a neve dos cabelos.

E tinha, ainda, nalma embevecida
Da ventura a serena claridade...
Um pedaço do céu dentro da vida."

Atualmente, Natal produz autores de sambas e marchas carnavalescas, quase todas com um sentido que a Moral condena. Raros são os que cantam as belezas das nossas praias, os coqueirais farfalhando à hora do sol poente, e o rio Potengí, em cujas margens, "depois de haver dominado o mar profundo e bravio", dormia o humilde pescador de Itajubá, enamorado da praeira de Otoniel. Raros são os que, à semelhança do cantor de Branca, recordam:

"Noites nunca hei de ter como as que tive,
na escuridão polar do teu cabelo."

Ou então, como Ivo Filho:

"Tão fria a noite, tão deserta a rua,
O céu tão calmo, mórbido e sombrio,
Abre a janela, já não brilha a lua,
Quererás que eu adormeça neste frio!..."

Ou ainda, à maneira de Sebastião Fernandes:

"Dizem que estás mais moça e mais crescida,
E que tua voz é mais sonóra e dôce..."

* * *

Eis aí o poeta, a quem tenho a honra de suceder nesta douta Academia. Poeta e homem de teatro, irmão nas Musas e nas artes cênicas, de Segundo Wanderley.

No final do elogío do cantor de **Santelmos** e **Luz e Cinzas**, recordo-me do soneto que êle recitou, no Cemitério do Alecrim, diante do túmulo de Segundo Wanderley, no trigésimo dia da morte daquele que sería patrono da sua e da minha cadeira neste ilustre cenáculo:

"Eis-me agora a revêr a fórma do seu rosto
Na moldura sem luz da morte desbotado;
E a sentir outra vez êsse olhar apagado
Como a réstea final nas horas do sol posto.

Chóro essa alma que foi um poêma composto
De modéstia e de amôr — ó supremo legado!
Que sabia dourar no verso iluminado
As ondas do Prazer e as trevas do Desgosto.

Silêncio. Eis-me a sonhar; entre sombras escuras
A noite vem cobrir de luto as sepulturas,
E eu vêjo um doce alvor nas sombras indiscretas...

Ó divina mulher. Anjo da noite fria!
Bendita sejas tú, ó celeste Poesia!
Vaporosa visão das campas dos poetas!

Foram assim êsses dois sonhadores. Viveram para o mundo da poesia e deixaram uma obra literária que o Tempo não destrói, porque, Francisco Palma, tanto quanto Segundo, não acreditava

"..... na amarga profecia
dos arautos fatais do pessimismo,
que predizem num vão filosofismo
da loira musa a próxima agonia."

Mas,

".....
Do Gênio o áureo sonho se requinta,
Enquanto houver uma mulher que sinta,
— Enquanto houver um coração que ame!"

AGRADECIMENTO DO PREFEITO DO AÇU

FRANCISCO AMORIM

Quando penetrei nesta Casa, cenáculo de inteligência e erudição, sentí a extensão das minhas responsabilidades. Sob os meus ombros se firmavam gerações e gerações de intelectuais que pelos seus esforços conhecimentos e ilustrações honraram e dignificaram o Açu, o Rio Grande do Norte e, por que não dizer, o Brasil.

Dada as funções que temporariamente venho exercendo, a deferência que me foi atribuída de ocupar um lugar de destaque nêste cerimonial, não atingiu a minha pessoa porque ela se projetou e quíz dar saliência à minha terra natal, ao nosso Açu pelo muito que ela tem contribuido para o brilho e o realce das letras Norte-riograndenses.

Terra privilegiada pela Natureza e pelo Espírito, desde a imensa fertilidade do seu solo até a prodigiosa fecundidade espiritual dos seus descendentes, o Açu se rejubila e se ufana na ascenção cultural dos seus filhos, porque, cada vez mais se apercebe da sua grandeza no encadeamento atávico do seu poderio intelectual e histórico.

Dono de uma tradição que se atualiza e que se renova na suavidade cantante das suas liras poéticas, na combatividade equilibrada e serena dos seus jornalistas, na destreza surpreendente dos seus trovadores populares, na agudeza e perspicácia dos seus historiadores, na engenhosa sutileza dos seus romancistas, teatrólogos e comediantes, na afoiteza de seus herois e na honestidade dos seus políticos, o Açu, não agradeceu o favor porque conquistou o mérito quando lhe crismaram por "Atenas Norte Riograndense".

O Açu tem a sua história que se alarga, que se amplia e se avoluma às vistas sôfregas de um pesquisador honesto. No seu desdobramento não há o colapso porque a sucessão dos fatos e a entrozagem magnífica de acontecimentos que vieram desde o Janduí audacioso e

valente até aos nossos dias com a realização desta festividade que reflete na sua significação as nuances de uma inteligência, o poder de uma vontade em perene conjunção para oferecer prestígio, valor e renome à Comuna Açuense.

Quantas vezes meditando na capacidade aquisitiva e empreendedora dos filhos da minha terra, quasi sempre desprovidos de meios e recursos indispensáveis, eu vejo a sua facilidade de apreensão, quer nos domínios da arte, da poesia e da indústria, da técnica e da mecanização, sente-se que uma aureola de predestinação misteriosamente prestigia e acata aquela terra que desde os seus primórdios já trazia com a sua denominação o estigma da grandeza.

Rômulo Wanderley: Não me surpreendeu vosso fastígio. Criança ainda eu vislumbrei no vosso devotamento às letras e no vosso apêgo aos livros, o intelectual do futuro, o poeta e o jornalista, o cronista e o historiador se projetando no cenário potiguar com arestas luminosas elevando e glorificando a gleba querida que vos viu nascer.

Recebei, Conterrâneo ilustre, na palavra de quem encarna os anseios e as aspirações de uma terra que é minha e que é vossa, as saudações mais estreitas e mais afetuosas , no momento em que a vossa inteligência, o vosso esforço e a vossa dedicação, recebem a consagração merecida, ingressando triunfalmente no convívio do que existe de mais seleto e luzidio na intelectualidade Norte-Riograndense.

HENRIQUE CASTRICIANO

ARAÚJO FILHO

Dia grande e memorável êste para mim, em que estou sentindo o ar de minha terra, o pulsar do coração do seu pôvo que é o meu pôvo, a minha gente, a beleza do meu torrão natal, da terra que é o meu orgulho e que não esqueço e vive constante no meu pensamento de filho agradecido.

A ausencia tão longa que me tem separado do seu convívio, antes de diminuir o meu amôr por ela, aumenta dia a dia, hora a hora, instante a instante, tornando maior a minha febre de querê-la e admirá-la, porque outro não tem sido o meu roteiro por onde tenho andado e vivido, sinão honrá-la e enaltecê-la.

Chego hoje até aquí, num gesto fraternal de amizade e admiração ao nosso querido confrade Nilo Pereira, não só em meu nome mas também em nome da Academia Pernambucana de Lêtras para assistir a consagração que lhe tributam os homens de lêtras de nossa terra. E a homenagem tôda excepcional que a Academia Norte-Riograndense de Lêtras também lhe presta recebendo-o, hoje, como seu acadêmico. Chego hoje sòmente até aquí, porque não posso ir mais além, até à minha pequenina gleba de nascimento, ao pequenino Macau, aos meus olhos tão grande e ainda maior na minha imorredoura saudade.

Lá repousam os restos mortais de meu pai, a quem devo a fibra de lutador. que não esmorece diante de nenhum obstáculo que o destino se lhe apresente. Lá irei, sinão agora, mas dentro em breve, que o dever reclama que lhe vá render o meu tributo filial. Irei, e Deus me há de proporcionar êsse momento feliz, tão grande quanto o que de mais posso aspirar na vida. Irei. Irei revê-la e será êsse dia, o que me proporciona a ventura de tornar a vêr aqueles sítios tão gratos à minha alma, um dia venturoso quanto êste de hoje, em que me vejo entre vós, comungando o mesmo ideal — o inútil para mui-

tos, os homens práticos — mas para nós, homens de pensamento, ideal tão necessário como a luz que nos alumia e o ar que respiramos.

Ideal que é a antitese do terra a terra da vida.

Eu sei, e vós também sabeis, que os homens do nosso tempo não perdoam êsses devaneios. Mas, o que êles não sábem e nós sabemos é o bem profundo que essas coisas, ao vulgo desvaliosas — as lêtras, as artes e as filosofias — proporcionam às almas sequiosas de saber. Nem tôdo o ouro da terra, nem tôdos os bens temporais, chegam aos pés do seu domínio. Do seu absoluto domínio.

Quando se pretende estudar a história de um pôvo e a vida de uma nação, no que êles têm de altruístico e de belo, não é às suas arcas atulhadas de ouro amoedado, que se vai pedir o necessário cabedal. Não é às suas poderosas fortunas, não é aos ricos da riqueza que passa... É aos seus escritores, aos seus poetas, aos seus políticos e aos seus artistas. Êles é que são a fonte dadivosa da matéria indispensável ao magestoso edifício que a história alevanta, tempo em fóra.

O claro sentido dessa afirmação está nas páginas de tôdas as literaturas, o que vem demonstrar que a construção do monumento das nossas lêtras, quando puderem erguer, em definitivo, de tudo o que se houver feito, os novos arquitetos terão de apresentar linha a linha, pedra a pedra, porque nenhuma criação para ser sólida e duradoura, ainda prescendiu do concurso das coisas antigas. O despreso absoluto pelo que já existe no arquivo das nossas artes e lêtras, é tanto mais absurdo quanto é fóra de dúvida, como bem afirmou um dos nossos mestres, que "cada pôvo pode enriquecer com desenhos novos o tecido de sua história, mas é sempre com velhos fios que prossegue a tarefa do tecelão".

E a beleza não perde a sua magestade porque pertence a êste ou àquele credo — é eterna porque se realiza, seja nos cantos homéricos, seja na téla, seja no mármore, seja no bronze...

Seja de ôntem, seja de hoje...

Seja de qualquer época.

Etsa divagação me veiu à idéia porque com ela quero justificar a homenagem que devo à memória de um dos nossos, o magno poeta das Ruinas e das Vibrações, Henrique Castriciano, a alma que foi desta Academia e a luz que ainda a ilumina. E poeta dos mais autênticos,

da estirpe dos maiores, da escola de Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimarães, Emiliano Perneta e Da Costa e Silva, êste no **Sangue**, seu livro de estréia.

Tôda poesia de Henrique Castriciano, ainda as mais realistas, se vestem das roupagens do símbolo. Tôda ela dá o que pensar... Isso, emoldurado num verso perfeito, obediente às mais estreitas regras da escola parnasista. Não é exagero asseverar que êle foi dos poetas de nossa terra, melhor direi, do Brasil, um dos mais ilustres e brilhantes. E talvêz o mais emotivo. Porque Henrique Castriciano era tôdo alma, era tôdo sentimento, naquela sua tão dôce simplicidade.

Sentia com a sua dôr a dôr de tôdos. Aí está, a verdade, na **Volúpia da Dôr**, quando escudado no velho pensamento de Schopenhauer, secunda que só a dôr é positiva. E em outro poema quando afirma: "Aves da dôr bem vos conheço. Tôdos os homens vos conhecem".

E êle conhecia bem a angústia humana, que na sua realidade é o único bem da vida, porque engrandece e purifica. Sto. Tomás o disse e ninguem sente de modo diverso. Porque ninguem desconhece a amargura da dôr, que no fim da vida se vai evanescendo e se fazendo consoladora. Principalmente para as almas cristãs.

Os grandes poetas são sempre uns predestinados, que de olhos fechados ao Real, acabam, para consôlo de todos, compondo como aconselhava Goethe, da sua dôr um poema. E a dôr vive constante nos versos do Poeta, como as vagas morrem na praia e as estrêlas brilham no céu. Não será novidade o meu testemunho sôbre a magnitude da dôr, na poética do maior poeta potiguar. Mas é sempre muito grato ouvir palavras que lembram essa grandeza que enche de vaidade o coração daqueles que admiraram, de perto, a beleza do seu estro e guardam ainda na sua alma a sua bondade, que era o espêlho de sua vida. A imagem mesma da sua inteligência.

Grande Henrique Castriciano, eu me curvo reverente, em pisando o sólo abençoado de nossa terra para confessar aos meus patrícios a minha admiração pela tua poesia tão cheia de clarões e perfumes. De sonho e refulgência, dentro da sua mágua infinita.

Poesia que só os eleitos sabem transmitir.

Quem não conhece e não admira o "Monólogo de um bisturí", sonêto de rara beleza e técnica perfeita, não só pelo têma mas também pela estrutura do verso, onde

os enjambements repontam, com a mestria de um trabalho paciente de beneditino? Mas, mesmo conhecendo-o, é sempre um prazer ouví-lo: Ouçamo-lo: —

MONÓLOGO DE UM BISTURÍ

"Primeiro, o coração. Rasguemo-lo. Suponho
Que esta mulher amou: tudo está indicando,
Que morreu por alguém, êste ser miserando,
Misto de Treva e Sol, de Maldade e de Sonho

Isso me não comove: adiante! Risonho
Fére, nevado gume! e, ferindo a cortando,
Aço, mostra que tudo é lama e nada, quando
Sôbre os homens desaba o Destino medonho...

Fére êste braço grego! E as pomas côr de neve!
E as linhas senhoris que a pena não descreve!
E as delicadas mãos que o pó vai dissolver!

Mas pousa o ventre nú, onde repousa um féto:
Por que hás de macular o sono fundo e quieto
Desse verme feliz que morreu sem nascer?

Ninguem se arrojará a negar o valor e encanto desses versos, porque se assim o fizesse estaria dando a prova negativa da sua capacidade intelectual. Da sua incompreensão às belezas do sonho e da arte.

Senhores: —

Eu falei também do símbolo na poesia de Henrique Castriciano. Frizo bem êste ponto porque êle foi principalmente nas **Vibrações** um verdadeiro simbolista. Não apenas um escravo da fórma poética desta escola, mas bem livre, porque exuberante de idéias e pensamento. Lido nos poetas francêses, a nenhum se filiou: talvez amasse mais de perto as canções verlaineanas e a maneira meio nevoenta de Maeterlinck, mas não perdeu a sua personalidade. Deles, bem pouco se distingue. Talvêz, apenas se advinhe.

É que o poeta seguia o consêlho dos helenos: **sê tu mesmo.** Daí a sua poesia ser tôda sua, ter o cunho autêntico da sua personalidade. Mostrou, com segurança êle mesmo. A crítica literária em nossa terra ainda não se libertou do compadrio e da camaradagem; por isso sóbem

sempre à tona valôres que deveriam ficar na planície. Quando um dia, porém, se fizer crítica séria e honesta, e os nossos poetas e escritôres forem bem tratados, então veremos bem alto, nomes como o de Henrique Castriciano e outros, agora, sem o realce a que fazem jús. Na Europa, assim se tem feito: basta atentar, na luz que se fez sôbre o grande poeta Rainer Maria Rilker, que de pronto, subiu tanto e ganhou mundo, que hoje o seu nome é uma badeira para todos nós. É que a crítica andou acertada, não exagerou. Andou na medida exata, como deve ser a bôa crítica. Deu a Cesar o que era de Cesar. É dessa crítica que precisamos.

Quem maior do que o nosso poeta quando iniciou a Missa do Mar, onde as palavras da liturgia da Igreja se repetem, em toda a sua pujança demonstrando a grandiosidade da sua Musa?

Escutemo-lo: —

A MISSA DO MAR

Eis-nos sós, companheiro! Amargurado oceano
Deixa-me descançar ao pé de ti, meu velho...
Depois de ter ouvido o Ritual Romano
Quero aprender de cór o teu santo Evangelho.

Abre o verde Missal! Como um Padre, de joêlho,
Põe nos ombros azuis o manto soberano;
E do Sol preso ao Céu do seu disco vermelho,
Faze uma hóstia de luz, faze um símbolo humano.

Sobe o dia no Azul. Tontas de amor, no Espaço,
Gaivotas vão subindo... Ergue-se, ao longe, o braço
De um monte secular, entre nimbos risonhos...

E, ao vêr tudo ascendendo, eu procuro o infinito
De tua alma sem fim, para esconder num grito,
Minhas queixas! meus ais! minhas penas! meu sonho!

Senhores: —

Depois de ouvida esta missa, de tanta solenidade e orquestração, só nos resta bendizer o nome augusto do Poeta na sua imortalidade.

O PADRE E O MÉDICO

ONOFRE LOPES

(Discurso de posse na Academia Norte Rio-Grandense de Letras, no dia 16 de Outubro de 1955.

Senhor Presidente e senhores Academicos
Dignas autoridades civís, militares e eclasiásticas
Exmas. senhoras e senhoritas
Meus senhores:

Diz o povo que o padre e o médico se equivalem no dever de um sacerdócio. Certo que se trata de um requinte de conclusões que a sabedoria popular ajusta na verdade dos fatos. O povo sente toda as ações, reações e impressões do meio em que vive e, em função, realiza a síntese filosófica do constante apuro de coisas e costumes, de acontecimentos históricos e conquistas sociológicas.

O povo é, ainda, o juiz austéro que filtra nas malhas do tempo os valores artísticos, científicos e literários que conduzem as correntes espirituais da cultura. O trivial apaga-se nas sombras do tempo. Só as grandes verdades se firmam na magestade da glória. As falsas conquistas caem diante de novas luzes. Os falsos heróis deixam de existir no julgamento da história. Os falsos santos perdem as suas virtudes. A razão é a sentinela eterna da verdade. A inteligência do homem renova as luzes que penetram o desconhecido. A liberdade de julgamento e raciocínio examina coisas e fatos, conceitos e doutrinas. Morrem correntes de pensamentos, esquecem-se ídolos, operam-se mutações sociológicas e políticas. O Olimpo está desabitado e os seus deuses servem apenas como evocações legendárias.

Olhando para tráz, vemos nos escombros dos séculos e nos rastros do homem, os grandes altos e baixos da civilização: a pedra lascada, as pirâmides do Egíto, o império de César, a sombra medieval e o sol da Renascença que são marcos históricos que fixam no tempo e

no espaço as atividades do espírito. É a característica. O homem é um eterno descontente. Está em permanente especulação. Quér luz, verdade e perfeição. Aquilo que hoje é verdade dogmática, amanhã, é apenas uma ilusão triste. As verdades muitas vezes se indentificam com as lendas. Só o tempo, com as suas luzes e a sua justiça, faz a devida separação.

Do acêrvo de idéias, pensamentos e doutrinas, se impõe uma firme conceituação, sempre grandiosa e eterna: são as virtudes do espírito. São verdades novas e grandes que a tudo sobrevivem, pela sua própria fôrça e pelo domínio da razão que as inspira. Nem a magestade dos imperadores ou a fôrça dos tiarnos, nem a impáfia do orgulho ou a cegueira da vaidade, nem o potencial da espada ou a ameaça da hecatombe, com todos os vezos de destruição, imposição e domínio, tem o poder da caridade ou do amor ao próximo, do perdão ou da abnegação, no altruismo ou da fé. Nenhuma fôrça demoliu o edifício do espiritualismo. Que resta do materialismo de Haekel? Que foi feito do positivismo de Augusto Coute?

Os valôres são medidos pela conjuntura sociológica do momento. Os grandes e os que merecem glórias são os que ficam além do nível cultural da época e tornam duradouras as obras que realizam, por um imperativo sociológico cujas raízes estão no princípio seletivo dos grupos humanos, com o seu ideal moral e estético.

O mérito nasce da orientação original e nova que uma personalidade imprime a um determinado meio, de fórmulas já consagradas, de princípios e de fundamentos culturais tangíveis e fortes. O mundo objetivo, os instintos e as tendências são julgados, modificados e dirigidos pela razão, pela intenção consciente e pela vontade que disciplina e conforma a personalidade. No apuro final dos impactos do meio, com os fatôres subjetivos, resultam valôres psicológicos diversos — o homem altruísta o indiferente, o egoísta, o santo, o herói.

O espírito investiga, e sempre se encontra a sí mesmo. Êle renasce, e novas auroras douram-lhe a essência. As suas armas são o brilho da purêsa e são instrumentos de realizações e de glórias: com a fôrça de suas convicções filosóficas, Aristóteles e Leibnitz assimilaram tôdas as virtudes do seu tempo, tendo como instrumento a razão dos princípios, o manacial histórico e os fundamentos da ciência. O homem de pensamento, para atingir o seu ideal e as suas obras, faz da virtude o nú-

cleo substantivo das suas criações. Fazendo instrumento da própria dúvida, Descartes concluiu, no seu retiro da Suábia que podería chegar à verdade filosófica e provar a existência de Deus. Jesus Cristo, com a fé e a verdade, fez um mundo nôvo, uma doutrina grandiosa, no caráter da sua propedêutica e na eternidade dos seus fins.

O homem viveu o grotesco das cavernas e as fantasias da arte gótica ;admirou o simples e o colossal de Miguel Ângelo e sentiu a harmoniosa delicadêsa dos modêlos de Rafael; viveu a filosofía da antiguidade, com as suas crenças e os seus deuses; sentiu a revolução dos espíritos, a crítica científica, racional e livre, assistiu a queda da astrología, da alquímia e da magía e, também, o estabelecimento da concepção científica do Universo; voltou-se para sí mesmo e estudou o seu próprio destino; considerou a dignidade da pessôa humana e fez a revolução da liberdade, igualdade e fraternidade; assistiu as glórias e a decadência dos povos; as misérias dos escravos e os deslumbramentos de Pompéia. Assiste, hoje, também, o maior patrimônio de sua evolução. A civilização é função da intelectualidade. A invenção, a criação e a erudição fizeram do Ocidente o berço das maiores descobertas da humanidade e a maior fonte de irradiação do progresso. Seus obreiros são vultos imensos que se debruçam na história da civilização: são os idealistas, os virtuosos, os abnegados. O ideal é a luz, a razão e a fôrça que levanta os espíritos para o mais alto dos seus destinos e pelo qual o homem luta, sofre, pensa, chora ou rí, na conciência do seu dever. Só os verdadeiros idealistas resistem à ação depuradora do tempo. Só os valôres reais deixam na memória dos povos os frutos das suas criações. Só os valôres reais fazem monumento e história, revelando na modelação da arte ou na estilização das letras, o traço do seu temperamento e cultura. Os indivíduos são grandes pelo destaque dos seus impulsos estéticos, dando nova fórma ao banal, dando fantasía e graça ao tôsco e ao indiferente. Artista, sonhador ou santo traz no espírito a grandeza solar do seu ideal. Êstes espíritos parecem que vívem outro universo; parecem intangíveis à fatalidade cósmica, indiferentes à fama, à vibração e ao movimento, sejam do sol ou das estrelas da vida ou da morte. Só vivem para o seu ideal, no aspécto da ciência, do dever ou da caridade. Um certo personágem dá tôda a sua vida na conquista dos meios para curar os doentes;

outro dá tôda a sua vida para suavizar os sofrimentos dos pobres.

A tradição e a glória se filtram no julgamento dos séculos. Só o verdadeiro mérito tem fôrça para atingir o presente e o futuro, mais vivo e mais forte.

Com o exemplo da sua vida e com a fôrça dos seus argumentos, Sócrates venceu aos sofistas; a hipocrisía dos fariseus não abalou as verdades austéras do Nazareno; as blasfêmias de Tolstoi não arrefeceram a fama de Shakespeare, nem a de Miguel Ângelo, nem a de Beethoven. Só a verdade é grande e é eterna. O que era dogma ôntem, hoje é apenas reminiscência histórica; muitas coisas que hoje são proclamadas como verdades, amanhã, longe da impáfia, são apenas destroços de ilusões. Ninguem mais crê em Isis ou Ormuzd, Baco ou Venus. A magía da Idade Média ou a divindade dos astros são coisas irrisórias. Nada resiste à crítica e à razão. Só a verdade é mais forte, mais alta e mais límpida; nada ofusca a grandeza que ostentam a justiça e a razão; nada mais reto que os argumentos da liberdade e da fraternidade; nada mais sereno que a caridade, a piedade, o sentimento de solidariedade e a abnegação. São fôrças indestrutíveis que vencem a injustiça, o despotismo ou a impiedade.

O exercício das virtudes criadoras é a sagração de poucos. A naturêza do homem é muito completa. Não creio, como Rousseau, que o homem é naturalmente bom, nem como Maquiavel, que o nega integralmente. Há homens bons e homens máus. O componente orgânico resultante das valências heredo-biológicas, do equilíbrio endócrino e psiquico associado à acidentalidade do meio é que géra as corecterísticas do homem e a natureza das sociedades que êle constroi. O homem é, pois, o núcleo das grandes virtudes ou de grandes vícios e defeitos. O dever, o altruismo, a caridade, a fraternidade, a lealdade e a abnegação são manifestações sublimes dos estados emocionais dos grandes valôres humanos. A deliquência, a ambição, o egoísmo, a mentira, o orgulho, a vaidade e a tiranía nascem da formação bio-psíquica e das fôrças negativas do meio. O homem é a séde moral de tôdas as ações dignas e representa o instrumento fundamental das virtudes criadoras, do bélo e do divino. Só o que é duradouro e indestrutível é o que mantém o homem como centro de gravidade de todas as virtudes do Universo. O homem, como pensava Protágoras, é a medida de todas as coisas,

É uma verdade muito velha, mas se ajusta na medida de todos os acontecimentos. Sem o apôio da pessôa humana, que faríam sociólogos e moralistas para a paz universal? Do que têm servido as guerras e os tratados? Quais são os frutos do domínio da fôrça ou das doutrinas de Marx ou de Engels? O século XIX e o século XX agitaram as massas humanas numa avalanche emocional de conquistas de liberdades políticas e econômicas, gerando o coletivismo contemporâneo e a vexatória escravisação do homem.

A falência da ação social do Estado e o sossôbro das tentativas do nivelamento das classes bem explicam o malôgro de certas doutrinas de despersonalização e assimilação do homem pelo meio. Tudo procede de expansão pedante de ideações filosóficas, como se certos desejos e concepções fôssem as fôrças primárias do Universo.

Só as personalidades de estruturação psíquica superior têm capacidade de resistir, imutáveis, aos conflitos dos elementos adversos e de fazer prevalecer o objetivo da sua ideação. Uns são revolucionários dos princípios e da estilística tradicionais; outros são autores de novas fórmulas e da originalidade de novos sistemas, vencendo a esterilidade intelectuail, a inércia do espírito e a estagnação do rendimento cultural. São portadores de cargas afetivas e emocionais tão intensas que irradiam os estímulos de sua individualidade e de sua psicología à indiferênça coletiva. O contágio se aprofunda na plasticidade das massas humanas, resultando, daí, que um povo ou uma época, nos caminhos da História, toma diferentes níveis e diferentes aspectos, de acôrdo com as direções espirituais que lhe inspiram os homens de pensamento. O meio representa sempre um complemento ou um molde que plasma a personalidade de acôrdo com a expressão do tempo. Nos valôres humanos e no gênio, o meio ao envês de impôr limitações à sua produtividade espiritual, representa, muitas vezes, uma excitante ou um estímulo, e até condição necessária, no despertar de tendências adormecidas. As diversas manifestações sociais, morais e estéticas, têm grandezas e intensidades diversas segundo os influxos, impressões e solicitações específicas do ambiente, que encontra em certos indivíduos, para sublimação de entidades metafenomenais ou disciplina de frações endócrinas, os fundamentos insubstituíveis das grandes obras.

A importância de certas conquistas e a valorização sociológica de certas criações, muitas vezes, são impostas pela pertinácia das convicções e das exigências dos espíritos fortes e dominantes. Empolgam-se uns nas investigações científicas, na contemplação da beleza universal, no cultivo das letras, no aperfeiçoamento das fórmas e das côres, e na sensibilidade das melodías.

A oscilação emocional depende das condições endócrinas enlaçadas ao drama psíquico. Assim, o contingente biológico é quase o todo da personalidade. As variantes institivas se articulam com as características do meio e formam o todo das componentes individuais.

Mas, as inclinações e as tendências não tomam as direções, tonalidades e intensidades que a intelectualização e a socialização determinam? E as tendências altruísticas não são uma inclinação especial do indivíduo, modificada e modelada para uma adaptação conciênte às solicitações da razão, às exigências do meio e às conveniências sociais? O altruísmo dos heróis e a serenidade dos santos não serão uma chama superior que independe das leis da capilaridade ou da direção das fôrças? E o prodígio do gênio ou do artista não será uma inspiração gerada de imágens e sentimentos que se fundiram em adôrnos da sua personalidade? Há, como derivantes, tipos psicológicos diversos, e reações variadas nas sociedades humanas: Sócrates, Aristóteles, Descartes. Kant e Leibnitz, na folosofía; Miguel Ângelo, Rafael, Reembrandt, na arte; Virgílio, Cícero e Goeth, nas letras, são grandes expressões humanas. E os imensos legados, frutos da evolução do espírito sempre lastreado da conciência do homem, elevaram para um plano mais alto a concepção dos direitos humanos, de uma fórma objetiva e concreta. Desgraçadamente, como uma determinante negativa, o homem é traído pela ambição e pela ânsia de glórias, e empolga-se em delrios e guerras, destruindo a si próprio, arruinando museus e catedrais, arrazando monumentos e incendiando bibliotécas.

Por outro lado, o rendimento do trabalho espiritual exige uma correspondência imediata de coisas palpáveis. O substrato metafísico de certos princípios tinha que ceder lugar às verdades matemáticas e às conquistas da biología. Fôram sepultados os fundamentos da velha ciência, como sepultados fôram as superstições, as fábulas e os mitos. Novas verdades demoliram as bases movediças dos velhos conhecimentos. Ao espírito contemplativo, seguiu-se a

dinâmica e o esfôrço do homem moderno Da alquimía, da astrología e das brumas das lendas, seguiu-se para demonstração experimental e para a análise científica. O real dissipou a fantasía, como faz um raio de sol aos flócos de neve. Ainda com o sacrifício da vida, Copérnico e Giordanno Bruno destruíram a convicção de que a terra ocupava o centro do Universo, e o sol, a lua e as estrelas lhe giravam em tôrno. Eram ilusões já velhas e só poderíam flutuar na fragilidade de espíritos involuídos. Com a realidade objetiva das ciências e com o progresso vertiginoso da técnica, surgiram novos mundos, longínquas constelações, milagres da mecânica, utilisação de novos metais, a telefonía, a energía nuclear, as descobertas biológicas; enfim, a materialização do delírio dos séculos em tudo transformar no grandioso, no perfeito e no bélo, sob a fôrça e o esfôrço do gênio do homem.

E para o lado das conquistas políticas e sociais? O povo terá um dia amanhecido de glórias quando tiver a conciência de si próprio. Sofrendo a influência de diáteses seculares e regendo-se pelos descostumes e irresponsabilidades, o homem passou a viver o momento histórico, e sentir-lhe os problemas sociais e as tendências humanas, imprimindo-lhe orientação segura, estruturando princípios e fórmulas com fôrças bastantes e justas que disciplinam e que infundam uma conciência coletiva. A fôrça espiritual de uma civilização está na florescência da sua cultura, na fecundidade da arte e em todas as obras vivas da inteligência. Só as gentes esclarecidas impõem respeito à fôrça da razão e à linguagem das leis.

A cultura aproximou os homens e distribuiu os frutos das suas realizações: a bússola e a imprensa aprofundaram as relações humanas; a matemática estabeleceu a precisão dos fenômenos cósmicos; a anatomía e a fisiología abriram caminhos maravilhosos para as conquistas terapêuticas.

Tôdas as aplicações práticas da ciência integram um grandioso patrimônio de toda a civilização. e com a mais âmpla circulação universal. Com o rádio e o avião, não há mais uma mecânica ou uma medicina francêsa, inglêsa ou americana. O calendário é que assinala a expressôo ou o teôr do progresso. A época atômica é de todos os povos. A época da aviação já não tem pátria.

Enfim, é a história do espírito. É a caminhada do homem depois do Eden. E porque tanta luta? Porque tanto interesse na evolução das ciências, tanto ardor na

construção de cidades e de civilizações? Tanto empenho na estabilização social e na adoção de leis e costumes? Tanto esfôrço para transformar e refundir o meio aos caprichos da comodidade e do confôrto? Porque tanta luta contra a morte? E tanto interesse pelo além túmulo?

Coisas e fenômenos são vistos nos limites da experimentação e da análise. O mundo sensível está regido por leis imutáveis: o fio de prumo e a balança, o microscópio e a retorta, o telescópio e o cicloton, óra pesando a matéria ou medindo as distâncias, óra juntando números complicados ou traçando esguias ordenadas, descobriram as atrações universais e as suas leis, novas estrelas e distantes nebulosas, complicações moleculares e deflagração de energía. Mas, a orígem e o fim de todas as coisas, o princípio e o fim de tudo e de tôdos escacapam à álgebra de Einsten e a mecânica dos materialistas. Aos limites de um mundo dos nossos sentidos imediatos, opõe-se esta visão metafísica. O conteúdo filosófico da vida é uma constante análise de causas e fins. Parece que foi Hipócratas que disse que quanto mais o homem aumenta a esféra dos seus conhecimentos, mais fica em contacto com o desconhecido. Era uma conciência e uma convicção do pouco que o homem conseguia aprender diante do mistério universal. E não sei porque há gente tão orgulhosa de sí própria, tão frondosa de sua sabedoria e que não acredita que a verdade começa a ser vista sòmente quando a idade vence a miopía espiritual e considera a vaidade como coisa insubstancial e volátil. Os segrêdos do Universo e da vida humana não podem se limitar à sabedoría geométrica de uns e à reversibilidade das fórmulas químicas de outros.

Porque um padre morre de cansaço no interminável socorro a variolosos? E porque um médico, nos últimos momentos da vida e na sua extrema agonía, ainda acha alento para recomendar obras úteis para os pobres e os infelizes?

No âmplo exercício das profissões, do dever e das virtudes alinham-se filosófos e moralistas, homens de ideal e homens de religião, homens de virtudes e homens que não acreditando em Deus, fazem obra de Deus. Profissão ou sacerdócio, que a todos une o princípio divino e a tôdos iguala o sentimento de fraternidade e justiça.

Há os devotados do bem, servindo-se da sua ciência. Há os devotados do bem, senvindo-se da sua piedade.

Jesus Cristo criou um mundo nôvo. Fez uma revo-

lução espiritual fundamentada em fórmulas novas, dôces e suaves. A sua palavra mansa encheu o coração do mundo, e a doutrina do amôr e da verdade foi legado divino que a humanidade teve no Sermão da Montanha.

Há mais de dois séculos, a filosofía cartesiana estabelecía, com fundamentos na razão pura, a compatibilidade da ciência e da religião. O racionalismo de Leibnitz e o sistema de Kant determinaram que as verdades geométricas e os ensinamentos da ciência não colidiam com os princípios da fé e da religião. Efetivamente, são atividades necessárias e momentos distintos do espírito, que servem às aspirações universais do pensamento e que relegam o espiritualismo exclusivista e o ecletismo infundado e ilógico. E os espíritos científicos e religiosos se firmaram numa coexistência harmoniosa e elevada. A suavidade e o encanto da caridade e da bondade não são incompatíveis com a austeridade das ciências. Uma póde ser o conteúdo, a outra pode ser a fórma. São frações que se integram nas dimensões do todo. A ciência analisa os fenômenos físico-químicos da hematose e os movimentos dos coloides, estuda a fagocitose, a refletividade e as manifestações instintivas e intelectuais; mas, investiga o motivo por que as operações orgânicas, o equilíbrio ácido-básico, a precisão do metabolismo, o instinto são fenômenos que obedecem a um comportamento e uma direção preparada, intencionada ou obrigada por um impulso objetivamente dirigido. Pensar, comparar e deliberar não resultam, entretanto, de reações em tubos e retortas, para cuja medida e intensidade as leis da energética ou do volume das massas possam ser utilisadas para fabricação de gênios, santos ou heróis. Sabe-se que os estados coloidais e as variações metabólicas e energéticas levam insetos e pássaros a comportamentos diversos e dão ao homem manifestações efetivas e intelectuais, como constantes biológicas. Sabe-se, igualmente, que todas as manifestações vitais se chocam ante o fenômeno da morte, que tudo reduz às fôrças da gravidade, aos efeitos da decomposição e à simplicidade do azoto e do carbono. Mas, do cíclo eterno, desde o inorgânico ao biológico, surgem fôrças que não morrem, princípios imateriais que se eternizam, que presidem a todas as transformações, indiferentes ao tempo e ao espaço. São as fôrças espirituais que reconhecem as virtudes que impõem a separação do bem e do mal. Exercer e ensinar a doutrina do bem, empolgando-se na concepção da fé, é o grandioso

ofício dos que receberam do Nazareno a bondade divina e a esperança humana de fazer o paraíso do homem e a felicidade de todos. O padre repete a palavra mansa, a palavra que consola, a palavra que dá conforto, esperança e paz.

E para as torturas da carne? Para as especificidades mórbidas, os desequilíbrios hidrosalinos e o envelhecimento dos tecidos?

A medicina é a divina arte. O seu exercício é ciência aplicada e é, também, obra divina quando exercida com purêsa e bondade. É profissão e, também, um sacerdócio, dependendo, naturalmente, da maneira de ser exercida. Há médicos inteiramente distanciados do espírito da medicina, sem senso crítico, sem lealdade, sem lógica, e sem ciência. Mas, o verdadeiro médico já nasce médico: — bôa formação moral, senso de responsabilidade, espírito de investigação e de crítica, tudo a serviço de uma cultura geral e de uma propedêutica conciênte. É o exemplo da inspiração superior, do desprendimento, do altruísmo, do sacrifício e da abnegação.

A medicina é arte e a arte é uma emoção expontânea, é a expressão mais íntima das tendências individuais. O verdadeiro médico é, também, um esteta, um moralista e um sociólogo. Faz medicina e faz obra de Deus.

O padre e o médico muitas vezes se encontram no paralelismo dos seus destinos. Voltados para o mundo, vivendo o turbilhão da vida, tecendo-se no tumulto, sentindo, lutando e reagindo, integram-se, juntos, nos destinos do corpo e da alma, sempre ativos, intensos, magníficos. Procuram aperfeiçoar para atingir o ideal. As suas obras são de novas sensibilidades e de novas harmonías, distribuindo o bem, consolando os tristes, sentindo o próximo com o amôr de Deus e deixando escapar de cada gesto, de cada palavra e de todas as ações, o imponderável e o profundo, o grandioso e eterno, que é a bondade.

Senhores: — Do coração da terra e ao calôr do sol tropical, neste glorioso recanto do Brasil, nasceram dois grandes vultos do heroismo e da virtude: João Maria Cavalcanti de Brito e Januário Cicco.

João Maria nasceu a 23 de Junho de 1884, no arraial Logradouro, então pertencente ao município de Caicó. Seu pai, Amaro Cavalcanti Soares de Brito, era mestre-escola e mantinha a família cobrando dois mil réis mensais por aluno, D. Ana de Barros Cavalcanti, a progenito-

ra, era uma santa senhora, dotada de grande vivacidade, inteligência e bondade. Além do menino João Maria, houve outros irmãos que fôram: Amaro, que mais tarde se tornaría um dos vultos de maior proeminência na cultura, na administração e na política do Brasil; Militana, Ana e Maria completavam a família que vivia pobre e humilde naquela fazenda, sentindo os efeitos de uma terra comborida e geològicamente deficitária dos elementos da produção. As longas estiágens davam maior desolação à paiságem que, por vezes, resistindo à devastação tinha apenas, como testemunho do seu drama, hastes esqueléticas de teimosos cactos vigiando a terra desnuda e sêca. Pobre a terra, escassas as chuvas, reduzidas as possibilidades agrícolas, a pobrêsa era para a família Amaro Cavalcanti um traço e um estígma da própria terra. João Maria era o irmão mais velho e, para as necessidades da casa humilde, carregava, juntamente com o pai, água e lenha na cabeça. Estudar, entretanto, era uma obrigação muito alta, primordial e irremovível. Aos quatro anos de idade, João Maria começou a receber de seu pai o ensino das primeiras letras. O professor Manoel Pinheiro, que ensinava a cadeira de Latim, criada pelo senador Guerra, quando era vigário de Caicó, também foi seu professor até os treze anos de idade. O menino revelou, por todos os modos, uma grande vocação sacerdotal e sempre achava nos brinquedos com os irmãos e outros companheiros, oportunidade para fazer representação de cenas e hinos religiosos, como um remate que lhe enchesse a alma sonhadora. Foi, então, mandado para o Seminário de Olinda, afim de fazer o curso eclesiastico, tendo, para isto, os fazendeiros da região se cotizado com pequenas importâncias para fazer face às despesas, atitude que bem definía o juizo que se formára sôbre as qualidades de exceção daquele menino singular.

Em 1871, quando contava vinte e três anos de idade, ordenou-se no Ceará, voltando, logo depois, à terra natal, o Caicó, para celebrar a sua primeira missa. Em seguida, foi vigário de Jardim de Piranhas, Flôres, Acari, Paparí e, por fim, vigário colado de Natal. Em toda a parte onde exerceu o ministério de Cristo, mostrou o seu grandioso espírito de piedade humana. Em Flôres, no ano de 1878, depois da grande fôme, como não parecesse bastante tamanha calamidade, sobreveio terrível epidemía de varíola, tendo o padre João Maria se multiplicado na distribuição de remédios, esmolas e consolações. Mas, em

Natal, a começar de 1880, na qualidade de seu vigário colado, é que revelou as mais fecundas belêsas da sua alma e a mais culminante expressão do sentimento cristão.

Residía no Consistório da Matriz, sentindo e vivendo todo o drama da pequena cidade, exercendo o sacerdócio com bondade, piedade e fé. Distribuía consêlhos e ensinamentos, pregava o amôr e a tolerância, zelava a sua Igreja e ministrava os santos sacramentos. Montado num jumento, ou a pé com o seu andar lento e pesado, cuzia toda a cidade e os seus arenosos arrabaldes, para levar a sua presença consoladora e amiga a todas as choupanas, perto ou distantes, onde se reclamassem a sua piedade os seus sacramentos. O dinheiro que recebia de emolumentos, ou qualquer dádiva, era dado de esmolas integralmente. A sua batina era velha, cinzenta e rasgada nos cotovêlos. Juvino Barrêto, para substituí-la, presenteáva-lhe sempre uma nova. Mas, aquele homem que era o gênio da bondade, sempre achava nas viúvas desvalidas, necessidades maiores para transformar a batina nova em vestidos. Dava sua própria rêde e passava a dormir numa velha cadeira de pés quebrados ou no próprio soalho do Consistório. Se nas horas de refeição, já à mêsa, lhe chegava um pedido de confissão ou de uma esmola, esquecia-se da fôme e andava longas caminhadas a pé, sem qualquer traço de constrangimento ou enfado no atendimento do pedido. Mas, a epidemía de varíola que grassou em Natal de Março a Novembro de 1905, foi a causa que levou João Maria a fazer transbordar da sua alma o inexgotável manancial de virtudes, vendo e provendo todos os requintes da catástrofe, com a piedade dos seus olhos e com a caridade das suas mãos. Saía, de casa em casa, dando remédios, roupas e comida, fazendo êle próprio, caldinhos e mingaus, nas cozinhas desertas e tristes dos pacientes. Havia casas em que todos estavam caídos e o padre bom e simples carregava água e lenha, como o fazía na sua meninice, em Logradouro. Trabalhou, assim noite e dia, completamente esquecido de sí, completamente voltado para o sofrimento do povo. Pràticamente, abandonou o sotão onde morava, porque todo o seu tempo e toda a sua vida estavam dedicados aos infelizes. E como era expontâneo, modesto e simples exercendo aquele ofício divino!

Quando alguem lhe fazía referências àqueles átos de grandeza da alma, procurava acabar com o assunto,

como que envergonhado, e respondía, sêco e conclusivo: — "É mentira, é mentira sua".

A amplitude do seu espírito atingía outras atividades: foi o fundador da imprensa católica em Natal, fazendo editar o jornal "Oito de Setembro", por intermédio do qual fazia chegar mais longe o éco da palavra do Criador. Trabalhou pela libertaçbo dos escravos e foi chamado o "Pai dos Nêgros Fôrros". Criou a Escola de São Vicente, no Consistório da Matriz, onde instituiu o ensino primário para as crianças pobres. Começou a construção da Catedral de Natal, na atual Praça Pio X, fazendo procissões de fieis, com êle à frente, carregando pedra e areia na cabeça.

Foi admirável toda a sua vida, pelo encanto da sua bondade e pelo heroismo do seu sacrifício. Da sua luta contra a desgraça e o sofrimento, e da desigualdade entre as fôrças da destriução de uma calamidade epidêmica e as resistências orgânicas de um homem, resultou a exaustão, o cansaço insuperável. E, já no fim, de passos indecisos, meio sonâmbulo, meio morto e todo santo, vigiava as dôres e os gemidos do seu rebanho. Dêle, disse Henrique Castriciano: "Dava tudo quanto tinha num desvairamento sublime, dava o dinheiro que lhe metiam no bolso, dava a rêde em que dormía, trocando-a pelas táboas do soalho e, parece inacreditável! — dava a própria camisa ficando exclusivamente com a velha batina sôbre o corpo afatigado". E, "quando não tinha mais o que dar, deu a vida. Matou-o a grandeza da própria alma". No dia 16 de Outubro de 1905, às oito horas da manhã, na casa de residência de um amigo, no Monte Petrópolis, faleceu João Maria. A cidade encheu-se de lágrimas. cobriu-se de crépe. O côrpo foi transportado, ao meio dia, para a Matriz, que era a casa dos santos. A multidão enchía a igreja, praça e ruas adjacentes. As bandas de música do Club Carlos Gomes, do Batalhão de Segurança e da Filarmônica Luís Coêlho tocavam músicas fúnebres. Da igreja tôda triste, tôda soluço, partia o clamôr dos campanários. Natal era uma nova Jerusalém, vestida no luto de um novo Calvário. O sepultamento foi feito às quatro e meia da tarde, em cortêjo a pé, para o Campo Santo, em emocionante silêncio, apenas cortado pelo som lúgubre das pisadas e pelos soluços de tantos corações feridos. Ao pé do túmulo muitos discursos de tristezas. E o querido mestre Ivo Filho, o esperançoso moço

de quem falava a imprensa da época, disse com a sua sensibilidade de poeta: —

"Morreu... E inerte jaz na campa já sombría...
Na câmpa enregelada, no último aposento,
Onde o corpo em matéria e gazes se atrofía...
E desprende-se a alma em busca ao firmamento".

E concluindo:

"Silêncio!... A vida cansa... A morte traz alento
E a imaculada alma busca o firmamento...
Deixe-mo-la voar... Deixemo-la subir!...

Todo o pôvo chorava, o céu era o único que ría naquela imensa desolação.

Cinquenta anos, hoje, da sua morte e êle, como lhe atribuiu outro herói, faz como certos astros: precisa muito tempo para que a sua luz chegue até nós.

O pôvo nunca mais o esqueceu e tem sempre renovadas as luzes gloriosas do seu espírito. Por iniciaitiva de Pedro Soares Filho, foi-lhe erigido um busto de bronze, na praça que tem o seu nome, atráz da Matriz. É, antes, uma imágem de santo, onde o povo acende vélas, ajoelha-se e reza, numa comovida expressão de saudade e de fé.

Senhores: — Deus precisava de alguém que ajudasse aos doentes de Natal. Fazía dois anos que João Maria era vigário desta cidade, quando nasceu, no dia trinta de abril de 1881, em São José de Mipibú, Januário Cicco, filho de Vicente De Cicco, natural de Sapri, Itália, e de Dona Ana de Albuquerque De Cicco, natural de São José de Mipibú. Seus avós paternos fôram Januário De Cocco e Joana Ebbel De Cicco, naturais de Sapri. Os avós maternos fôram Antônio Marçal de Andrade, de naturalidade portuguêsa, e Dona Joaquina Ferreira de Andrade, nascida em São José de Mipibú. Foi seu professor primário o acatado e velho mestre da Monarquía, Luís Militão, que ensinava aos alunos tudo o que sabía. O menino Januário aprendia com facilidade e era impressionante pela vivacidade de seu espírito. Entre os seus brinquedos prediletos, prefería cruzar, em tôdas as direções, as acidentadas calçadas das ruas da velha cidade em que nascêra, montado num carneirinho, troteando com garbo e com ares de importância. Era irreverente com lendas e

abusões e dizia que não tinha mêdo de alma. Certa vez, conduzindo as vacas para o quintal da casa, e como já fôsse bem tarde, passou, já às sete horas da noite, em meio fechado matagal e densa escuridão, pelo cemitério. Apressou-se a contar em casa e à vizinhança que não tinha visto uma só alma. Cêdo, mostrava, assim, os traços de uma personalidade forte, independente e altiva.

Veio para Natal, onde estudou com diversos professores particulares. Mais tarde, foi para a Paraíba fazer o curso de humanidades. Resolveu ser padre e tomou a batina. Mas, no fim do primeiro ano letivo, voltou para casa, vestiu calça e paletó e nunca mais quiz voltar ao Seminário. Matriculou-se, então, no Ateneu Norte Riograndense onde concluiu o curso secundário. Destacou-se nas aulas de Português de João Tibúrcio. Muito gostava da cadeira de Latim de José Gotardo e adquiriu um bom sedimento da língua de Virgílio. Repetia, com saudosa reminiscência que seu parente Felipe Ferreira, de Mangabeira, versado em Latim, dizia que tôdos os dias, ao cair do sol, um bando de xexéus, no alto de frondosa árvore que havia no seu pátio, vinha fazer sabatina de Latim. O assunto era o pronome relativo: um dos xexéus, que devía ser o professor, perguntava: —

— Qui, quae, quod,
Ablativo singular?

E o outro, compassado e grave, respondía:

— Quo, qua, quo...

Logo que terminou o curso de humanidade, aos 18 anos de idade, Januário quiz estudar Medicina, por ser profissão liberal e por não querer pedir ou viver de empregos. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Foi estudante de "república", sempre brincalhão, comunicativo, tumultuoso, cheio de namoradas e aventuras. Espírito de investigação, observador arguto, logo armou-se de senso crítico e de idéias próprias no jôgo dos elementos do diagnóstico e da terapêutica. Formou-se em 1906, vindo, lógo depois, para Natal, instalando o seu consultório na casa de seus pais, à Rua das Virgens, hoje o número 167 da Rua Coronel Bonifácio, em cujos terrenos de fundo, depais de casado, construiu a sua primeira casa, o atual númer o158 da Rua Duque de Caxias.

Casou-se com Isabel Simões, uma santa senhora, de renomada família pernambucana tendo havido do casal uma única filha, Ivete Cicco.

Senhor dos conhecimentos científicos da época, servido de magníficos dotes profissionais, fez larga, movimentada e eficiente clínica, atendendo à imensa legião de doentes de todas as espécies mórbidas, sem especialidades a apurar, sem distâncias ou horas a considerar, sempre altivo, dedicado, generoso, sentindo a dôr do próximo, remediando a desgraça de muitos, com a sua palavra, as suas fórmulas e a sua cirurgía. Fazía tudo: era uma contingência do meio. Natal não era servido de hospitais e havia, apenas, no local do antigo quartel da Polícia, à Rua da Salgadeira, um infecto depósito de doentes desenganados. Alberto Maranhão, em 1909, adaptou a casa de veraneio de Petrópolis que lhe pertencera e inaucasa de veraneio de Petrópolis que lhe pertencêra e inaugurou o então Hospital de Caridade "Juvino Barrêto", entregando a Januário Cicco, a responsabilidade dos seus serviços e direção. Hospital pequeno, com instalações inadequadas, sujeito às dificuldades burocráticas, foi, entretanto, ao impulso do seu orientador, se tornando mais eficiente, aumentando progressivamente o número de leitos e contando com maiores possibilidades terapeuticas. Apenas ajudado pelo enfermeiro José Lucas e por cinco irmãs de Santana, Januário empregou o mais devotado esforço na assistência aos doentes, vigiando-lhes as mazelas, confortando-lhes as lágrimas numa constante luta para vencer as dificiências, empregando as armas do seu grande espírito e a habilidade de suas mãos. Não tendo para quem apelar, fazía todas as especialidades: — era clínico, cirurgião, parteiro, oto-rino, técnico de laboratório, e até dentista. Realizou, pela primeira vez, no Rio Grande do Norte, em 1913, a primeira grande intervenção cirúrgica, operando um cisto de ovário numa jovem de 18 anos de idade. Tudo isto era feito de uma fórma heróica, debantendo-se com a falta de material apropriado, com a falta de pessoal, de medicamentos, de anestesía e de espaço. Era, entretanto, inexcedível na sua tenacidade e, como já tive oportunidade de dizer, estava "presente a tôdos os doentes e a tôdos os problemas hospitalares, dando expansão ao seu temperamento, a um tempo construtivo e humano, a um tempo todo explosão, arremessando chispas. Na sala de partos em um momento de vexame grita: "Traz cafeína, com todos os diabos!... De-

pressa!..." E uma pobre empregada, tímida e boçal, chamada Belarmina, se apresenta: — O senhor me chamou?" Vá pró inferno, com todos os diabos! O que eu quero é cafeína e não Belarmina!" Era um alvoroço, uma luta de um homem que se debatia contra tudo; que suava, que bramía, que cansava. Mas, logo após, a um chamado do Hospital êi-lo pressuroso, montado no seu belo cavalo alazão, com a mesma disposição, com a mesma dedicação, com o mesmo entusiásmo, tôdo grande, generoso e humano.

Em 1927, fundou a Sociedade de Assistência Hospitalar tendo por fim prestar assistência médica e amparo hospitalar aos pobres do Estado, podendo, para isto, contratar com os poderes públicos a administrao do Hospital "Juvino Barrêto", o que, efetivamente, foi feito em data de 30 de Junho do mesmo ano. Desamarrado dos entraves burocráticos, começou daí, o extraordinário desenvolvimento do Hospital, que então passou a ser chamado "Miguel Couto". Com os poucos recursos de que dispunha, Januário transformou completamente o Hospital, dando-lhe nova feição arquitônica, demolindo, remodelando, fazendo nascer novos planos, novas linhas levando para o alto um sólido edifício de cimento, de amplas enfermarías, salas de cirurgía, aprazíveis varandas, tudo cheio de luz e de ar, tudo grande e saudável, eficiente e alegre. Já diversos médicos davam o seu dedicado trabalho: — Otávio Varela, Ernesto Fonsêca, Luís Antônio, José Tavares, o saudoso Aderbal de Figueirêdo, além de outros.

O espírito idealista de Januário Cicco não podia se emparedar às dimensões da coisa conquistada. Realizou o seu gigantesco sonho de dar à mulher humilde uma maternidade condígna. Para tanto, mobilizou tôdas as suas fôrças, incentivou as energías dos meios sociais, com a sua palavra persuasiva, com o contágio do seu idealismo, e, hoje, a Maternidade "Januário Cicco" é uma obra magestosa, imponente e que tem nas suas linhas, no seu tôdo e na sua significação patriótica e humana, o traço da personalidade do seu imortal criador.

O Hospital "Miguel Couto" e a Maternidade "Januário Cicco", as maiores obras assistenciais de todo o Estado, não seríam as únicas unidades ativas da Sociedade de Assistência Hospitalar, da inspiração e da aspiração de Januário. Êle pretendia criar a Escola de Enfermagem, uma créche para as crianças abandonadas, a Faculdade

de Medicina, para elevar o nível da cultura médica da nossa terra. Grande era a sua visão e amplos os horizontes da sua imaginação. O seu espírito era de novas conquistas e de novas realizações no caminho do progresso e na prática do Bem. Grande médico, arguto e erudíto, filósofo, escritor e conferencista, escreveu: — "O destino dos Cadávares", "Como se Higienisaría Natal", "Notas de Um Médico de Província", "Eutanásia", "Padre João Maria", "A Puericultura no Ano de 1950" e, anualmente, nos relatórios do Hospital, as suas célebres "Exposições de Motivos".

Integralmente ligado ao meio, vivía a vida da sociedade, frequentando os seus clubes, assistindo às reuniões festivas, jogando bridge e bilhar, no convívio sadío de amigos que soube fazer com ardorosa afetividade.

Em 1937, apenas com o espaço de oito mêses, perdeu a filha e a esposa, experimentando a maior desgraça da sua vida. Passou, então, a viver solitário, sem alegrias, no palacête da rua Duque de Caxias, que construíra anos antes. A sua diversão ficou reduzida às visitas dos amigos e ao trabalho constante e devotado na administração do Hospital e da Maternidade. Enchía todas as suas horas, fazendo projétos, idealisando, trabalhando, construíndo, e fazendo o bem. O bem, como êle próprio dizia, sem olhar recompensa, porque achava o seu espírito alheio à materialidade.

No dia 1.º de Novembro de 1952, às seis e meia da tarde, como uma catástrofe que abalasse toda a cidade, na sua vida, na sua sensibilidade e nos seus destinos, Januário morre. Presentes ao doloroso momento, achavam-se os seus amigos mais próximos, tocados da maior comoção. Enquanto, nervosamente, tudo fazíamos para vencer o impacto que lhe ferira irremediàvelmente o coração, êle, na sua agonía, nos seus últimos momentos, e, esquecendo-se de sí próprio, fez as mais ardorosas e comoventes recomendações acêrca da sobrevivência da sua obra. E como, para mim, ressôam ainda, altas e penetrantes, aquelas suas últimas palavras, segurando-me a mão, como quem quizesse depositar uma relíquia: — "Meu filho, não deixe a minha obra se acabar". Penso que, naquele resto de dia, não pude dar mais uma só palvra. E quasi toda a cidade também. À noite, o grande morto foi levado para o Hospital, a sua velha e querida casa, de cuja Capéla, às quatro horas da tarde do dia seguinte, com grande acompanhamento saíu o féretro.

Na passágem, estacionou na Maternidade, onde um dos seus médicos, Dr. Heriberto Bezerra, fez um discurso de adeuses e saudades. No cemitério, falaram diversos oradores: o Governador Sylvio Pedroza, representantes da Assembléia Legislativa, da Academía de Letras, da Sociedade de Medicina e Cirurgía e da Sociedade de Assistência Hospitalar. A cidade e o Estado ficaram mudos de emoção. Era o triste silêncio do pôvo.

Meus senhores: — Foi assim que nasceram, viveram e morreram João Maria e Januário Cicco, o padre e o médico. Unidos no sacerdócio do sacrifício e do bem, as suas fôrças convergiram para a integração das atividades úteis e caritativas. Ambos fôram grandes na vida, ambos imortalizaram as suas obras. A morte, antes de ser uma fatalidade biológica, é um crime contra a harmonia das coisas. É um "despotismo contra a naturêza". As grandes vidas, entretanto a tudo resistem e sempre se renovam. O passado não envelhece, como não envelhece a glória de Cristo, como não envelhecem a arte, a beleza e o sentimento estético. A velhice e a morte são efeitos do Tempo, mas, os heróis e os santos ostentam eternamente os reflexos luminosas da sua luz, luz que não se apaga porque é renovada sob a glorificação da vida universal.

João Maria e Janúrio Cicco nos fazem encurtar a distância do passado e trazer para o presente todas as emoções que revivemos. Êles firmaram no tempo as feições da sua própria imortalidade: — um era o exemplo e o modêlo de santo, sempre grande e humilde, sempre manso, caridoso e justo. Toda a sua vida foi um livro de belas doutrinas. Com obras e pensamentos escreveu as páginas maravilhosas da sua vida. Sócrates, também, não escreveu, mas as suas pregações nas praças públicas de Atenas e o exemplo de sua vida fizeram um grande livro de sabedoría. Jesus Cristo fez a maior das civilizações com o seu exemplo e a sua palavra.

A obra de João Maria foi um monumento para o povo e foi um livro, o grande livro da sua imortalidade, escrito com as belezas do céu para servir de sol a esta Academia.

E o outro? Januário era a inteligência penetrante, fecunda e forte. Dedicou a sua vida e a sua ciência ao sofrimento dos humildes, ao estudo das complexidades morbígenas, escrevendo livros e páginas memoráveis. Construiu o seu ideal. Tudo o que fez foi suntuoso, como

o seu espírito, coberto de glórias e de púrpura. Subiu para a Academía, levando as credenciais da velha linguágem literária. A sua palavra, talhada em estilo veemente, tinha o colorido da graça e da fôrça, as explosões e a audácia dos espíritos independentes e fortes. Afinava a sua pena na harmonía da frase bonita, elevada e sonóra. Não deseja fazer apreciações, mesmo porque, no imenso oceano das letras, talvez eu não chegasse a ser siquer um máu pirata. Mas, vale confessar que estamos na época em que Parnáso está em ruínas e que se calaram os sons de todas as liras. A prosa e a poesía estão em andrajos e perderam o encanto do seu brilho na asperêsa e na anquilose da gíria, do verso doido e sem harmonía, sem rima, sem inspiração. Diz-se que a musa está decrépita e em nome do bom gôsto e das licenças do snobismo, tenta-se impingir tôda a órdem de extravagâncias. É possível que haja nisto uma dimensão nova, novas coordenadas entre mundos novos no espírito moderno da literatura. Creio, entretanto, que o esméro de linguágem de Januário deu-lhe um clima de densidade espiritual capaz de melhor potencial de erudição e de beleza com que se projetou. Efetivamente, o seu estilo vestía as suas idéias, com elegância da fórma e com a vida do seu espírito. Como o oceâno, também encrespava-se. Na defêsa dos seus princípios contrariados, vinha, então, a tempestade. Tulmuoso e olímpico, a sua palavra era um turbilhão que tudo sacudía e que arremessava centêlhas e lufadas. Entretanto, com aquele mesmo olhar alto, penetrante, olhar de quem vê longe, e com aquelas vigorosas mãos ajudando o pensamento, o velho jequitibá expendía, do alto da sua fronde, alegrias e alvoradas: era idealista e realisador, forte e enérgico, mas, a tôda a hora, misturava-se com os colegas, nos seus recreios espirituais, numa participação franca e sem reservas nas traquinadas que arejam a mocidade de risos e alegrías. Compreendía que, para administrar, sería preciso ser severo sem ser ríspido, ser delicado sem ser volúvel, ser amigo da órdem sem ser intransigente, reconhecer no humilde a dignidade que iguala à todos, premiar o esfôrço e reprimir o ócio, ser imutável na conduta do tratar, ser reto nos seus atos e na sua vida. A filosofía chinêsa ensina que o homem para bem governar os outros, deve primeiro saber governar a sí próprio. A autoridade nasce do respeito que se impõe, do acatamento do direito e do cumprimento do dever; e será forte quando baseada no valôr da conciência. Para

ser obedecido é preciso saber mandar, mandar não é um prazer: é a função prática da razão. Januário soube administrar com disciplina, soube escrever fazendo crítica médico-sociais de relevância, soube exercer a profissão com arte e ciência. Compreendeu que, das verdades em Medicina, a única eterna e grandiosa era a bondade. Como João Maria erigiu com o sacrifício e a caridade monumentos de glória.

Estes homens que tão pertos tinham os corações, fizeram as suas imensas catedrais, deslumbrantes de luz e de sons. Hoje, êles se identificam na intensidade das suas vidas. São partes que se ajustam e que se concluem.

A glória de saber pensar e dizer bem é tão grande como a de sonhar e realizar. São fôrças e engenhos dos espíritos que não morrem, dos espíritos que se projetam para a eternidade, para a imortalidade. Ad Lucen Versus.

João Maria Cavalcanti de Brito e Januário Cicco tiveram, assim, o destino das bandeiras: sempre nas alturas, sempre tremulando!

SAUDAÇÃO A ONOFRE LOPES

Discurso pronunciado na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 16 de outubro de 1955.

IVO FILHO

Exmo. Sr. Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras;

Autoridades civis, militares e eclesiásticas;

Minhas senhoras e meus senhores;

Tinha eu 16 anos de idade quando ingressei, como tipógrafo, na "Gazeta do Comércio", jornal diário, que obedecia à direção do Major Pedro Avelino, um dos maiores jornalistas de nossa terra, pela sua inteligência, sua cultura, seu estilo impecável e impetuoso, sua coragem cívica, que era editado na tipografia de domínio e posse do Major Augusto Leite.

A "Gazêta do Comércio" era uma colmeia onde se aninhavam os grandes intelectuais de Natal: Antônio José de Melo e Souza, cujo pseudonimo era — Policarpo Feitosa; Pinto de Abreu, Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, José da Penha, Pedro Alexandrino, Ezequiel Wanderley, Gotardo Neto, Cicero Moura, Uldarico Cavalcanti, Pedro Melo, e tantos outros de menor projeção, e eu, quasi menino ainda, admirava aquela plêiade de homens de letras que fazia o aludido jornal, discutindo os trabalhos de outros intelectuais dos Estados brasileiros, especialmente, do Rio de Janeiro, comentando os seus artigos, seus contos, suas crônicas e seus versos, dando a Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Aluizio e Artur Azevedo, Machado de Assis, Emilio de Menezes, Coêlho Neto, Cruz e Souza, Luís Delfino, B. Lopes, tão do agrado de Pedro Melo, Luís Edmundo e outros, o lugar que cada um merecia, pelo seu vigor intelectual, sua escola, sua inspiração e seu estilo, salientando-se Silvio Romero, cujos trabalhos constituiam a crítica literária aos homens de letras daquela época. E tudo aquilo empolgava o meu espírito de rapaz novo, que imaginava ser, futuramente, um dos homens de minha terra, que também escrevesse, em jornais, ou revistas, e fizesse versos, contos e crônicas,

Ao ser criada e instalada a "Liga-Artistico-Operária", desta cidade, sonho de Augusto Leite, por êle objetivado, nas vésperas da solenidade inaugural, chegou êle à sua tipografia com a idéa de um de seus tipógrafos falar, no referido ato, em nome de sua classe a que também pertencia, incumbência que Ezequiel Barbosa e Teófilo dos Anjos não aceitaram e êle pediu-me que o fizesse.

Comprometi-me e passei a imaginar o que poderia dizer, a título de discurso, porque coisa alguma sabia sobre as aspirações do proletariado, que justificassem a criação daquela agremiação, pois, em letras e história não ia eu além dos artigos, versos, crônicas e contos que compunha, no jornal diário, onde era empregado e trabalhava.

Mas, uma criatura amiga, Da. Apolonia Sales, dada a leituras, frequentadora de nossa casa, sabendo de minhas preocupações, para desempenho do encargo que me fôra outorgado, deu-me a ler o "PODER DA VONTADE", de Samuel Smailles, por entender que, naquele livro, poderia eu encontrar muita coisa que servisse ao meu futuro discurso, a ser pronunciado, no dia da mencionada solenidade, tendo eu lido algumas páginas apenas, porque o tempo era minguado, referentes à vida de alguns homens ilustres, que, pobres, se teriam feito à custa de seu esforço próprio, e, dentro desse ambiente de pobreza e de operosidade, escreví o desejado discurso, e o pronunciei, no dia da instalação da "Liga-Artístico-Operária". E qual não foi a minha surpreza quando, no dia seguinte, o Major Augusto Leite procurou-me, para felicitar-me pelo modo por que me havia desincumbido da missão que êle me déra.

Êsse fato constituiu a minha primeira vitória, e um estímulo para o meu ingresso nas letras, procurando ouvir, atenciosamente, as discussões que eram travadas, na redação do jornal, onde trabalhava, entre os que o faziam, lendo com certo carinho e atenção os trabalhos letrários que compunha e, aos domingos, dias santificados e feriados nacionais, em vez de sair de casa, nela ficava, fazendo leitura de alguns livros que me caiam às mãos.

Falecendo meu pai, no dia 8 de abril de 1903, não podia eu, com o salário de quarenta mil réis, que tinha, na tipografia, manter a herança que êle me deixára: uma mãe e três irmãos, passámos, então, a residir em companhia de um tio afin, — o velho Joaquim Francisco Moreira — porteiro da administração dos Correios, deste Estado, o qual conseguiu, em maio do mesmo ano, com o respectivo chefe, o Major Artur Moreira Dias, na repartição que dirigia, uma colocação para mim, esta-

fêta da linha Natal a Macaíba, conduzindo eu as malas postais, desta àquela cidade, na lancha de Mestre Antônio, como era conhecido, e quando essa função não desempenhava, prestava os meus serviços, na Contadoria da referida Repartição.

A mudança de empregado, ganhando setenta e cinco mil réis mensais, com um trabalho, relativamente, pequeno, porque sòmente trabalhava durante o dia, em vez de trabalhar diurna e noturnamente, como ocorria na tipografia, era mesmo que cavar chelita, na mina de "Brejuí", quando o minério se encontrava à flôr da terra, e não necessitava de maquinária para a sua extração.

E a vontade de estudar, para ser alguém acentuou-se dentro de minha pessôa, em estado potencial. Mas, não podia pagar o professor, de maneira que, onde surgia uma escola gratuita, o orador que vos dirije estas palavras na mesma se encontrava, assim, acontecendo com a aula de Aritmética dada pelo Capitão Jacinto Torres, na loja maçonica "21 de Março", e na de Português, que o professor Eduardo dos Anjos mantinha, na loja também maçonica "Filhos da Fé". E tudo isso se originara da leitura que fizera da grande e extraordinária obra de Samuel Smailles.

Funcionário postal com uma licença dada pelo respectivo Chefe, ingressei no curso de Madureza, do Ateneu Norte-Riograndense, tendo sido colega de Atila Garcia que, no 1.º ano, foi comigo premiado com uma medalha de prata, Luís Odilo e José Alexandre de Amorim Garcia, Silvio Rabelo, Anfiloquio e Cleto Câmara, Virgílio Paiva e tantos outros, porém, ao chegar no meio do 2.º ano, tive de abandonar o curso, por motivo de moléstia, na minha pessôa.

Não se queira saber a mágoa imensa que sentí, quando fui obrigado a abandonar os estudos, porém, em 1908, sendo criada e instalada a Escola Normal de Natal, fiz parte da primeira turma, juntamente, com Luís Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima, José Rodrigues Filho, Anfiloquio Carlos Soares da Câmara, Luís Soares de Araújo, Severino Bezerra de Melo, Manoel Tavares Guerreiro, Hermes de Oliveira Mendes, que abandonou o curso, e Ulisses Seabra de Melo que, a 10 de julho de 1910, pôs têrmo à sua existência, e tive a felicidade de, naquêle ano, receber o diploma de professor primário.

De então, por diante, tudo clareou, na minha vida, pois, na Repartição dos Correios, com a reforma de fins de 1909, tendo alcançado o lugar de Praticante de 1a. Classe, em sendo professorando, abri um curso primário, na minha própria residência, e a miséria desapareceu.

Êsse curso primário foi, posteriormente, ampliado, e passei a lecionar noções de Português, de Francês, de Aritmética, Algebra, Geometria Plana, Geografia, História Geral e do Brasil, e, até mesmo na ausência do professor Luís Antônio, desta cidade, cheguei a lecionar Física, Química e História Natural.

Foi, nêsse curso, que tive a felicidade de conhecer o moço Onofre Lopes da Silva, pobre, inteligente, estudioso e portador de exemplar comportamento e, na aula de qualquer disciplina, quando todos os alunos da classe empancavam, o último a ser interpelado sobre o assunto da lição era êle, e a resposta certa não se fazia tardar, porque havia êle a preparado; e preparado bem.

Atinjamos, agora, o dia em que Onofre Lopes terminou o seu curso de preparatórios. Na noite dêsse mesmo dia, aparece-me êle, na minha residência, para agradecer o que lhe havia feito eu, pois, dizia, sem mim, não teria iniciado e concluido os seus preparatórios por falta de meios materiais para pagar professor, ao que lhe respondi que o meu trabalho teria sido recompensado com o aproveitamento por êle demonstrado.

E, aproveitando a ocasião, interpelei-o sobre a carreira que pretendia seguir, e a resposta que tive foi a seguinte: medicina, porém, não poderia ingressar, na faculdade, mesmo na de Recife, por falta de recursos monetários.

Lembrei-me, então, do "Poder da Vontade", de Samuel Smailles, que tanto me havia servido, na vida, dando-me coragem para enfrentá-la e vencê-la, e aconselhei-o: seu irmão, Genésio Lopes é Ajudante de Ordens do Governador José Augusto, e lhe pode arrumar uma passagem com o govêrno, mesmo de trem, até a capital pernambucana. Consiga essa passagem, depois de arrumar de pessôas amigas e de sua família um auxilio que lhe proporcione a matrícula ao exame vestibular, para o que eu mesmo concorrerei, e vá. No referido exame você será aprovado, porque é inteligente e está para êle preparado, e, uma vez matriculado, no 1.º ano do curso médico, se as aulas forem pela manhã, o faça à tarde, se pela tarde o faça pela manhã, isto é, coloque-se na esquina da Lafayette, com uma pequena vasilha, na mão, pedindo esmolas para um rapaz pobre, que deseja formar-se em medicina.

Ouvindo o meu conselho, Onofre Lopes tomou embalagem, e, despedindo-se de mim, assegurou-me que iria fazer o exame vestibular, na Faculdade de Medicina de Recife, custasse o que custasse. E foi. Foi e, conseguindo a sua aprovação, como era de esperar, matriculou-se no 1.º ano, e não pediu

esmolas, porém, trabalhou muito, transferindo-se, posteriormente, para a Escola de Medicina, da Universidade do Rio de Janeiro, lá concluiu o curso que tanto almejava, sem o auxílio material de ninguém, porém, com o seu próprio trabalho, o seu esforço próprio.

Formado, não quiz ficar no sul do país e veio para a sua terra natal, onde encontrou a figura humanitária e bôa do Dr. Januário Cicco, que o recebeu, no corpo médico do hospital que obedecia à sua direção. E a gratidão de Onofre Lopes por Januário Cicco ficou, e com tamanha intensidade afetiva, que procurou ser o seu substituto, no nosso sodalício, na cadeira que era ocupada pelo seu saudoso amigo e grande protetor.

Feita esta resenha, espero que êste seleto auditório não me tome por cabotino, fazendo a autobiografia que fiz, pois, a tracei, para demonstrar que, quando se quer, tudo se alcança, e para justificar a razão de ser do conselho que dei a Onofre Lopes, quando me confessara, que não iria estudar, por falta de recursos materiais, porque em mim tinha eu o exemplo, de que querer é vencer; como está, igualmente, justificada a atitude tomada por êle, trabalhando para ingressar nesta Academia, tendo apenas uma preocupação: ocupar a cadeira que teria sido ocupada pelo seu amigo, colega e chefe, o acadêmico Dr. Januário Cicco.

Mas, o espírito de gratidão de Onofre Lopes distendeu-se ainda: procurando-me para recepcioná-lo, nesta festividade, no que foi, por mim, atendido. Não quís êle um outro confrade mais moço, mais arrebatado nos conceitos, possuidor de conhecimentos profundos em literatura, em artes e na ciência médica, quiz o seu antigo professor, o homem que o estimulara para vencer na vida, com a realização de seu ideal, que seria alcançar a profissão que escolhera, sem visar vantagens lucrativas, porém, o vínculo harmônico, entre o seu sentimento profissional e as suas tendências filantrópicas.

E, aqui, me encontro, para dizer algo sobre o Padre João Maria, sobre Januário Cicco e sobre o próprio Dr. Onofre Lopes da Silva.

E começo pelo primeiro dêles.

Criada a nossa instituição cultural foi escolhido para patrono de uma de suas cadeiras, o Padre João Maria Cavalcanti de Brito, ,escolha feita pelo acadêmico Januário Cicco, pois, ficou a nosso critério de fundadores da Academia Norte-Riograndense de Letras tomar o nome que deveria ser o seu protetor.

Viu-se, então, o entusiasmo de Januário Cicco pelo patrono que escolhera, demonstrando tratar-se de duas almas

que se ajustavam, se enquadravam, perfeitamente bem, por haver, entre ambos, os mesmos sentimentos de prodigalidade, na distribuição das mésses, entre a pobreza de nossa terra.

Quem visse Januário Cicco com aquela aparência autoritária, aquela voz de **condotier**, entre as pessôas que o cercavam, não podia imaginar que, dentro daquêle invólucro material, existisse um coração, imensamente grande, que sofria com os humildes as suas decepções e as suas dores.

O Padre João Maria objetivou o seu espírito caritativo dando esmolas aos que o procuravam, as suplicando, para o que houve ocasião de se despojar de tudo quanto possuia, até de suas próprias roupas e da rêde onde dormia. Na época da epidemia da varíola, êle percorria, nos lugares onde a pobreza era vasta, choupana por choupana, dando a sua homeopatia, fazendo a comida, que êle próprio conduzia, untando as chagas de óleo e até carregando água da fonte, quando êsse pobre residia na rua da Misericórdia, então, rua da Salgadeira.

Januário Cicco não andava pelas casas dos pobres, como fazia o padre referido, porém, no hospital, que era por êle dirigido, e centro de suas atividades profissionais, o miserável que ia, alí, procurar lenitivo para os seus males físicos, o encontrava pródigo, afetuoso e altruístico.

E foi dentro dêsses princípios de abnegação e altruismo, que êle reformou o pardieiro, que foi o prédio do, então, hospital "Juvino Barrêto", tornando-o digno de nosso estado de civilização, de maneira que, hoje, o hospital "Miguel Couto" é um prédio magistral, admirado pelos profissionais que o visitam, devendo-se tudo ao seu espírito empreendedor, que contou com o auxílio técnico e desprendido do engenheiro Décio Fonsêca.

A maternidade de Natal que tomou, como uma demonstração de reconhecimento e gratidão, o seu nome, é um outro trabalho homérico de Januário Cicco, legando-o à nossa população, contendo tudo quanto se faz mistér, aos fins a que o mesmo se destina, possuindo, além de acomodações modernas, para as gestantes pensionistas e para as que não o são, por seu estado de pobreza, médicos especializados em natalidade e cuidados infantís, e o material próprio e necessário às intervenções cirúrgicas.

Recordo o seu esforço, para objetivar a idéa que teve, de construir a mencionada maternidade, porque o acompanhei de perto, nas festividades que promovia, com a finalidade de angariar os primeiros donativos a ela destinados. Vi e ouvi o entusiasmo com que descrevia, a todos que o cercavam, o que

a mesma iria ser, no nosso meio social, porque, dizia êle, antes de cuidar-se da criança, devemos tratar da mãe, que vai trazer o filho à luz do mundo.

Quando o Brasil entrou na guerra mundial, o prédio em aprêço estava já com a sua construção concluída, porém, a maternidade não havia sido ainda instalada, e foi o mesmo requisitado pelo exército, para servir de hospital militar.

Vindo a paz ao mundo, dito prédio foi desocupado, e qual não foi a tristeza experimentada por Januário Cicco, quando verificou o estrago que, no mesmo, fizeram. E recomeçou a sua nova luta, para obter do Govêrno Federal uma indenização capaz de reparar os danos sofridos pelo aludido edifício, de molde a ficar êle em estado de poder ser entregue à sua finalidade. E conseguindo essa indenização, para o que viu-se na necessidade de recorrer a gregos e troianos, uma vez feitos todos os reparos, tratou logo de inaugurar a maternidade, que constituira o seu grande ideal, para cuja objetivação estavam voltados o seu pensamento, o seu esfôrço, a sua operosidade, ha muitos anos seguidos.

Onofre Lopes da Silva é da estirpe de Januário Cicco: vontadoso, inteligente, desprendido e humanitário.

Assumindo a presidência da "Assistência Hospitalar", voltou o seu espírito para a realização dos ideais de seu antecessor, afim-de que a mesma não sofresse qualquer solução de continuidade, e um dêsses ideais seria a criação de uma Escola de Medicina, no nosso Estado, que já possue uma Faculdade de Farmácia e Odontologia e uma Faculdade de Direito, e conseguiu êsse objetivo, de maneira a poder afirmar-se que, no próximo ano, a referida Escola irá funcionar, devidamente aparelhada e com um corpo docente à altura de sua finalidade. E é do conhecimento de todos que habitam nesta cidade, o esforço desprendido por Onofre Lopes, quer junto ao Conselho Superior de Ensino, quer junto ao Presidente da República, para conseguir o funcionamento da mencionada Escola.

Não é Onofre Lopes um literato propriamente dito, porque não educou o seu poder imaginativo escrevendo poemas, romances, crônicas ou contos, pois, levou a sua mocidade embrenhada em assuntos mais positivos, trabalhando para vencer, na vida, porém, uma vez formado, empregou o seu espírito em assuntos da ciência que abraçou, de maneira a podermos afirmar que êle não é somente um clínico, mas, um grande operador, em cuja especialidade tem feito verdadeiros prodígios.

Miguel Couto era médico, e Pedro Lessa jurista, entretanto, ambos pertenceram à Academia Brasileira de Letras e

foram, dela, magníficos expoentes, assegurando-lhe o prestígio adquirido, desde o início de sua fundação.

Faz, hoje, cincoenta anos que Natal sofreu um grande abalo emocional com o falecimento do Padre João Maria. Foi um dia de profunda tristeza, para esta terra. Tinha-se a impressão de que as asas da morte se teriam distendido sobre as cabeças de todos os habitantes de Natal. Lágrimas ardentes, sentidas e sinceras saiam dos olhos de todos, e súplicas partiam de todos os corações, pedindo o descanso eterno para a alma do grande levita do Senhor.

A população, em quasi tôda a sua unanimidade, acompanhou os restos mortais do homem que deveria ser um Santo, à sua última morada. Quem vivo já era aquêle tempo, e deve ainda haver muita gente, lembrar-se-á do cortejo acompanhante do féretro que, saindo da casa de residência das irmãs do grande morto, hoje, o local que é ocupado pelo prédio assobradado pertencente a Ulisses Medeiros, caminhava para o cemitério público do Alecrim, de difícil acesso àquela época, dadas as valas que impediam o caminho do Baldo para cima. Mas, um sacrifício feito por aquêle que fôra o amparo da pobreza, dentro do seu apostolado, constituia uma verdadeira glória.

E Onofre Lopes, propositalmente, escolheu o dia de hoje, para empossar-se na cadeira que tem por patrono o padre, o ex-vigário desta paróquia, que tantos benefícios proporcionou aos seus habitantes.

Outro que não o orador que vos fala, minhas senhoras e meus senhores, poderia estudar a personalidade do Padre João Maria Cavalcanti de Brito e da de Januário Cicco, por outro aspecto, sob o ponto de vista clínico, para demonstrar que o espírito de altruismo existente, entre ambos, era a consequência do desenvolvimento ou atrofiamento de determinadas glandulas de secreção interna, desde que êles tinham a mesma abnegação pela pobreza; compadeciam-se de seus padecimentos, que procuravam minorar, eu, porém, estaciono nos fatos que acabo de narrar, deixando ao vosso estudo e à vossa conclusão as suas causas determinantes, isto é, a apreciação psicológica dessas duas vidas, que tão úteis foram à humanidade sofredora de nossa terra.

Admito, entretanto, o fato que a ambos levaram à prática do bem, aos ditames do coração, êsse músculo cardíaco que além da função de impulsionar ao corpo a linfa sanguínea, que o alimenta e o desenvolve, à fonte de afetos emocionais, donde se irradiam eflúvios embalsamadores do meio ambiente, cobrindo-o de sentimentos e ações benéficas.

Sobre o Padre João Maria ha, nos anais desta casa, o trabalho, amplamente desenvolvido de Januário Cicco, lido e ouvido, no dia de sua posse. Câmara Cascudo, o historiador ilustre, no dia da posse do acadêmico, que é, hoje, substituido, na cadeira que ocupou, fez-lhe um estudo minucioso da vida que viveu, começando pela cidade de São José de Mipibú, sua terra natal, onde a sua meninice sentiu os primeiros sonhos, que a mocidade completou, terminando com a sua atuação nesta cidade, até os últimos dias de uma existência proveitosa, trabalho que Onofre Lopes da Silva acaba de completar, dandonos a impressão fixadora das suas atividades incansáveis que o tempo, jamais, apagará.

* * *

Dr. Onofre Lopes: d'aqui a alguns momentos iremos assistir o seu compromisso de membro da Academia Norte-Riograndense de Letras, enquanto viver, passando, dess'arte, a ser um de nossos imortais, e temos a certeza de que virá conosco trabalhar, com a mesma intensidade com que vem agindo, na vida social de nosso Estado, quer como profissional de idoneidade por todos proclamada, quer como cidadão de mãos assetinadas e limpas, fato demonstrado com a criação e próximo funcionamento de nossa Escola de Medicina, resultado exclusivo de seu espírito empreendedor e tenaz, de maneira que, em nome do sodalício a que pertenço e, nêste momento, represento, para satisfazer um desejo seu, somente uma coisa lhe tenho a dizer: seja benvindo ao nosso convívio, onde o recebemos de braços abertos.

Natal, 16 de outubro de 1955.

PEDRO VELHO E A CULTURA NORTE-RIOGRANDENSE

(Discurso de posse na Academia Norte-Riograndense de Letras).

ELOY DE SOUZA

Só a caturrice dos velhos pode explicar a lembrança de reproduzir numa solenidade festiva o discurso que pronunciei em 1939, na inauguração do mausoléu mandado erigir pelo Sr. Interventor Rafael Fernandes em homenagem à memória do Senador Pedro Velho.

A razão do recurso insólito está no meu respeito ao testemunho dos mortos, em cuja presença a mentira seria sacrilégio. O que disse, então e vou redizer agora, só êsse testemunho pode suprir o documento autêntico, substituido na eventualidade por algumas reminiscências, embora, honestamente revividas.

E foi assim que eu falei:

O intérprete da cidade nesta trasladação devia ser outro. Ligam-me ao Dr. Pedro Velho cadeias tão robustas, recordações de uma convivência tão longa, que me punge evocar a sua figura, principalmente numa hora em que tenho de dizer-lhe mais uma vez o adeus que, na minha idade já pode ser o até breve dos caminheiros da vida. Falando diante desta morada definitiva que os imprevistos de um destino imerecido tornaram tardia, o Dr. Pedro Velho surge aos meus olhos como numa ressurreição luminosa. Vejo-o na sua formosura varonil, não para ser julgado, mas para julgar os sobreviventes, seus amigos ou seus discípulos, aos quais tem o direito de perguntar pelos frutos do seu apostolado.

O tempo é ainda curto para que tenhamos adquirido a isenção da posteridade. Somos, em grande maioria, seus contemporâneos, isto é, admiradores de suas virtudes com o mesmo entusiasmo de ontem, quando o seu verbo de alta inspiração nos comunicava a sua fé nos destinos do Rio Grande do Norte. Ninguém, talvez tanto quanto êle, quis bem a esta terra de que foi amoroso ciumento em longas vigílias pela sua digni-

dade, pela formosura maior das galas com que dotou-a a natureza, trabalhando num silêncio doloroso e continuado para que, as vicissitudes climatéricas, nunca a despojassem totalmente dêsse enfeite que era a visão constante do seu idealismo construtor. Muitos conhecerão êsse aspecto sentimental daquêle grande coração. Poucos terão, porém, assistido, como eu, toldarem-se de lágrimas os olhos enternecidos quando, após ausências que nunca foram longas, diante dêle se desdobrava à proximidade da barra o panorama das dunas e dentro delas o estuário do Potengí, lago sereno, num convite amável ao refúgio vindo dos séculos distantes, a tôdas as náus cansadas de longínquas travessias. O meu discurso tem que ser por fôrça um depoimento diante do homem que para mim não morreu, que me encara, como sempre fez, olhos nos olhos, numa atitude honesta de duas almas, ligadas pela verdade no ódio contra a mentira. Nunca escreví o que agora me sinto no dever de contar, para que saibam os vindouros, como foi alta e nobre a consciência do homem cujas cinzas conduzimos nesta comovedora romaria de saudade e alvoroçado respeito. Conto para que, saibam os vindouros como êle sempre desprezou a lisonja e os lisonjeiros, e a imensa alegria com que abria o seu coração aos homens, que na altivez tinham o melhor certificado de sinceridade para servir com devoção o Rio Grande do Norte.

Deputado eleito pela sua afeição, quando ainda imberbe, comprometi-me, certa vez, com adversários políticos, depois de haver conseguido seu assentimento a fazer votar no Congresso do Estado uma pensão para amparar a viúva de Braz de Melo. Circunstâncias que eu ignorava determinaram que o Dr. Pedro Velho voltasse atrás de sua promessa. Prevenido por colegas tão interessados como eu nêsse benefício de que o projeto não mais transitaria naquela Casa Legislativa resolvi renunciar o meu mandato depois de uma noite indormida premido pela dor da minha primeira desilusão política. No dia seguinte, procurei-o em hora matinal e a êle comuniquei a inabalável resolução, dizendo-lhe lealmente haver verificado que, para conservar uma amizade que me era, sobre todas, preciosas, tinha de quebrar os grilhões da política e da disciplina apartidária. Omito as minúcias deste episódio. O que me cabe fixar aqui são as palavras com que me despediu, pedindo que voltasse a falar-lhe quando fosse para o Congresso. Voltei e tive, então, a confidencia dos motivos poderosos pelos quais havia resolvido o contrário do que prometera, mas logo acrescentou ter encontrado o caminho constitucional para o benefício justo e desejado, sem que pudessem subsistir às pretensões que o

tinham forçado a uma resolução tão contrária à fidelidade dos seus compromissos. E pondo-me as mãos sôbre os ombros fitou-me por instantes e disse-me comovidamente: "Vai, meu filho, e nunca te arrependas de gestos como êste". E êsse gesto tem acompanhado tôda minha vida pública para dignificá-la numa constância de quarenta anos.

O político nunca esteve abaixo do educador que formou no primeiro internato por êle fundado em Natal, alguns caracteres blindados para o exercício honesto de várias profissões. Educado no Colégio Abílio, adotou no seu ginásio os mesmos métodos de respeito à dignidade dos alunos, corrigindo-os pela persuasão coletiva, que foram os primeiros lampejos de sua eloquência. Felizes os que o ouviram, felizes os que o admiraram nêsses remígios, persuadindo ou alvoroçando as almas ao calor de uma emoção irresistível. Mais felizes, porém, os que o conheceram na intimidade, os que sentuam o arminho de sua bondade expontanea. Tôdas as desigualdades o revoltavam, todos os preconceitos o encontravam em atitudue repulsiva, e eu, melhor do que ninguém, guardo na memória do coração êsse traço indelével de sua individualidade. Ainda estudante, tive a surpresa da incumbência de emitir opinião sôbre a caducidade do contrato da estrada de ferro de Natal a Ceará Mirim de que concessionário o sr. Afonso Maranhão, incumbência para qual nunca encontrei no meu critério de adolescente nem no meu preparo, motivo justificado. Ouvi a opinião de convicção numa conversa da qual participou o interessado. Contrário ao seu ponto de vista, com o qual se solidarizou o Dr. Pedro Velho, então Governador, aquêle industrial à falta de argumentos disse a certa altura: "Muito me admira que você, entre a opinião deste mulatinho e a minha, preferia a dêle". Uma onda de sangue congestionou a face dêste grande espírito, que após curtos instantes de silêncio mortificante alongou os braços e com as duas mãos, nuuma crispação incontida ajuntou os papéis que lhe tinham sido confiados e entregou-os aos concessionários com essas palavras que ainda agora estou ouvindo com o mesmo sentimento de emoção: "Vai Afonso. A nossa conversa está terminada". E em resposta a uma desculpa apenas esboçada, acrescentou: "Vai Afonso. Tu és demais aqui". E mal o seu primo lhe dava as costas, ainda com a face insendida disse numa flexão melancólica: "E êstes são os nossos fidalgos, meu filho".

São episódios que é preciso contar como documentos para sua biografia. Contar, sobretudo, como explicação a sua campanha pela libertação dos escravos, feita numa fase de

sacrifícios, dada a precariedade da saúde de que êle tanto precisava no começo de uma carreira de médico pobre, já onerado pela responsabilidade de cinco filhos. Contar, ainda, como explicação do seu prestígio político, cujas raizes profundas mergulharam em milhares de conciências identificadas no mesmo labor pela ordem e pela paz, pela tranquilidade e pelo progresso da terra natal.

Não foi, apenas, graças a sua beleza varonil e simpatia envolvente que êle exerceu, no seu tempo, uma ascendência impressionante sobre as multidões como orador e propagandista, mas sim pela formosura espiritual que criou uma fôrça partidária posteriormente transmudada em força política, que deu ao Rio Grande do Norte, logo ao alvorecer da República, assento e voz nos conselhos do Govêrno. Este o seu grande milagre que, certamente, não teria realizado sem haver insuflado na alma norte-riograndense uma vitalilade que se fez ação, coragem, dignidade e espírito público. Esta vitalidade não acabou e não acabará. Podemos, assim submetermo-nos com alegria ao seu julgamento. Aqui estão discípulos, amigos, contemporâneos para afirmarem com a mesma imparcialidade feita de justiça que a semente germinou e se alteou para os céus numa frutificação que a passagem dos anos tornará mais abundante porque o solo é fecundo e abençoada a mão do semeador. Sua intuição política firmou-se às primeiras horas da proclamação da República e sem ela não teria sido possível o sortilégio que o sagrou chefe, ainda muito jovem, pelo voto unânime dos veteranos militantes nos partidos políticos da monarquia. Dos seus grandes chefes só não esteve presente a essa sagração o Dr. Amaro Bezerra, derrotado pelo grupo dissidente dos liberais sob a chefia do Cel. José Bernardo, expressão lídima do civismo sertanejo. Não será, talvez, difícil fundar um partido, mas foi sempre em todos os tempos, bem raro, manter um partido criado, e mais raro ainda manter êsse partido sempre e cada vez mais coeso na defesa dos ideais e dos princípios norteados de sua ação construtora. Essa a fortuna que lhe coube. Nunca foi senão chefe e com essa autoridade serviu a nação nas horas mais sérias do regimem. Nunca ninguém disse: "Pedro Velho deu a sua palavra de honra", mas apenas: "Pedro Velho deu sua palavra", essa palavra que foi o combate ao adiamento do Congresso, pleiteado por Floriano Peixoto, o ostracsmo voluntário no Govêrno do austero Prudente de Morais para não trair o seu partido; a candidatura de Lauro Sodré contra a debandada dos próprios correligioná-

rios, que, se não deixaram sozinho o Rio Grande do Norte foi porque desse páreo de lealdade não desertou o Estado do Paraná. Com êsses elementos de força foi que o dr. Pedro Velho tirou do nada o Rio Grande do Norte e o libertou dos labéus pejorativos com que era de hábito tisnarem-no na monarquia, políticos e jornalistas, para elevá-lo à culminância em nível igual às demais unidades da Federação. O seu espírito continua a pairar sobre nós, como pairou, dadivoso, o espírito de Deus sobre as águas. Entre os materiais de construção dessa grande obra, dentro dos nossos muros, um dos mais preciosos foi o jornal que divulgou há 50 anos, nesta mesma data coincidente com a homenagem que estamos prestando à sua memória, libertando as suas cinzas de um nomadismo tão doloroso quanto ingrato.

"A República" aquí está presente pela minha voz, que em seu nome agradece ao sr. Interventor Rafael Fernandes ter dado execução ao decreto legislativo que autorizou a construção deste mausoléu, iniciativa reparadora que o povo e a família também me mandam comovidamente agradecer.

Dorme em paz, lidador! A posteridade não te esquecerá. No seu julgamento futuro, maior do que hoje será a multidão que aqui virá na romaria da gratidão, relembrar o que fizeste pela tua gente, em obediência ao imperativo de um amor que não teve a maldição da esterilidade, mas as bênçãos de Deus, que nunca deixaram de tornar fecundo o trabalho dos homens de bôa vontade. Dorme em paz, lidador.

Os dois episódios que acabo de narrar são apenas amostras de tantos outros que logo após a Proclamação da República em nossa terra valeram-lhe a amizade e a dedicação de numerosos adversários. Entre as suas muitas virtudes constituiram forças atuantes para os sucessos alcançados em era já remota.

Baltazar Bezerra da Rocha foi seu amigo de infância. Dêle separou-se por vicissitudes políticas em ligação com a solidariedade devida a conterrâneo, seu parente próximo, militante nas fileiras adversárias. Aconteceu que premido por dificuldades economicas viscerais, ficasse amedrontado de perder o modesto emprego, único recurso que lhe restava para suprir necessidades domésticas. Naquêle tempo as ligações partidárias obrigavam a vínculos que implicavam todos os sacrifícios por devoção a uma fidelidade que era desonra interromper. Resolveu, então, na sua agonia, solicitar a opinião de um dos seus mais constantes amigos, também seu orientador político, na sua intransigência, opôs-se ao desejo por êle manifestado de conversar a respeito com o dr. Pedro Velho, achando mesmo

que era desperdiçar o sono maldoso do inimigo adormecido. O vaticínio de que seria muito mal recebido não impediu que o consulente saindo de sua casa, fôsse bater palmas à porta fatídica.

Com surpresa quem lh'a veio abrir foi o dono da casa que era, nada mais nada menos, do que o todo poderoso Governador do Estado que agora lhe aparecia como o amigo de outros tempos, na alegria com que o abraçou. Exposto o motivo da visita, dêle ouviu como resposta curta e incisiva a declaração de que não o perdoava pelo esquecimento de uma amizade mais forte do que os laços partidários, suspeitoso que tivesse pensado na possibilidade de perder o pão por uma divergência que não representava senão uma curta encruzilhada da vida. Como Baltazar morasse na Aldeia Velha e o sol já estivesse muito alto, reteve-o para almoçar. Quando, por fim se despediu foi diretamente à residência confortável do correligionário que momentos antes o havia procurado dissuadir das passadas proveitosas de que voltava. Anunciado o resultado da visita, aquêle importante negociante, disse-lhe, não muito bem humorado: "Mais um que foi para a vala comum". Ao que prontamente Baltazar replicou com uma gargalhada de mofa: "E você, se não fôr depressa não encontra mais lugar na sepultura e ficará de fora como carniça dos urubús".

Fato de suma relevância de sua gestão como primeiro Governador Constitucional do Estado, incumbido de organizar todos os serviços destinados ao provimento de sua vida autônoma, avultava a escolha de um inspetor do Tesouro com capacidade comprovada em longo tirocínio administrativo. Por todos os títulos o administrador que se impôs à sua preferência, foi o Comendador Joaquim Guilherme, adversário da primeira fila, jornalista militante que na sua gazeta, diàriamente apreciava os atos de sua administração nem sempre com justiça, e isenção de ânimo. Muito embora êsse divisor de águas, certo dia, o Comendador Joaquim Guilherme recebeu um convite do Governador para ir sem demora ao Palácio do Govêrno afim de tratar de assunto público da maior urgência. Alí chegando, à hora do expediente normal foi surpreendido com o convitve para exercer o cargo de Inspetor do Tesouro, seguido da declaração de que não admitia excusas, fôsse qual fôsse o motivo que pudesse alegar. O convidado, apesar da recomendação, tentou, todavia, esquivar-se à aceitação do convite sob o pretexto de ser não só adversário, mas também um

jornalista em oposição manifesta a muitos atos da sua administração.

— Tudo isso eu sabia, disse-lhe o Governador, e não foi, por outro motivo que lembrei-me do teu nome, na certeza de que vou encontrar no atual administrador do Tesouro, porque já estás nomeado, um meu colaborador bem avisado e prudente.

Dalí saindo, conta-se haver dito a um correligionário: "Não te espante, acabo de ser nomeado Inspetor do Tesouro e tudo que te posso dizer é que êsse jovem vai longe, na sua carreira política, há tão pouco tempo começada. É, posso te dizer, uum sedutor perigoso, "que não precisa cantar a palinoida por muito tempo".

Sem essa colaboração não teria podido o Dr. Pedro Velho organizar êsse serviço num molde que durante muitos anos permaneceu definitivo na continuidade administrativa do Cel. Pedro Soares, outro antigo adversário atraido para o exercício da mesma função, inteiramente libertado de compromissos de ordem partidária com o Governador.

Por tais e tão seguidos propósitos de elevado espírito público pôde êle imprimir o cunho de austeridade à gestão governativa, compreensão que em mais de uma oportunidade supriu a experiência.

Joaquim Apolinário era um funcionário que exercia exemplarmente suas funções nos intervalos dedicados ao violino, instrumento que manejava com perícia comovedora. Era, porém, desabusado por temperamento e no correr dos anos tornou-se agressivo devido a padecimentos que ignorava. Quando o Dr. Pedro Velho instituiu o montepio, Joaquim Apolinário rebelou-se. Não admitiu o desconto do Tesouro no primeiro pagamento como contribuição obrigatória para percepção do benefício. Sua reclamação não foi porém feita em têrmos discretos mas num "meeting" desrespeitoso que pôs em polvorosa os poucos funcionários testemunhas da rebelião intempestiva. O fato foi levado ao conhecimento do Inspetor que, pessoalmente, o comunicou ao Dr. Pedro Velho, consultando-o ao mesmo tempo, sobre a conveniência da penalidade a ser imposta. Não foi, porém, o Governador quem respondeu, mas o médico que logo viu o antigo cliente no seu consultório tranquilizado por um diagnóstico de moléstia grave disfarçado com palavras ilusórios. "Não faças nada, Joaquim, não tomes por ora nenhuma providência até que o bom senso acalme um sistema nervoso exasperado. O bom senso voltou, naturalmente, ao funcionário rebelado; e dentro de pouco tempo, o Tesouro

pagava à viúva e filhos menores de Joaquim Apolinário, a primeira pensão do nosso primeiro Instituto de previdência. Para mim, o político assinalou-se por um nível inigualável no meio conterrâneo, mas a bondade foi a semente das suas virtudes de homem público. Assim tão bom, foi também o político de maior coragem que conheci aqui e no cenário da polítiica brasileira, não apenas pela bravura do soldado em ação, mas pela coragem moral, que sempre o advertiu contra a repercussão de fraquezas que pudessem deslustrar o civismo de nossa gente. Nunca recuou no cumprimento dêsse resguardo, menos pensando no próprio valor e na própria dignidade do que subordinado ao pundonor dos conterrâneos nos momentos em que a honra impunha destemor.

Estado pequeno e pobre, retalho de uma federação no meio de tantas províncias grandes em território, população e riqueza, num todo representativo de prestígio político êle soube, conservar o Rio Grande do Norte muito aquem dessa vanguarda vitoriosa.

Esse espírito cívico madrugou na altivez do Dr. Pedro Velho desde a primeira peleja até o instante em que, inanimado, fechou os olhos para a vida.

Contra a candidatura do Marechal Deodoro da Fonsêca à Presidência da República, sufragou o nome de Prudente de Morais, soldado da República nas lutas porfiadas em São Paulo pela sua proclamação numa solidariedade democrática com Francisco Glicério, Bernardino de Campos, Rangel Pestana, e tantos outros que alí comandaram pugnas valorosas pela vitória do credo republicano.

Sem essa coragem, sem a fortaleza das raizes que aprofundaram na sua consciência cívica decisões políticas amadurecidas, o Rio Grande do Norte não teria sido o primeiro Estado do Brasil a proclamar a candidatura de Prudente de Morais à Presidência da República, rompendo o mutismo vergonhoso de um adiamento em prolongada espectativa da oportunidade desafogada dos temores de uma ditadura apoiada nas baionetas a serviço do jacobinismo sanguinário.

Foi ao influxo dêsse destemor que os nossos representantes se opuseram ao adiamento do Congresso, combatido seguidamente três sessões diurnas e noturnas pela palavra luminosa do deputado Junqueira Ayres. Ainda em obediência a essa conduta impar na vida política brasileira, o Rio Grande do Norte, fiel à palavra empenhada, sufragou a candidatura de Lauro Sodré à Presidência da República numa deserção representada pela quasi totalidade dos Estados comprometidos.

Com o Rio Grande do Norte salvou-se apenas o Paraná.

Certa vez, Cassiano do Nascimento no intervalo de duas jogadas de "poker" ao prêço de duzentos réis o tento, no quarto do Dr. Pedro Velho no Grande Hotel, onde tinha êle posse mansa e pacífica, assinalada pelas duas escápulas da rêde nordestina companheira insubstituível nas sestas e no sono repousante, disse-lhe com aquela voz gutural mas não desagradável: "Pedro Velho, tu governas os papa-gerimus com muita fôrça". E êle, quase humildemente respondeu: "À meia fôrça, Cassiano". Ambos fugiram à verdade dos fatos. O segrêdo do prestígio dêsse grande chefe em nossa terra tinha sua fonte no coração, fôrça criadora da sua curta vida. Depois vieram, infelizmente, desuniões e competições incontidas quando faltou êsse benfazejo aglutinador. A semente fecunda não perdera, todavia, o impulso germinador, que muitos anos transcorridos fez-se ressurreição no milagre do Partido Popular e far-se-á, ainda pela perpetuidade daquêle exemplo estimulador de nossas virtudes inatas.

Não estou em êrro afirmando, entretanto, que se pela bondade êle realizou, no Rio Grande do Norte, a união construtora e salvadora, também pela persuasão, que na política é inspiradora de soluções oportunas, conjurou na primeira República duas crises de consequências pejorativas ao critério superior do Senado: a intervenção em Mato Grosso, e a aprovação da nomeação do Dr. Amaro Cavalcanti para Ministro do Supremo Tribunal Federal. Não apreciarei minúcias dessas interferências felizes no campo da política do país.

São fatos que demandariam exame mais amplo e coordenado à margem desta minguada biografia, antes páginas de saudades do que de reinvindicações na vida do lidador numa época em que viveram e atuaram no parlamento, no Govêrno e na Administração, homens de grande estatura intelectual e moral.

A sucessão do Dr. Rodrigues Alves foi assunto debatido com veemência desrespeitosa ao Dr. Bernardino de Campos, sem favor um dos homens mais ilustres que militaram na política do Estado naquêle Campo lider da Federação.

Mineiro de bôa têmpera, êle teve alí o primado de jurista da propaganda republicana, e posteriormente prestou como Governador serviços inestimáveis na defesa da ordem durante os dias inquietos em que os rebeldes do Rio Grande do Sul na guerra civil de 1893, estiveram muito perto de transpôr os limites do Estado de São Paulo, e que se tal houvesse acontecido a revolta dificilmente poderia ter sido dominada,

Razão foi esta acrescida aos seus títulos de administrador provecto, que determinaram o Dr. Rodrigues Alves ter manifestado aos representantes autorizados da política nacional a conveniência de sua substituiçãoã por êsse egrégio homem público.

Uma grande parte da imprensa do Rio de Janeiro não entendeu assim; e a campanha iniciada pelos seus órgãos mais categorizados extendeu-se às revistas caricatas e, por essa forma, formou-se em torno daquêle nome venerando um círculo de antipatias e prevenções que tornaram inviável a apresentação de sua candidatura. No auge da crise o Dr. Pedro Velho, uma e muitas vezes, foi solicitado pelo general Pinheiro Machado para ir tratar pessoalmente do caso. Impedido de atender por motivo de saúde às exortações prementes, delegou-me poderes para representá-lo. Seguí imediatamente para o Rio em cumprimento das instruções recebidas.

Como me desencumbí da missão consta do relato que fui forçado a publicar anos depois e que passo a transcrever para melhor elucidação dos fatos:

"Quando estava na maior efervescência a sucessão do Presidente Rodrigues Alves, o Dr. Pedro Velho, impossibilitado por motivo de saúde de atender a reiteradas solicitações do General Pinheiro Machado para ir ao Rio de Janeiro, afim de tratar do assunto combinou que fôsse eu o portador pessoal e verbal de suas instruções a respeito dêsse assunto que o momento tornava tão melindroso.

Desobriguei-me da missão conforme fôra determinado procurando logo à minha chegada o Dr. Rodrigues Alves, a quem comuniquei que o Dr. Pedro Velho não concordava com a candidatura do Dr. Bernardino de Campos, porque sabia de ciência certa que êsse ilustre republicano estava com a saúde de tal modo comprometida que, provàvelmente não suportaria as emoções de uma campanha que se prenunciava agitada e, se por ventura eleito, não teria fortaleza bastante para chegar ao fim do seu govêrno.

O Dr. Rodrigues Alves falou-me com a cordura costumeira e autorizou-me a escrever ao Dr. Pedro Velho afirmando que tinha realmente pensado no nome do Dr. Bernardino de Campos não só porque lhe reconhecia qualidades eminentes para bem governar o país, como também por entender ser conveniente que sua sucessão se desse por um republicano da propaganda. Não tinha, porém, ponto de vista inflexível; e o seu único desejo era que a escolha recaisse num homem capaz e o pleito se processasse num ambiente pacífico.

Ainda em cumprimento das instruções que me foram dadas, procurei o General Pinheiro Machado e em seguida o meu amigo Alvaro de Carvalho, aos quais comuniquei que o Dr. Pedro Velho achava contra-indicada, no momento a candidatura do Dr. Campos Sales e com ela não concordaria.

Alvaro conformou-se dêsde logo com a sacrifício da candidatura do seu grande amigo. O General Pinheiro Machado, porém, pediu-me que obtivesse de Carlos Peixoto uma meia hora de conversa sobre o assunto e lembrou que se poderiam entender em sua casa, no dia seguinte, onde o esperaria para almoçar, convite que me autorizou a transmitir. Carlos Peixoto, porém, no telegrama em que se desculpou de não poder ir almoçar em sua casa por compromisso anterior, anunciou, todavia, sua visita ao Senado às quatro horas da tarde, daquêle mesmo dia. Ao regressar da longa conversa que tiveram, Peixoto relatando os pormenores a João Pinheiro, em minha presença, manifestou a convicção de que, desiludido o General da candidatura de Campos Sales, lançaria a candidatura do Dr. Afonso Pena.

Essa candidatura, entretanto, não era bem vista por ambos, certamente por motivos da política interna do Estado de Minas, de vez que, quer um, quer outro, faziam o mais elevado conceito dos predicados que indicavam aquêle ilustre brasileiro à Presidência da República. Conhecedores da minha missão e do aprêço em que me tinha aquêle General, principalmente pela confiança em mim depositada pelo Dr. Pedro Velho, seu amigo e correligionário decidido, pediram-me que fôsse aquela mesma hora, oito da noite, conversar com o General a quem o cumprimento de um dever de amizade (foi a fórmula) saber eu de ciência certa que o desejo de João e Carlos Peixoto era no sentido de vê-lo empenhado candidatura mineira sem, todavia, ter como candidato inado político de Minas.

so que não me foi fácil improvisar êsse preâmbulo áscara impassível do grande chefe republicano. A ém, é que ao terminar disse-me êle textualmente: o, foi mandado. Olhos nos olhos e não me diga é o candidato dêsses homens?"

tivesse instruções severas para não declarar o rência daquêles meus dois inesquecíveis amigos, nce de meditação em tôrno da orientação inesersa, que o mais conveniente e proveitoso era de, conversando que o candidato de ambos co de Sales, Presidente de Minas. O General

ouviu a minha declaração sem mostrar surpresa e respondeu com estas palavras aquí reproduzídas fielmente: "O meu sim ou não depende da opinião de Ruy com quem conversarei amanhã pela manhã. A resposta você terá para transmití-la aos seus amigos até meio dia".

No dia seguinte passou no Grande Hotel, onde me comunicou, à minha mesa de almoço, que o Ruy havia concordado e entre as razões que lhe dera para essa concordância preponderava a de que o Dr. Francisco Sales era republicano histórico. Momentos depois, Peixôto e João Pinheiro eram inteirados pessoalmente pelo general Pinheiro Machado do resultado da conferência com o senador Ruy Barbosa e três dias após seguia o primeiro emissário para Belo Horizonte, a fim de comunicar os fatos ao dr. Francisco Sales e dele obter aquiescência à apresentação do seu nome como candidato à presidência de República na vaga do dr. Rodrigues Alves . Esse emissário regressou com uma recusa formal de sua parte, recusa da qual outros emissários não o demoveram. A resposta foi sempre a mesma: não tenho essa aspiração. O meu candidato é o dr. Afonso Pena, nome que é também da predileção do dr. Rodrigues Alves.

Conto agora êsse episódio em homenagem à integridade daquêle mineiro, hoje tão esquecido e também para produzir a verdade, que tenho visto a êsse respeito adulterada mesmo no que se refere à coparticipação que nêle me co

Não sei se teria desempenhado a mesma mi naquêle momento o conhecimento mais íntimo que dos não Afonso Pena já tivesse criado a admiração do dr. arrefeceram porque êle foi em verdade um presidente que só teve no govêrno a preocupação de próspero e feliz".

Sempre conhecí assim o dr. Pedro adi- vinhei sequer uma hesitação, uma pra pre- ciso falar e fixar pontos de vista vida pública e partidária foi uma linha dissos e o dever. Nunca teve restrições relaçu ções de outra qualquer ordem de era importasse em desdouro à sua amizade do seu nascimento. Nunca diver- gos. Assistí muitas e inúme

Ainda em cumprimento das instruções que me foram dadas, procurei o General Pinheiro Machado e em seguida o meu amigo Alvaro de Carvalho, aos quais comuniquei que o Dr. Pedro Velho achava contra-indicada, no momento a candidatura do Dr. Campos Sales e com ela não concordaria.

Alvaro conformou-se dêsde logo com a sacrifício da candidatura do seu grande amigo. O General Pinheiro Machado, porém, pediu-me que obtivesse de Carlos Peixoto uma meia hora de conversa sobre o assunto e lembrou que se poderiam entender em sua casa, no dia seguinte, onde o esperaria para almoçar, convite que me autorizou a transmitir. Carlos Peixoto, porém, no telegrama em que se desculpou de não poder ir almoçar em sua casa por compromisso anterior, anunciou, todavia, sua visita ao Senado às quatro horas da tarde, daquêle mesmo dia. Ao regressar da longa conversa que tiveram, Peixoto relatando os pormenores a João Pinheiro, em minha presença, manifestou a convicção de que, desiludido o General da candidatura de Campos Sales, lançaria a candidatura do Dr. Afonso Pena.

Essa candidatura, entretanto, não era bem vista por ambos, certamente por motivos da política interna do Estado de Minas, de vez que, quer um, quer outro, faziam o mais elevado conceito dos predicados que indicavam aquêle ilustre brasileiro à Presidência da República. Conhecedores da minha missão e do aprêço em que me tinha aquêle General, principalmente pela confiança em mim depositada pelo Dr. Pedro Velho, seu amigo e correligionário decidido, pediram-me que fôsse aquela mesma hora, oito da noite, conversar com o General a quem diria, no cumprimento de um dever de amizade (foi a fórmula insinuada) saber eu de ciência certa que o desejo de João Pinheiro e Carlos Peixoto era no sentido de vê-lo empenhado por uma candidatura mineira sem, todavia, ter como candidato um determinado político de Minas.

Confesso que não me foi fácil improvisar êsse preâmbulo diante da máscara impassível do grande chefe republicano. A verdade, porém, é que ao terminar disse-me êle textualmente: "Você, menino, foi mandado. Olhos nos olhos e não me diga mentira: quem é o candidato dêsses homens?"

Embora tivesse instruções severas para não declarar o nome da preferência daquêles meus dois inesquecíveis amigos, achei num relance de meditação em tôrno da orientação inesperada da conversa, que o mais conveniente e proveitoso era declarar a verdade, conversando que o candidato de ambos era o dr. Francisco de Sales, Presidente de Minas. O General

ouviu a minha declaração sem mostrar surpresa e respondeu com estas palavras aquí reproduzídas fielmente: "O meu sim ou não depende da opinião de Ruy com quem conversarei amanhã pela manhã. A resposta você terá para transmití-la aos seus amigos até meio dia".

No dia seguinte passou no Grande Hotel, onde me comunicou, à minha mesa de almoço, que o Ruy havia concordado e entre as razões que lhe dera para essa concordância preponderava a de que o Dr. Francisco Sales era republicano histórico. Momentos depois, Peixôto e João Pinheiro eram inteirados pessoalmente pelo general Pinheiro Machado do resultado da conferência com o senador Ruy Barbosa e três dias após seguia o primeiro emissário para Belo Horizonte, a fim de comunicar os fatos ao dr. Francisco Sales e dele obter aquiescência à apresentação do seu nome como candidato à presidência de Repúglica na vaga do dr. Rodrigues Alves . Esse emissário regressou com uma recusa formal de sua parte, recusa da qual outros emissários não o demoveram. A resposta foi sempre a mesma: não tenho essa aspiração. O meu candidato é o dr. Afonso Pena, nome que é também da predileção do dr. Rodrigues Alves.

Conto agora êsse episódio em homenagem à integridade daquêle mineiro, hoje tão esquecido e também para reproduzir a verdade, que tenho visto a êsse respeito adulterada até mesmo no que se refere à coparticipação que nêle me coube.

Não sei se teria desempenhado a mesma missão se naquêle momento o conhecimento mais íntimo que vim a ter do dr. Afonso Pena já tivesse criado a admiração que os anos não arrefeceram porque êle foi em verdade um grande Presidente que só teve no govêrno a preocupação de fazer o Brasil próspero e feliz".

Sempre conhecí assim o dr. Pedro Velho. Nunca lhe adivinhei sequer uma hesitação, uma dubiedade quando era preciso falar e fixar pontos de vista políticos. Tôda sua vida pública e partidária foi uma linha reta entre os compromissos e o dever. Nunca teve restrições mentais na amizade ou nas relações de outra qualquer ordem que um rompimento ou um recúo importasse em desdouro à sua formação moral, cuja idade era a do seu nascimento. Nunca faltou com a verdade aos seus amigos. Assistí muitas e inúmeras vezes longas conversações diver-

gentes sôbre matéria política com o general Pinheiro Machado, a quem sempre falou com uma lealdade previdente e providente.

A êsse grande chefe republicano, seu desaparecimento fez uma imensa falta porque essa presença de sinceridade sem tergiversações, sempre lhe foi útil e nunca deixou de ser concordante na escolha dos caminhos. Sua serenidade lhe foi companheira inseparável nos momentos mais difíceis da sua vida política, proveitosa à própria deliberação e com influência em decisões muitas vezes graves de companheiros com iguais responsabilidades políticas. Nunca lhe ouvi uma palavra de ódio contra ninguém; nunca exerceu vingança contra os adversários e aos que o procuravam a solidariedade do abraço expontâneo os uniria na mesma jornada. Nunca denunciou por um simples gesto nada que pudesse recordar divergências passadas.

Quando vim de Macaíba, comunicar-lhe que havia conseguido com o Presidente da Intendência daquele município, a nomeação de Luís de Albuquerque Maranhão, nosso adversário e seu inimigo pessoal, para o melhor lugar do seu quadro funcional, homem de inteligência e saber jurídico que se encontrava passando fome com a mulher e cinco filhos numa rua escusa daquela cidade, nunca mais esquecerei o calor do seu aplauso a essa iniciativa que vinha premiar uma existência envelhecida nos destinos incertos da vida. Bem desejara, disse-me êle, praticar atos de igual expontaneidade, únicos que verdadeiramente alegram as almas fatigadas nas jornadas da vida partidária. Vocês podem ser justos bons, preservados pelos segredos das terras pequenas, mas eu não poderia ter essa alegria, quem sabe se por ser considerada uma traição a correligionários por ventura mais necessitados. Este o homem e o político da minha devoção. Inspirador da minha cordura como homem público que nunca tirou o pão, a paz e a tranquilidade dos adversários mais acirrados que estivessem porventura na alçada da minha vingança.

Estive sempre atento à lição daquêle grande mestre a quem por incumbência de Tavares de Lyra comuniquei o atentado cometido contra o "Diário de Natal", na noite de 19 de fevereiro de 1904. Voltávamos, ambos, às primeiras horas do dia, de um pequeno sítio por êle denominado Petrópolis, situado no Barro Vermelho, passeio quotidiano buscado como repouso ao seu espírito, naquêle tempo mais torturado pela seca reinante. Todo mundo, salvo, alguns poucos íntimos sabiam que êle era assíduo leitor daquele órgão desabusado e só por isso foi

que não estranhei a resposta com que assinalou a minha fatídica comunicação: "Esfarelaram, meu filho, a muleta que me ajudava no caminho da política". Fiquei pensando na forma por que o dr. Pedro Velho profundamente entristecido resumiu num conceito tão curto a angústia daquêle drama surpreendente. Lembrei-me, então, que êle não deixava de considerar a fiscalização, embora, tantas vezes pejorativa e grosseira do órgão oposicionista. Recordo-me de que certa vez, o "Diário de Natal", denunciou que Artur Mangabeira fiscal geral da Intendência, havia requerido e obtido a concessão por aforamento de 6 lotes de terreno na cidade nova traçada com amôr ciumento, pela sua própria mão, na antevisão das avenidas, hoje edificadas e povoadas nos bairros que agora se chamam Petrópolis, Tirol e Alecrim, área imensa que era naquêle tempo mata selvagem e inhóspita, crismada então por Cidade das Lágrimas. O dr. Pedro Velho leu a notícia, mandou chamar o coronel Joaquim Manoel que era o Presidente da Intendência e a êle perguntou o que havia de verdade a tal respeito. Confirmada a notícia, no dia seguinte êle foi em companhia de um amigo desinteressado e alheio ao caso à residência de Artur Mangabeira à hora certa de encontrá-lo fiscalizando o desleitamento de sua vacaria; e sem demonstração de maior curiosidade perguntou se êle havia requerido aquela pequena propriedade por aforamento. Informado de que assim fôra, louvou a previdência do fiscal da Intendência a quem perguntou, em seguida, se havia requerido outros lotes. Artur respoudeu que tinha requerido outro para seu pai e que o dr. Pedro Velho, lovou como demonstração de ser êle bom filho. E ficaste nisto só? Ouvida a resposta de que requerera outros lotes o dr. Pedro Velho disse-lhe mansamente: "Fica nos dois, Artur o teu e o do teu pai que considero benemerência e esquece os demais para não parecer ganância". E tudo ficou como devia para resguardo da honestidade administrativa. Era asim o dr. Pedro Velho. Sempre teve a felicidade de resolver assuntos muito mais graves sem alterar a voz e sem prejudicar o inato bom humor.

É bem de ver que essas qualidades nativas não podiam ter sido postas em ação nos primeiros momentos da revolução republicana vitoriosa no Rio de Janeiro, conforme lhe notificara, em telegrama de 15 de novembro, o nosso conterrâneo José Leão alí residente, e republicano muito relacionado nos meios políticos adversários ao regime deposto. Inteirado do fato emocional não perdeu tempo nos entendimentos com os conservadores, os correligionários, estes não pouco numerosos, mas atuantes, e os adversários pertencentes ao Partido Liberal,

visceralmente ligados ao dr. Amaro Bezerra, derrotado na última e recente elição no segundo distrito, por onde também se apresentara candidato em oposição ao dr. Miguel Castro, cuja candidatura fôra patrocinada pelo cel. José Bernardo o grande chefe sertanejo. Essas circunstâncias lhe facilitaram a missão de organizador e tanto mais quanto, pertencente a uma família ilustre de tradição liberal amaristas a derrota dêsse grande chefe deixou-o desembaraçado para receber e menos ainda solicitar adesões nêsse campo partidário. Dado o balanço nas forças com que podia contar não foi difícil a organização da chapa de senadores e deputados à futura eleição constituinte, composta por dois amigos liberais: dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro; e dr. Antônio de Amorim Garcia; dois conservadores, dr. Almino Alvares Afonso e dr. Antonio de Amorim Garcia para disputar com o dr. Pedro Velho republicano.

O Coronel José Pedro de Oliveira Galvão, sem ligações partidárias no Império, o dr. Amaro Cavalcanti e o Coronel José Bernardo foram apresentados conjuntamente senadores.

O grupo dividiu-se por ocasião da eleição à presidência da República na qual o Senador José Bernardo e o dr. Pedro Velho votaram em Prudente de Morais e os Deputados Miguel Castro e Amorim Garcia sufragaram o nome do Marechal Deodoro da Fonsêca. O chefe do Partido Republicano teve assim de aceitar o ostracismo, acompanhado apenas pelo Senador José Bernardo. Os Deputados Miguel Castro e Amorim Garcia passaram a chefiar a política do govêrno vitorioso da qual era chefe nacional o Barão de Lucena, reacionário que não se deteve em mover odiosa perseguição aos seus adversários em todos os Estados, inclusive no Rio Grande do Norte, onde a derrubada foi fulminante. Os Senadores Amaro Cavalcanti e Oliveira Galvão e bem assim o deputado Almino Afonso se abstiveram de interferir nas lutas locais. Foram tempos aqueles de arriscada e perigosa efervescência política, ocasionada por essa cisão na qual de parte a parte os elementos civís e militares empenhados na luta quase se equivaliam em número e prestígio.

Na reunião secreta efetuada a 1.º de outubro de 1891 na casa do General José Semião de Oliveira, Senador por Pernambuco, vinte e seis congressistas, conforme informa Tavares de Lyra, a ela estiveram presentes e se comprometeram a repelir pela força qualquer ato do Govêrno tendente a dissolver o Poder Legislativo. O Dr. Pedro Velho foi um dos presentes a essa memorável reunião e ficou solidário com as deliberações aprovadas. Chegou a esta cidade no dia 26 de novembro, três dias

depois do contra-golpe revolucionário de 23, quando já havia informação segura de que o marechal Floriano Peixoto vice-presidente em exercício pleno do cargo de Presidente, não dissolveria o Congresso. Tanto bastou para que passasse a agir e imediatamente. Em entendimento com o comandante da fôrça federal organizou o movimento que no dia 28 depôs o Presidente Miguel Castro e fez aclamar uma junta governativa. Foi então o Dr. Pedro Velho eleito Governador para o período que terminaria em 25 de março de 1896. Prestou compromisso e entrou no exercício do cargo a 28 de fevereiro de 1892.

Foi o govêrno exemplar e profícuo sob o influxo daquelas qualidades de tolerância e de homem público placentado aos supremos deveres do bem coletivo. Habituado dêsde 1885, a escriturar tôdas as noites as despesas do dia teve no Govêrno a preocupação de restaurar as finanças públicas por uma economia sistemática e vigilante.

Por um acôrdo em que revelou um alto critério defensor dos interêsses do Estado, liquidou o empréstimo que a província havia contraído com o Banco do Brasil, cancer que desde 1871, corroia impiedosamente as magras entranhas do pouco que rendia o árduo e penoso trabalho dos norte-riograndenses. Basta dizer que daquela data até 1893 o tesouro já havia recolhido por diversas vezes àquele estabelecimento a importância de 176.377$000 e devia ainda no ano referido 257.277$626. Foi, assim, tão zeloso da economia da província como fôra da sua própria economia de médico pobre de clínica minguada e de político honesto, obrigado à subordinação de dispender em perfeito equilíbrio de contas, a importância dos seus subsidios e estipêndios de cargos administrativos de modo a reduzir os deficits anuais ao mínimo possível, quando não surgiam contratempos que o obrigassem a infligir essa bôa norma de poupança doméstica.

Uma vida de absoluta intimidade com êle no Rio de Janeiro, habitando quartos contíguos com a porta dia e noite escancarada fui testemunha, muitas vezes, dessa escrituração, seu último trabalho do dia. Era com a volúpia de quem cumpre um dever de honestidade consigo próprio e os encargos obrigatórios da manutenção do lar, que somava essas pequenas e tantas vezes minguadas parcelas e poder dizer num desafôgo de honestidade perfeita, conforme o resultado da soma, hoje foi um bom dia ou não dizer nada se os gastos o haviam surpreendido. Tenho descido a essas minúcias num confronto de normas pessoais e normas políticas para mostrar o exemplo raro que êle foi na vida de nossa terra, mesmo numa época em que nenhum homem público foi acusado da prática de um

ato de desonestidade sem que o revide não viesse, incontinente esmagar a calúnia invejosa. Nêsses dias idos e não volvidos, os que entraram pobres para a política, pobres sairam e não poucos que nela entraram remediados dela se retiraram empobrecidos. Dou aquí o meu testemunho comovido do que foi a herança de duas gerações que honraram o Rio Grande do Norte graças ao exemplo titular da nossa vida política.

Dr . Pedro Velho sempre teve horror a enfase. Mesmo nos artigos manifestos e discursos da propaganda pela abolição e pela república evitou esta vestimenta tão usada e admirada naquela fase de gongorismo como elemento de convicção. Nem o jornalista nem tão pouco o político enfeitou-se com tais lantejoulas. A sobriedade se harmonizava com o feitio do homem público numa reação salutar contra o verbalismo enganador dos cabalhistas profissionais. A linguagem simples ajudava pela simpatia envolvente e inspirava a confiança pessoal e coletiva. Conversando ou doutrinando plasmou muito cedo o modêlo definitivo do homem de estado. Claro nas afirmações meditadas e seguro nas normas adequadas a solução dos assuntos de ordem geral. Seu intuito foi sempre fazer-se compreender e por isto falava e escrevia com naturalidade e bom humor. Chefe onimodo, a enfase não lhe permitiria refúgio reparador da rotina modificante tantas vezes prolongada por horas exaustivas no atendimento de pretensões alheias à atividade específica. Casa acolhedora de portas abertas sem defesa contra visitantes inoportunos, o homem bom e compassivo a estes recebia muitas vezes interrompendo o exame de assuntos atinentes ao serviço público. Refugiava-se então no jornalismo como diversão arteira e buliçosa. Basta ler "Artiguetes" ditados, muitos dêles, para que eu os escrevesse com o mesmo lápis bicolor que fazia algum tempo substituia na sua mão a pena molhada em tinta carmezim. Eram momentos de descanço e prazer aquêles já em que sem maldade intencional beliscava deputados e correligionários recém vindos do sertão próximo ou longínquo para participarem dos trabalhos legislativos, alguns esquivos aos hábitos e modos da cidade que já não era o "Rio Grande" de outros tempos, mas Natal, Capital do Estado, embora mancando no progresso lento da pobreza congênita. No cumprimento dos deveres sociais e morais era pela ironia mansa e benfazeja que "Nemo", o autor daquelas crônicas buscava vitalizar a terra que êle amava e na qual pensava nas ausências temporárias. Para revê-la aparecia no tombadilho do vapor fundeado de sobrecasaca nova, etiqueta pelo famoso Raunier o alfaiate dos homens graves do seu e ainda um pouco do meu tempo.

Muitos hábitos de adventícios foram assim corrigidos por êsse jornalista que o anonimato não escondia, tal o estilo sem par que identificava à primeira leitura seu verdadeiro e legítimo autor. Foi esse labôr, para êle e para mim, horas inesquecíveis, sobretudo porque sendo eu um escrevente moroso havia tempo bastante para seus comentários chistosos entre um e outro período. Não foram poucas as vezes que nêsses intervalos me perguntava com alegria jovial: Carreguei muito a mão? E prosseguia o ditado interrompido. Ria, então, gostosamente, por saber, penso eu que os atingidos também riam pela graça imprevista das alfinetadas indolores.

Leitor assíduo de Camilo e Eça era talvez de ambos que se recordava naqueles segundos de desafôgo. Do primeiro por ter sido o grande romancista de Portugal, com tôdas as virtudes impulsos e defeitos, produtos do chão e da raça tanto quanto o amor sem medida e eterno. Do segundo por ter sido o creador do romance moderno na sua pátria, com o incesto dos "Mais" e o adultério vicioso do "Primo Basílio" e, todavia, e encontador pela ironia distinta, sentimento de propulsão, acuidade de observação, que o elevaram a altitude de romancista internacional. Esta disse-me êle certa vez quando terminamos a leitura da "Cidade e as Serras" o sinão tivesse escrito êsse livro de penitência por tôdas as maldosas palavras contra as formosuras morais e espirituais de sua terra não teria merecido tôda a minha admiração. A mim, pareceu ouvi-lo murmurar, se a ênfase lhe fosse permitida, que Eça havia reencontrado naquele soberbo romance o Portugal dos antepassados, na exaltação do amor e da mulher, na bondade escondida para não parecer vaidade, nos costumes simples e castos, na fidelidade de velhos servidores que só tinham olhos, ouvidos e mãos para o cuidado atento de todas as horas.

Era na conversação, na leitura, quando havia silêncio na grande sala de sua última residência, que sentia prazer completo do repouso integral do corpo e da alma. Abria, então, vagarosamente o piano com a volúpia dos acordes que os dedos hábeis não tardariam despertar. Os olhos semi-cerrados, cabeça mansamente oscilante no ritmo da música, interpretava a partitura na revelação do pianista que a política roubara, desviando uma virtuosidade espontânea e inspirada.

Fui talvez, dos representantes do Rio Grande do Norte o seu mais assíduo e talvez único, companheiro nas récitas teatrais. Aí os lugares de sua preferência eram nas primeiras filas de cadeiras de modo que sendo o primeiro a chegar mal apercebido, fôsse o último a sair no meio da balbúrdia dos que tinham pressa de apanhar as primeiras conduções. Pude, assim,

ser testemunha das emoções que lhe causavam os grandes atores e sobretudo a exaltação de sua sensibilidade com a execução dos grandes pianistas, principalmente dos intérpretes de Chopin, exaltação que lhe umedeceram os olhos nos concertos de Paderewski. Essa espécie de alegria às aglomerações humanas, também o contaminava em viagens marítimas. Nunca me esquivei ao de fazer-lhe companhia assídua no mesmo camarote com a distração única das leituras com que o entretinha e êle me pagava em comentários oportunos e sensatos. Confesso que muito aprendi com sua crítica, principalmente de certa vez, em que lendo, para seus ouvidos atentos, "A vida de Jesús" ouvi apenas nêsse curto comentário uma definição que em relação ao autor e sua obra, nunca mais esqueci: "A consciência tem muita força na sua profundeza. Renan, sem pensar, mais do que nenhum outro escritor, divinizou Jesús". Seria, por ventura, o Dr. Pedro Velho religioso? Nunca lhe ouvi a tal respeito nenhuma confidência. Certa vez, porém, não mero acaso, mas um propósito que me pareceu deliberado, levou-nos à Igreja de São José, na Rua da Misericórdia, ao lado da Câmara dos Deputados. Num silêncio contrito e parando êle defronte de um confessionário disse-me, quase murmurante: "Há vinte e dois anos ajoelhei-me alí para confessar-me na véspera do meu casamento". Por fortuna o padre me conhecia e tôda confissão cifrou-se nas seguintes palavras inesperadas. Não pergunto pelos pecados que tenha cometido. Sei que um dia andou divorciado da fé de sua infância pela leitura de cientistas e filósofos modernos. Tudo que peço é que me prometa lêr os autores que refutam Darwin e outros ateus. Não lhe dou outra penitência, senão esta: Espero que cumpra a promessa de o fazer e vá com Deus". E acrescentou: sem disfarçada emoção. Desde então em recordação de minha mãe e do altar doméstico tudo tenho feito para voltar à fé primitiva. Se ainda não o consegui espero que a ela, ainda, um dia, voltarei, como ela me ensinou e aprendí".

Durante muitos anos foi frequente a curiosidade de saber entre políticos e amigos como eu tinha entrado no coração do Dr. Pedro Velho e conseguido tornar tão estreitas a ligação de nossas almas.

No número dêsses curiosos inscrevo o Cel. Felinto Elisio, grande amigo do qual ainda hoje guardo imperecível saudade. A êle respondi numa carta aberta que foi publicada na "Razão", órgão do Partido Popular, que tive a honra de dirigir na campanha política e milagrosa de 1933. Esta carta se en-

contra inserta na número de 27 de setembro de 1934. O que é pertinente à curiosidade, transcrevo aqui, textualmente: "Certa vez, estudante no Recife e ali, residente com minha família, li nos jornais que no dia imediato, devia transitar por aquela cidade o Dr. Pedro Velho a quem eu nunca tinha visto, mas a quem admirava com o entusiasmo arrebatado das almas juvenís. Não foi sem contido entusiasmo que o recebi no cais da Lingueta, desembarcado de um vapor estrangeiro, que naquêle tempo, como todos os transatlânticos, fundeou no Lamarão. Aquela hora matinal, além do pequeno grupo de estudantes que comigo o esperava, alguns curiosos por ocasião de sua passagem, descobriram-se respeitosamente, talvez, tão só em homenagem à figura singularmente impressionante do passageiro desconhecido. Ao apertar-lhe a mão, disse-lhe quem era, e logo fui surpreendido pela evocação tocante do nome do meu pai seguida de um abraço em que as nossas almas se estreitaram. Acompanhei-o até a residência de uma pessoa de sua família à rua Visconde de Goiana, nas proximidades do Instituto Acadêmico, hoje Colégio Salesiano. Não tardou que a dona da casa mandasse armar debaixo dos sapotizeiros uma rêde na qual deitou-se, com a volúpia do nortista privado em terras do Sul dêsse prazer ancestral. Quis despedir-me, mas êle não consentiu que tão depressa o deixasse, e eu tive de ficar prêso ao encantamento de sua palavra, a ouvir episódios da vida política do país e da antiga província, na rememoração de fatos atinentes aos partidos e a propósito dos quais de vez em quando citava o nome do meu pai. Essa conversa prolongou-se até o almoço e só depois de três horas da tarde, nos separamos. Dois dias após partia o Dr. Pedro Velho para Natal, num dos vapores da companhia pernambucana, dizendo-me no momento da despedida: Liquida êsse bacharelato e dize à velhinha tua avó que se mude para o Rio Grande do Norte onde preciso dos teus serviços". Pouco mais de um ano depois, fixamos residência em Macaíba, que verdadeiramente considero a terra do meu nascimento, e de cuja direção política, ainda quase menino, fui investido, por determinação sua e aquiescência das grandes figuras que naquela época constituiam ali o Estado Maior do Partido Republicano Federal. A êsse castigo foi-me acrescentado o de delegado de polícia num momento delicado, por várias razões não vale a pena reproduzir.

A primeira noite de minha investidura nêste cargo foi de tormentosas apreensões e o que mais me preocupava era encontrar sem demora uma oportunidade em que pudesse inspirar o respeito da barba longa e branca que me faltava. Não sei porque feliz inspiração lembrei-me ao amanhecer que estava

homisiado na fazenda de um dos meus amigos, o assassino de um dos chefes oposicionistas. Diligência feliz naquêle mesmo dia deu em resultado a prisão do assassino com espanto geral e granjeio para mim do respeito que somente se obtém por atos de justiça imparcial e retilínea. Devo a êsse início da minha vida pública à independência de que nunca me apartei e a coragem de uma conduta embora subordinada à disciplina partidária que nunca me permitiu restringir o dever de falar, mesmo àquêle grande chefe, a linguagem inflexível da verdade. Dêle tive tudo, talvez por nunca lhe ter pedido nada. E os que o sobreviveram entre os quais, felizmente está você, poderão dizer se alguma vez faltei a essa lealdade".

Esta minha confidência a um dos chefes políticos sertanejos mais prestigiosos, conduz-me a recordar o que eram êsses operários em vigilante trabalho nos sertões adustos pela coesão e dignidade de um partido responsável pelo progresso do Rio Grande do Norte e austeridade da nossa vida pública. A fidelidade dêsses homens ao chefe que mandava com doçura constituia um traço de união cada vez mais coeso entre o dever e a confiança. A dedicação, porém, nunca foi subserviência. Tais figuras eram remanescentes de um passado no qual o caráter era formado por uma tradição patriarcal de corajosa independência. Militavam na política como elementos de ordem, sem nenhum apêgo a vantagens, além do prestígio que os credenciava como representantes da autoridade suprema do Estado na realização do bem comum. O equilíbrio partidário do chefe derivava de normas que afastavam ambições intempestivas ou insubordinações contagiantes nas eleições para o Congresso do Estado constituido este pela representação alternada de um certo número de municípios que elegiam os chefes locais ou homens dignos de sua confiança. Ao chefe do partido, pela sua comissão executiva, era atribuida a indicação da parte menor composta de letrados, titulados ou não, ou de conterrâneos com exercício nas atividades agro-pecuárias. Essa combinação sensata e conciliatória favorecia o rendimento útil nos trabalhos legislativos. Fiz parte dêsse Congresso, e apesar de muito jovem tive a incumbência e mereci a honra de ser um dos responsáveis por essa orientação e em testemunho da verdade afirmo que a quase totalidade dos meus companheiros era de homens amadurecidos na disciplina do trabalho.

Quando na vaga que se abriu na Câmara dos Deputados Federais ainda no começo da legislatura de 1897, o Dr. Pedro Velho indicou-me para substituir o Dr. Amaro Cavalcanti, convidado pelo Presidente Prudente de Morais para a pasta da Justiça. Aos homens bons, sediados nas diferentes regiões do

Estado devo a fortuna de uma norma parlamentar que muito me ajudou no exercício do mandato que me fôra imerecidamente confiado. Quando cheguei à Câmara dos Deputados naquêle fim de ano defrontei com um campo de batalhas tormentosas. O Dr. Prudente de Morais havia assumido o Govêrno numa atmosfera de sobressaltos. Do Senado, onde prestou compromisso ao Palácio Itamaratí, séde do Govêrno, atravessou por entre grupos hostís; e alí chegando encontrou solitária a casa de tantos salões vasios e soturnos. Ninguém para recebê-lo. Ninguém para vir ao seu encontro numa manifestação de bôas vindas em momento que merecia ser festivo para a Nação reintegrada na posse de si mesma. O jacobinismo disassaimado percorria já fora as ruas adjacentes no alvoroço revolucionário pela implantação da ditadura com que e debalde tentara o Marechal Floriano Peixoto, como recompensa aos sacrifícios dêsse pequeno exército de moços que afrontaram riscos e perigos contra os revoltosos de 6 de setembro de 1893, apoiados por grande parte da nossa esquadra. A impavidez daquela hora sem os resultados esperados pela ala de partidários desassizados, rugindo vinganças numa continuidade ainda mais criminosa, deu ao Presidente empossado no meio da indiferença oficial o prestígio promissor para a execução dos propósitos de bem governar a Nação, restabelecendo a ordem, promovendo a pacificação do Rio Grande do Sul e a união de todos os brasileiros para o retôrno do Brasil à unidade territorial e espiritual que lhe havia dado prestígio internacional após tantas lutas e dissenções em vários períodos do nosso heróico passado. A gravidade da situação impunha êsse dever, custasse o que custasse, fôssem quais fôssem as dificuldades a vencer. As condições economicas não podiam ser mais precárias em competição com a extrema debilidade financeira proveniente da inflação ocasionada pela pluralidade bancária com faculdade emissora. Para cúmulo de nosso infortúnio, Canudos passou a constituir em foco explorado com veemência na Imprensa e no Parlamento numa campanha destruidora, que pressagiava consequências funestas. O desenlace dessa loucura pela ação e voz daquêles órgãos e pelas intrigas de tôda espécie tecidas nos meios políticos ou fora dêles tiveram próximo desenlace. No dia 5 de novembro de 1897, o aspensada Marcelino Bispo alvejou o Presidente Prudente de Morais com um tiro de pistola, felizmente desviado, quando êste aguardava com o Marechal Machado Bittencourt no pátio do Arsenal de Guerra o regresso do General Artur Oscar, que retornava vitorioso de Canudos, o antro onde o beato Antônio Conselheiro havia por estratégias surpreendentes derrotado expedições anteriores comandadas por

valentes cabos de guerra. Na luta corpo a corpo Marcelino feriu de morte aquele Marechal e só então foi subjugado e prêso. Tinham ido a bordo cumprimentar aquêle soldado o Dr. Manoel Vitorino, Vice-Presidente da República, o Senador Pedro Velho, Deputado Alcindo Guanabara e Augusto Severo, militares, civís e jornalistas, incorporados a essa comitiva em que também figurei. Não chegamos, porém, a subir as escadas do vapor recém-fundeado. Militares vindos numa outra lancha trouxeram a notícia do bárbaro atentado que determinou o nosso imediato regresso. Poucos momentos depois, chegamos ao Arsenal de Guerra. O pátio-teatro da tragédia estava quase deserto, tal o pavor por ela causado à poulação ordeira da cidade. Alí nos despedimos angustiados, e na espectativa de acontecimentos mais graves. Acompanhei o Dr. Pedro Velho ao Grande Hotel, e dalí retornei com destino à Câmara dos Deputados onde já se achavam Augusto Severo e Alcindo Guanabara assistindo o fim da Sessão. Governistas e oposicionistas em discursos curtos lamentaram e profligaram os acontecimentos ainda não conhecidos em tôda sua extensão. Suspensos os trabalhos muitos deputados dirigiram-se ao Arsenal, onde visitaram o cadáver do Marechal Bittencourt deitado num sofá com a farda ensanguentada. Foi esta a minha primeira e última visão dêsse bravo soldado, velado por vários oficiais consternados até às lágrimas.

À noite o Dr. Pedro Velho foi comigo à residência do General Pinheiro Machado onde encontramos reunidos vários parlamentarem, membros do Partido Republicano Federal. Nas conversações havidas firmou-se a convicção de que seriam perseguidos vários deputados e senadores indigitados como possíveis cúmplices do crime nefando. - A prudência aconselhou os correligionários chefiados pelo General Francisco Glicário, não comparecessem à Câmara dos Deputados até que se esclarecesse a conduta do Govêrno em relação aos acontecimentos nefastos. Essa abstenção durou dois dias. Na sessão de oito quando ai voltamos, a atmosfera na antiga Cadeia Velha era asfixiante. Deputados governistas, agressivos e possessos insultavam aos adversários com o labéu de assassinos. Alguns colegas mais tímidos, robusteceram essa falsa convicção bandeando-se para o Govêrno. Recordo-me, ainda agora, da coragem com que Francisco Sá, Deputado pelo Ceará, afrontando impávido aquêles alucinados ocupou a tribuna e, em discurso memorável, explicou que não havia comparecido às sessões anteriores porque fôra levar aos seus amigos perseguidos a solidariedade do sofrimento na proscrição e na dor.

Só na sessão de 1.º de julho de 1898, entrou em dis-

cussão única o pareecr da Comissão de Constituição, Legislação e Justiça, concedendo a licença solicitada pelo terceiro promotor público e pelo ajudante General do Exército, para processar os deputados Irineu Machado, Francisco Glicério, Torquato Moreira, Alcindo Guanabara e Barbosa Lima com voto em separado da minoria da Comissão negando a licença. Essa discussão prolongou-se por vários dias. Na sessão de 29, Francisco Sá pronunciou um discurso de alta e impressionante eloquência Um jurista provecto não teria esmiuçado melhor do que êle fez os meandros do processo em seu aspecto histórico e político para convidar, porfim, a Câmara a meditar no voto que ia proferir e nas responsabilidades que adviriam para a nação se porventura o atentado de 5 de novembro fôsse agravado com o processo e a eventual condenação de inocentes. Verberou a política de ódios, de represálias e vindictas e na peroração lembrou a volta a Roma do Cipião Africano, contra quem se levantaram acusadores e aos quais o grande soldado recordou o que êle havia feito pelos romanos contra inimigos poderosos vencedo-os em batalhas memoráveis até a vitória final. Francisco Sá concluiu com estas palavras adequadas ao momento: "Se um raio de luz da grandeza romana puder penetrar nas sombras em que nos debatemos, também nós, como os que nas fileiras trabalharam pela vitória do regime constitucional, pela consolidação das ligerdades públicas, subamos ao Capitólio para render culto à grandeza da Pátria".

Sinto, em verdade, que o Brasil se encontra agora numa das encruzilhadas mais escuras da nossa vida política em que só o amor da Pátria, o orgulho de termos essa grande Pátria, pode salvá-lo pela desambição dos homens públicos, sua honestidade, sua austeridade, a coragem de sermos pobres e sermos honrados.

O nome do Dr. Pedro Velho não foi inscrito no número dos que deviam ser processados e punidos, mas nem por isso deixou de ser ferido com outras perseguições afrontosas. Ouçamos a narração dêste triste episódio por êle mesmo feita em discurso no Senado, defendendo-se de várias acusações contra a sua vida de homem público. Disse êle, então, com bom humor as seguintes palavras atentamente ouvidas e aplaudidas: "Quando nesta cidade ocorreu a tragédia do Arsenal de Guerra... (e eu não sei sr. Presidente o que maior indignação e revolta produziu em meu espírito; se o sulco ensanguentado dêsse crime hediondo, se o rastro lamacento de baixa especulação a que êsse mesmo crime deu lugar)... a polícia dignou-se de promover-me de minha obscuridade à categoria de facínora honorário,

No mesmo dia em que se encerrava o Congresso um indivíduo entregava-me à porta do hotel em que eu residia, uma carta em que o sr. Edwiges de Queiroz pelo órgão de um dos seus auxiliares, intimava-me a não retirar-me desta Capital. Seguiu-se o que alguns dos meus nobres colegas conhecem da própria e dolorosa experiência, uma espionagem insultante e descarada, tipos ignóbeis e rampantes acompanhavam-nos a tôda parte e a tôda hora como se fossem as nossas sombras. Eram os secretas. O que esteve ao meu serviço nos primeiros dias de janeiro, era de um zêlo raro. A cada momento perguntava aos empregados do hotel se eu já pedira a conta, se estava fazendo as malas. Um dia, enfastiados, disseram-lhe que eu seguira na véspera para S. Paulo. E era de ver, Sr. Presidente a dolorosa estupefação que ensombrou a fronte do honrado funcionário compenetrado dos seus deveres e das suas responsabilidades. Descia nêsse momento a escada e tive de pessoalmente tranquilizar-lhe assegurando-lhe que não fugiria. A êsse tempo forjaram com a assinatura de um empregado da Instrução Pública do meu Estado, uma carta em que êste (meu amigo e, portanto, insuspeito em seu depoimento) declarara que sempre que chegavam paquetes do sul e eram lidas as minhas cartas meus correligionários propalavam como certos, próximos e graves sucessos nesta Capital. Mais tarde o homem descobriu a perfídia e desmascarou a indigna tramóia urdina com o seu nome. Entretanto, sr. Presidente, raras vezes eu escrevia e quando tinha de fazê-lo (duas linhas apenas para tranquilizar a minha família a quem obsequiosos informantes avisavam de quando em vez que eu fôra frêso) serviame de um processo complicado e engenhoso que ainda agora adoto, por excelentes razões que não vem ao caso elucidar. Não contentes com isso, mandaram abrir em Natal uma inquérito em que depuseram dezenas de cidadãos, para o fim de averiguar se algum parente ou correligionário meu, algures declarara que o Dr. Prudente do Morais não presidiria a eleição de março. Parece que esta última cartada não correspondeu à vontade do Govêrno, porque, afinal, resolveram não prolongar a minha detenção".

Esse depoimento pessoal de uma tão grande verdade e nobreza deixa antever a inquietação daquêle chefe humano, dotado de raro espírito público, sensível à honra alheia e ao sofrimento não só das criaturas como dos próprios animais.

Testemunhei hora por hora, a espectativa de perseguições maiores durante não poucos dias, até que certa manhã tomou a resolução de permanecer sozinho e pedir-me que embarcasse para esta cidade portador de notícias que tranquilizassem a

família e os amigos. Faltou-lhe, todavia, a coragem para ir ao cais despedir-se de mim, tendo fingido, para esquivar-se ao sacrifício, alegar que ia esperar-me na Portaria, onde momentos depois, debalde o procurei, sendo-me entregue pelo porteiro, uma carta de despedida, sóbria e digna, como só êle seria capaz de escrever em momento tão atribulado. No cais encontrei o Senador Almino Afonso que devia ser meu companheiro de viagem; tipo original de nortista, cabeleira negra como asa de graúna, num contraste impressionante com o cavanhaque branco e longo. Na intimidade que com êle mantive, companheiros no mesmo camarote, ouvi-o gabar-se de haver conseguido evitar que os cabelos se embranquecessem ao uso da orisa, a orisa dos nossos avós, óleo com o qual, todas as manhãs, besuntava a cabeleira, depois de haver com a outra mão, raspado a face e o cangote, como denominava a nuca. Enquanto isso na continuação da toilette ia me entretendo com hábitos dos romanos da época de Cícero e César, homens que raspavam tôda a barba o que a seu ver não condizia com a vitalidade daqueles restos de povos conquistadores de nações, como eruditamente sentenciava. Na véspera de chegarmos à Bahia, vi-o tirar de dentro da maleta um pequeno vidro com cujo líquido, embebido num pedaço de flanela, começou a lustrar pacientemente, a cartola. Como extranhasse eu aquela operação, respondeu-me que a sua prática já havia representado para êle uma pequena economia. E acrescentou: "Em vez de mandar minha cartola às chapelarias famosas do Rio de Janeiro, uso êste processo caseiro aprendido com os velhos vigários de nossa terra. Foi assim, a nossa travessia até Natal. Dia a dia, era eu cada vez mais surpreendido com a graça das suas narrativas, o estilo pomposo das objulgatórias, a declamação de textos do novo testamento em latim autêntico e sobretudo, os altos e irados brados com que profligava a truculência do verdugo Prudente de Morais que o havia ferido profundamente deportando um seu filho, estudante na Escola Militar, para o Acre inhóspito, onde pouco tempo depois de ali chegar, falecera.

Grande orador e poeta era êsse o seu feitio que nunca procurou corrigir e os meios civilizados e políticos não tiveram força para modificar.

Poucos dias após a minha chegada, chegou também o Dr. Pedro Velho daquela segregação injusta e revoltante. Nunca em tôda sua vida de homem público recebeu manifestação igual. A multidão acorreu ao cais para tomá-lo nos braços numa apoteose ululante. Lágrimas em quase todos os olhos, sorrisos em todos os lábios, alegria em todas as almas, seu prestígio

ressurgiu da perseguição muito maior e mais sólido para uma eternidade que a morte nove anos transcorridos interrompeu. O discurso que proferiu naquêle momento augusto e imperecível, foi uma alta lição de civismo, um estímulo aos norte-rio-grandenses para a resistência a todos os despotismos, um hino à liberdade propulsora da paz, da união e da felicidade. Os aplausos ruidosos lhe abafavam por vezes a voz sonora. Ao terminar apesar da sua imensa fadiga e de uma emoção que por fim rebentou em lágrimas, não se furtou ao sacrifício dos abraços que o estreitaram. O povo do Rio Grande do Norte deu naquela manifestação de agasalho comovido ao chefe, de nossa brava gente, a resposta adequada às perseguições que durante dois mêses o flagelaram num isolamento pungente da família e dos amigos.

Datam daí os hiatos da alegria espontânea, sortilégio com que atraia desconhecidos e seduzia mais e mais os amigos e correligionários foi então que comecei a ouví-lo lastimar o que nunca havia feito dissenções políticas ambiciosas, incompreensões que conduziam a inimizades dolorosas, intrigas interesseiras por índole ou perversidade. Depois de muitos anos transcorridos recordou o rompimento do Senador José Bernardo Chagas que há muito tempo havia sangrado no coração onde aquêle velho e austero chefe sertanejo encontrara tôda ternura da lealdade recíprica. Sempre pensou e muitas vezes me disse que as inimizades políticas habitualmente duravam pouco. Essa, porém, de todas elas a mais penosa durou bastante para que desejos mutuos os conduzissem a aproximação necessária infelizmente sem a pressa imposta por sentimentos pessoais e proveito da política construtora.

Assisti êsse encontro emocional no banquete que o Senador José Bernardo ofereceu ao chefe do partido de tantas e porfiadas lutas vitoriosas. Possivelmente para que a reconciliação reunisse uma expressão de intimidade e fosse ao mesmo tempo um ato significativo da vida pública a data escolhida foi a do aniversário de suas duas únicas filhas ocorrido no dia 21 de janeiro de 1901.

Dos que se assentaram naquela mesa festiva, políticos, magistrados, deputados estaduais e federais, alguns chefes aqui vindos para essa solenidade tanto quanto a minha memória pode ainda hoje identificar no transcurso de tantos anos os únicos que estão vivos somos eu e o Ministro Tavares de Lira. O seu discurso de saudação ao homenageado foi um modelo de sobriedade própria de sua eloquência singular no nosso meio e que o acompanhou nas tribunas da Camara e do Senado e lhe deu tanta notoriedade na saudação que diri-

giu ao Senador Ruy Barbosa no banquete que a êste foi oferecido por todas as forças políticas daquêle tempo às vésperas de sua partida para a Conferência Internacional da Paz a realizar-se na capital da Holanda como embaixador do Brasil. Na recordação dêsses acontecimentos o que me acode agora como a êle acudiu uma ou outra vez foi o imprevisto daquêle rompimento quando sempre teve como força atuante do seu comando político foi a unidade do partido sem a qual em verdade não poderia ter realizado tantas intervenções felizes nas atividades da política nacional.

As duras provações pessoais e a de tantos amigos e a do grande partido nacional a que estava filiado modificaram-lhe um pouco a índole natural que era a de um sadio otimismo na confiança de que a paz não seria interrompida nem o progresso sofreria tropeços imprevistos nem as forças vivas da nação esmoreceriam no ritmo e propulsão do nosso prestígio dentro e fora do país.

No último ano que passei aqui as férias parlamentares fui seu companheiro assíduo na pequena chácara onde costumava passar os fins de semana, situada no trecho final da avenida Hermes, denominado Solidão.

O local exato é aquele onde foi construido o edifício da Escola Doméstica. Repito a recordação a que está ligado meu sentimento àquele lugar e àquela paisagem para êle e para mim tão encantadora entre a duna adjacente e a planicie ainda então coberta pelo matagal. Nessa fuga das tarefas cotidianas êle recebia alguns amigos com os quais conversava sobre coisas alheias a política: arte, poesia, literatura e não raro abordava temas agrícolas ligados ao sofrimento crucial da nossa gente. Em certa ocasião aludindo à beleza das dunas durante o inverno, com a flora arbustal reverdecida, apontou uma roçagem a nossa vista e disse, pausadamente e tristemente: Alí pretendo construir uma ermida consagrada à memória de minha mãe. Terei tempo e meios para satisfazer êste desejo? Deteve-se e acrescentou pesaroso: Penso em tanta coisa que imaginei realizar como a renovação dos nossos costumes políticos e tantas outras estimadas a tornar feliz a nossa terra e não pude e nem poderei realizar como será talvez o sonho dessa pequenina capela, marcada apenas naquêle triângulo descampado, promessa de um ato de fé que terei de levar comigo.

O crepúsculo descia lento na indecisão daquela boca de noite. Sua alegria não voltou mais e foi anuviados que nos despedimos. Para mim naquele instante a força poderosa de seu espírito de homem público começou a declinar e quando montei

a cavalo e iniciei a volta soturna meus olhos estavam umedecidos.

Que sejam as minhas últimas palavras em homenagem ao Ministro Tavares de Lyra, meu amigo e meu irmão no respeito e na devoção do dr. Pedro Velho o homem que realizou o milagre de tirar do nada a nossa terra e erguê-la ao nível de tantos Estados prestigiosos da Federação. Discípulo mais próximo desse grande brasileiro êle bem soube aproveitar as lições do mestre ilustre num tirocínio de honestidade e sabedoria que deu-lhe a honra de ter o seu nome inscrito no livro do mérito por iniciativa unânime dos Senadores presentes à sessão legislativa de 24 de dezembro de 1951.

Ultimas palavras disse eu mais não derradeiras porque estas ficaram para reminiscência mais íntima desta noite e que melhor fôra talvez conservá-la trancada na memória e levá-la comigo para o outro lado da vida.

No dia 5 de fevereiro de 1901, fomos surpreendidos às primeiras horas da manhã com a presença do dr. Pedro Velho em nossa casa. Encontrou-nos a mim e a velhinha minha avó na sala de jantar conversando entristecido com os padecimentos de Auta agravados na últimas 12 horas. Espírito forte, a alma temperada pela oração apesar da crise quase extrema ao ouvir a voz daquele grande amigo veio até nós para mostrar-lhe versos datados de três dias antes e oferecidos à poetisa Ana Lima. Trazia-os escritos a lápis e como as relações o permitissem pediu ao visitante que os lêsse. Ao restituir-lhe o autógrafo teve apenas ânimo de dizer: Até amanhã poetisa quando voltarei para ler melhor os teus versos.

Os grandes olhos pretos de Auta molharam-se de lágrimas e o agradecimento não foi além do cruzamento de máus presságios de dois corações que se compreendiam em campos diferentes de inspiração mas idênticos na sensibilidade emotiva.

Dr. Pedro Velho com as duas mãos apertou as mãos da doente e fez menção de beijá-las.

Dois dias depois voltou, mas já então, para debruçar-se sobre o esquife da poetisa inanimada num beijo sutil de eterna despedida.

Não sei que mais possa dizer senão que neste momento sentindo o pingo do orvalho da saudade gotejante na úlcera que nunca cicatrizou dizer contritamente a alma do homem que abriu as portas do meu destino para essa longa caminhada de oitenta e três anos; até breve meu querido amigo.

EVOCAÇÃO DE PEDRO VELHO

ELOY DE SOUZA

Meu discurso tem de ser um discurso de poucas letras e muitas saudades. Saudades do homem cujo centenário de nascimento comemoramos. Saudades do tempo em que êle e eu vivemos e muitos na minha idade já não vivem para recordá-lo. Saudades da provincia que êle levou para o outro lado da vida com o coração cheio das paisagens da terra natal; cheio dos homens fortes pelo sofrimento e das mulheres corajosas na solidariedade das alegrias dos invernos alviçareiros e as tristêzas das sêcas impiedosas.

Essas alternativas formaram o nosso carater e alicerçaram energias perpetuas para a resistência a tôdos os infortunios. Tive a felicidade de ouvi-lo evocar muitas vêzes êsse drama de luz e sombra em recordações vindas da alma, angelica aos lábios murmurantes numa prece pela ressurreição da terra desafortunada. Ainda conhecí, e êle muito mais do que eu, as virtudes desse patriarcalismo fiél ao nosso Deus nas orações de tôdas as noites, na veneração pela velhice, na fraternidade sem interminitências, na devoção aos deveres humanos, na caridade entre as almas. Tais sentimentos e deveres não desapareceram como virtudes auridas nos ensinamentos de Jesus. Sua manifestação, porem, nos dias de hoje é assistêncial, emanada de leis ditadas pelo direito evoluido na sua função existêncial. Já não é, assim, uma emanação da bondade primitiva, aquecida ao calôr que tornava a familia mais aconchegada nas casas antigas, onde a semi obscuridade da lamparina brochuleante no copiar despertava as consciências na hora de lembrar a tarefa cumprida a luz do dia, no labor dos roçados e da criação. Dentro das parêdes ancestrais habitava a bondade solicita, e um interesse humano, portas a fóra, buscava amigos e compadres afim de acuidá-los com a presença confortadora nas horas minguadas. O parentêsco espiritual dos afilhados era como um éco da voz do sangue na benção pedida

ao padrinho e retribuida com as mesmas palavras ungidas pela tradição secular: abençoado sejas de Deus e da Virgem Maria. No Dr. Pedro Velho a pessôa humana e o homem público se identificavam nos predicados nativos, ou adquiridos, como filho da provincia mais pobre do Império, a mais esquecida pelos governos, a mais ignorada, sinão a mais despresada pelos beneficios com mandatos legislativos. A infância do organizador do Estado republicano transcorreu nas cidades litoraneas: Macaiba e Ceará Mirim, depois Penha e Natal, residência definitiva dos pais e irmãos com exceção do Coronel Fabricio Maranhão, fixado na Penha como senhor do engenho Cunhau, posteriormente transformado em usina sem êxito. Mais no Rio de Janeiro do que aqui, nossa residência no Grande Hotel, em quartos contiguos e comunicantes por uma porta dia e noite escancarada, nos permitia longas conversas sôbre variados assuntos, nos quais não cabia a maior parte á politica sinão quando havia interesse sugerido pelos jornais do dia. O Rio Grande do Norte era, porem, passado em revista nas reminiscências dele e minhas. As minhas mais próximas do meu passado, as dele mais antigas e adstritas ao micio da juventude, quando ausentou-se para o Recife como estudante de humanidades e depois como aluno do Colégio Abilio na Bahia, onde concluido êsse curso, matriculou-se na sua antiga Faculdade de Medicina. Ao regressar de Portugal, a onde fôra por motivo de saúde, transferiu a matricula para a similar do Rio de Janeiro, e ali defendeu tése distinta, doutorando-se em 1881. Quando a conversa incidia sôbre recordações de viagens no Rio Grande do Norte, como néto de vaqueiro e filho e néto de criadores, o meu interesse e prazer era contar as longas caminhadas em busca do sertão, com o pitorêsco despertar, madrugada velha, para, em parceria com os comboeiros ir buscar os animais no pasto, guiados pelo tenido dos chocalhos e trazê-los ao terreiro da casa onde haviamos pernoitado, afim de encangalhar os cargueiros e selar os cavalos de montaría. Eram tarefas cujas narrativas o interessavam como homem público por sugerir meios de facilitar transportes primitivos, com melhoramentos das estradas ainda coloniais. As lembranças de suas viagens na velha provincia estavam mais ligadas ao carro de boi, não para longas distâncias, mas nas proximidades dos engenhos, como divertimento de grupos familiares. Admira-

va êle a paciência das juntas de bois avergados no esfôrço da tração. Recordava a figura do carreiro com a longa vara de ferrão sentado à mesa do carro rechinante a estugar os animais para não esmorecer o ritmo da marcha, no esfôrço conjugado de tôdos. De vêz em quando a voz cantante mudava o castigo em caricia chamando os bois pelos nomes habituais a que atendiam num prodigio de memória auditiva: Bôa Sorte ou Bonito, Ponta Baixa ou Bargado e o esfôrço apressava o passo e o rechinar do carro, que não era música no ouvido melódico do narrador, aumentava a estridência. Nunca esqueceu a labuta nos engenhos por tração animal e mais tarde pelo fôgo, no crepitar da lenha, restos da vida de arvores frondosas pouco a pouco rareando as florestas até reduzi-las ao pó de fôlhas sêcas e a visão de troncos espectrais marcados pelas feridas abertas a machadadas naquelas creaturas vegetais, também saidas das mãos de Deus para enfeito e alegria do seu mundo. Os comentários a tais propósitos êle os fazia com agilidade do politico preocupado com os problemas econômicos sempre oportunos e correlatos aos fatos trazidos à baila. Quando esteve em Portugal interessou-se por êsses assuntos e de lá trouxe a curiosidade pelos debates econômicos e o entusiasmo pelos seus oradores parlamentares, tantos deles empenhados na defêsa das florestas e conservação das fontes, enquanto outros eram inexcediveis na discursão das questões propriamente politicas. Para êle, entre estes, o mais notavel, o maior, foi José Estevão, imperecivel como improvisador de transbordamentos inéditos. A êsse propósito recordou que certa vêz almoçava à mêsa uma senhora por muitos titulos ilustre. Em meio ao almoço o conviva interrompeu o mutismo em que, inexplicavelmente, se mantinha, para pedir-lhe que fôsse à Câmara ouvi-lo naquela tarde. Tinha acabado de pensar um episódio a propósito de Cincinato que não parecia de tôdo mau. Naquela sessão falou com a eloquência costumeira e ao terminar, antes que cessassem os aplausos, voltado para a tribuna das senhoras deparou com a ouvinte amiga.

Ainda ébrio de eloquência, bradou contrito, perdoe minha, comadre, que lá esqueci o Cincinato. De outra feita, não tendo guardado a cortezia habitual num debate com Passos Manuel de quem era amigo, êste, respondendo fêz-lhe referências tão merecidas quanto comovedoras, não ocultando, todavia, a estranhêza das iro-

nias com que tinha sido alvejado por amigo tão querido e admirado. José Estevão no auge da emoção caminhou celere até ao colega e pondo-lhe a mão na bôca pediu pelo amôr de Deus que parasse se não queria vê-lo morrer de vergonha. Os episodios ouvidos há tantos anos torna possivel algum equivoco na sua reprodução, mas a verdade está na minha memória como está a figura do Dr. Pedro Velho sentado na rêde, bem composto na endumentária matinal. Era assim, sem cerimônia e com aquela gentilêza cativante pelo sorriso natural que abria os corações mais trancados, e recebia ministros, Deputados, colegas do Senado, amigos intimos ou não e quantos conterrâneos batiam à porta do quarto numero 34 do Grande Hotel da Lapa. Foi nesse aposento que ví reunidos três famosos cirurgiões para opinarem sôbre uma intervenção a que o paciente se opunha com teimosia implacavel. Um deles o Dr. Monat disse-lhe, então, concorde ou não concorde meu caro Pedro Velho, digo-lhe, que nem Nosso Senhor Jesus Cristo será capaz de curá-lo sem canivete. E a solução ficou adiada para mais tarde. Na manhã seguinte foi visitá-lo o Senador Pinheiro Machado. Inteirado do assunto prometeu uma visita do Dr. Murtinho, homeopata que fazia milagres. Dentro de algumas horas chegava o mágico. Olhou a enfermidade, sua extensão e séde; mandou suprimir os medicamentos e até as lavagens antiseticas substituidas por agua fervida, naturalmente resfriada. Receitou carbo—animalis da duocentesima dinamização e mudança para Santa Tereza. Acompanhei-o ao Hotel Vista Alegre, naquele bairro, onde permanecemos durante quinze dias contados. Cumprí religiosamente o meu dever de enfermeiro e amigo numa constância reclusa e vigilante na aplicação do remédio e observância da dieta prescrita. Findo o prazo previsto o doente estava restabelecido e alegre por ter evitado o susto e os sofrimentos da operação. Na manhã do regresso ao Grande Hotel, arrumadas as duas valises, num contentamento um tanto refletido e até não sei se filosófico, ponderou: êsse tratamento confirmou minha terapêutica politica, também homeopática pela suavidade e talvêz por isto mesmo eficiente. De agora por diante só me resta aumentar as dinamizações para maior eficiência. Sua técnica partidária sempre foi suasória e concordante. Salvo em situações que o obrigaram a contemporisar com metodos menos suaves, como sucedeu

quando o orgão do partido na imprensa desmandou-se nas criticas a adversários por inspiração a responsabilidade de um correligionário altamente credenciado, sua autoridade, normalmente porem, atuava mais pelo perdão do que pela vingança. Abominava a ingratidão. A lisonja lhe provocava náuseas e os amigos mais prezados eram os que lhe falavam a verdade quando a verdade vinha até êle pela palavra de correligionários alheios a interesses subalternos. Muito cêdo compreendí essa nobreza e a ela correspondí com a lealdade tanto do seu agrado. Deputado Estadual em 1896 foi surpreendido, certo dia, com a mudança de rumo na apresentação de um projeto em beneficio da viuva de Braz de Mélo, compromisso, que eu havia assumido com sua plena concordância. Procurei-o e comuniquei a resolução de renunciar o mandato na sessão daquele dia. Ouviu-me com benevolência, desfêz o equivoco e ao despedir-me disse-me com os olhos nos meus olhos: vai e nunca te arrependas de gestos como êste. A pretensão foi tornada vitoriosa pela apresentação de projeto constitucional, condição omissa na fórma primitiva que lhe havia escapado quando aquiesceu na concessão do favor. Sei que crescí na sua estima com aquela decisão, motivada pelo um impulso de dignidade ofendida tão cara ao seu feitio moral. Nenhum chefe, que eu saiba, teve mais respeito e personalidade dos seus correligionários na República Velha do que êsse fidalgo esquecido dos brasões autênticos de antepassados ilustres. O predicado que êle mais presava era a amizade, pedra angular dos sentimentos humanos. Num dos seus "Artiguêtes" publicados n' A República há um confronto entre o amôr e a amizade, que é uma definição da atitude de sua sensibilidade. "Os modernos psicologos, disse êle, estudando em suas fibras mais delicadas e reconditas êsse misteriôso orgão que se chama o coração, concluiram de suas locubrações e experiências, que ainda mais raro do que o verdadeiro amôr é a verdadeira amizade. De fato, quem é que há por ai que uma vêz, ou várias vêzes, não se tenha sentido objeto de intensa e absoluta afeição intersexual? Quem deixou de ser protagonista numa dessas absorções e dominadores paixões em que o amôr avassala e tiraniza tôdas as energias e tôdos os estimulos sem deixar na sua estuante ipertrofia que respirem siquer as valvulas da consciência e da razão? Não assim na amizade. Sentimento mais calmo e mais tranquilo, ela

é a chama que aquece sem queimar, lampada que ilumina e guia, e longe de se consumir no tempo, mais se acende e rebrilha a medida que envelhece. Como é rara, porem, essa suprema ventura de ter um verdadeiro amigo! Quantos se não gozado de tamanha dita. E também que repouso e que amparo para a nossa consciência a segurança de que outro coração irmão do nosso pulsa isocrono com êle ao calôr de um aféto tão puro e desinteressado". Êste "Artiguête" é da série de 1897, escrito por mim sob seu ditado, sem que eu tivesse, então procurado atinar com o alvo que aquela bela meditação buscava alcançar no estilo lapidar do mestre. Tempos depois, certa noite, em que após o jantar iamos vagarosamente pela Rua do Passeio, conversando sôbre coisas passadas da politica do Rio Grande do Norte, ao defrontarmos o portão monumental do Passeio Público êle parou e de frente para mim, com as duas mãos pousadas nos meus ombros perguntou-me, não sem emoção, Fulano, (e pronunciou um nome caro a nós ambos). Fulano alguma vêz pensou em romper politicamente comigo? Nunca lhe respondí seguro e afoitamente. Nunca ouvi falar em semelhante aleive. Tiraste-me, uma dúvida pesada e amarga, que eu trazia no coração. Era, todavia, verdade, e eu jamais havia imaginado que tamanho desgosto por mim evitado num sigilo que supunha não haver transporte os umbrais da mansão do amigo comum, para criar a dúvida que tantos anos transcorridos ainda lhe pungia e sangrava como ferimento penetrante. Não conhecí em tôda minha vida alma mais excelsa. O homem forte, o chefe politico vencedor de tantas batalhas para fazer vingar a dignidade, o brio, o pundonor da terra pequenina e pobre, sofria e guardava amarguras no cofre sagrado do coração pela duvida á fidelidade do amigo na constância de tantos anos de confidências derramadas na corrente cristalina da afeição mais firme a mais segura numa afirmação de eternidade. Decênios depois fui atingido pelo mesmo choque emocional. Não me revoltei; não deblaterei improperios em reuniões com amigos, a ninguem pedi misericordia. Tive fé e esperei. Fé em Deus, fé na vitória do bem contra o mal. Lembrei-me dele. Lembrei-me do amigo ausente e sobrevivi. Foi uma preparação do sub-consciente para outras lutas e outras vitórias, já agora em união perfeita com os que me haviam injustamente largado e juntos volvemos de novo ao bom com-

bate pela dignidade e soerguimento moral e politico da terra que o Dr. Pedro Velho me ensinou a querer bem com o amôr capaz de tôdos os sacrificios. Eu o tinha acompanhado nos idos de 1897 numa identificação perfeita com os sofrimentos de noites insones, noites longas, o pensamento distante na lembrança da familia inquieta e portas à dentro, no seu aposento do Grande Hotel, amigos tambem mortificados pelas perseguições de um governo em desespero. Tive naquela hora a confirmação de estoicismo mais remoto, quando afrontou as insidias do Florianismo com a ditadura jacobina, se houvesse vingado o adiamento do Congresso Nacional. A palavra, então sem par, do Deputado Junqueira Aires combateu a tentativa com a fulguração de gênio oratório e o calôr do patriotismo redentor. Não importou naquele lance o desafio a maiores perigos para autonomia do Rio Grande do Norte. O Dr. Pedro Velho estimulou e louvou a atitude corajosa. Na vigência de mandatos legislativos privou com vários chefes politicos. Nenhum possuiu e guardou mais do que êle a centêlha da previdência, o senso da oportunidade, a coerência na defêsa dos principios constitucionais, a devoção pela democracia na sua essência evolutiva. Madrugou na penetração psicologica dos homens públicos para com êles tratar, sugerir, vencer obstinações e levar á concordância pontos de vista proveitosos aos interesses da nação. Sabia como lhes devia falar e o momento exato em que o devia fazer. Seu desaparecimento fêz uma imensa falta ao General Pinheiro Machado, com quem assisti debater assuntor politicos da maior relevância em oposição ao grande chefe e pela persuasão encaminhada com a inteligência do homem bem educado, evitar soluções inconvenientes e até erradas. Nenhum politico do seu tempo teve igual poder de sedução atuante em tôda sua fôrça nativa. Nem artificio, nem preparação na interferência, sempre resultante da improvisão adequada a cada caso. A espontaneidade operava o milagre. Carlos Peixoto conversou com êle uma única vêz levado por mim ao Grande Hotel. Deixei-os sós. No nosso primeiro encontro confessou haver tratado com um homem fascinante. Voltára impressionado com a instantaneidade do raciocinio moldado em palavras simples com a intenção percebivel de deixar ao interlocutor a decifração total do pensamento, porque a metade

era a sua parte, guardada em respeito a liberdade alheia para a decisão meditada. Já não era, assim, quando conversava com os conterrâneos, amigos de Natal, correligionários matutos, ou sertanejos. Não havia mudança de tática porque, num ou noutro caso, o que havia era uma atuação correlata ao conhecimento individual em coletividades politicas diferentes. Na familia politica da sua amada provincia não era mister usar ginásticas de palavras, nem trapezios de raciocinios. As vêzes, nem palavras nem raciocinios. A ação de presença já antecipava o entendimento desejado. Um olhar, através dos vidros de miope, o riso familiar, a ondulação da cabeleira que dava maior expressão à formosura, bastavam para consertar desavenças no campo onde lavrou dia e noite plantando a bôa semente para safras opimas. A tarefa também abrangia solicitações para reajuste de amizades desfeitas ou apenas interrompidas. Casais desavindos recorriam aos seus consêlhos e mães aflitas buscavam na sua autoridade remédio ao desvio de filhas seduzidas. Seu tempo parecia curto e, todavia, sobrava para ajudá-lo nesse sacerdócio leigo que não o fatigava, mas era antes motivo de alegria espiritual. O politico resistiu a Floriano Peixoto, foi fiél aos compromissos com o Partido Republicano Federal, ficando contra Prudente de Morais na cisão que arrebatou ao Deputado Francisco Glicério a chefia de um partido nacional e tão prestigioso que, na definição de Belisário de Souza, emulo de Junqueira Aires, era uma catedral de muitos altares, onde se oficiavam tôdos os cultos. Honrou a palavra empenhada pela candidatura de Lauro Sodré à Presidência da República e o Rio Grande do Norte se não ficou sozinho foi porque também o Paraná não faltou ao compromisso contraido. Organizou o Estado Republicano com a colaboração de adversários em plena atividade partidária. Deu ao Rio Grande do Norte autoridade na federação, tirando-o do nada para a projeção de unidade equiparada aos grandes Estados pela honestidade dos seus homens públicos e conduta exemplar dos seus governos. Essa obra meritória ficou como um dos marcos mais altos da democracia, quando a democracia era expressão eleitoral e trabalho construtivo, mas não moeda corrutora de homens e partidos. Criou uma mentalidade politica na base da honestidade individual e coletiva, porque soube ser bom e ser puro, forrado pelas virtudes cultuadas no passado.

Jornalista, escoimou o artigo de fundo, da enfase antiga, aquela enfase que embevecia os leitores do tempo em que a politica era muito mais personalista e os debates versavam defeitos entre adversários e não idéas e interesses coletivos. A pompa palavrosa ingurgitava o entusiasmo dos ouvintes, quando, em vóz alta, nas rodas da Praça da Alegria, o conservador ou o liberal alteava a vóz declamadora. Não interessa citar os nomes dos jornais e redatores tôdos já cobertos pela poeira implacavel do passado.

Alguns fôram homens inteligentes, mas subordinados a um modêlo que só as decadas pouco a pouco modificaria em paralelo com o feito evolutivo da cultura e costumes correlatos. O Mestre tambem deu outro sentido a crônica, que ainda não era social, mas exclusivamente exercida em tôrno da politica partidária com a mesma estreitesa individual e o mesmo processo achincalante. A fidelidade ao partido explicava e até justificava a cegueira a tudo que fôsse o esfôrço contribuitivo para a coesão, segurança e fôrça da sobrevivência de um fanatismo que era igualmente dignidade. Mudar de partido, virar a casaca, na giria de então era nodôa indelevel motivo de odios fraternos e tantas vêzes excomunhões paternas e até maternas. Nos dias de hoje, havemos de concordar, que mudar já se tornou pelo hábito, espertesa, sagacidade, defêsa econômica, a caminho de encorporação as virtudes teologaes. O jornalismo que aprendí, com o mestre honesto e sábio, não conhecia ainda especie e não a combatia por falta de obejetivo e hoje combatê-la seria inutil e até rediculo, em respeito á carestia da vida. Contemporaneo de Segundo Wanderley milionário da inteligência e pobre por vocação nativa, ele o renovador da poesia e do verso, quando chegou à nossa terra, as musas cantavam o amôr dolente ou lascivo e a satira tantas vêzes impiedosa, atingia rivais e amadas fugitivas. O nosso grande poeta foi o arauto do romantismo quando a escola já tinha deixado de ser a inspiradora do gênio lirico de Lamartine, o poeta de tôdas as harmonias. Segundo Wanderley morreu fiél ao seu ídolo, na curta resurreição gloriosa daquela poesia, que entronisou o amôr no altar em que fôram cultuadas as mulheres amadas. Não foi porem a escola que o sedusiu e empolgou no arrebatamento da mocidade estudante de nobreza e desinteresse, mas o lirismo lamartiniano diafano e comovente.

A forma do seu verso e a inspiração não continuaram

nas gerações sobrevindas, mas deram nascimento a novos poetas independentes com Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes, Ferreira Itajubá, Gotardo Neto, Otoniel Menezes, Ezequiel Wanderley, Ivo Filho, Francisco Palma, Ponciano Barbosa e a trindade de poetisas excelsas constituida por Auta de Souza, Palmira e Carolina Wanderley continuadoras dos Wanderley, que tanto contribuiram para opulentar o patrimônio intelectual da nossa terra. E' curioso com Segundo Wanderley plasmado na simplicidade do poeta das "Meditações Poeticas e Religiosas" tenha sido o orador das antiteses hugoanas, genero que cultivou com sucesso nos teatros em saudação a atores e atrizes que nos visitavam tanto quanto nos comicios e como representante de grupos partidários em manifestações tributadas a politicos conterraneos.

A antitese embriagava-o e a imitação alcançou tal perfeição que deu causa a ser acusado e plagiário, quando só tinha havido incompreensível equivalência de mestre e discipulo. O chefe de partido, o vigoroso jornalista nunca fêz um verso, jamais compôs uma melodia.

Homem de não escassa imaginação, inspirava-o os têmas da vida coletiva atinentes ao seu desenvolvimento o meios de acelerá-lo.

Com o pensamento nas sêcas assoladoras do nordeste recomendava, a nós, representantes do Estado, que nos empenhassemos no combate redentor, promovendo legislativas que favorecessem a construção de obras adequadas a sua solução. Alegrava-o a verdura dos campos, como se fôsse o sorriso da naturêza em festa, e a secura dos taboleiros e das serras desnudas pela morte da vegetação era-lhe evocação penosa que os olhos anuviados não escondia.

Quando certa vêz o acompanhei numa curta excursão a Ceará Mirim, deslumbrado pelo panorama do vale, visto do engenho Bica, a emoção se traduziu no entusiasmo pela futura barragem reguladora das enchentes e destinada a irrigação sistemática dos canaviais.

Êsse era o poeta, amigo dos jovens cujos versos de alta inspiração êle guardava na memória para velada e amorosamente recitá-los.

LOURIVAL E O SEU TEMPO

H. CASTRICIANO

I

Natal, a cidade que serviu de berço á curiosa figura literaria que vamos estudar, será, de futuro, quando os recursos da industria melhorarem a sua situação fisica, uma capital digna do Rio Grande do Norte.

Mas aos olhos do observador não escapará o erro dos que a fundaram.

Ela devia estar na outra margem ou, por exemplo, em Guarapes, onde poder-se-ia com despesa relativamente pequena, construir uma ponte que desse passagem ao comercio do centro.

Como sucedeu, ficou sem comunicação facil para o interior, tendo em frente o Potengi, com largura consideravel, — tresentas braças, aproximadamente — e tendo a leste e ao sul — grandes morros arenosos sem prestimo agricola, verdadeiros parentesis de terra inculta e má.

O rio dificultou as transações comerciais com o interior, isolando-a dos principais nucleos sertanejos, que procuraram negociar com as praças do Recife e do Ceará; os morros desviaram a ação dos mercadores dos vales do sul da antiga provincia, os quais procuraram a citada praça e a da Paraíba.

Destarte, ficamos, por assim dizer, enquistados e três seculos depois, é ainda grande o nosso atraso.

Sem movimento, sem industria, sem recursos proprios, nos escravisàmos á capital pernambucana, onde, até pouco, realisavamos todas as nossas transações e onde mandavamos ensinar os preparatorios aos moços que se destinavam á carreira das letras, tendo sido decretada a supressão do Ateneu, á falta de frequencia, em 1853. E, enquanto os outros municipios agiam, desenvolvendo, empiricamente embora, a criação e a agricultura, nós palestravamos formando os típicos e celebrados *cantões*, ou

preparavamos gerações anodinas de burocratas, alguns dos quais, no corpo da Fazenda Nacional e em outras repartições públicas, são verdadeiros modelos de probidade e inteligencia, dando o traço caracteristico da nossa psicologia.

Natal ficou sendo uma cidade curiosa, mixto singular de bucolismo e de civilisação em esboço.

Assimiladores, dotados de bondade nativa, bastante indolentes e um pouco sensuais, ignorantes em extremo da vida dos grandes centros, no fundo um pouco céticos, — somos incapazes de fundas afeições e de odios acirrados, não compreendemos os crimes diabolicos nem as virtudes excelsas.

Concorreu muito para isso a vida sedentaria de empregados publicos; mas teve tambem grande parte na formação do nosso carater o *meio* fisico, a topografia da capital, a paisagem doce e aspera ao mesmo tempo, a visinhança do mar, a brutalidade das ventanias do sul, todos os elementos que concorrem para a formação de um dado ambiente cosmico.

No Rio Grande do Norte ha três aspectos sociais mais ou menos distintos: o da zona do agreste, formada de catingas, onde como nas praias, é maior a quantidade de sangue negro; o do litoral, de mais de 80 leguas, formado de taboleiros cortados de grandes vales, que podiam ser ricos e são pauperrimos; e o do centro, onde a influencia da raça africana se fez sentir em menor escala, principalmente nos sertões de oeste.

A zona do agreste se confunde, até certo ponto, com o litoral, onde os gestos languidos e a voz arrastada estão a denunciar não sei que indiferença visinha da renuncia de tudo que não seja o bem estar de um dia, sendo a população das catingas, — representada pelo pequeno lavrador e pelo almocreve, — muito mais civilisavel e capaz de ambições do que a das praias.

Na parte relativa aos vales úmidos há uma grande diferença entre o antigo senhor de engenho, meio aristocrata e imprevidente, e o operario rural, oriundo de escravos, humilde, embrutecido, sem amor á terra, da qual o separa o desastrado egoismo do proprietario.

A gente do sertão difere bastante das outras: é de melhor aspecto fisico, de maior tenacidade, de indomavel energia nas crises climatericas. Capaz de grandes

crimes, pode ser, sob esse aspecto, encarnada na lendaria figura de Jesuino Brilhante; capaz de heroicas resistencias, é inexcedivel de coragem por ocasião das secas e só abandona a casa quando não ha mais salvação possivel.

Na epoca da fartura, o traço caracteristico desse povo é a hospitalidade, tão generosa e confiante que o sertanejo esquece, em poucos dias, o titulo social do individuo a quem hospeda: quando simpatisa com ele, trata-o simplesmente pelo nome, como a qualquer pessoa da familia.

Fê-lo energico o *meio*, cortado de serras abruptas, com uma exquisita vegetação de cardos e arvores de ramos enfesados e hastes retorcidas.

II

O Natalense, pelas condições naturais da vida em uma capital pequena, é uma mescla de tudo isso, mas tem psicologia á parte.

No começo, a disposição fisica do terreno isolou-o do resto da população da provincia.

Ocupava todos os cargos mais ou menos conspicuos da burocracia; depois, talvez por causa da extinção das fortunas do interior, — no Brasil o filho e neto de fazendeiro ou negociante acaba por via de regra, empregado publico — a população adventicia entrou em concorrencia com a do lugar, de maneira que o meio natalense, atualmente formado dos diversos elementos vindos de fóra, é bem diverso do de cinquenta anos atraz, um tipo representativo do Natal antigo.

Mas se a nossa existencia psiquica mudou quasi radicalmente, não sucedeu assim com o *meio* fisico.

A Republica como que reformou a capital; esta, alargou-se, estendeu-se, não tendo entretanto os melhoramentos lhe alterado a fisionomia aldeiã.

Esta só poderá ser modificada quando tivermos o comercio que nos trará a comunicação, por via-ferrea, do centro; movimento maritimo capaz de nos interessar pelas cousas do exterior; pronta circulação urbana; o acrescimo da fortuna particular de modo a permitir a construção de predios de arquitetura moderna; os elementos, enfim, que, em toda parte, concorrem para o progresso e para a civilização.

Contudo, o jardim, o teatro, o calçamento e o nive-

lamento de certas ruas, especialmente da Avenida Rio Branco, deram-nos um ar mais distinto, embora o conjunto da cidade, desde as casas mal construidas até o aspecto dos habitantes, deva impressionar pouco satisfatoriamente o viajante que notará logo a nossa curiosidade matuta.

Na época do florescimento de Lourival, a area da cidade mais ou menos decentemente construida era insignificante; havia grande numero de palhoças e entre os dois bairros estendiam-se muitos metros de terreno baldio, predispondo os moradores de uma e outra parte ao retraimento que o tempo mudou em rivalidade.

Tinha o poeta cerca de oito anos quando, em Fevereiro de 1834, a Camara Municipal pediu ao presidente Basilio Quaresma a criação, na Ribeira, de uma escola de meninas "para facilitar a concorrencia destas, que a deixam de fazer pelo grande intervalo que ha despovoado entre uma e outra povoação, mormente pela decencia do sexo que tem de transitar por caminho inabitado".

Os antigos não souberam fazer a cidade. Cuidaram pouco disto. E a culpa não foi somente dos presidentes da provincia, alguns dos quais deixaram traços de bem orientada operosidade, como o dr. Bernardo de Passos, Nunes Gonçalves, Olinto Meira, Barbosa da Silva e outros. Quando para aqui veio o presidente Pereira de Carvalho, em 1853, ainda encontrou, despovoada, entre a alfandega e o morro do Rosario, uma area de nove mil braças quadradas, dividida por extenso aterro que facilitava a ida e vinda dos moradores dos dois bairros.

Teve a intuição do prestimo vindouro desta parte do solo natalense e pensou na construção de um grande Passeio onde, segundo escreveu em longa mensagem, "a par da distração que encontrariam os habitantes nesse ponto de reunião, poderiam gosar da encantadora vista de um belo rio, da suave brisa, a sombra de frondosas arvores e da vantagem de possuir um otimo cais de desembarque, que nada teria a invejar ás outras provincias..."

E, como não houvesse recursos no erario publico, o que ele "lastimava dentro dalma" mandou que a Camara Municipal proibisse na citada area quaisquer construções "por não lhe sofrer o animo ao vêr que um lugar tão precioso se perdia por concessões inconsideradas para edificações particulares, roubando-se à população o que de melhor e de mais pitoresco pode existir de futuro na

cidade", porque "se a provincia não podia no momento levar a efeito obra tão util, nem por isso devia criar a impossibilidade de possui-la algum dia".

Essa decisão foi mantida até 1859, quando, em 19 de Dezembro, teve de ser revogada para satisfação de interesses indigenas...

III

A paisagem que serve de moldura á cidade é, no seu conjunto, de uma grande beleza melancolica. Perto da barra, vê-se a fortaleza dos Reis Magos, com as suas moradas historicas e o seu perfil saudosamente vetusto; mais proximo do porto, á esquerda, dunas cobertas de hervas entanguidas; o Morcego, hoje povoado de graciosas vivendas e toucado de vegetação nos bons tempos da mocidade de Lourival; o morro de Areia Preta; pequenas choças de pescadores; as casas que se confundem á medida que nos aproximamos do cais...

A' direita, vê-se, também deleciosos trechos de areia branca e movediça; a Caiana, onde começa a aparecer o morro que vem da Redinha; e grupos farfalhantes de coqueiros...

Mas é de terra que se descortinam belissimos fragmentos de natureza nortista; por exemplo: o panorama admiravel que se vê da igreja do Rosario.

Daí, nas luminosas manhãs de verão, contempla-se o rio, muito azul, apenas levemente ondeiado, deslisando como através de um sonho, na moldura dos mangues imoveis.

Do outro lado, no cimo da colina onde está situada a Aldeia Velha, deparam-se-nos, em recortes desiguais, as clareiras dos roçados juntos às casinhas toscas dos camponios, de cujo teto sobem ao ceu, em ligeiras espirais, ondas e ondas de fumo tenue.

A' medida que o rio desce sob a poeira do sol, a colina que o acompanha vem descendo tambem, numa suave gradação, até confundir-se com os comoros das dunas, aqui e ali pintalgadas de plantas enfesadas e asperas. Então, acentua-se a beleza triste da nossa paisagem, traindo, em geral, o martirio da terra. E a brancura dos morros, forma um surpreendente contraste com o verde-azul das aguas, — vista assim, à luz radiosa da manhã, cujos reflexos sobre o manto diafano das areias, nos dão a impressão de estarmos vendo o começo de al-

gum país nostalgico, que se prolonga indefinidamente sob a gaze rarefeita do eter e sob a diluida refração da luz. As dunas recordam esses infindaveis desertos, onde afirmam que os olhos doentes dos viajantes cançados de nada vêr, iludem-se criando falsas perspectivas, contornos vagos de cidades fantasticas, a se afastarem continuamente, à medida que o viajor avança...

Depois, é o mar que se alarga, ora azul, ora pardo, ora côr de grêda, conforme a face do ceu...

Lá está a curva da barra, orlada de salsa espumarada branca, os cinco coqueiros da Limpa, a Fortaleza. E, de terra, a encontrar-se muito ao longe com os tons rebrilhantes das aguas, parte, começando do declive da ladeira em que estamos, no Rosario, um trecho vastissimo e desigual, ora cheio de coqueiros, ora cheio de predios de feições diferentes, onde, entre outros, se destaca o antigo Palacio do Governo; e, recuando para a direita, a chaminé da Fabrica de Tecidos, o sobrado do Melhoramento do Porto e a Igreja do Senhor Bom Jesus com o seu ar modesto, recolhido...

Visto do Refoles é igualmente magnifico o cenario da nossa baía. Ela como que se torna fantastica na hora em que começa o crepusculo vespertino. Nesse instante, do azul purissimo do rio desprendem-se uns longes de poesia capazes de inspirar não somente os artistas de raça mas todos os que podem pensar e sentir.

Nada mais encantador do que, nesse momento, o Potengí descendo para o mar, nas horas da vasante, sereno e calmo, conduzindo nas aguas mansas uma porção de barcos leves, que vão e vêm, que aparecem e desaparecem nas curvas do estuario, dando á perspectiva uns tons suaves de magica, de tela policroma. O rio adquire, então, *nuances* de uma delicadeza tal, ha nas suas aguas, docemente onduladas pela viração do norte, uma tão grande variedade de cores que a gente fica minutos e minutos embebida na contemplação desse panorama evocador de outros lugares guardados no fundo da memoria e que surgem, de repente, como através de um sonho amigo, aos nossos olhos turvos de saudosa melancolia.

E as cores violaceas do crepusculo, descendo do ceu arroxeado e caindo nas linhas enfirmadas das dunas alvas, quasi desfeitas pela sombra da noite que vem tombando, quasi mergulhadas no golfão de treva, que, por toda a parte, se alastra, criando o misterio das cousas insondaveis!

Além do Refoles, situado á pequena distancia da area urbana, a capital possue outros pitorescos arrebaldes. Não falando na Cidade Nova que é, por assim dizer, criação da Republica, temos o Barro Vermelho, a Redinha e, mais longe, servidos por estrada de Ferro, Pitimbu e Extremoz.

O primeiro, que começa no Baldo e termina na Lagôa Seca, teve influencia direta na formação moral e intelectual da cidade, principalmente na geração de que Lourival foi o máximo representante. As arvores do "Baldo e da Lagôa foram as mestras da meninada trefega e dos namorados do tempo.

Estes dois reservatorios, — principalmente o primeiro — concorreram bastante para o desenvolvimento da indole pagã do natalense de outrora.

Hoje, o Baldo reune em suas aguas, á noite, somente a plebe foliana; mas, em tempos de antanho, todos se encontravam ali, ricos e pobres, cada qual por sua vez. Era um lago formado, como ainda agora é, de escassas vertentes, oculto na sombria vegetação de arvoredos robustos, de dendeseiros, de cajueiros, de ingaseiras selvagens, a cujos pés ziziam insetos lubricos e sobre cujos ramos maridavam-se, á beira dos ninhos, os sanhassus e os xexéus...

Mais para diante, já ao pé dos tabuleiros, havia a Lagôa Seca, então orlada de moitas de guagirus e outras plantas silvestres; e, á margem direita do Potengí, á beira do oceano, a celebre Redinha, delicioso recanto banhado por um ribeiro vindo de Estremoz, a lendaria lagoa...

Sob alguns aspectos, a paisagem se acha de presente, um pouco modificada; o que se vê do adro da Igreja do Rosario até o antigo Palacio do Governo, não existia nos primeiros anos do poeta e sim, como dissemos, uma grande porção de terreno quasi todo vasio, cortado de coqueirais verdejantes.

O natalense de agora, tendo outros elementos de civilisação ao seu alcance, embora o não faça, por lhe faltar a alegria de viver que sobejava no tempo de Lourival, pode sacudir, de um momento para outro, a poeira do tedio, colher impressões novas, tomar passagem a bordo ou no trem, viajar, educar o espirito e a retina.

Essa relativa facilidade de transporte atuou bastante na vida intelectual das novas gerações: antigamente, uma viagem ao Recife constituia grande acontecimento na

existencia do individuo e ás senhoras, quasi que totalmente, era vedado tamanho regalo.

Daí, talvez, o excesso de timidez matuta que, ainda hoje, é um dos traços da nossa vida coletiva; sobretudo, o nosso retardamento intelectual, a anomalia de, mesmo os mais irriquietos, como o poeta que estudamos permanecerem durante muito tempo, em pleno romantismo, com uma insuportavel feição arcadica.

Para notar-se quanto a facilidade de locomoção e de mudança de cenario influiu no nosso *meio* intelectual basta ler os volumes publicados no ultimo decenio e vêr como, ao contrario do que se deu antigamente, assimilámos o que de mais novo se produziu lá fora.

Os que entre nós, atualmente, se ocupam de letras, tiveram, quasi todos, vida academica, viajaram, sentiram a impressão fisica e moral de outros centros.

Assim não sucedeu na época de Lourival. Além do mais, as Academias não aceitavam os exames do Ateneu Rio Grandense e os rapazes inteligentes do tempo, não dispondo de fortuna, ficaram enclausurados na capital. Esta por sua vez achou-se enquistada entre os morros e o Potengí, de maneira que o natalense, durante muitos anos, constituiu um tipo, sob muitos aspectos, completamente diverso do resto da provincia.

Daí, talvez, a ogerisa que ainda hoje, nos vota a gente inculta do sertão.

IV

Joaquim Eduvirge de Melo Açucena, conhecido por Lourival nasceu em 17 de Outubro de 1827, na cidade cujo *meio* fisico acabamos de descrever.

Pertenceu a uma familia de boemios. O seu avô, José Gomes de Oliveira, irmão do capitão-mór da Fortaleza, André Mateus da Costa, casou-se com distinta senhora cearense cuja vida encheu de fel, abandonando-a um belo dia, e mais á familia, para tentar fortuna no Amazonas, onde faleceu.

O pai, Manuel Joaquim Açucena, tenente de milicias, foi, durante anos, porteiro da Secretaria do Governo. Dava-se a conquistas amorosas, vivia sempre com três ou quatro mulheres, — as quais despresava cruelmente quando vinha o tedio, — fazia maus versos satiricos e gosava fama de bom musico e cantor de modinhas.

Notivago, passava as noites ao relento, conhecia a fundo a historia velada da capital e dizem que, por ter ouvido algumas palavras suspeitas numa das suas costumeiras investigações noturnas, profetisou o assassinato do presidente Manuel Ribeiro da Silva Lisboa, conhecido na cronica natalense pelo original apelido de Parrudo. Brigão, em extremo irascivo, odiava de morte os poucos imigrantes de outras provincias que aqui vinham ganhar a vida e, não raro, travava lutas corporais com os que se atreviam a comentar as coisas da terra. O seu temperamento pode ser caracterisado pelo seguinte fato: apaixonado pela senhora com quem casou, — residente no arraial de S. Gonçalo, a quatorze quilometros da cidade, — atravessava a nado o Potengí, conduzindo as vestes sobre a cabeça; e, vencendo a pé aquela distancia, ia, invariavelmente, visitar aos sabados a futura noiva. . .

Lourival começou a frequentar a escola muito cedo; mas, como é bem de ver, não tinha bom comportamento.

Não obstante, foi um aluno inteligentissimo, revelando, sobretudo, grande vocação para a musica: aos doze anos já cantava ao violão inumeras modinhas e lunduns, merecendo a honra de ser chamado a Palacio para deliciar os presidentes com a sua original vivacidade de criança garrula.

Assim passou a infancia, querido de todos; assim frequentou o Ateneu, onde estudou francês, latim, filosofia e retorica; assim viveu setenta anos, vendo passar o tempo entre o murmurio das solfas, a fumaça do cigarro, o carinho das mulheres, a alegria dos pagodes e as excitações do vinho.

Uma vida intensa e feliz, dentro da pobreza e da indiferença dos boemios de raça.

Aos vinte e dois anos, precisando casar-se e ganhar a vida, fez-se porteiro do Correio, vencendo dezesseis mil reis mensais; em seguida foi nomeado escriturario da Tesouraria; comandante do destacamento da Guarda Nacional, em serviço ativo; primeiro oficial da Secretaria do Governo; aposentando-se, finalmente, como chefe de secção da mesma secretaria com cento e oito mil reis.

Foi mais eleitor de paroquia, juiz de paz, delegado de policia e membro fundador de três lojas maçonicas.

Exerceu, porem, todas essas funções sem interesse e sem relevo.

Precisava agir para viver: aceitava, por isso, os empregos que lhe davam, adquiridos á custa da simpatia que

inspirava aos dirigentes da provincia, todos cativos de sua *verve* originalissima, no fundo um espelho da bono mia provinciana da sociedade do tempo.

Eram curtos os vôos de sua musa, como veremos depois, e si conseguiu atravessar triunfante tantos anos é porque foi lento o nosso progresso e enorme a sua vivacidade, a sua alegria de viver, o seu exquisito talento de exprimir, sob diversas formas, o pensamento de gerações que se sucederam sem grandes surtos.

Não acompanhou a evolução da intelectualidade brasileira; seguiu, passo a passo, o retardado sentir natalense.

Sob esse aspecto é unico, e analisa-lo é rever a feição do nosso espirito no periodo que decorre da data do seu nascimento até pouco antes da proclamação da República.

Mas estudemos primeiro a sua individualidade.

Lourival era de regular estatura, olhos castanhos vivissimos, bela cabeça emoldurada de longos e anelados cachos, nariz bocagiano, fazendo ironica sentinela á boca expressiva, sempre com um sorriso brejeiro e fugaz.

Não tinha bem firme o andar, por haver, numa das mil travessuras de que foi autor quando criança, quebrado uma perna e um braço, defeito que, aliás, passava despercebido.

Assim o pintam pessoas que o conheceram em plena mocidade.

Conversador inexgotavel, de trato delicado, afetivo, generoso, era, contudo, irascivo; não raro usava expressões grosseiras, cortadas de palavras plebeias.

Retrogrado, votava odio á arraia-miuda; dizia que tinha muita pena de todo homem que desejava morrer pelo povo porque, quasi sempe, acabava vitimado pelo mesmo povo. E citava, pachorrentamente, os martires da revolução francesa... Não era o filho de seu pai que se metia em embrulhos... Sistematicamente, fugia de fazer censuras ao governo e si alguem, na roda em que ele conversava, passava a analisar a orientação politica do tempo, cortava a palestra gracejando.

Não estamos na altura de falar dos mais altos cidadãos de Atenas... Possuia fidelissima, assombrosa memoria; sabia de cór a historia antiga, inumeras comedias e, estrofe por estrofe, os *Lusiadas*, de Camões. Era uma cro-

nica viva da terra. Isso explica além de outros requesitos pessoais, o fato de ser ele amigo das pessoas gradas que visitavam a provincia, especialmente dos presidentes, que lhe concediam todas as regalias.

Fazia amiudadas leituras das obras de Magalhães, de Macedo, o romancista brasileiro do tempo, de Eugenio Sue e de Bocage, o seu autor favorito.

Dormia pouquissimo. Às vezes levantava-se e levava horas e horas, discutindo nervosamente a sós.

Nesses instantes de crise moral aguda, não raro afinava o violão e saía á rua, onde, ás dezenas, os boemios da época divagavam ao clarão do luar. Voltava pela manhã, satisfeitíssimo; tinha, com os pandegos, enchido bem a noite...

Gosando saude de ferro, durante cinquenta anos chefiou, por assim dizer, todas as patuscadas da cidade; não se fazia festa sem ele.

E ai dos que o interrompiam quando, afinado o instrumento, vibrava a aguda voz metalica, de uma singular exressão, traindo a mais sensual e exquesita sensibilidade! O negocio era de pagode, mas era serio; ou bem que se tomava gosto na folia ou não se tomava...

Uma vez, já velho, deixou inopinadamente o violão, ao perceber que certa moça conversava perto, no momento em que ele, todo cuidado, entoava dengoso descante.

Pediu uns biscoitos e ofereceu-os, com esta frase, á gentil palradora:

— V. excia. vá comendo estes biscoitinhos, enquanto eu acabo. . .

E ninguem se zangava; tinha o dom de fazer das suas sem maguar ninguem.

Para ele, a vida cifrava-se na bela alegria:

"Quem não se titila ouvindo
Um violão alta noite,
Em mão que tanja e açoite
No *menor* que fere o peito?

Chiquinho, afina a viola,
Vamos cantar, meu amigo,
Não quero choros comigo...

Que lucro, que ganho eu tenho
Em viver sempre a ermar?
Hei de quebrar no dó-ré
Até Bernardo chegar...

Andreza, traze o café
Traze pão, queijo e batata,
Não dispenso a serenata,
Pois temos belo luar! . . .

São versos que definem o carater e a *maneira* do poeta; não têm elevação, porém exprimem não somente a sua indole, mas a do *meio* em que se agitava. Quasi tudo quanto pude coligir dele, tem esse aspecto, local, sintetisando o bom humor de uma cidade foliona, babando-se toda com a velha chalaçaria portuguesa.

Havia no poeta a preocupação de ser agradavel; queria gosar e, para isso, adaptava-se, quanto possivel, ao ambiente social em que agia.

O mundo, — dizia na sua linguagem extravagante de boemio aldeião, — é um cachorro pelado: levemo-lo na pandega! E acrescentava:

— Por mim, estou satisfeito com a sombra de um cajueiro onde me abrigue com quatro amigos, um violão bem afinado e uma boa garrafa de vinho do Porto.

— Isso — acrescentava ainda — porque não nasci na Turquia: aí, desejaria ser o Sultão, simplesmente, para ter um serralho bem sortido.

E, assim pensando, gerou trinta e dois filhos, sendo treze naturais...

V

Um dos grandes prazeres de Lourival era cantar nas cerimonias catolicas. Embora mal educada, a sua voz sempre se distinguia, pela alta sonoridade e pela original expressão. Adquiriu fama de bom cantor sacro e dizem que fez sucesso em Pernambuco, em 1848, quando exibiu-se na Matriz do Corpo Santo, por ocasião da semana de Trevas, a pedido do afamado padre Grego.

Vivia de licença, cantando nas festas religiosas dos povoados do litoral.

Não era só a patria — afirmava — a religião tambem carecia dos seus serviços. . .

E, assim, escreveu muitas poesias religiosas, reformou os cantos das lapinhas, ao mesmo tempo que dava nova feição aos brinquedos populares, aos congos, aos fandangos. . .

Não raro ausentava-se da cidade a pé, por não ter dinheiro suficiente para o aluguer de cavalgaduras. Calçava, então, um bom par de esporas e se encontrava alguem montado, começava a dar lingua:

— Vou por aqui atraz do meu burro. O ladrão teve pressa e não quiz esperar por mim uns dois minutos.

Começava a contar anedotas.

Dentro de pouco tempo empolgava o infeliz que, notando a descortezia do animal para com o simpatico viajante, oferecia-lhe o seu por alguns momentos.

— Homem, o melhor é eu aceitar. Estou cançado, além de que nós nascemos para servir uns aos outros...

De mais, como vamos para a mesma povoação...

Terrivel e velada ameaça que se mudava em realidade na primeira curva do caminho: o companheiro só tornaria a ve-lo no fim da viagem...

Numa festa religiosa, em Extremoz, começaram as suas relações intimas com o presidente Oliveira Junqueira, tio do inolvidavel Junqueira Aires. Lourival deixara a repartição sem licença e, desde dias, vagava pela vila fazendo magnificas serenatas e dirigindo a orquestra dos festejos do orago. Na ocasião da missa, quando garganteava a plenos pulmões em honra ao Altissimo, deu com os olhos no presidente que o fitava com extranho interesse. Ficou atrapalhado; sabia da falta em que estava incorrendo. Com certeza, houvera denuncia: malditos alcoviteiros!

Terminada a cerimonia, o presidente o mandou chamar com urgencia. Compareceu desculpando-se como melhor podia, mas desageitadamente. Perdera o espirito pela primeira vez.

— Não se trata disso, sr. Lourival. Mandei chama-lo para jantarmos juntos. Disseram-me, e eu estou certo pela amostra, que o sr. é um excelente cantor de modinhas.

Desejo ouvi-lo, pois sou da Bahia, da terra dos lunduns.

Lourival, esmerou-se quanto poude; cantou o que sabia e o que não sabia.

O dr. Junqueira, um grande boemio espiritual, pertencia á classe dos estadistas capazes de executar serias reformas com ar desprendido e sem conselheirismo.

A tertulia acabou-se pela madrugada.

No dia seguinte, ao despedir-se do bardo aldeião, disse aos circunstantes estarrecidos diante do que ouviam:

— O sr. Lourival está promovido a oficial-maior do Tesouro. . .

Logo que chegou a Palacio cumpriu o que prometera, nomeando-o, além disso, alferes da Guarda Nacional, o que, naquele tempo, significava grande honraria.

O boemio nunca mais o abandonou; e, á noite, depois do chá, ao qual assistia invariavelmente, ficava, mesmo apos a retirada dos outros visitantes em confabulações com s. excia., o que não deixava de melindrar o amor proprio dos sisudos politicos da terra.

Escusado é dizer que o futuro ministro e senador do imperio era então solteiro e um rapaz de vinte e poucos anos.

Retirando-se da provincia, o dr. Junqueira nunca mais esqueceu o seu velho companheiro de boemia. Um dia, volvidos alguns anos, quando ocupava a pasta da guerra, sendo-lhe apresentado o dr. Gomes da Silva, deputado pelo Rio Grande do Norte, perguntou-lhe:

— Pode-me dizer o que é feito do Lourival?

E, obtidas as desejadas informações:

— Diga-lhe que estou vivo e que me escreva, não seja ingrato. . .

O poeta escreveu-lhe imediatamente, mas para pedir-lhe a inclusão de um filho, Pedro Lourival, hoje major reformado do exercito, no quadro dos alunos da Escola Militar.

O ministro enviou-lhe pronta resposta:

"Recebi a sua presada carta, que me deu bastante praser; e em resposta, tenho a dizer-lhe que, nesta data, expedi ordens ao quartel general para que o Pedro seja incluido na Escola Militar, na qualidade de brigada, assegurando-lhe mais, que, na primeira proposta de arma de infantaria será ele promovido.

Amigo, *Junqueira.*

Como se vê as suas qualidades extraordinarias de pitoresco palrador não atraiam somente os incultos; e, a proposito, contam que o citado dr. Gomes da Silva, homem polido e educado em Paris, onde bacharelou-se em direito, costumava dizer que uma das suas saudades no Rio era a palestra de Lourival. Uma vez, após lon-

gos meses de ausencia, foi ao anoitecer, visitado pelo poeta, justamente no dia em que desembarcára. Conforme o costume ainda hoje praticado, sentaram-se ao sereno e deram começo a palestra.

A senhora do deputado, muito formosa, a medida que decorriam as horas, chamava o marido. Fazia frio e o dr. Gomes podia constipar...

Mas o poeta, incansavel e perverso, enlaçava o bacharel nas malhas da mais empolgante palestra para quem se ausentou da sua pequena cidade e a ela regressa depois de longo tempo: cousas locais, episodios descritos com gestos vivaces, anedotas picantes, caricaturas dos políticos da aldeia...

E passavam-se os segundos, os minutos, as horas, até que o relogio da torre badalou pesadamente quatro horas da manhã.

A dona da casa não se conteve. Aproximando-se da janela disse, num modo brusco:

— Doutor Gomes, bote o sr. Lourival para fora...

O poeta saiu, não sem exclamar, ao despedir-se, com um levissimo toque de ironia:

— Ui! que frio!

E foi esperar o dia noutra parte...

VI

Lourival — parece incrivel! — alimentou, durante algum tempo, certas pretenções politicas. Na epoca do seu florescimento o sistema eleitoral adotado era o indireto. A capital elegia vinte e dois eleitores de paroquia e estes, com os dois colegios, de outros municípios votavam, por sua vez, no candidato recomendado pelos partidos.

Como é facil de ver, os eleitores de paroquia representavam forte elemento de ação: e a grei de Lourival lembrou-se, por infelicidade do poeta, de fazê-lo... eleitor de paroquia.

O dr. Amaro Bezerra, que, durante largos anos, foi a maior figura politica da provincia, solicitando-lhe o voto num dado momento, acenou-lhe com o cargo de deputado provincial. A promessa, não foi cumprida; e o poeta, muito legitimamente, sentiu beliscada a sua vaidade de "homem publico".

Era isso em 1861, na administração do dr. Leão Veloso. Este o mandou chamar na ocasião do pleito e per-

guntou-lhe se não ia sufragar os candidatos da politica dominante, na sua qualidade de empregado do governo.

— Não posso; o dr. Amaro traiu-me.

O presidente, admiradissimo, pois conhecia, como todo mundo, a norma que Lourival se traçara, retorquiu ameaçador.

— Pense, reflita e traga-me resposta definitiva amanhã. O eleitor de paroquia rodou nos calcanhares e, medindo o tamanho da afronta, meteu-se em brios. No dia seguinte, apresentou a sua demissão de oficial do Tesouro, perdendo assim a magnifica prebenda que lhe dera o amigo Junqueira.

Teve má repercussão o fato, devido à popularidade do boemio, a quem o dr. Leão Veloso, passado o pleito, nomeou comandante do corpo ativo da Guarda Nacional, percebendo a quantia que tinha direito, na qualidade de alferes, até que podesse voltar ao Tesouro.

Nesta ocasião, o presidente lhe disse:

— O sr., com certeza, não sabe o motivo porque não pode ser deputado.

— O dr. Amaro...

—... lhe tinha garantido um lugar na Assembléia mediante a condição do sr. não cantar no côro, pois, como se expressou, achava indecente um deputado feito mestre de orquestra. Mas o sr. não tem feito outra cousa senão cantar e tocar nas igrejas, na rua, em toda parte.

— Por esquecimento. Além disso, é melhor cantar do que rinchar e v. excia. sabe que na Assembléia...

O dr. Veloso sorriu e mudou de conversa. Data desse tempo a *Politica*, satira inofensiva que fez época e que deve ser transcrita como documentação literaria daquela fase ingenua e feliz:

"Você pergunta, Yáyá,
Porque deixei a politica?
Você quer saber de tudo,
Você é muito analitica!

Pois bem, eu lhe digo:
Ouça o que refiro
Porque, nesse jogo,
Já fechei o firo.
Mas olhe, menina,
Que de meus arcanos

Não quero que saibam
Gregos nem troianos...
Já ouviu, Yáyá?

Esses arautos politicos,
Quer duma, quer de outra grei,
Quando estão debaixo, gritam:
Viva o povo e abaixo o rei!

Mas o sabio rei
Que conhece tudo,
Faz que não entende,
Fica surdo e mudo.
E o povo, que idéa
Não tem dos negocios
Vai crendo nas loas
Dos tais capadocios..
Já ouviu, Yáyá?

Prometem as casas da India,
Cabedais, mundos e fundos;
Mas, quando estão no poleiro:
"Viva dom Pedro segundo!"

Seja liberal, seja puritano,
Traz o povo sempre
Num completo engano,
Gregos e troianos
Procedem assim
E eu vou debulhando
Tim-tim por tim-tim...
Já ouviu, Yáyá?

Propalam grandes idéas,
Proclamam belos principios,
Arrotam patriotismo
Por todos os municipios

Tudo isso é pomada
Isso tudo é pêta:
E' toda questão
L'argent na gaveta;
E, então, galgar-se
O mando e a grandesa
Para, lá de cima,

Calcar-se a pobresa...
Já ouviu, Yáyá?

Prometem ao pobre povo
Um governo angelical,
A terra da Promissão,
Um paraiso ideal

Porém, quando grimpam,
Cessam as cantigas
E tratam somente
Das suas barrigas
E nem mais conhecem
Aquele bom moço
Com quem já viveram
De braço ao pescoço...
Já ouviu, Yáyá?

Enquanto esperam maré
Oh, que afeto, oh, que doçura!
Mas quando embarcam na lancha
Quanto *gaz,* quanta impustura!

E toda caricia
Muda-se em orgulho
E a massa fina
Reduz-se a gorgulho!
Eu de farrambambas
Estou inteirado
E de rapa-pés
Muito escabriado...
Já ouviu, Yáyá?

Nas vesperas da eleição
Vão a casa do compadre,
Dão beijos no afilhado,
Rompem sedas á comadre.

E o pobre diabo
Entra na enrascada
Tomando supapos,
Servindo de escada.
Eles vão á côrte
E o compadre fica
Bebendo jucá

Ou doses de arnica...
Já ouviu, Yáyá?

Viva Pedro e morra Paulo
E muita festa p'ra festa:...
Com pouco mais, viva Paulo,
Morra Pedro que não presta!

Quanta incoerencia
E contradição
Oh, que mastigada,
Que especulação!
Quem isso negar,
Terá bôa fé?
Nega de finorio
Ou de Pai-mané...
Já ouviu, Yáyá?

Hoje Sancho é muito bom,
A manhã Sancho é ruim,
Ja fica sendo um demonio
Quem foi ontem um serafim!

Eu não os entendo
Eu não os percebo
E nessa enredada
Se os percebo... cebo..
Porém eu safei-me,
Sem bulha e arenga
E livre-me Deus
De tal *estrovenga*
Já ouviu Yáyá?

Estes versos tornaram-se populares em todo o Brasil e foram transcritos em diversos jornais portugueses do tempo. Valem como objetivação da velha gargalhada do povo luso-brasileiro, que nunca teve e nem terá a incomparavel e delicada *verve* gaulesa. Podem ser comparados ao que, no genero, temos produzido de melhor.

E que, para vergonha nossa, aqui e no resto do país, jamais floresceu no verso a ironia sutil, sem palavras grifadas, antes sugerindo do que dizendo, especie de caricatura que, em traço ligeiro, define um individuo e esboça uma epoca. O brasileiro, com os seus irmãos de alem mar, não sabe sorrir; conhece, apenas, a gargalhada zombeteira que, não raro, desmancha-se em frases plebeias.

Em geral, os nossos humoristas encantam na palestra; quando escrevem são detestaveis. *A Politica* é irmã gemea, da *Bodarrada* de Luiz Gama, os famosos versos que tanta gente sabe de cór, e que, certamente, agradaram por conterem, como os do nosso boemio, verdades que são de toda parte e de todos os tempos, porque são humanas.

VII

Lourival ocupou ainda diversos cargos politicos, merecendo a estima e a confiança dos presidentes, de um dos quais, o dr. Gustavo Adolfo, foi oficial de gabinete. Aposentou-se em 1878, na administração do dr. Nicolau Tolentino, de quem a sua musa, sempre de feição tardia, despediu-se num soneto palaciano:

"Do valente Poti a patria amada
"A Tolentino ilustre agradecida,
"Aos ceus implora lhe eternize a vida
"Renome excelso, gloria sublimada,"...

Em 1886, como os vencimentos da aposentadoria lhe não bastassem, aceitou o cargo de administrador da Mesa de Rendas de Macau. Foi uma idéa infeliz. Teve de acarretar com as consequencias de seus erros, e, o que é pior, dos erros alheios. Processado e preso, recolheram-no á Fortaleza dos Reis Magos, onde, devido á afeição que lhe votava o respectivo comandante, Manuel Lourenço, passou vida milagrosa. Logo ao ser preso em Macau, o juiz de direito, seu amigo — Lourival era amigo de todo mundo — apresentou-o ao capitão do navio em que embarcou para esta capital dizendo-lhe pachorrentamente:

— O sr. Lourival é um bom companheiro de viagem...

O comandante, acostumado a ouvi-lo, desde longos anos, quando lhe acontecia demorar em nosso porto, teve grandes frases amaveis e terminou oferecendo-lhe a "casa":

— Pode tomar conta do vapor.

O poeta fez as delicias do trajeto, juntamente com um macaco que adquiriu apenas teve noticia de que ia ser detido, pois, daquela data em diante, "precisaria de um amigo de confiança, mas de um amigo, que antes de tudo, fosse, como ele, bom filosofo".

Na Fortaleza continuou a vida de bordo, e, aos saba-

dos, logo cedo, estava com a vista no caminho, a espera das inumeras visitas que iam de terra, levar-lhe noticias e presentes.

Ali, correram-lhe tão bem as cousas que, tendo os correligionarios lhe obtido alvará de soltura, deixou-se ficar mais uns quinze dias "com saudades do capitão Manuel Lourenço" em honra do qual escreveu uns versos...

De então para cá, entregue à ociosidade, começou a exceder-se dando-se a frequentes libações, exgotando-se em vigilias, que o seu envelhecido organismo não podia suportar.

Faltava-lhe, além disso, o ambiente social dos anos da juventude; os antigos companheiros de boemia iam desaparecendo aos poucos, levados pela morte e pelo cançaço.

Com o advento do novo regimen, acentuou-se a mudança que, desde certo tempo, vinha se processando no *meio* natalense.

Os costumes tornaram-se diferentes: a população, sedentaria, fez-se mais egoista; acabaram-se os grandes *pic-nics*, as noitadas ao luar, os passeios coletivos á Redinha, ao Barro Vermelho, as festas catolicas animadas, as serenatas languorosas.

O poeta, sentindo-se isolado, começou a morrer. Nos ultimos anos era uma sombra de si mesmo. Tropego, indeciso como um sonambulo, quasi cego, fazia pena ve-lo, não raro chasqueado, atravessando algumas ruas da cidade de que ele fôra a alma irriquieta e de que era agora a alegria morta.

Vinham-lhe, então, fundos momentos de tristeza, instantes de angustia que ele afogava no vinho, entre improperios, pobre coração de criança que, dentro de uma carcassa de mais de quinze lustros, teimava em não sucumbir quando quasi todos os da sua geração, haviam desertado resignados e silenciosos.

Foi, sem duvida, num desses momentos incompreendidos, que ele escreveu estes versos de onde ressumbra o fel que lhe ralava o intimo:

Quis potest capue captat...

Lindo pavão;
Porque razão
Ouço grasnar
E resmungar

Gralha praguenta
E virulenta
Contumelias crocitando
De tua côr desdenhando?!

Vem cá fagueiro,
Fiel rafeiro:
Porque o raposo
Tão caviloso
Lá está uivando
E regougando
Todo ardil, todo maldade,
Contra a tua lealdade?

Torcaz ligeiro,
Lindo e fagueiro,
Porque o nefario
E sanguinario
Açor cruento
Tão violento
Entre as garras furiosa,
Te rasga as penas mimosas?

Alma remida,
De Deus querida,
Porque Lusbel,
Anjo infiel,
Tão carrancudo,
Ingrato a tudo,
Quer da Graça, por insidias,
Expelir-te com perfidias?

Doutor Segundo,
Bardo profundo,
Diga a razão
Dessa paixão,
Desse rancor
Desse furor,
De verdugos insolentes
Contra tantos inocentes?!

Dir-se-ia que o adoravel boemio passára a existencia num sonho do qual só agora, no extremo da vida, ao pé da morte, despertára para ver as perfidias do mundo..

Assim viu se aproximarem as ultimas horas; e, quando veio o instante supremo, já sem forças para rir, mer-

gulhou na sombra com uma especie de indiferença que deve ter gelado de pavor os seus intimos...

Dentro de poucos meses, completaria oitenta anos. Na sepultura em que deitaram o seu corpo mirrado ficou dormindo, para todo o sempre, a velha alegria dos nossos avós.

VIII

O boemio, cuja vida acabamos de descrever, é, como dissemos, um tipo representativo. Nele se encarna o espirito alegre da antiga sociedade natalense. Vimo-lo pela primeira vez numa deliciosa festa intima oferecida pelo dr. Alberto Maranhão aos nossos rapazes de letras. E foi de assombro a impressão que nos causou esse bom velho de setenta anos, pobremente trajado, mas ainda com a alma vestida de ilusões.

Ele, só, encheu a sesta daquele dia, com a sua tremula voz de cigarra que se despede da vida. E um dos do grupo juvenil que o cercava, diante a exuberancia loquaz daquela ruina que se agitava cantando, teve uma frase feliz.

— Este homem é um simbolo.

E' isso; e daí o carinho com que, durante meio seculo, todos o acolheram.

Ele veio ao mundo na fase mais ditosa do Brasil. Passou a mocidade no formoso período que principia na Regencia e acentua-se de 1840 a 1864, quando começa a guerra do Paraguai, entre o entusiasmo e os sonhos guerreiros da jovem nação. Ninguem caracterizou melhor essa fase do que o sr. José Veríssimo, estudando Joaquim Manuel de Macedo.

"A epoca em que ele floresceu favorecia, aliás a disposição fundamentalmente otimista do seu espirito. Encerrava-se, na decada em que ele surgiu o periodo das revoluções, o país entrava contente e esperançoso em pleno segundo reinado sob um principe brasileiro nato, liberal, generoso que, pela sua modestia, pelo seu acanhamento e simplicidade calhava perfeitamente bem ao seu meio e o representava bem. Esse meio era e tal ressalta dos romances de Macedo, acanhado, mesquinho, mas simples, natural, ingenuo, mistura do velho carrancismo português com a vida um pouco mais livre da colonia, a que as necessidades de uma sociedade nova deram maior soltura, reduzindo nela as hierarquias e separações consagradas de

castas e classes, criando um mundo sem categorias, de plena igualdade, cujo traço fundamental era porventura a boemia, a singeleza, a familiaridade até ao desleixo que ia desde a Corte á ultima casa".

O que se dava no Rio dava-se igualmente nas provincias. Era o tempo da fartura, dos lucros faceis do trabalho escravo, da confiança absoluta na bondade do moço imperador, da educação retorica dando margem ao desenvolvimento das faculdades brilhantes.

Nos lares felizes, sem os requintes e sem as ambições que a civilização crêa, formava-se, saida dos berços embalados pelas mucamas, uma sociedade ingenuamente gosadora, de mais a mais confessada pela bonomia de padres sem artificios, que tinham, não direi filhos, mas afilhados prometedores e nedios.

O povo adorava o rei: este, além do mais, era a afirmação da nossa nacionalidade, do nosso viver independente, livre da supremacia dos reinos, aos quais conservava rancor.

E as datas nacionais, o 7 de abril, o 7 de setembro, o 2 de dezembro, despertavam sincero entusiasmo, não só na Côrte como no mais atrazado vilarejo.

O Rio Grande do Norte, pelas condições especiais de sua formação e pela sua topografia, não teve o quinhão de progresso que coube a outras provincias; mas, como o resto do país, sentiu o reflexo do centro e partilhou da mesma alegria. A gloria de Lourival é ter sido, desde criança, o maximo interprete desse alegre sentir, dessa emotividade risonha, descuidada, um tanto licenciosa, si quizerem. E só descendo à cronica local se pode compreender essa singular organização de boemio, retardatario no meio da evolução literaria do país, não por incapacidade, mas pelas exigencias do *meio* que ele na qualidade de legitimo gosador, nunca procurou contrariar e sim interpretar. Nem Gregorio de Matos, nem Maciel Monteiro. Faltou-lhe a mordacidade de um, a polidez do outro e o ambiente intelectual em que os dois se formaram.

Umas notas retrospectivas sobre o Natal de seu tempo, além de interessantes, não deixam de ser uteis aos cronistas que vierem depois.

IX

Precisamos, porém, para desenvolver regularmente o nosso estudo, lançar uma vista retrospectiva sobre o Rio

Grande do Norte, embora sem profundeza, pois, além do mais, faltam-nos documentos que nos habilitem a penetrar com absoluta segurança no espirito social da ex-provincia.

Os decenios que vão de 1827 a 1867, epoca em que surgiu e se formou, plenamente adaptado ao *meio*, o espirito de Lourival, foram de relativa prosperidade para o Rio Grande do Norte, excetuando o ano climaterico de 1845.

Passára a rapida crise da revolução de 17, em que sucumbira André de Albuquerque e, completamente liberta do dominio português, a nossa terra entrava numa fase de verdadeira bonomia social, toda expressiva do nosso carater indolente e meigo. De um recanto setentrional do Imperio, á beira do oceano prodigo e á margem do sertão farto, ouviamos falar vagamente do resto do país e... continuavamos a viver.

Após a revolução portuguêsa de 1820, que tão diretamente repercutiu no animo de D. João VI, pela maneira entusiastica com que os brasileiros receberam as noticias de alem-mar, sugestionando, em 1821, á política de sua majestade o decreto que ordenava a reunião dos deputados nacionais no Rio de Janeiro, diversas provincias do Norte agitaram-se, ficando cada vez mais acentuada a divergencia entre o partido luso e o brasileiro.

Ia-se proclamar a Independencia; a Côrte agitava-se; o Pará, o Maranhão, Pernambuco e o Ceará formavam Juntas locais, em que o espirito nacionalista manifestava-se em luta aberta com o dos reinóis.

Os nossos irrequietos visinhos do norte faziam a sedição militar de 1820, em Fortaleza, logo repelida, sendo deposto, no ano seguinte, o governador Francisco Rubim; e, mais tarde, com o advento do primeiro governo brasileiro, excluem os portuguêses de todos os cargos publicos. Surgem as reações do governo de Pedro I, as da Regencia, as do começo do reinado de Pedro II, em muitos pontos do Brasil, a jovem nacionalidade agita-se, com os estremecimentos de quem acorda para a vida. O Rio Grande do Norte, não obstante os exemplos de desassocego da visinhança, continúa a viver tranquilo, aderindo, com um gesto platonico, á agitação de 24, tal como fizera em 17, pois a nossa ação revolucionaria nesse ano fôra quasi nula pela incapacidade de André de Albuquerque — um temperamento mole, apatico, indiferente na propria luta.

E quando, terminada a guerra do Rio Grande do Sul, veio o periodo de absoluta calma interna, mais tarde somente interrompido pela ingloria sedição de 1848, em Pernambuco, continúamos a agir como dantes, patriarcalmente, dividindo a existencia entre as delicias da praia, a cultura empirica dos vales e a criação rotineira das fazendas sertanejas. O presidente assassinado na capital, em 1838, não foi vitima de nobres reivindicações patrioticas e sim de odios pessoais ou talvez de mesquinhos interesses partidarios.

Assim vivemos durante largos anos, até que três acontecimentos de ordem bem diversa, sem correlação proxima ou remota, nos agitaram profundamente: a guerra contra o Paraguai, em 1865, a tremenda crise climaterica de 1877 e o advento da Republica.

A guerra acordou entre nós, como em todo o imperio, o sentimento belico adormecido desde as pelejas com os batavos; a seca alterou os costumes, trazendo a população do centro para o litoral, aumentando-lhe a capacidade de trabalho e de emoção pela nostalgia e pelas cenas dolorosas em que tomou parte; e o advento do novo regime nos trouxe outros habitos, certo relevo na situação politica do país, uma feição literaria mais bem definida, modelada pelo gosto moderno e caracteristicamente nativista no que toca aos estudos historicos determinados pelo patriotismo regional que a Federação despertou em cada Estado.

Em relação á luta com o Paraguai, cumprimos heroicamente o nosso dever.

Daqui partiram, entre bravos e aclamações, grandes levas de voluntarios, compostas da fina flor da mocidade, tendo seguido, só no primeiro ano da guerra, quasi duas mil pessoas, não obstante atravessarmos uma fase de prosperidade economica em consequencia da alta do preço dos principais generos de exportação.

No intuito de amparar a familia dos valentes que se expatriavam, surgiam de cada canto subscrições a que todos espontaneamente concorriam; e, na ocasião da partida, os oradores tinham grandes frases vibrantes, sendo Lourival, que mandou um filho, o poeta da multidão, o autor dos hinos patrioticos com que a terra norteiograndense se despedia dos seus bravos.

A Guarda Nacional, hoje inerte, foi então inexcedivel de atividade, quer enviando contingentes de voluntarios, quer se encarregando da defesa policial interna.

Uma fase de extraordinario movimento, depois do qual adormecemos para despertar com o abalo da crise climaterica a que nos referimos, seguramente o fato mais importante da nossa existencia no seculo passado e que mais concorreu, não somente para a alteração da vida economico-social da provincia, mas de todo o extremo norte do Brasil.

Ainda não foram estudados com profundeza os efeitos desse terrivel fenomeno. Sob o ponto de vista psíquico, era tal a nossa falta de iniciativa que pessoas abastadas, possuindo dinheiro e grande quantidade de objetos custosos, morreram a fome.

Os anos decorridos de 45 até a data do inicio da calamidade, todos de absoluto bem estar, enervaram a população dos campos, prendendo-a á mais atrazada rotina, afastando-a do comercio reciproco entre as três zonas. Quando veio o flagelo, toda essa gente teve de relacionar-se irmanada pelo infortunio, embora a contragosto, pois que a união se fez ocasionada somente pelo imprevisto. Os camponios, outrora limitados á ação ingenua e patriarcal das "fazendas", demarcadas pelos rios e pelas serras, alem das quais, para eles, só havia o povo, *o povo de lá debaixo*, traicoeiro e de costumes livres — entregaram-se com as familias ás incertezas do acaso, ás brutalidades da luta pela vida em *meios* diversos, assistindo ao desmoronamento de tudo, inclusive da honra dos seus.

Então, acordou o instinto da raça caboclà; e esse povo de pastores, desconfiado e timido durante os anos da fartura, tornou-se audaz, reagiu, arrancou à selva bruta o que ela podia dar, cultivou a terra, aproveitando o leito dos rios, na aparencia e até então absolutamente imprestaveis. Por ultimo, o terrivel inconsciente que conduz as nacionalidades atravez o tempo e o espaço mostrou-lhe a missão historica que lhe estava traçada: povoar, com os seus irmãos visinhos, o extremo norte, dar à patria, por assim dizer, um territorio novo, quasi virgem, onde vicejava ignoto e primitivo, esse Acre que se está preparando para ser mais um grande Estado do Brasil.

O Amazonas que, em 1870, apresentava uma população de 76.000 habitantes e uma receita de pouco mais de duzentos contos de reis, hoje possue 240.000 almas e uma renda de mais de quatorze mil contos de reis, tudo resultado do esforço do sertanejo do norte, a datar da citada crise.

E como ele é nostalgico e nunca esquece a terra que-

rida ei-lo de volta, trazendo costumes diferentes, quando não morre, devorado pela malaria ou vencido pelas surprezas daquele mundo em formação.

Assim, tivemos o centro completamente modificado, com uma população mais ou menos conhecedora de outro e bem diverso ambiente, com as energias estugadas por novas ambições, com o vocabulario muito mais rico e preparado, sem duvida, para vencer quando chegar até ele o auxilio direto e racional dos governos.

Como nota sutil da feição psiquica do nosso matuto de hoje, basta lembrar o esquecimento em que ele vai deixando os seus antigos companheiros de tristeza e de alegria, o violão a viola, que estão sendo infelizmente substituidos pela *harmonica,* o mais detestavel, porém o mais cosmopolita dos instrumentos populares.

Por ultimo, não escapará ao futuro investigador a modificação etnogénica que nos trouxe a crise. Ela nos fez perder consideravel quantidade de sangue negro; acossados pela miseria, os proprietarios desfizeram-se dos cativos, que eram exportados em grande numero para as "fazendas" do sul.

Não podemos de momento colher dados completos a respeito; mas, surpreendidos pelo aumento da receita da provincia, justamente no periodo da calamidade, verificamos que uma das causas desse aumento foi a renda da meia siza de escravos e de procurações para a venda dos mesmos. E assim, quando veio a abolição, após uma rapida propaganda regional, sem crises violentas, de acordo com a delicadeza da nossa sensibilidade quasi doentia, pouco mais de tresentos infelizes encontrou a liberdade entre nós.

A seca tinha-se adiantado um decenio.

NOTA: — A obra de Henrique Castriciano anda dispersa, fragmentada, perdida nos jornais e revistas do seu tempo. Os livros, esgotados, quase não se conhecem. Há, muito, porem, que se fala em reeditar os seus trabalhos. Em 1936, Luís da Câmara Cascudo deu os primeiros passos nêsse sentido. A seu pedido, João Severiano da Câmara e Milton Varela se prontificaram a custear a publicação das obras completas de Henrique. Adauto da Câmara, Jaime Adour e Otacilio Alecrim andaram pensando nessa tarefa. Em carta a Adauto me ofereci para pesquisar e copiar os trabalhos daqui. A morte quase inesperada de

Adauto adiou em parte a ideia. Em 1944, andámos, Henrique e eu, conversando e pensando na possibilidade de uma reedição dos seus livros, inclusive de alguns estudos esparsos. Apesar do seu estado de saúde, cada vêz mais precário, nunca desprezou totalmente a ideia. E, um dia, mandou-me um cartão acompanhado de um envólucro, no qual dizia: — "Floriano Peixoto, 384 Casa de E. de Souza. Caro Rodrigues Melo No envólucro que a este acompanha encontrará você o pequeno ensaio sôbre o Lourival. Como verá, escrito pa. ra a imprensa diaria da terra, está bastante lacunoso. Se publicar em volume, o que não pretendo, devo inserir um capitulo ou dois sobre costumes da cidade, etc. Si v. ainda está na intenção de o datilografar, pode fazê-lo com vagar, tendo a bondade de reservar para mim uma copia e reservando o recorte d' **A Republica** que remeto, pertencente ao Eloy. O portador lhe entregará 10$000, que o presado amigo me fará a fineza de mandar entregar ao enfermeiro Mel. Bezerra, que me aplicou umas injeções. Receba um grande abraço do amigo grato. HENRIQUE. 25 — Março — 1944."

Em Janeiro de 1945 Henrique estava no Hospital, fazendo, diariamente, o passeio do antigo Pavilhão de Pensionistas para a parte mais oriental do estabelecimento, onde passava as primeiras horas da manhã, tomando banho de sol. Contabilista da Sociedade e amigo pessoal do doente, era certa a minha presença alí, tôdas as manhãs, onde conversavamos longamente sôbre literatura e outros assuntos. Tenho bem presente que um dos nomes mais citados em nossas conversas era o de Luís da Câmara Cascudo pela monumental cultura e pela produção em massa que vinha realizando. O próprio Henrique se encarregava de fazer a apologia do escritôr, repisando com estas palavras: "Grande trabalhador!". Falei-lhe, certo dia, das minhas atividades, prometendo um exemplar da revista **Cinquentenário de Pendências,** cuja remessa êle reclamou, depois, por meio deste bilhête: "Amigo Rodrigues. Não pude mais aparecer no Gabinete em que você trabalha para lhe pedir o exemplar da Poliantéia sôbre a Pendencia do ql. foi você em boa hora o autor principal. Ficar-lhe-ei mto. grato se quisesse m'o remeter pelo portador. Am. Atto. **H. Castriciano".** O bilhête, feito a lapis, vinha sem data, mas, o destinatário, com hábitos de amanuense e propósitos de memorialista, pôs-lhe imediatamente a data: 20|1|45 e o guardou. Quan-

to ao estudo sôbre **Lourival e o seu tempo**, precioso, raro e digno de divulgação, publico-o agora nas páginas da Revista da Academia que êle ajudou a fundar, saldando, assim, a divida que assumí perante a figura singela e bonissima do mestre reputado e querido. Devo acrescentar que o ensaio agora reeditado foi revisto pelo autor, antes de falecer, notando-se, entrelinhados, ligeiros retoques a pena, do próprio punho do escritor. Nesta edição conserva-se o texto do original em que foi publicado, pela primera vêz, n' **A Republica** de 3 de Julho de 1907, atualizando-se apenas a ortografia. M. R. de M.

NOTAS AVULSAS

O 20.º aniversário da Academia Norte Riograndense de Letras, a cuja frente está o escritor Rodrigues de Melo, encontrou boa repercussão na Academia Pernambucana de Letras: ao mesmo tempo que o acontecimento era registrado em ata, aclamava-se Luís da Camara Cascudo socio correspondente da Casa de Carneiro Vilela. Simples coincidência digna de nota, porque Cascudo foi um dos fundadores da Academia Norte-Riograndense, também chamada Casa de Henrique Castriciano.

Deliberou-se receber festivamente o novo socio, o que vai obrigar Cascudo a fazer discurso ou mesmo conferência: coisa muito do seu agrado e do enlêvo dos que o ouvem.

Há 20 anos fundava-se a Academia Norte-Riograndense de Letras e o que se pode dizer, decorrido o tempo, é que vem tratando e pelejando da melhor maneira possível. Os maiores valores do Rio Grande do Norte nela estão; e a sua produção literária pode ser vista e louvada na Revista que publica todos as anos não apenas com discursos de posse, mas com ensaios culturais que honram esta Região. Muitos dos escritores e pesquisadores que integram o grupo denominado BANDO são também membros da Academia, assim como aqui muitos dos sócios do Clube Edgar Poe (que, por sinal, há tempos não se reúne) pertencem à Academia: tudo um mundo só.

Nesse registro dos vinte anos da Academia Norte-Rio grandense de Letras quero assinalar que o presidente Rodrigues de Melo está vivamente empenhado na construção do prédio próprio de tão ilustre Instituição. O que é um exemplo para a Academia Pernambucana, a qual, como a do Rio Grande do Norte, vive em boa harmonia com o Instituto Histórico; mas precisa, evidentemente, de teto próprio. O destino das Academias, no Nordeste, tem sido de viverem um tanto como sublocadas dos Institutos; mas devem libertar-se, pois o certo é cada um na sua casa em paz e sossêgo, sem incomodar os vizinhos. A autonomia territorial tem muita importância no caso.

N. P.

"Jornal do Comércio", Recife, 30 de Novembro de 1956

NOTAS ACADEMICAS

Vinte Anos. Parece ontem, e, no entanto, vinte anos já se foram, sepultando nas dobras do tempo os primeiros entusiasmos, os primeiros combatentes, pioneiros de uma grande e generosa ideia: a fundação da Academia Norte Riograndense de Letras. Vinte anos! Como passa o tempo! Tão rápido que, se nos acomodamos, se nos privamos de qualquer esforço em prol da causa que abraçamos, vence a inercia tornando inocua a nossa presença à frente da instituição que dirigimos. A Academia, porem, não teme o pêso dessa acusação. Em cinco lustros não viveu inutilmente. Animou e deu vida e sentido ao movimento literário da provincia. Movimentou as classes intelectuais. Despertou interesse e suscitou ciumes, filhos da incompreensão. Instituindo o quadro dos patronos tirou do esquecimento muitos valôres locais. As suas reuniões se tornaram um centro de atração e de bom gôsto na vida intelectual da cidade. A sua Revista que anda agora pelo quarto número, constitui um dos maiores repositorios da cultura do Estado. A construção do Mausoléu e a reconstrução do Monumento de Nísia Floresta Brasileira Augusta são frutos desse periodo que chamamos orgânico na vida da literatura norte riograndense. Prosseguindo na sua ação tenaz e decisiva pelo aperfeiçoamento dos metodos de ação para poder atingir os fins supericres a que se destina, resolveu a Academía lançar a campanha da séde própria, cujos primeiros passos já fôram dados com absoluta segurança. Aí estão o terreno, a planta do edificio, algum dinheiro em cofre, além de um grande trabalho feito junto ao Governo do Estado, à Assembléia Legislativa, à Representação Federal para conseguirmos verbas destinadas à construção da séde da Academia no exercicio de 1957. Uma medida, porem, se impõe, depois de tão corajosas realizações: é o aumento do quadro efetivo da Academia. Cidade de mais de 200.000 habitantes, possuindo quatro Escolas Superiores, centro universitário, por excelência, aumentando dia a dia, não pode Natal,

sob pena de ficar na retaguarda das demais capitais, permanecer no plano da cultura literária, equiparada a cidades, cujos meios intelectuais são inferiores ao seu. Comemorando, solenemente, a passagem do vigésimo aniversário da sua fundação, a Academia Norte Riograndense de Letras não fêz mais do que cumprir aqueles deveres inerentes às suas finalidades. Por isso organizou e pôs em prática, no dia 14 de Novembro, o seguinte programa:

Às 6,15, na Capela do Colégio de Nossa Senhora das Neves, Missa na intenção dos acadêmicos desaparecidos, celebrada pelo Conego Nivaldo Monte.

Às 7 horas, visita ao Cemitério do Alecrim.

Às 12 horas, no "Prato de Ouro", realizou-se o Almoço Acadêmico, oferecido pelos industriais Luís de Barros e Dr. Roberto Bezerra Freire.

Às 20 horas, na séde do Instituto Histórico, sessão solene, com a presença do General Armando de Morais Ancora, Comte. do Destacamento de Natal, Dr. Lélio Câmara, Secretário de Interior e Justiça, representando o Governador Dinarte de Medeiros Mariz, Conego Eymard L'Eraistre Monteiro, representante do Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas e do Sr. Bispo Auxiliar D. Eugênio Sales, Capitão de Fragata Domingos Rodrigues Fampa, representante do Comandante da Base Naval de Natal, Capitão de Fragata Rubem José Rodrigues de Matos, representante do CIAT, Desembargador Túlio Bezerra, Presidente do Tribunal de Justiça, Consul do Líbano, Dr. Luígi Olivieri, Professor de Anatomía e Histología da Faculdade de Medicina de Natal, Dr. Onofre Lopes, Dr. Paulo Pinheiro de Viveiros, Diretor da Faculdade de Direito de Natal, Historiador José Moreira Brandão Castélo Branco Sobrinho, Desembargador Arnaldo Moreira, acadêmicos, familias, intelectuais. Abrindo a sessão falou o Presidente Manuel Rodrigues de Mélo, que depois de explicar os motivos da reunião, anunciou um numero de acordeon por uma aluna do Colegio Nossa Senhora das Neves que mereceu os aplausos da assistência. Em seguida o presidente deu a palavra ao conferencista da noite, acadêmico Esmeraldo Siqueira que leu um excelente estudo de literatura nacional e regional. As últimas palavras do orador fôram abafadas por estreptosa salva de palmas. Seguiu-se mais um numero de canto do Orfeão do Colegio das Neves, com acompanhamento de acordeon pe-

la Irmã Eleonora Costa, sendo igualmente bem aplaudido. O presidente anunciou que estando presente o acadêmico Luís da Camara Cascudo, fundador da Academia e um dos grandes animadores do movimento literário do Estado, em tôdos os tempos, dava-lhe a palavra para que dissesse algo a respeito do acontecimento que se estava comemorando. Luís da Camara Cascudo, expressão autêntica de orador e intelectual, assomou à tribuna, realizando de improviso brilhante e erudita conferência sôbre a formação da Cidade do Natal, madrugadora nas coisas do espirito e da inteligência. Achando-se presente o historiador Dr. José Moreira Brandão Castélo Branco Sobrinho, designou o presidente o acadêmico Paulo Pinheiro de Viveiros para fazer-lhe uma saudação em nome da Academía o que foi feito com elegância, vivacidade e erudição. Agradecendo, falou Castélo Branco, em palavras repassadas do mais alto estilo e da mais delicada sensibilidade. E para terminar executou o Orfeão do Colegio de Nossa Senhora das Neves mais um número de canto acompanhado a acordeon pela Irmã Eleonora Costa, sendo ao terminar calorosamente aplaudido. Uma das notas mais altas e significativas das comemorações do vigésimo aniversário da Academia Norte Riograndense de Letras foi a solidariedade da imprensa falada e escrita. A *Rádio Potí,* A *Rádio Nordeste* e a *Rádio Cabugí,* noticiaram amplamente o acontecimento, enaltecendo e louvando os méritos da nossa instituição e dos seus membros. *Tribuna do Norte* e *Jornal de Natal* divulgaram através de completo noticiário as solenidades do dia. Ao lado desses vieram juntar-se as vozes mais expressivas do jornalismo potiguar, em artigos e crônicas, ressaltando a significação do acontecimento. *A República,* orgão oficial do Governo do Estado, em brilhante artigo de fundo disse:

O ANIVERSARIO DA ACADEMIA

Transcorre, hoje, o vigésimo aniversário da Academia Norte Riograndense de Letras, instituição cultural que nasceu sob o signo da inteligencia e da glória, para cumprir uma missão altamente nobilitante em pról da cultura e do progresso do Rio Grande do Norte, vencendo obstáculos e quebrando resistências, mas cada dia se afirmando no conceito do Estado e da Nação pelos seus elevados serviços à causa da sabedoria e do espírito, numa terra onde as grandes iniciativas morrem no nascedouro

pela falta daquele hálito sagrado que dá vida ao barro e ensina os homens a caminhar em busca dos seus superiores destinos.

O instinto gregário das comunidades faz sempre nascer a idéia da associação, unindo as criaturas no seu eterno peregrinar pelos insondáveis caminhos, à procura do idéal, aquela mariposa de azas de fogo, na expressão feliz de Monteiro Lobato, que todos nós desejamos sem cessar e quando a apanhamos, numa tarde distante a contemplar o crepúsculo, ou ela se transforma em miragem ou nos queima as mãos.

Mas, ai de nós, se não fôsse essa fôrça misteriosa a nos impulsionar para os cumes e abismos, na ânsia de perfeição, pois viveriamos, a vida vegetativa de larvas sonolentas, mergulhadas num pântano onde não floresceriam as rosas da primavera nem correriam mansas e cantantes as águas sonoras de nossas fontes espirituais. Dizia um renomado escritor colombiano que a vida vale pela quantidade de idéal que encerra, e o idéal é, para Ingenieros, um impulso do espírito no caminho da perfeição.

Como paladinos heróicos de um idéal florescente, um grupo de homens de letras de nossa terra, sonhou em fundar uma Academia de Letras no Rio Grande do Norte, que fôsse ao mesmo tempo que um cenáculo para estudos, conferências e duelos verbais, um repositório de nomes e vultos insígnes que deviam fugir à poesia do tempo, para a refulgência sublime da imortalidade. Há homens e obras que se perpetuam para glória dos pósteros que lhes cobrirão de honrarias a memória como galardão ao esfôrço feito para deixar na terra um marco de sua passagém e um simbolo de sua existência. Acreditamos como o poeta que diz que cumpriu o seu destino quem deixou sobre a terra uma lágrima ou um verso.

Ao evocarmos os primeiros passos da Academia um vulto surge como o pioneiro dessa feliz iniciativa — Luís da Câmara Cascudo — cujo nome constitue por si só um dos nossos maiores troféus literários e uma glória perpétua para a nossa terra. Foi êle que em dias idos, no Rio de Janeiro, plantou a semente que iria rebentar nessa magnifica floração de escritores que, congregados em torno do idéal comum de difundir e propagar a cultura respeitando-a e eternizando-a, deram ao nosso Estado, no campo das letras, a posição de inegável prestígio que desfruta.

A Academia Norte Riograndense de Letras é uma ins-

tituição vitoriosa. Venceu por todos os títulos e por todos os motivos. Organização modelar, agazalhando em seu seio autênticos valôres e brilhantes inteligencias, impôs-se ao conceito dos nossos conterrâneos pelo rigoroso critério na seleção dos patronos e acadêmicos, todos êles dignos de receberem a benção sagrada dos deuses nas estradas do Olimpo ou nos cumes do Parnaso.

Registramos com satisfação o apoio que jamais faltou dos Governos a essa notável instituição que sempre contou com homens do mais alto quilate na sua presidencia e que não pouparam esforços no afã de trabalharem pelo engrandecimento sempre crescente da Academia que é hoje um patrimônio de cultura e dignidade a orgulhar o Rio Grande do Norte.

Ao citarmos nomes não o fazemos por deferência especial ou personalismo, mas tão sómente fazendo valer o momento e a oportunidade. Atualmente, encontra-se na Presidencia daquela ilustre Casa o escritor Manuel Rodrigues de Melo que empunha como bandeira o lema — construir a séde própria. E confiamos plenamente no êxito dessa missão, especialmente quando o Governador Dinarte Mariz acaba de dar valioso auxílio para êsse desideratum, e a bancada federal e estadual no Poder Legislativo empresta a sua não menos valiosa colaboração.

A Academia Norte Riograndense de Letras venceu. Hoje, no seu aniversário rejubilamo-nos com essa grata ocorrência, desejando aos ocupantes do nosso Panteon os votos da mais viva prosperidade e tributando-lhes as honras do nosso povo aos gloriosos imortais de nossa Academia de Letras, e nessa oportunidade, como homenágem, relembramos a frase de Goethe: "Aquele que é de sua época, é de todas as épocas."

D' "A República", de 14-11-1956

* * *

O poeta Newton Navarro, uma das mais fulgurantes penas da nova geração falou assim:

A C A D E M I A

A Academia faz anos. Não é uma simples notícia que os jornais do Estado registram em suas colunas festivas. E' mais uma data em que o espirito festeja uma vitória sôbre a pedra rasa do filisteismo vulgar. Não falo pro-

priamente da Academia de Letras no seu ambiente restrito a um certo número de figuras que se consagram continuadoras da obra de antepassados ilustres. Não festejo a data das Letras estaduais que têm realmente, em muitos dos senhores academicos a melhor e mais verdadeira representação. Poetas e escritores, jornalistas e homens de ciencia se reunem numa sala da Cidade para o acontecimento que envaidece a todo o Rio Grande do Norte. E a eles se juntam nessa homenagem os escritores de fóra. Os de cá, que vivem do outro lado da "imortalidade", mas que nem por isso deixam de elevar seus cânticos, riscar a sua página e fazer seu jornalismosinho diário. E quantos anônimos? Quantos que se perdem numa cisma longa, que desertaram silenciosos pelo desvão de uma fuga voluntária... Também aqueles intelectuais que Jorge Fernandes cantou num verso "que morreram cantando, que morreram lutando, talvez na guerra contra o Paraguai..." A todos no dia de hoje mando meu melhor aplauso e simpatia de moço. Pela Cidade falará a voz do Poeta Esmeraldo. Dirá da homenagem que merecem esses homens dedicados às Letras. Se ha, ainda, ilustres fósseis entre nomes lidimamente intelectuais naquela Casa de Henrique Castriciano, pouco importa. O tempo se encarregará de uma breve destruição... Não falemos disso. Saudemos a Academia na pessoa dêsse incansável e admiravel Manuel Rodrigues de Melo.

Indomavel nêsse afan de fazer, da sua Academia uma marca de verdadeira cultura. Saudemos Rodrigues, homem da varzea, mas que hoje sente palpitar no seu próprio espírito o ruidoso movimento de todos quantos na Estrada amam e cultivam num canto de jornal, ou numa página escondida de caderno, uma frase, um verso, uma participação qualquer mesmo velada, com as Letras que Manuel realmente representa.

D' "A República", de 14-11-1956

* * *

A poetisa e cronista Myriam Coeli de Araújo, no *Registro Social* d' *A Republica* disse:

ANIVERSARIO

A Academia Norte Riograndense de Letras comemora

na data de hoje o seu vigésimo aniversário de fundação. Acontecimento auspicioso para a vida da província. Motivo de contentamento para nós que compreendemos o valor das sociedades culturais na vida de uma comunidade. Alegria para os "imortais" que sentem recompensados os trabalhos que desenvolve aquela casa em pról da cultura, durante vinte anos sucessivamente.

A Academia Norte Riograndense de Letras é a expressão máxima de nossa vida de espírito e de inteligência. Fundada por Luís da Câmara Cascudo e outros intelectuais de seu tempo, entre êles, Henrique Castriciano, Sebastião Fernandes, Juvenal Lamartine, Adauto Câmara, já falecidos e Aderbal de França, auxiliar nos trabalhos de organização, desde então se incorporou ao seu papel de orientadora e de incentivadora dos movimentos artísticos e culturais.

Hoje, a cidade se movimenta para saudar a Academia, agradecendo-lhe a contribuição sincéra e positiva em nossas letras.

Nêsse dia festivo, não poderemos deixar de também trazer o nosso preito de agradecimento aos membros da Academia de Letras e aos patronos que já voltaram à sua origem primitiva de cinza e nada.

Ao se falar nas comemorações de hoje não nos furtaremos às homenagens do mais íntimo do coração ao professor Rodrigues de Melo, homem de visão que compreendeu os destinos da Academia Norte Riograndense de Letras que por bem preside e lhe dá uma orientação dentro das normas acadêmicas, tornando aquela casa de Henrique Castriciano, um templo para as letras do Estado, onde o apostolado da cultura é uma esperança para a redenção de nossa vida intelectual.

D' "A República", de 14-11-1956

* * *

Rômulo Wanderley, em sua *Nota da Manhã, em Tribuna do Norte,* escreveu:

VINTE ANOS DE ACADEMIA

Muito antes de completar vinte anos de existência, já a Academia Norte-Riograndense de Letras se tornara uma entidade respeitável e prestigiosa.

Fundada numa terra que possuiu, em meio século de literatura, várias instituições que pareciam sobreviver por muito tempo, a A. N. R. L. consolidou-se sem dificuldade. Se teve alguns períodos de estagnação, outros houve, no entanto (como o atual), que marcaram época, tal o movimento que emprestaram à Casa de Henrique de Castriciano. Basta compulsar os números da *Revista,* que representam uma publicação séria, e na qual aparecem os nomes mais prestigiosos das letras potiguares. E que vem suprindo a ausencia de suplementos e revistas literárias, coisas, que *Natal, já teve* quando não havia Academia de Letras.

* * *

Das várias coisas exigidas por uma Academia, algumas já constituem realidade para a Norte Riograndense de Letras. A*Revista aí está.* A séde própria será brevemente, uma realidade. Constitui, mesmo um dos pontos altos do programa do presidente Manuel Rodrigues. Com a séde própria virão outras novidades. O fardão, por exemplo, que um acadêmico lembrou recentemente. E o *jeton,* que está dependendo, apenas, de algum ricaço, que, ao morrer, deixe a sua fortuna para a Academia, como fez o livreiro Francisco Alves, que transformou a Casa de Machado de Assis, da noite para o dia de pobre em milionária.

* * *

Um dos grandes serviços prestados pela Academia ao Rio Grande do Norte (e que a poucos chama a atenção) é o culto ao nome do nosso passado. Quantos deles, quase desconhecidos das gerações presentes, têm sido estudados pelos ocupantes das cadeiras que os têm como patronos. Uns, porque morreram anônimos e pobres. Outros, Ribeiro Dantas, que Dioclécio Duarte evocou na noite de sua posse. E assim por diante, num trabalho de verdadeira exumação literária, que poucos seriam capazes de fazer, se não fôssem as normas ou as exigências acadêmicas.

* * *

O poeta Jayme dos Guimarães Wanderley, que escreve sob o pseudônimo Paraguaçu, confirmou dizendo:

CARTAS À MESA

A Academia de Letras do Rio Grande do Norte festejou ante-ontem, o transcurso do seu vigésimo aniversário de fundação.

As homenagens á magna data se multiplicaram, através de um programa de festividades, que decorreram em meio de contagiantes entusiasmos e muita alegria.

E entre as demonstrações de regosijo e de solidariedade que foram tributadas á passagem da grata efemeride, nenhuma mais significativa do que o almoço de confraternização que o sr. Luís de Barros, presidente da Câmara de Vereadores e dr. Roberto Freire, industrial em nosso Estado, ofereceram aos academicos como testemunho de sua admiração, associando-se ao grato evento.

Juntamente com os representantes da imprensa, participei do agape, que se realizou, às 12 horas no restaurante "Prato de Ouro", ao qual compareceram alem da diretoria da Academia e associados, alguns amigos e admiradores. Ambiente seleto, onde a fina flor da intelectualidade conterranea demonstrou a sua satisfação, transpirada pela alegria contagiante que fazia corrente entre os espiritos que, irmanados nos mesmos sentimentos, assistiam emocionados, a um dos mais significativos espetaculos de confraternização e amisade.

Não faltaram louvores ao trabalho edificante de Manuel Rodrigues de Melo nem às realizações da Academia, no periodo de vinte longos anos de atividades sem treguas e sem esmorecimentos, trazidas á tela no momento, pela eloquencia de brilhantes oradores, nas saudações trocadas entre homenageados e homenageantes.

Foi uma solenidade que se completou pelo entusiasmo e prazer que dominaram no decorrer do almoço, que se constituiu um traço de união entre os academicos, admiradores e convivas e que serviu para destacar, cada vez mais, os altos predicados que reúne o nosso Petit Trianon e a solidariedade e o apreço que lhe tributaram os nossos dois ilustres coestaduanos.

* * *

Na *Folha da Manhã* de 14-11-1956, Recife, Nilo Pereira estava alerta, estremecendo e vibrando com os seus confrades norte riograndenses, quando dizia:

A Academia Norte-riograndense de Letras comemora. nesta data, seus vinte anos de fundação. Não é das mais velhas. Mas, em certas instituições, o tempo não vale apenas em si mesmo, porque, de resto, o trabalho árduo e tenaz é o que conta nessa peregrinação em que o espírito vai suprindo os poucos anos de existência.

Uma das maiores honrarias de minha vida é pertencer à Academia Norte-riograndense de Letras, graças à generosidade de tantos amigos excelentes, à frente êsse admirável Rodrigues de Melo, de cujo coração nem os céticos mais obstinados poderiam duvidar. Não tenho méritos para ocupar uma cadeira na Academia de minha terra. Daí o estímulo que essa distinção me trouxe: uma espécie de advertência sentimental no sentido de que eu tivesse sempre em mente a condição de acadêmico norte-riograndense. Tenho sempre diante de mim êsse incentivo de cuja fôrça somente eu me apercebo, quando me recolho em mim mesmo para varrer do espírito qualquer tentação de vaidade.

Na noite de minha posse na Academia — esplendorosa noite pelo discurso de Edgar Barbosa, pelo brilho da solenidade realizada no Palácio do Govêrno, graças a outro amigo, generoso, Silvio Pedrosa, pela reunião de tantos companheiros de geração, que o tempo, sem separar, vai distanciando — senti que se eu tivesse um ideal supremo a realizar, estaria ali na plenitude dessa conquista. Porque, em verdade, os julgamentos que partem das velhas raizes emocionais são os que ressoam no nosso mundo interior com uma pujança incomparável.

Neste dia de hoje eu saúdo a Academia Norte Riograndense de Letras, enaltecendo a sua ação, acentuando a sua posição em nossa ecologia literária, exaltando o seu papel nesse conjunto de Instituições de cultura em que a contribuição da inteligência e da sensibilidade não pode ser negada senão pelos que conhecem superficialmente tão nobre e marcante tarefa.

Sente-se que certa crítica recolheu enfiada e desfeita ante o que as Academias apresentam de bom, as vezes de excelente, como experiência cultural de caráter regional. Duvido, por exemplo, que o crítico mais exigente possa dizer que a Academia Pernambucana de Letras — à qual tenho igualmente a honra de pertencer com a circunstância de haver sido eleito por unanimidade

de votos, reforçada pela fidelidade realmente devota de velhos amigos, que nunca hesitaram nesse pronunciamento desde o comêço claro e forte — se estiolou em vida inócua e pobre. Bastaria, com efeito, aludir à publicação da HISTÓRIA GERAL DA LITERATURA EM PERNAMBUCO, já iniciada com a Antologia de Mariano Lemos para dar a idéia do que está sendo, e do que sempre foi, o trabalho intelectual dessa entidade de cultura, detentora de uma tradição a que se ligam os nomes mais altos da literatura regional.

* * *

Esses vinte anos de vida e de atuação da Academia Norte-riograndense de Letras não são menos fecundos. Tomei contacto com a Academia durante a gestão de dois amigos com uma extraordinária capacidade de trabalho — Paulo de Viveiros e Rodrigues de Melo. Paulo foi o presidente que trouxe para Nisia Floresta o corpo da grande escritora que o sonho transviou em mulher européia; e Rodrigues de Melo será o presidente do prédio próprio da Academia, iniciativa que só por si é capaz de dar a medida de sua atividade de homem não só de letras, mas de ação, duas coisas nem sempre fáceis de conciliar. De uma Academia dessa o que se pode dizer é que assinalou já, na constelação literária nacional, uma posição de singular importância. Honro-me de exaltá-la: ela bem merece o grande nome que tem, o dêsse admirável Henrique Castriciano, que é um padrão da dignidade da inteligência.

* * *

Ai fica o depoimento da imprensa e dos intelectuais na mesma e unanime vibração que encheu de alegria e contentamento os corações dos acadêmicos potiguares.

SAUDAÇÃO Á ACADEMIA NORTE RIO-GRANDENSE DE LETRAS (*)

WALDEMAR DE OLIVEIRA

Cabe-nos, snr. Presidente, a nós da Academia Pernambucana de Letras, exprimir-vos o mais profundo agradecimento pelas muitas honras de que nos tendes cumulado, em nossa visita a Natal. Essas demasias não estranham a ninguém, muito menos a mim que, por mais de uma vez, senti, já, o calor da proverbial hospitalidade dos potiguares, sobretudo os excessos de gentileza com que costuma conduzir-se a Academia Norte-riograndense de Letras. Hesitamos em novamente provocá-los, mas não era possível deixar escapar a oportunidade de um contacto mais vivo com os confrades riograndenses do Norte, num momento de júbilo que não somente a êles pertence, senão a nós também.

Com isso, testemunhamos a Nilo Pereira a alegria de que os seus confrades se possuiram ao sabê-lo eleito pela Academia de Letras de sua terra. E, do mesmo passo, estreitamos, com os confrades do Rio Grande do Norte, um intercâmbio cultural que desejamos cada vez mais intenso e benéfico.

O nome de vossa Academia nos está sempre presente, seja pelas constantes sortidas que fazem, ao Recife, um Câmara Cascudo ou um Paulo Viveiros, seja pela permanência, na cidade das pontes, de um Valdemar de Almeida. Não é raro que de lá vos chegue, de vez em quando, a contrapartida, desejosa de neutralizar diferenças que, no entanto, aumentam sempre em nosso desfavor. Dêsse modo, as duas províncias amigas — tradicionalmente amigas — se vão aproximando e compreendendo mais, podendo dizer-se que raramente se dão a ver, no cenário intelectual do país, afinidades espirituais tão íntimas como aqulas que ligam a Academia Pernambucana de Letras e a Academia Norte-riograndense de Letras.

Por felicidade, autorizam, os nossos Estatutos, a admissão, no quadro social, de filhos de outros Estados, des-

de que residentes, por mais de dez anos, em Pernambuco. Isso nos permitiu, desde logo, uma primeira homenagm ao nos permitiu, desde logo, uma primeira homenagem ao Rio Grande do Norte; chamamos, à nossa companhia, o poeta Araújo Filho. E não contentes com a presença de um riograndense do Norte, no seio de nossa comunidade literária, atraimos a ela o escritor Nilo Pereira.

Em verdade, a disposição estatutária apenas ilusoriamente dá foros de cidadania aos candidatos. Dez anos de convivência em outro meio não conseguem, dêles (nem vinte ou trinta o conseguiram de Nilo Pereira), o esquecimento de sua terra de origem. Não o faz *deracinê*, visto como suas mais profundas raizes continuam amorosamente presas ao solo primitivo, sem embargo das outras, mais novas, que se vieram fixar em alheia gleba. Não se transplantam árvores adultas que já floriram e frutificaram aos sois de sua terra primeira, nem arbustos ou tenras ervas, sem que à seiva nova se misture, continuamente, a velha seiva acumulada em suas reservas intimas. Há, assim, sempre, nas almas que a fortuna leva de terra em terra, algo de misterioso e de essencial que atavicamente se liga, milagre de fidelidade espiritual, às origens primitivas do ser.

Porisso, nunca um transplante é total: a perenidade de certos elementos estruturais impede a completa transsubstanciação.

A alvoroçada alegria com que Nilo Pereira recebeu a notícia de sua eleição para a Academia Norte-riograndense de Letras, o sentimento de vaidade — não sei se poderia chamá-la vaidade coestadana — de que se tomou Araújo Filho, e, mais, o fervor, quase místico, com que se puseram, um e outro, a evocar Henrique Castriciano e Ferreira Itajubá, eloquentemente demonstraram que em nenhum dêles arrefeceram os brios nativos nem se apagou a lembrança da terra geograficamente distante e sentimentalmente próxima.

Todos nós, seus companheiros, nos contagiamos, como Araújo Filho, dessa alegria e por pouco nos não pareceu que um pernambucano legítimo havia sido distinguido com a láurea acadêmica de outro Estado. Foi somente a essa altura, num instantâneo momento de reflexão, que nos demos conta de que era riograndense do Norte aquele a quem já tinhamos como conterrâneo. Confesso: assaltou-nos a vaga impressão de que alguma coisa nos cumpria restituir, sob a leve pressão de uma advertência amiga para que nos não deixassemos embalar na ilusão de

ser totalmente nosso o que a outro pertencia, pelo menos em parte, maior ou menor, o que resta discutir.

Para isso vimos, snr. presidente: para decidir o caso em instância final, sem intenções de pleitear, decerto, qualquer sentença salomônica. Pelo quê vos proponho que a ambos os consideremos nossos: dou-vos o que nêles há de mais remotamente puro — fontes ocultas do ser, vozes interiores, o substrato da personalidade e aquilo que em cada um de nós há de verdadeiramente imortal: a continuidade do germe através das gerações, imortalidade bem diversa da efêmera imortalidade acadêmica. E a vós vos peço que nos deixeis, por nímia graça, o que a essa personalidade acrescentamos, o que de seiva nova lhes deu o humus pernambucano e o que, espiritualmente, neles se desenvolveu e se afirmou ao contacto dos ares do Recife. Assim, faremos, de ambos, o traço da cordialidade reinante entre nossas duas Academias, ainda há pouco tão solidárias nos preitos prestados a Nísia Floresta que sob o teto da Academia Pernambucana de Letras por alguns instantes, além da morte, repousou, antes de definitivamente recolher-se ao túmulo em que se converteu o seu berço.

Se o verdadeiro sentido de vossas homenagens é agradecer, à Academia Pernambucana de Letras, as duas escolhas por ela feitas e inspiradas no mesmo critério, pois premiamos, num, a sensibilidade poética, noutro, a penetração crítica e, em ambos, a inteligência e a cultura devo dizer-vos que não merece agradecimento quem obra com justiça. Araújo Filho já era o grande poeta que hoje é quando ingressou na casa de Carneiro Vilela. E Nilo Pereira foi distinguido por nós pelas mesmas razões que agora vos inspiraram. Preciso, acaso, enumerá-las a quem as conhece tão bem quanto nós as conhecemos? Em seu espírito se conservam as marcas desta terra dadivosa, de que êle parece recordar-se a cada instante, pela graça mesma da saudade. Quem escreveu, como Nilo Pereira escreveu, a página antológica sôbre o cajueiro do Pirangi — tocada do amor e da ternura com que Afonso Arinos evocou o seu velho buriti perdido — não conseguirá jamais desapegar-se do chão natal e ternamente sentirá, sôbre a alma, a sombra de sua fronde e, embora de olhos fechados, o desenho torturado do seu tronco. "Como os filhos dos pescadores — escreveu Nabuco, nostálgico de Massangana — sentirão sempre, debaixo dos pés, o roçar das areias da praia e ouvirão o ruido da vaga".

E, como assim é, snr. Presidente — invertam-se, aqui, por justiça, os papéis: nós é que vos somos agradecidos, pelo prestígio que à Academia Pernambucana de Letras conferem dois riograndenses do Norte de tão alto espírito e tão sólida personalidade literária. Podemos orgulhar-nos mutuamente, o que significa, afinal, nos orgulhamos do Brasil — terra comum.

(*) — Discurso pronunciado no dia 1.º de Setembro de 1955, na Academia Norte Riograndense de Letras.

DISCURSO DE ESMERALDO SIQUEIRA NO ANIVERSÁRIO DA ACADEMIA

Minhas senhoras,
Sr. Presidente,
Caríssimos confrades,
Meus senhores.

Comemorando-se hoje o vigésimo aniversário de nossa agremiação, incumbiu-me o seu ilustre presidente, Manoel Rodrigues de Melo, de proferir nêste momento algumas palavras, afim de que a alviçareira data não passasse despercebida ou só tivesse a relembra-la as geralmente escassas e meteóricas notícias da imprensa.

Fundada em 1936 por inspiração primordial de Henrique Castriciano, a Academia Norteriograndense de Letras, como se vê, não conta ainda uma longa existência, mas, pelo vivido e realizado, apesar de tudo, já deu suficientes provas de querer ir avante, convencida de que se cumprirão os intentos de seu programa. Nessas duas décadas de labor, muita ocorrência interessante teríamos de respigar, se a nossa missão desta hora fôsse a narração dos fastos da Academia. Excuzado, portanto, é dizê-lo que não evocaremos nem a silhueta dos seus mortos, desde o seu fundador e primeiro presidente, o saudosíssimo Henrique Castriciano, até ao mais recentemente desaparecido, Juvenal Lamartine de Faria, que nos era dos mais eminentes e luminosos sustentáculos. Se razões temos de silenciar sôbre os nossos mortos queridos, antes de tudo pelo afogadilho e a pressa dêste discurso, mais ainda as sentimos de calar a propósito dos vivos, excetuando a necessidade de aludir, embora de passágem, ao presidente atual, de cuja iniciativa e operosidade tantas vantágens já desfrutámos e outras tantas se nos apresentam em expectativa, como sejam o quarto número de nossa revista e sobretudo a construção do prédio próprio da Academia.

Não nos importa a eterna fauna dos maldizentes, nunca satisfeitos conôsco, incapazes de ajudar-nos, mas sem-

pre procurando ridicularizar-nos qualquer tentâmen e pretendendo que, sozinhos e em tão curto espaço de tempo, já tivéssemos realizado milagres. Apenas se esquecem de que já constitue verdadeiro prodígio poder manter-se e ainda produzir de útil e de bom no meio de indiferenças e hostilidades. Êsse é, de fato, o nosso milagre: vivemos vinte anos, continuamos vivos e em plena luta, guiados pela esperança de vêr também ter em nossa terra o seu grande dia essa cousa nobre e amável que se chama a literatura.

Teríamos fatalmente de começar, como tudo que nasce, com a maior humildade. Mas, como tudo que nasce, cresce e se desenvolve, seguramente haveremos de chegar a estágios mais prósperos e avançados. Na evolução da literatura nacional, iríamos encontrar um exemplo mais amplo e incisivo de quanto é certo nada poder surgir já magestoso e perfeito. O próprio mundo, na explicação símbólica do *Gênesis*, foi criado em etapas sucessivas. A literatura pátria, — manda-nos a sinceridade confessa-lo, — poucos motivos nos dará de orgulho, aos percorrermos seus quatro primeiros séculos de evolução. Os três séculos imediatos então, podemos consideralos, sem exagêro, de mínina importância literária, porque a tarefa de conquistar a terra e fazê-la habitável tinha de absorver quase em absoluto as atividades dos colonizadores. Se abstrairmos os últimos sessenta ou setenta anos, a partir de nossa época, a produção intelectual brasileira, cotejada à dos grandes povos civilizados, nos parecerá de inferioridade desoladora.

Com a devida vênia do seleto auditório e dos insígnes acadêmicos, trataremos de consolar-nos das insuficiências e deficiências literárias particulares a nosso meio, oferecendo-lhes em sinópse uma espécie de quadro da literatura nacional a contar dos seus vôos inaugurais.

Certo, num estudo rigoroso e não sumário de nossas letras, seríamos obrigado a pesquizar-lhes as mais antigas manifestações folc-lóricas, através dos seus primitivos cantos, das canções, das fábulas, dos contos populares. Só êste vastíssimo dominio dos contos populares, por exemplo, nos arrastaria a intermináveis considerações.

Reatemos o assunto, por conseguinte.

Nossa literatura começou mal. Não soubemos ou não pudemos aproveitar, segundo tantos críticos já o assinalaram, os elementos de civilização que encontrámos prontos em nossas orígens, e nos limitámos ao modêlo portu-

guês, seguido do espanhol e do italiano, antes de fazermos da França o manancial supremo de nossas letras.

Tão longe ainda dêste século vinte, em que apenas nos iniciamos em literatura genuinamente própria, encetámos a marcha nos primórdios da colônia, refletindo pálida e simplesmente as tradições e os processos lusitanos. Não é, todavia, de pasmar que assim nos houvéssemos estreado, visto que ainda não possuíamos um meio social bem definido legitimamente brasileiro, capaz de traduzir se por sentimentos e idéias em obras lapidares e originais. A sociogenia nacional nêsse período dúbio e informe tinha de caracterizar-se, no campo literário, pela pobreza de qualidades extrínsecas e intrínsecas, à míngua das virtudes criadoras que sòmente podem condicionar-se ao influxo de organizações sociais multisecularmente sedimentadas. Levar-se-ão em conta, ademais, sôbre os fatores do preâmbulo da colonização, mesmo aquêles que a precederam, como os nossos aborígenes, estagnados na fase neolítica, profundamente atrazados e preguiçosos, vingativos e depredadores por natureza.

Índios e negros, aliás, convém adiantar, pelas suas contribuições folclóricas, merecem mais figurar nas páginas dalgum estudo de etnografia brasileira, do que numa história de nosso literatura.

Não bateremos pela milésima vez na tecla do caldeamento dos três tipos de nossas etnias primigênias, apontados por alguns como causa de desastrosas conseqüências de inferiorização de nossa gente. Essa malsinada miscigenização, agravada do sistema opressor da metrópole, explicaria o marasmo das letras pátrias durante os três primeiros séculos de sua formação.

Como quer que seja, os primeiros vultos da literatura nacional fôram aparecendo nos pontos de maior vitalidade da colônia. Forcejaremos por enumera-los, buscando salientar sumàriamente a importância do papel de cada um e as razões por que os devemos ou não encarar como autênticos precursores.

Sílvio Roméro, na sua *História da Literatura Brasileira,* reputa Anchieta, autor do *Poema à Vírgem Maria,* em versos latinos, o primeiro na órdem cronológica dos nossos escritores. Consoante é sabido, o celebérrimo jesuita, chegado à Baía em meiados do século dezesseis, exerceu benéfica influência na constituição de nossa primitiva sociedade, catequizando e instruindo o selvícola. Apesar de tudo quanto fez, com habilidade adaptativa in-

vulgar, Anchieta não deve literàriamente ser considerado precursor, pois que, para êle, os meios literários de que usou serviam apenas de mais um instrumento destinado a secunda-lo na conversão dos selvágens, que, aliás, nenhuma obra nos legaram de literatura.

Precursores, além de Pedro Vaz Caminha, fôram outros, dígnos sem contestação de semelhante título, como, por exemplo, Pedro de Magalhães Gandavo, cuja *História da Província de Santa Cruz* se imprimiu em 1576; Gabriel Soares, autor, em 1587, do *Tratado descritivo do Brasil*, Pedro de Mariz, que nos deu em 1599 a segunda edição dos *Diálogos de vária história*. Acrece que o *primus inter pares*, nessa questão de precedência, foi um simples anônimo lembrado na *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador. A crônica dêsse desconhecido, citada pelo frade, é possívelmente de 1532, segundo Capistrano de Abreu.

Embora de cunho nacional, tais produções, por isoladas, ainda não chegam a merecer a lisonjeira honra de constituir o proto — substrato de nossa literatura, que terá na aurora do século dezessete, mercê do movimento de Pernambuco, o seu humilde mas originário impulso.

Tôdos conhecem o mais antigo vate brasileiro, nascido em 1540, Bento Teixeira Pinto, de que se publicou em 1600 a famosa Prosopopéia, chilra composição poética em que se celebram as belezas naturais do porto de Recife. Teixeira Pinto também escreveu, sempre subordinado aos moldes portugueses, sonetos, églogas, poemas bucólicos e a *Relação do Naufrágio de Jorge Coelho*.

No precitado movimento pernambucano, figuram ao lado de Bento Teixeira Pinto Frei Francisco do Rosário, Jorge de Albuquerque e o té hoje ignorado autor dos *Diálogos da Grandeza do Brasil*.

Prefaciando a História de Frei Vicente do Salvador, Capistrano de Abreu coloca em Pernambuco o centro iniciador de nossa evolução literária. O escrupuloso e doutíssimo cearense, aludindo a essa que foi a primeira história do Brasil, publicada em 1627, tece-lhe rasgados elogios, acentuando que o frade não sòmente soube informar-se de pessôas fidedígnas, como também tirou proveito da crônica do desconhecido, do trabalho de Gandavo e das *Décadas* de João de Barros.

A segunda etapa na evolução de nossa literatura é assinalada pelo grupo baiano, nos últimos cinquenta anos do século dezessete. Gregório de Matos Guerra, que víveu de 1623 a 1696, é tido e havido como sua figura máxima.

Juiz em Lisbôa, vigário na Baía, advogado já cinquentenário, Gregório foi alcunhado pelos seus versos ferinos de *Bôca — de — Inferno,* que a nós nos tem parecido mais um bôca-de-empréstimo, pelo muito que empalmou a Quevedo, Gongora e Quintana. Era um aventureiro sem escrúpulo, linguarudo e obceno, satírico por méra tendência malsinadora, desprovido de qualquer senso estético ou finalidade moral. Seus versos peçonhentos, além do mais, só chegaram a existir, porque êle, desprestigiado perante o trono português, foi obrigado a regressar ao ambiente baiano de baixa mestiçágem, ao qual tanto soube explorar pela intimidação da perigosa verve.

Julgadores inéptos cometeram o despautério de o aproximarem comparativamente do bravo Rabelais, como se um poetastro de aldeia pudesse emparelhar-se ao humanista genial da Renascença francesa. Pretendeu-se ainda, de certo modo, compara-lo a Bocage, na poesia lírica, mas também desta vez o cotêjo é descabido, irrisoriamente presunçoso, porque os versos de Gregório, com aleijões inúmeros na forma, só nos revelam alguma vez lirismo aproveitável, quando não passam de traduções de poetas espanhóis.

Criou-se, outrossim, a lenda em que se lhe atribue a autoria de uma quadra satírica que êle, pouco antes de expirar, teria improvisado para mofar dos olhos vermelhados de uma imágem do Cristo trazida com o intúito de exorta-lo ao arrependimento. Nêsse improviso, fastidiosamente citado, Gregório igualava os olhos do crucifixo aos dos filhos do seu xará Gregório de Morais, doentes de uma modalidade de conjuntivite. Ninguém sabe quem fez a quadra, mas é ela, a pobre quadrinha, que logo se recita entusiasmado, quando se deseja dar uma idéia da capacidade poética de Gregório de Matos.

Outra lenda, e mais curiosa, é a da admiração que o padre Antonio Vieira, residente na Baía e seu contemporâneo, lhe teria devotado, a ponto de qualificar-lhe os efeitos da versalhama, no escarmentar dos costumes, superiores aos dos seus sermões. Pelo que lemos de Vieira, nada vimos dessa glorificação, conquanto o padre, "brilhante folhetinista do púlpito", na pitoresca expressão de Medeiros e Albuquerque, tenha escrito sôbre mil matérias. Em que parte das suas obras viria semelhante referência ao poeta? Ficaríamos grato a quem nos mostrasse a página elucidadora. Em tôdo caso, se a tal página surdisse, não modificaríamos nossa opinião relativa a

Gregório. Quanto ao meritíssimo pregador, só nos cumpriria reconhecer na sua falibilidade a mesma do gênero humano há muitos séculos proverbializada.

O irmão do poeta, padre Euzébio, escreveu mais equilibradamente, se bem que não passasse de um cantor místico.

De 1636 a 1711, viveu Manoel Botelho de Oliveira, autor do poema *A Ilha da Maré*, puramente objetivo e descritivo, guindado de fórma e pobre de éstro.

Dispensando-nos de apreciar vultos de menor evidência como Borges de Barros e Francisco de Souza, registraremos nos fins da escola baiana o nome de Rocha Pita, que mais sobressaiu nos primeiros lustros do século dezoito, menos na poesia do que na proveitosa compilação da sua *História da América portuguesa desde o descobrimento até* 1724.

Pela exposta sumarização, conclue-se sem trabalho quão indigentes fôram em literatura os dois séculos iniciais de nossa formação. Na história, apenas Frei Vicente do Salvador inegàvelmente não foi inferior aos cronistas franceses Villehardouin ou Joinville, da éra medieval. No mais, campêia a mediocridade, mesmo incluindo o Gregório, a nosso vêr falsamente glorificado. Frota Pessôa discorda judicioso de Sílvio Roméro e Araripe Júnior, ao darem Gregório de Matos como fundador da literatura brasileira. De cultura lusitana, pois se educara em Coimbra e Lisbôa, Gregório nunca se inflamou pelas nossas causas. Que alicerces, com efeito, construiu o poeta baiano para essa literatura radicada, como se sabe, em solos de outras pátrias, e falta, de conseguinte, de qualquer originalidade? Para termos uma literatura nossa, seria preciso que integrássemos uma sociedade própria, plasmada com o nosso espírito e a nossa alma, uma língua que não fôsse simplesmente transplantada, e pudesse refletir quanto sentíssemos e pensássemos. Veja-se ainda, em apôio do que vimos dizendo, o desacôrdo flagrante e até mesmo cômico entre a evolução das nossas letras e a das nossas instituições políticas. Não tinhamos bem ainda aberto os olhos à vida, sem laços costumeiros nem tradicionais, e já nos irrompia um versejador satírico para nos vergastar os vícios e os defeitos da incipitente coletividade. Nossa poesia lírica e épica fizeram igualmente seu aparecimento inoportuno, alheiadas da realidade de nossa vida política e de tudo mais que se desenrolava em tôrno de nós.

Pessôa pergunta, com razão, se é possível haver maior disparate do que a perpétua discrepância entre nossa existência política e nossas manifestações intelectuais. E êle, que escrevia no último quartel do século dezenove, achava que essa pasmaceira nacional só se regeneraria depois de infinitos sofrimentos. Pregava mesmo a necessidade de "tremendas provações". Imaginem o que não poderia dizer, se estivesse testemunhando os acontecimentos da época presente...

O século dezoito é século das arcádias e da escola mineira. Além de Rocha Pita, essa fase possue a inaugura-la o judeu carioca Antônio José da Silva, queimado vivo em 1739, com 34 anos de idade, pela Inquisição portuguesa.

Antônio José brilhou na poesia lírica e sobretudo nos dramas que escreveu para o teatro, entre êles as *Guerras do Alecrim e da Mangerona* e a *Vida de Dom Quichote*, nos quais às vêzes se excede num realismo demasiado plebeu, tanto no estilo como na concepção.

O promitente dramaturgo ficou, entretanto, isolado na evolução das nossas letras, como caso curioso mas sem vínculo influencial, até ao aparecimento das arcádias, que representaram realmente um estádio de caráter já um tanto ou, para sermos mais rigorosos, quase nada nacionalista, na marcha de nossa literatura. A Baía, vice-reinado nêsse tempo, assistiu à proliferação de sucessivas arcádias, de que a primeira, fundada em 1724, se chamou de *Academia dos Esquecidos*, contou entre seus sócios Rocha Pita e quase se cingiu unicamente a incensar seu protetor, o conde de Sabugosa.

A segunda academia, a dos *Felizes*, criada em 1736, no Rio de Janeiro, pelo botânico Mateus Saraiva, chegou a ter trinta consócios, mas nada produziu de importante.

Em 1752, um outro grêmio, a *Academia dos Seletos*, se fundou sob os auspícios do conde de Bobadela, e se limitou a bajula-lo.

Seguem-se vários outros sodalícios literários. Na Baía, em 1759, a *Sociedade Brasileira dos Academicos Renascidos*, cuja atividade se reduziu, com mínima exceção, a obras de natureza invariàvelmente mística.

Em 1772, a *Academia Científica;* em 1786, a *Academia Literária*, seguida da *Arcádia Franciscana Fluminense*, que congregou em seu elenco frei São Carlos, o padre Rodovalho e frei Penaforte. Fechando a série das arcádias, veio a *Arcádia Ultramarina*, fundada por Ba-

sílio da Gama e Silva Alvarenga. Funcionou em Vila-Rica e pôde contar com os expoentes da cultura naquela cidade.

Nenhuma dessas arcádias concorreu seriamente para libertar-nos da tutela literária de outros povos. A crítica nêste ponto é unânime, e nada mais fazemos do que endossa-la aqui. Nem mesmo a *Arcádia Ultramarina* perfaz exceção, pois os seus membros não desdenharam a macaqueação do que se realizava na Europa.

Alguns nomes de épicos e líricos do século dezoito são dígnos de consideração.

Basílio da Gama e Santa Rita Durão, autores respectivamente dos consagrados poemas *Uruguai* e *Caramuru*, inspiraram-se patrioticamente nas belezas de nossa terra, mas, porque não tivéssemos motivos épicos nem tradições sedimentadas, seus poemas não puderam fixar uma época com as suas lutas e aspirações, e só exprimiram, quando muito, seus costumes acanhados, seus feitos e seus tipos insignificantes.

Os ilustres mineiros tomás Antônio Gonzaga, Silva Alvarenga, Cláudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto, imortalizados ainda pela Inconfidência ao lado do Tiradentes, eram versados na literatura dos maiores povos neolatinos. Todos fôram sequazes fervorosos dessas literaturas com relativo brilho, embora o mau gôsto da excessiva imitação os levasse a repetir sensaboronamente até as estafadas invocações mitológicas. De qualquer modo, o lirismo nacional já encontra nêles honestos representantes. Souberam cantar as suas mágoas, aos seus casos de amor, é certo, sem, contudo, conferirem a nossa evolução literária nenhuma nota soberanamente original. Dêles nada restou que pudesse influenciar-nos proveitosamente. A falta mesmo de prosadores no seculo dezoito não lhes cria uma posição de maior relêvo relativo no panorama das letras indígenas.

Pelo visto até agora, conquanto lacunoso e esquemático, grande razão nos assistia de afirmar, abrindo esta palestra, que os quatro primeiros séculos de nossa evolução literária nos legaram bem poucos motivos de orgulho. Não dispusemos de bastante tempo para fazermos sequer uma exposição sinótica do século passado, mas essa que foi gloriosa centúria para outros povos civilizados, para nós se consumiu quase de tôdo em repetir desajeitadamente as antigualhas de que os povos europeus já se sentiam enfastiados. Vários talentos se perderam nêsse do-

ioroso afan de produzir abortos literários inteiramente divorciados da vida e do ambiente da nacionalidade. Poucos sempre conseguiram deixar de si umas tantas obras com que podemos situa-los nas correntes nacionalistas de nossa literatura. Um Castro Alves, simpático e perene na lembrança dos pósteros, apesar do muito hugoísmo e da grandiloquência condoreira, nos compensa perfeitamente das mediocridades românticas de Domingos de Magalhães e Araujo Porto Alegre. Um Gonçalves Dias, inobstante o seu indianismo fantasioso, que foi o mesmo de José de Alencar, homem político, orador parlamentar e romancista inolvidável; um Fagundes Varela, que refletiu em lindos versos muita cousa nossa; um Machado de Assís, sêco e rígido, discípulo pouco original de Sterne e Swift, porém dotado de nobres qualidades de finura e de estilo; um Tobias Barreto, um Sílvio Roméro, que, maugrado a germanomania turbulenta, fôram expressões magníficas de nossa raça, como, no fim do século, no terreno da poesia. os vultos inesquecíveis de Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Emílio de Menezes.

Enquanto isso acontecia nos centros mais importantes e favorecidos da pátria, aqui entre nós, nêste humilde recanto provinciano, o século dezenove não se encerrava inutilmente. O Rio Grande do Norte já dispunha nêsse tempo de uma plêiade fulgurante de beletristas. Dois orgãos de imprensa, *A Tribuna* e a *Revista do Rio Grande do Norte*, reuniram os principais: Henrique Castriciano, Antônio de Souza, Homem de Siqueira, Antônio Marinho, Juvenal Lamartine, Luís Fernandes, Alberto Maranhão, Zeferino Arruda, Auta de Souza, Pinto de Abreu, José da Penha. Tôdos êsses literatos sabiam manejar a pena cada um com as suas especialidades e estilo próprio. O que êles diziam — é preciso ressaltar — era sempre o fruto amadurecido de estudos e reflexões. Não tinham a superficialidade apressada e leviana de tantos escrevinhadores de hoje. Luís Fernandes excelia nos assuntos históricos, como encantava e comovia as almas com as suas elegias a santa poetiza do *Hórto*. Castriciano, fecundo poeta de ardente sôpro humano, compunha também excelente prosa e não tinha rival na tessitura e delicadeza das crônicas. Antônio Marinho era a esperança de um grande pensador que a morte nos arrebatou aos vinte e quatro anos de idade. Antônio de Souza, que depois apareceu como o nosso maior romancista de tôdos os tempos, já então revelava o seu talento multiforme. Pinto de Abreu, educa-

dor eminente, poeta lírico, cronista ligeiro. José da Penha, o heróico tribuno político, em tudo que produzia punha a veemência e o brilho de sua alma. No jornalismo, deleitava e instruia os leitores a pena de Alberto Maranhão, colaborador ainda da *Revista do Rio Grande do Norte*, orador empolgante, coração de artista que marcou época definitivamente em nossa terra. Homem de Siqueira, poeta arrebatado, outras vêzes deliciosamente lírico, cultivava em substanciosos ensaios as letras jurídicas, políticas e sociológicas. Nestas últimas, como o disse em justiceiro artigo Manoel Rodrigues de Melo, merece a distinção de precursor entre nós.

Outros nomes estão faltando aqui. Mas, além de já estarmos contrariando o que proferimos no comêço, não fomos procurado muito oportunamente, em relação às nossas circunstâncias particulares do momento, entenda-se bem, para fazermos, em vez desta simples palestra desalinhada, um discurso verdadeiramente à altura da auspiciosa data que estamos comemorando.

Sr. Presidente.

Caríssimos confrades.

Minhas senhoras, meus senhores.

A palestra está terminada.

Dixi, animam meam salvavi.

BIOGRAFIAS

I — JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MEDEIROS

I — Nasceu a 22 de setembro de 1884, na cidade de Caicó, Estado do Rio Grande do Norte, sendo seus pais o Professor Manoel Augusto Bezerra de Araujo e D. Candida Olindina de Medeiros.

II — Estudos primários nas cidades de Caicó, Natal e Acarí, tôdas do Rio Grande do Norte, tendo como preceptores em Caicó sua mãe D. Candida Olindina de Medeiros, D. Maria Leopoldina de Brito Guerra e Manoel Hypolito Dantas; em Natal, D. Adelaide Câmara e José de Amorim Garcia, e em Acarí, onde concluiu o curso em 1896, Tomaz Sebastião de Medeiros.

III — Fêz o curso secundário ou ginasial em Natal, no Ateneu Norte Riograndense, de 1897 a 1900.

IV — Fêz o curso jurídico na Faculdade de Direito do Recife, entre 1901 a 1905. A 1.º de dezembro de 1905 recebeu o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, sendo o orador de sua turma, de que foi paraninfo o Professor Clovis Bevilaqua, então catedrático de Legislação Comparada sôbre o Direito Privado daquela Faculdade.

V — Em 1905, quando ainda estudante de direito, foi nomeado interinamente Procurador da República na Secção do Rio Grande do Norte, pelo Juiz Federal, Dr. Olímpio Vital.

VI — Em 1906, logo depois de formado, professor de Históra Geral e do Brasil no Ateneu Norte Riograndense

VII — Em 1907, Fiscal do Govêrno Federal junto ao Colégio Abílio na Praia de Botafogo, Rio de Janeiro.

VIII — Em 1908, Professor de Geografia do Ateneu Norte Riograndense.

IX — Em 1910, Diretor do Ateneu Riograndense.

X — Em 1911, Juiz de Direito da Comarca de Caicó, R. G. do Norte.

XI — Chefe de Polícia (interinamente) no R. Grande do Norte, em 1912.

XII — Em 1913 Deputado à Assembleia Legislativa do Estado e lider da mesma Assembléia.

XIII — Em 1914, Secretário Geral do Estado no Govêrno do Sr. Ferreira Chaves.

XIV — No comêço de 1915, Deputado à Assembléia Constituinte do R. G. do Norte.

XV — De 1915 a 1923, Deputado Federal pelo Estado do R. G. do Norte, em três legislaturas sucessivas. Na Câmara, ocupou nos seis primeiros anos o lugar de membro da Comissão Permanente de Instrução Pública e das Comissões Especiais de Código Civil, Legislação Social e Obras contra as Sêcas, Em 1921 e 1922, foi o Primeiro Secretário da Câmara e em 1923, foi 2.º Vice—Presidente da mesma Câmara.

XVI — Casou-se no Rio de Janeiro em 1.º de setembro de 1917 com D. Alice Godoy Bezerra de Medeiros, havendo quatro filhos do casal: Cândido, Manoel, Marina e José.

XVII — 2.º Vice — Presidente da Conferncia Interestadual do Ensino Primário, que o Govêrno Federal promoveu e realizou no Rio de Janeiro em 1922.

XVIII — Governador do Estado do Rio Grande do Norte de 1.º de janeiro de 1924 a 31 de dezembro de 1927.

XIX — Senador Federal pelo Estado do R. G. do Norte, completando o mandato do Dr. Juvenal Lamartine (1928 a 1929).

XX — Em 1930, reeleito Senador Federal, sendo dissolvido o Congresso em virtude da revolução. No Senado pertenceu às Comissões de Instrução Pública e Constituição e Justiça.

XXI — Outra vez Deputado Federal pelo R. G. do Norte de 1935 a 1937, sendo durante essa legislatura o sub-lider da oposição.

XXII — Deputado à Assembléia Constituinte Nacional (1946) e Deputado Federal pelo R. G. do Norte à Assembléia Ordinária, sendo naquela sub-lider da União Democrática Nacional e nesta 1.º Vice-Presidente (1948 a 1950).

XXIII — Sócio Beneméérito do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Norte.

XXIV — Sócio Honorario do Instituto do Ceará.

XXV — Membro do Instituto Genealógico do Brasil e Vice-Presidente da Secção do Rio de Janeiro e Presidente da do R. G. do Norte.

XXVI — Membro do Centro Norte Riograndense no Rio de Janeiro e seu Vice-Presidente em 1943.

XXVII — Membro da Comissão Executiva do Instituto Nacional do Sal e seu Vice-Presidente até 1945.

XXVIII — Membro da Comissão Diretora da Associação Comercial do Rio de Janeiro e Presidente da Sub— Comissão de Legislação Social. Membro e Presidente da Comissão Diretora do seu Departamento Cultural.

XXIX — Membro do Instituto dos Advogados do Rio de Janeiro.

XXX — Sócio Remido da Associação Brasileira de Imprensa desde 1917.

XXXI — Membro correspondente do Museu Social Argentino.

XXXII — Membro da Sociedade Brasileira de Economia Política.

XXXIII — —Membro da Comissão Diretora da Associação Brasileira de Educação e seu Presidente em 1943 e 1944.

XXXIV — Presidente do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação que se reuniu em Goiania, Estado de Goiás, em 1942.

XXXV — Membro da Sociedade dos Amigos de Alberto Tôrres.

XXXVI — Membro da Associação Brasileira de Escritores, tendo sido, com Hermes Lima, Carlos de Lacerda, Astrogildo Pereira e Caio Prado Júnior, Redator da declaração de princípios, no Congresso de Escritores de São Paulo, em 1945.

XXXVII — Sócio Benemérito da Associação Comercial do Rio de Janeiro, em 1947.

XXXVIII — Publicou os seguintes livros:

1.º "Pela Educação Nacional" — 1918
2.º "Eduquemo-nos" — Rio, 1922
3.º "A Representação Profissional nas Democracias" Rio, 1933.
4.º "O Ante-Projeto de Constituição em Face da Democracia" — Rio, 1934.
5.º "Porque sou parlamentarista" — Rio, 1936
6.º "Famílias Seridoenses" — Rio, 1940
7.º "O Sal e o Algodão na Economia Potiguar" — Rio 1946
8.º "Aos homens de bem" — Natal — 1926
9.º "Seridó" — Rio, 1954
10.º "A Federação Mundial" — Rio, 1954

XXXIX — Dirigiu no Rio de Janeiro as seguintes revistas:

1.º — A Educação — 1922-1924

2.º — Revista Brasileira de Educação — 1929 a 1930.

XL — Colaborou em revistas e jornais do Rio de Janeiro, tendo sido por algum tempo redator de "O Diário de Notícias", de "O Jornal" e de "A Manhã".

XLI — Membro do **Conseil de Direction de 1' Academie International de Scicence Politique et d' Histoire Constitucionnelle** (França)

XLII — Novamente Deputado Federal pelo R. G. do Norte e 1.º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados (1951, 1952, 1953 e 1954)

XLIII — Presidente da 10ª. Conferência Nacional de Educação — Rio, 1950.

XLIV — Presidente da Associação Brasileira de Educação (1950).

XLV — Delegado do Brasil à Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, em Paris — 1951 — 1952.

XLVI — Membro da **Société de Legislation Comparée** — Paris — 1952

XLVII — Membro correspondente do Instituto do Nordeste, em Fortaleza — Ceará — 1954.

XLVIII — Conselheiro do Conselho Nacional de Economia — 1955

XLIX — Membro do Conselho Técnico Consultivo da Confederação Nacional do Comércio — 1955.

L — Membro da Academia Norte Riograndense de Letras, ocupando a cadeira cujo patrono é Manoel Dantas.

LI — Membro do Conselho Técnico da Confederação Rural Brasileira (1955)

LII — Socio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1956).